



SÉRIE GUARDA-COSTAS

CARL

LIVRO III

MAYJO





CARL

GUARDA-COSTAS 3

MAYJO

Copyright © 2017 MAYJO

Capa: Murilo Magalhães
Revisão: Patrícia da Silva
Diagramação digital: Mayjo

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Prólogo

— É apenas um ano, meu amor, depois estaremos juntos para sempre.

— Prometa-me ligar todos os dias — reclamo mal-humorado. Eu não queria essa separação agora, queria me casar com ela.

— Sempre. — Ela beija meus lábios e eu a beijo de volta já com saudade.

— Você nem irá sentir minha falta, logo estarei de volta para você. Amo você para sempre.

Estão chamando seu voo e eu a abraço tão apertado que ela reclama. Solto-a com relutância e ela caminha para o avião.

— Espere por mim! — grita antes de sumir pela porta.

Eu esperei, mas não foi ela que voltou para mim.

Suas palavras naquela carta destroçaram todo o amor que já senti na minha vida por ela. E que poderia sentir por qualquer uma depois dela.

Eu sei cada uma das palavras escritas, porque todos os dias eu leio para me lembrar de não amar outra vez.

Amor,

Não sei se posso te chamar mais assim, não sei se tenho mais esse direito, só sei que quando terminar de ler esta carta irá me odiar para sempre.

Não sei por onde começar... faz alguns meses que nos separamos com a promessa de nos vermos logo, mas ao chegar aqui as coisas mudaram, as prioridades mudaram. Você sabe o quanto estar aqui é importante para mim. Diante disso tenho de me dedicar totalmente ao meu sonho que é ser a melhor musicista que eu puder. Amor, saiba que algo dentro de mim está quebrando aos pedaços agora e nunca terá conserto.

Vou te amar sempre mesmo que eu seja a responsável por terminar com você. Mesmo que um dia outra pessoa venha fazer parte da minha vida não terá o mesmo significado no meu coração, mas eu acredito que amor como o nosso não acontece muitas vezes, isso só acontece uma vez na vida. Lágrimas estão caindo enquanto dilacero seu coração, nosso amor foi tão especial para mim, mas a música tornou-se minha prioridade e tenho de abrir mão de algumas coisas por ela e umas delas é você. Carl, peço-te não me odeie por isso. Não me ligue, não mande mensagens, não serei tão forte se você continuar tentando contato. Eu te amo, mas a música agora é tudo que quero.

Adeus,

Sua Samantha para sempre!

Capítulo 1

*“A gente destrói aquilo que mais ama
em campo aberto, ou numa emboscada;
alguns com a leveza do carinho
outros com a dureza da palavra;
os covardes destroem com um beijo
os valentes destroem com a espada.
Mas a gente sempre destrói aquilo que mais ama.”*

Oscar Wilde

Hoje, sexta-feira, é dia de cerveja com os caras da empresa. Faz tempo que não fazemos isso, temos tido muito trabalho e estive bastante ocupado esses dias depois que trabalhei com Bruno no caso de Alicia. Estava querendo tirar uma folga também, mas a cada dia a empresa cresce mais e como sócios parece que temos mais trabalho que os outros. Porém, a partir de amanhã, estou indo trabalhar com um político durante sua campanha, então está longe de eu ter uma folga novamente.

Saio do banheiro para o quarto e a TV ligada me chama a atenção.

— *...O concerto tinha sido adiado por motivos pessoais, mas Sam Stollen, como é conhecida no mundo da música, desembarcou hoje no aeroporto de Guarulhos para delírio de milhares de fãs da pianista...*

A voz do repórter penetra meus ouvidos, gelando meu sangue e ao mesmo tempo fazendo tudo esquentar como se um líquido tivesse sido injetado nas minhas veias.

— *A vida pessoal da musicista é um segredo para o público, mas ultimamente ela tem sido vista com o tenor italiano Pietro Baldon. Más línguas afirmam que os dois podem anunciar um casamento em breve... Entretanto, são apenas especulações... mais informações sobre o concerto você encontra no site...*

Enquanto ele estava falando, as imagens dela vestida elegantemente de braços dados com um almofadinha engomado surgem na tela.

As imagens queimam minhas retinas e quero apagá-las da minha mente.

Na escuridão e amargura é onde vivo desde que ela me deixou. Pegou meu amor e jogou de volta na minha cara. Um homem pode ser o mais forte dos homens, entretanto quando ele resolve dar seu amor a uma única mulher, ele faz isso completa e irrevogavelmente. Então, essa mesma mulher decide te magoar da pior forma possível. Pega esse amor, pisa em cima, dilacera sua alma e vira as costas para você, quando tudo que disse se transforma em uma coisa feia e amarga. Suas lembranças de momentos felizes perdem sua cor, sua verdade, seu verdadeiro significado.

Estou em completo estado catatônico parado no meio do meu quarto olhando para a televisão de plasma na parede. A toalha esquecida na minha mão no ato de secar meu peito desnudo. A imagem na tela me mantém preso ao chão. Eu tinha esquecido o como essa mulher era linda e quanto poder só o nome dela tinha sobre mim. É como uma injeção de adrenalina em minhas veias, nem a mais perigosa missão nas Forças Armadas fez meu coração bater feito um alucinado cão raivoso no meu peito. Quero a porra do pescoço dela torcido entre minhas mãos por ser minha fraqueza e ainda amar cada pedaço daquele corpo delicioso. Lembranças vêm com tudo em minha mente e tento sem sucesso apagá-las, mas essas imagens desencadearam meu próprio banco de imagens particulares que mantive por anos guardado à sete chaves em meu cérebro.

— *Carl?* — *a voz angelical e delicada chama meu nome com doçura e amor.*

— *Hummmmmm* — *meu resmungo sai abafado pelo travesseiro onde tenho minha cabeça enterrada.* — *Você acabou comigo, princesa. Estou sem forças.*

A risada cristalina me faz virar para encontrá-la inclinada em cima de mim. Uma cortina de cabelos castanhos claros moldura seu rosto risonho e lindo. Amo seu cabelo sedoso, tem cheiro de shampoo, um cheiro limpo e rico que embriaga meus sentidos. Amor me invade tão intensamente que meus olhos ardem em lágrimas contidas. Sim, ela me faz assim, irrevogavelmente apaixonado. Eu sou completamente louco por essa menina. Devia ser internado porque isso às vezes é obsessivo, o quanto quero passar o dia abraçado a ela. Exatamente como quero fazer agora.

— *Você ainda está vivo, meu amor?* — *Ela abaixa a cabeça e beija meus lábios suavemente.* — *Isso foi incrível!*

Sim, quando fazíamos amor era de abalar a terra, isso se deve ao fato de que colocamos todo nosso amor no ato. É intenso, fogoso, cru e extremamente suave.

— *Te amo...*

— *Te amo em dobro — ela diz, voltando a me beijar e eu esqueço de respirar quando a agarro e rolo ficando por cima dela, intensificando e aprofundando o beijo, nossas línguas dançando juntas, sensual e eroticamente. Gememos quando o desejo nos domina mais uma vez. Não demora muito para estar enterrado dentro dela, amando, respirando e sugando as delícias que ela me faz sentir...*

?

Dor queima meus pulmões quando percebo que estou sem respirar com as lembranças de suas mentiras. Amava em dobro? A mentira mais deslavada que ela disse para mim. Eu sinto vontade de magoá-la da mesma forma que ela me destruiu.

Saindo do torpor, sigo para pegar uma roupa casual, terno está fora de cogitação hoje. Jeans e camiseta são mais que perfeitos, raramente tenho oportunidade de vestir-me com algo assim. No nosso trabalho estamos quase sempre de ternos escuros, para nos manter o mais discreto possível.

Depois de pegar carteira e chave do meu carro, saio de casa para tentar esquecer toda essa novidade nada boa para minha paz de espírito. Chego ao bar e os caras já estão lá. Bruno, Alex e Salvatore. E como meu humor negro está em alto nível hoje, começo a tomar whisky um atrás do outro. Os caras ficam falando de suas mulheres e isso me irrita tanto que me sufoca.

— O grande dia do seu casório — digo com a voz um pouco arrastada pela quantidade de bebida que tenho ingerido desde que cheguei. — Estamos pronto para ser os padrinhos, basta dizer o dia e estaremos lá. Para consagrar o amor!

Ironizo com as merdas apaixonadas de Bruno, o galinha mais notório da Marshall, caído de amor chega a ser cômico se não fosse trágico. Ele não sabe que essa mulher pode destruir a porra do coração dele se ela quiser? Eu não acredito mais em mulher alguma, todas falsas e mentirosas que dizem te amar em dobro e te apunhalam pelas costas quando você não está olhando. Tudo por culpa dela. A maior mentirosa de todas. Falsa e tão linda. Sou um amargurado de coração de gelo, devia seguir em frente, mas meu coração masoquista não deixa. Que merda! Tudo hoje aflorou de uma forma que não acontecia há anos desde que ela foi embora.

Fico calado quando eles continuam falando, mas explodo em certo momento.

— Vocês todos viraram uns babacas sentimentais — escarneço. — Super valorizam o amor quando ele nada mais é que um rótulo para justificar tanta baboseira e, no fim, não dar em nada. Absolutamente nada!

— Desde quando você é expert nisso, cara? — Salvatore me encara. — Eu amo minha mulher e isso não faz de mim um idiota.

Salvatore é suspeito para falar, porque, convenhamos, ele é dominado pela nossa assistente na Marshall.

— Não? Depende da perspectiva, meu caro. — Encaro-o friamente. — Não foi ela que matou o seu filho e você continua idolatrando-a? Para mim isso é besteira.

Benacci se levanta inclinado em minha direção, furioso por eu ter ofendido sua mulher, mas eu quero que ele me dê um soco, talvez assim sinta alguma dor e essa outra dor saia do meu peito. Estou igual essas pessoas invejosas que não podem ver outras pessoas felizes por não terem a mesma coisa. Sim, eu perdi tudo isso muito anos atrás, agora sou apenas um caco vazio, frio e sem emoção. Ou tenho emoção demais. Mas por fora ninguém diz que vivo com um turbilhão dentro de mim.

— Nunca mais se atreva a insultar minha mulher ou eu quebro esse seu nariz arrogante do caralho! — Sal diz baixo e contido, mas é como se quisesse me matar.

— Quero ver você tentar — digo displicentemente para provocar.

— Muito bem, meninas, já chega — Bruno interfere e coloca a mão no ombro de Sal fazendo-o sentar. — Fica calmo aí, fanfarrão. Você não quer que sua loira fique sabendo que estava no bar cheio de strippers e, além disso, brigando igual um Pitt Bull raivoso.

— Algo está errado, Carl? — Alexander me olha com cuidado. Ele tem sido meu amigo e sócio há muito tempo, mas nenhum desses caras conhecem esse meu lado amargo ou, se têm ideia, não comentam. Pelo menos, não comigo. — Você está precisando de férias, talvez?

— Quando quiser, eu aviso, senhor presidente — digo sarcástico. — E não tem nada de errado comigo.

— Não? E desde quando você anda bebendo? Isso não é seu estilo, O'Neal — Bruno diz e tenciona em minha cadeira.

— Não interessa — resmungo baixo. Olho para o copo na minha frente e não vejo lá as respostas que tanto procuro. HOJE ESTÁ SENDO UM DIA DE MERDA!

Como para me insultar mais ainda, a TV do bar começa uma porra de anúncio do concerto dela. Estou tão vidrado olhando para as imagens que não percebo que estou apertando o copo em minhas mãos até que sinto a picada de dor quando o copo espatifa entre meus dedos.

— O que deu em você, homem? — um dos caras pergunta, mas não sei quem. Minha visão e audição estão afetadas demais, raiva irradia de mim em torrentes me envenenando.

Praguejo furiosamente, e enrolo a mão em um lenço. Meus amigos estão preocupados comigo, mas não dou ouvidos para seus questionamentos. Pouco depois estou do outro lado do bar com um novo copo de whisky e uma dançarina me dando um lap dance erótico. Quero esquecer o dia de hoje. Quero apagar as lembranças que vêm rolando na minha cabeça desde que a vi, mais cedo, na TV.

Uma menina loira e outra morena estão rebolando em cima de mim. Eu apenas quero empurrar as duas e ir embora, mas, em vez disso, permaneço.

— Vocês querem ir para minha casa? — minha voz sai grogue. Estou bêbado demais para me importar. Eu não devia perder o controle assim.

Eu a odeio. Eu a amo.

Parece um sentimento infantil, mas não é menos verdadeiro. Ela consegue fazer coisas comigo que mais ninguém consegue. A maldita filha da mãe.

— Tudo que você quiser, lindo! — ronrona uma das garotas. Acariciando meu rosto com a ponta do dedo sensualmente.

Certo, hoje não quero saber mais nada sobre uma certa pianista mentirosa...

Capítulo 2

Mais cedo...

— Você tem uma agenda apertadíssima amanhã e depois, Sam. Aproveite o dia de hoje para descansar, sim? — Minha assistente pessoal e agente, Zara, fala enquanto descemos do avião no voo que veio de NY onde estive fazendo a penúltima apresentação da turnê desse ano. No Brasil será a última, depois quero passar uns dias aqui para visitar velhos amigos e esquecer toda loucura e estresse que esses exaustivos concertos são.

Zara está comigo desde sempre, ela sabe mais sobre minha vida que eu mesma. Ela tem tudo sobre controle, eu só tenho de seguir suas orientações, tem sido assim desde que ela se tornou minha agente. Tínhamos frequentado a mesma escola de música e ela desistiu da carreira de violinista para trabalhar como agente, e uma das boas. Eu agradeço aos céus por tê-la comigo. Enquanto eu me tornava uma musicista famosa, ela estava subindo os degraus de agente, mas agora ela trabalha apenas comigo. Assim como eu desisti do que mais amava pela música, ela também teve suas desistências, é por isso que nos dávamos tão bem, apesar de haver dias em que eu gostaria de dar um sumiço nela. Ela exigia demais às vezes e tem momentos que você apenas quer esquecer toda essa badalação e ficar quieta em seu quarto. É como se eu já não tivesse a mesma gama de emoções suficientes para continuar. O cansaço de viajar sem parar é exaustivo. São dez longos anos lutando para me manter no topo.

Zara continua falando sobre minhas apresentações e dos programas de TV que tenho de participar, mas minha cabeça está em outra coisa. Na verdade, não uma coisa, em alguém para ser exata. Sabia que vir aqui traria toda sobrecarga de lembranças boas e ruins. Ruins porque não posso lembrar das boas sem sentir uma dor no peito.

Tem repórteres esperando fora do aeroporto, mas agora não tenho vontade de falar com eles. Então vamos direto para o carro que nos espera. Depois de nos acomodarmos viro-me para Zara, que mal se sentou e já está com a cara enfiada no tablete que não larga nunca.

— Você conseguiu descobrir o que pedi para você? — pergunto. O frio em minha barriga é intenso e um tanto desconfortável.

— Estou verificando isso agora. Estava esperando um e-mail com as informações. — Ela digita rápido e concentrada. — Sim, você tem o endereço que queria. Envio para você em uma mensagem.

Oh, meu Deus! Terei coragem de ir lá? Sinceramente não sei o que fazer com essa informação. Ir até a casa dele pode ser um tiro no próprio pé. Mas eu seria uma condenada se saísse do Brasil sem vê-lo.

E se ele for casado? Tiver uma mulher, filhos?

Mas eu preciso conversar ou vê-lo de longe, mas tenho de estar perto de alguma forma.

— Consiga um carro para mim. Discreto, sim?

— O que vai fazer, Samantha? Não pode sair por aí sozinha. — O tom recriminatório dela me irrita.

— Posso e vou.

— De quem é esse endereço? — Ela realmente quer seguir pelo caminho da inocência? Ela sabe tudo sobre ele.

— Você quer me dizer que não verificou? Ah, Zara, eu te conheço. Deve saber tudo sobre a pessoa que mora lá. — Viro meu rosto para a janela. Tenho medo de perguntar a ela se sabe de alguma coisa.

— Por incrível que pareça, não sei nada. Você deixou bem claro que só queria o endereço — ela retruca, mas está sorrindo.

— E desde quando isso é um impedimento para você?

— Nenhum — admite.

Sim, ela sempre está interferindo sobre tudo. Inclusive sobre deixar as pessoas pensarem que um dia vou casar com Pietro. “Tudo isso só faz bem para sua carreira, Sam.” Não sei porque, afinal, lutei sozinha para estar onde estou. E nunca precisei de uma muleta, mas a deixo pensar o que quiser.

— Seu carro será entregue mais tarde — ela corta meus pensamentos.

— Sua eficiência é notória. — Sim, ela é a senhora maravilha, por isso aguento suas loucuras às vezes.

— Obrigada.

— Não faça nada que eu não faria, Senhorita Stollen. — Ela me aponta um dedo fazendo-me rir.

— Claro que não. — Eu nem sei o que estou fazendo com essa minha decisão, só sei que preciso disso como nada que já quis nesses últimos anos.

— Mas esteja pronta amanhã logo cedo. Tem um café da manhã no programa de TV.

Vou vê-lo não importa o que diga para mim mesma. Talvez seja a última vez. E eu o esqueça para sempre.

Capítulo 3

Dez longos anos sem ver essa cidade me deixam nostálgica. Nós cortamos as ruas e minhas lembranças são doces e lindas, passada em uma época que nada era mais importante do que ter a tarde livre e as noites preenchidas de amor e sexo selvagem com meu namorado Carl O'Neal. O que ele faz agora? Tenho pavor de pensar que ele me esqueceu ou, pior, se ainda me odeia. Não o culpo. Também me odeio.

Sua mensagem no meu celular, dias depois que enviei aquela carta, me fez ver o quanto o magoei.

— Ainda acho arriscado você sair sozinha — Zara está falando e falando, porém tudo se perde diante da sensação que estou sentindo de estar de volta em casa. A urgência que tenho dentro de mim só aumenta. — Não esqueça que aqui você não está totalmente segura, não ache que os problemas acabaram.

Isso me chama para a realidade. Sim, fazia pouco mais de um mês que os e-mails não chegavam. Isso me deu certa tranquilidade.

— Tenho uma mensagem de Pietro perguntando sobre o voo e se chegou bem. — Zara não para de digitar na maldita coisa. — Devo responder em seu nome?

— Por favor — digo sem entusiasmo. Pietro era um dos meus amigos mais chegados, mas essa insistência dos fofoqueiros de plantão transformou nossa amizade em algo mais, o que me chateia sobremaneira. Tive apenas um namorado durante esses últimos dois anos, antes estive muito ocupada sendo a pianista de sucesso que eu sempre quis ser. E apesar de tentar um relacionamento com Anton, não tive sucesso. Depois de seis meses de namoro, o inglês desistiu de tentar me fazer amá-lo. Eu tentei, juro, mas eu não consegui me entregar a nossa relação.

Tenho vinte oito anos e apenas respirei música e mais música, deixando tudo para trás, e agora que estou no topo a insatisfação é enorme. Falta-me algo que dinheiro não pode comprar. Que a música não me deu. Achei que ela me daria tudo, mas não deu alguém para compartilhar meu sucesso e aproveitar tudo. Dez anos que não sei o que é diversão. Tudo se resume a trabalho e mais trabalho. Amo a música e sinto prazer com ela, entretanto faz um tempo que estou me sentindo frustrada.

Apesar do trânsito normalmente lento de São Paulo, não demorou tanto para chegarmos ao hotel. Zara reservou uma suíte com dois quartos para nós, como sempre faz quando estamos em turnê.

Depois que trouxeram nossa bagagem, ela pede nosso almoço e eu estou grata já que não quero sair, mais uma vez, para qualquer lugar que seja. Estou exausta.

— Seu carro só vai ser entregue lá pelas cinco horas — ela diz quando estou indo me refrescar antes do almoço.

— Por que tão tarde? — Paro e me viro chateada com ela.

— A empresa de locação teve uma confusão com os horários.

— Sério? Então procure outra — digo antes de entrar no meu quarto. Zara tem sido como uma irmã para mim desde que nos conhecemos. Foi uma época conturbada da minha vida, um momento de escolhas difíceis e ela estava lá. Temos um entendimento porque ela sabe muito de mim e da minha vida. Ela desaprova muita coisa, porém não tenho que dar satisfação dos meus atos. Eu sei que ela não aprova a visita que farei hoje e está pondo dificuldades em realizar uma ordem minha. Não sei porque ela tem tanto receio.

Esquecendo por um momento esse dilema, abro uma mala para pegar roupas e vou para o banheiro. Quando volto, meia hora depois, minha mala já está desfeita e Zara a está guardando.

— Desfiz suas malas, preciso de você descansada para nossa programação. — Tem hora que penso que ela é paranoica. Rindo eu aponto para a porta.

— Fora, você não me dá descanso.

— Querida, por isso você me paga, para facilitar sua vida. Ah, antes que eu esqueça, Pietro mandou outra mensagem. Quer falar com você.

Ela sai e respiro fundo. Acho que está na hora de terminar com essa carreira e tentar outra coisa. Minha vontade de ensinar tem crescido muito, mas quando falei para Zara dessa ideia ela quase teve uma síncope. Isso tem se mantido em standby por um tempo, mas quando essa turnê findar vou lidar com isso. O single que lancei no ano passado finaliza aqui essa primeira turnê de um ano nas maiores cidades do mundo. Eu quis que fosse aqui por uma única razão. Eu precisava de uma desculpa para voltar e estou aqui agora, mas não sei o que fazer. É tão doloroso.

Meus pais agora moram na Europa, onde tenho vivido nos últimos dez anos e eles há cinco anos, porque eu não vinha visita-los aqui. Então a única forma foi se mudarem. E viviam muito bem. Mas agora eu estou fazendo o caminho de volta. Talvez não seja o mais fácil a fazer, mas eu convivo com minhas escolhas, com meus erros e nada pode me ferir mais que já não tenha ferido antes.

Deixando meus pensamentos errantes de lado, termino de me arrumar e saio. Não retorno a mensagem de Pietro e isso deve deixar o homem arrancando os cabelos do outro lado do atlântico. Não estou no clima para um bate-papo com Pietro agora. Ele está indo junto com a mídia, querendo enveredar por um novo rumo de nossa relação e eu definitivamente não quero isso. Olho ao redor e aprecio o requinte da suíte. É luxuosa, mas nada impressionante. Acho que me acostumei tanto a estar em hotéis que nada mais me chama a atenção.

— Estava indo verificar se tinha se perdido — Zara fala da mesa posta com nosso almoço, ainda agarrada ao seu tablete.

— Fomos convidadas para um jantar na casa do governador, a primeira-dama ama sua música — ela diz feliz. — Quando a última apresentação em Florianópolis terminar voltamos para cá.

— Zara, não aceite convite sem me perguntar primeiro, já falamos sobre isso — digo chateada, eu tenho meus próprios planos para depois da turnê. — Apenas desmarque, sim?

— Samantha, é deselegante, acredito que seja uma boa ideia ir. — Fecho meus olhos e suspiro. Ah, lá vamos nós.

— Só desmarque, invente qualquer coisa — digo resoluta. Não estou sendo voluntariosa, no entanto tenho limites. — Não pode marcar nada para depois da turnê. O que combinamos? Eu preciso de férias, Zara, de tudo. Tudo mesmo. Depois eu volto e você pode fazer as coisas do seu jeito como sempre.

Ela não diz nada e isso quer dizer muita coisa. Está chateada. Almoçamos em um silêncio um tanto desconfortável, por fim ela me olha carrancuda.

— Eu apenas penso no melhor para sua carreira, Sam — diz. — Quando isso for demais para você, tem o direito de me demitir.

— Também não vamos exagerar — amenizo. — Eu sei que pensa no melhor, mas eu preciso saber sobre esse *melhor* antes que você o faça, Zara. Não pode pensar por mim.

Ela assente e volta a comer. Essa não é nossa primeira divergência. Estamos trabalhando juntas há muito tempo e temos nossos calos.

— Liguei para seus pais. — Assinto. — Eles mandaram beijos e desejaram um bom concerto amanhã.

— Obrigada — digo fazendo uma anotação mental de ligar para eles. Ao contrário da ligação de Pietro, a dos meus pais é muito importante para mim.

Ela tinha pedido minha comida favorita: salmão ao molho de maracujá. Estava meio ruim ou era minha ansiedade que estava atrapalhando meu apetite. Tudo estava amargando em minha boca. Empurrando o prato para longe, eu levanto da mesa.

— Vou deitar, descansar um pouco, quando meu carro chegar avise-me imediatamente — digo e sigo para o quarto outra vez.

— Claro, Sam. — Ouço a resposta de Zara antes de fechar a porta.

Eu deito pretendendo não dormir e pego o celular para verificar o endereço que Zara enviou para meu telefone. Devo ter cochilado porque quando abro os olhos novamente está tudo escuro. Eu pulo da cama e acendo a luz perto da cama verificando as horas. Que droga! São quase oito da noite! Como dormi tanto? E porque diabos Zara não me acordou?

Pego minha bolsa e saio furiosa do quarto, encontrando-a na sala falando ao telefone.

— Falo com você depois — ela finaliza a ligação e me olha. — Ah, você acordou. Tentei acordá-la, mas estava dormindo tão profundamente que achei melhor deixá-la dormir à vontade.

— Zara — começo tão enfurecida —, as chaves do carro.

— Sam, é tarde, não devia sair...

— As chaves, agora!

Ela caminha até a mesa onde almoçamos mais cedo e pega as chaves que estão lá.

— É um Dodge Durango, discreto como pediu. — Praticamente arranco as chaves de sua mão e sigo para a porta, não dou nem uma olhada em minha aparência. O endereço fica muito longe daqui, provavelmente umas duas horas de distância. Inferno!

Não sei o que estou indo fazer, mas essa necessidade mórbida de vê-lo, mesmo que não vá falar com ele, é quase compulsória. Depois de ser orientada por um funcionário do hotel, localizo o carro e entro. E desde quando um Dodge é discreto? Respiro fundo para a raiva sair e ligo o GPS, sem ele não posso achar o endereço a essa hora. Manobro o carro, colocando em movimento e demoro muito para começar a seguir as instruções que o GSP indica. Infelizmente não tenho hábito de dirigir e a noite só atrapalha.

A localização era residencial e, depois de duas horas, eu paro o carro em frente de um condomínio. Ele mora aqui? Não era bem o estilo de Carl, ele sempre disse que moraria em uma casa. Olho o endereço mais uma vez para ter certeza que estou no local certo. A rua está quase deserta a esta hora. Desço do carro e caminho para a entrada onde tem uma guarita com um guarda.

— Boa noite — cumprimento e o homem me analisa respondendo com outro boa noite — Carl O’Neal mora aqui?

— Não posso dar informações sobre os moradores, senhora — ele diz.

— Ok. Tudo bem, eu espero no carro. Só queria apenas ter certeza que ele me deu o endereço certo quando me pediu para visitá-lo — digo distorcendo um pouco os fatos.

— Posso verificar se a senhora tem autorização para entrar. Qual seu nome, senhora? — Ele enfim cede um pouco, mais ainda desconfiado.

— Samantha, mas...

Ele já está pegando o telefone e discando, provavelmente para o apartamento de Carl. Depois de um tempo ele pousa o aparelho no gancho.

— Acredito que não há ninguém no apartamento, senhora — ele lamenta, me deixando frustrada e triste. Porém, se ele não está em casa, significa que irá chegar e poderei vê-lo sem que me veja. Isso é perfeito.

— Muito obrigada, senhor. Boa noite. — Começo a voltar para o carro quando um táxi para na calçada. Vejo uma mulher descer e, pelo aspecto dela, parece uma dançarina de boate. Ela está rindo. Eu paro, sem saber a razão, e vejo outra mulher, parecendo uma cópia da primeira, descendo também e rindo.

— Oh, bebê, você é tão mau — a primeira ronrona para alguém ainda dentro do carro. O tempo parece passar lentamente quando observo um homem descer tropegamente do carro. O reconhecimento de quem é me bate tão forte que quem cambaleia sou eu agora. Ele se veste casualmente com jeans e camiseta preta. O corte de cabelo curto ainda parece o mesmo de quando o vi pela última vez, porém mais sofisticado agora. Parece bêbado ou, se não, quase isso. Ele se endireita e cada uma das mulheres agarra um braço. Ele abaixa a cabeça para beijar o pescoço de uma e depois da outra, antes de levantar a cabeça e começar a andar em minha direção.

Eu tinha permanecido uma estátua no caminho e ele me veria. Eu não tenho força nas pernas para correr e impedir o vexame que irei passar.

— Vamos, minhas senhoras, a noite apenas vai começar — ele diz quando puxa as duas para frente, parando em choque. Seus olhos estão vidrados em mim, perturbados.

Capítulo 4

Deixo os caras no bar, pouco depois das dez, e saio com as duas garotas que estiveram dançando para mim. Eu pretendia me divertir essa noite para esquecer uma certa pianista, parece que estava dando certo. Eu realmente estou me divertindo essa noite. Para falar a verdade, estou bêbado e não sei se é muito sábio levar duas desconhecidas para minha casa estando meio fora da minha mente. Há um bom tempo que ando ranzinza demais. Vendo meus amigos apaixonados tem feito coisas estranhas comigo, tem trazido lembranças demais, que há muito tempo quero esquecer. Primeiro foi Alexander com a patricinha maluquinha da Lana Mitchell. Apesar dela ser louca de pedra, é loucamente apaixonada pelo meu amigo. Tenho de admitir. Agora o Bruno, que dizia que ia morrer em uma orgia, amarrado até a medula por sua viúva. Quer dizer, exviúva. Rio baixo para mim mesmo.

Exviúva. É correto isso? Devo estar mais bêbado do que imaginei. Apoio minha cabeça no encosto do banco traseiro do táxi e tento pensar em uma forma de me livrar dessas duas quando umas delas me acaricia. Eu estou duro igual uma pedra, mas não sei se é por uma dessas meninas. Desde que a vi na TV que tenho me mantido duro com o pensamento nela. Maldita seja!

Agarro a mão feminina que está esfregando a frente do meu jeans e aperto mais sobre o aço debaixo do tecido. Com a outra mão livre seguro os cabelos da outra e trago sua boca para um beijo. Antes que as coisas fiquem quentes demais, o táxi para na frente do meu prédio. As garotas descem e eu pago a corrida, descendo em seguida. Umas das meninas fala comigo. E eu não entendo nada. Dando os braços um para cada uma, caminho para a entrada.

— Vamos, minhas senhoras, a noite está apenas começando — anuncio.

Dou dois passos para frente e paro no lugar. Minha mente para e vejo vermelho. Maldição, estou tão envenenado com aquela mulher que a vejo em todos os lugares?

— Carl.

Fantasmas não falam, porra!

Devo ter entrado em algum universo alternativo, porque no meu universo Samantha não existia mais. Mas lá estava ela.

Ela me olha com espanto, como se não acreditasse que esse sou eu, e percebo que não é um fantasma da minha mente alcoólica, mas ela é de carne e osso e está bem na minha frente. Eu fico sóbrio tão rápido, acho que o álcool evaporou com o susto que tive ao vê-la aqui.

O que diabos ela veio fazer aqui? Não a quero aqui. Não quando tudo está tão revirado dentro de mim. Por que ela veio? A pergunta martela na minha cabeça. Fecho meus olhos tentando negar sua presença, porém, quando abro novamente, ela ainda está aqui. Em pé e me olhando como se estivesse com dor também. A menina que amei não está mais lá, em seu lugar está uma mulher requintada e elegante. A jovem despreocupada que me pediu para esperar naquele aeroporto, dez anos atrás, não existe mais. Mas isso é bom, porque eu poderia ser tão fraco que talvez não resistisse e a tomaria em meus braços. Viver do passado é uma merda!

Dor me queima, fazendo-me oscilar sem saber se a abraço ou se a mando para o quinto dos infernos de onde ela veio. Mas estou travado no lugar e lembro vagamente que não estou só, tenho uma mulher em cada braço. E não poderia ser em melhor hora.

Sam!

Eu a odeio como nada nesse mundo.

Se eu tivesse alma ainda, ela seria a minha. Se não a tivesse levado com ela naquele dia. Suas palavras naquela carta destroçaram todo o amor que já senti na minha vida por ela. Mas agora vendo-a aqui, tudo dentro de mim duela sobre a garota dos meus sonhos, a garota que não quero ver. Dou-me conta, nesses poucos minutos, que vivo com esses sentimentos dúbios durante anos em relação a ela.

Empurro as duas mulheres para que andem e faço sinal para o porteiro da noite deixá-las entrarem. Elas olham de mim para Samantha e dão de ombros entrando, deixando-me com meu fardo Samantha Stollen.

Eu paro na frente de Samantha e emoções, que achava não mais existir dentro de mim, apertam meu peito quase me sufocando. Desde que a vi, mais cedo hoje na TV, tudo veio à tona e agora parece mais intenso. Tenho vontade de gritar tão alto para que ela vá embora, mas, ao mesmo tempo, tenho gana de agarrar seu corpo malditamente apertado. Como posso me controlar se meu pau tem sua própria ideia de Samantha, ele sempre foi escravo dessa garota. O bastardo. Ela me desconcerta e ainda significa mais para mim do que qualquer outro ser humano. Pode isso ser amor? Será que tudo que ela fez, indo embora, não matou esse sentimento? Estou doente. Sou um fraco. Incoerente.

— Carl. — Percebo que ela chama o meu nome pela segunda vez, da primeira vez eu ainda estava desorientado com sua presença. Cravo meus olhos nos dela duramente.

— Vejam só, Sam Stollen, a grande pianista na porta de um pobre mortal — digo com desprezo obvio. Minha voz é dura e inflexível. Sim, raiva é melhor que tédio. — A que devo tão grande honra?

— Eu... — ela gagueja, endireitando seu corpo em um porte altivo e limpa sua garganta como se a mesma estivesse obstruída. — Eu queria ver você.

Começo a rir de seu atrevimento. Dez anos sem dizer um oi e agora essa?

— Queria me ver?

— Sim, eu na verdade precisava...

— Isso, diga-me — falo com antipatia.

— Precisava falar com você. Tenho tantas coisas para explicar...

— Como pode ver, tenho uma noite ocupada. Eu não posso perder tempo com... — finjo procurar uma palavra e continuo — Com coisas sem importância. Não perdeu nada aqui, Samantha.

Ela se retrai, provavelmente chocada com minha grosseria. O que ela esperava? Confete e chá de boas-vindas?

— Nunca mais apareça na minha frente, Samantha. Você não é bem-vinda aqui — digo com todo desprezo que consigo colocar na minha voz. Está dez anos atrasada. Você achou que ainda é especial? Achou que iria correr para você, te abraçar? Deixa eu te dizer, perdeu seu tempo.

Caminho passando por ela, mas o som de seu soluço me para.

— Suas lágrimas mentirosas não me cativam mais. — Sinto dor por atingi-la, mas eu não quero dar outra chance para essa mulher me magoar. — Você atrasou minha noite divertida. Cai fora!

— Queria apenas dizer oi — ela murmura.

E para cravar a estaca em seu coração, digo inexpressivo:

— Para quê? Não quero seu oi, nem sua preocupação e você... não é nada para mim. Não passa de uma menina que usei para meu bel prazer há séculos atrás.

— Carl... — ela tenta outra vez, mas não quero escutar. Estou irracional. Não quero ouvir.

—Não diga meu nome, eu te proíbo de falar meu nome como se estivesse com dor. Você não tem coração, Samantha Stollen. Você é uma mentira!

Deixo-a, sem dizer mais nada. Olho para trás e a vejo correndo para um carro estacionado ali perto. Meu coração dizendo para fazer o caminho de volta para ela, porém meu cérebro é suficientemente inteligente para saber que esse caminho entre eu e Sam já foi percorrido. E o resultado havia sido catastrófico.

Capítulo 5

*Assim morre outra vez meu coração
Nessa estrada onde eu caminho só
(Eu só queria te amar – Laís)*

Eu não devia ter vindo na casa dele.

Bem feito para mim. Quem eu acho que sou? Não sou mais sua amada Sam. Me sinto corroída pela culpa, porque eu sei que sou a culpada de transformar um homem amável e apaixonado em outro que não tinha nada de amável em seus olhos. Eu destruí o homem gentil que ele sempre foi comigo, a pessoa que ele tinha em um pedestal e que o magoou tão profundamente.

Ligo meu carro desesperada para sair dali, minhas mãos tremem desordenadamente. Estou cega pelas lágrimas que jorram abundantemente pelo meu rosto.

Tenho vontade de gritar, mas nada sai da minha garganta... *Carl.*

Quando consigo sair com o carro, sigo sem destino. A dor parece dilacerar tudo dentro de mim. Eu era tão masoquista. Por que eu fui lá? Eu só queria vê-lo um instante, era isso que eu queria fazer. Ter um vislumbre dele foi maior que a humilhação de seu desprezo.

Fragmentos da nossa conversa vêm nitidamente na minha mente como um filme technicolor.

— ... Não quero perder tempo com... com coisas sem importância. Não perdeu nada aqui, Samantha... — sua voz era tão diferente do meu Carl.

— Para quê? Não quero seu oi, nem sua preocupação e você... não é nada para mim. Não passa de um menina que usei para meu bel prazer há séculos atrás. — Seus lábios estavam ligeiramente levantados como se tivesse nojo de mim.

Sua indiferença queima nas minhas entranhas e ligo o som do carro no último volume para calar a voz amarga dele que não para de ressoar dentro da minha cabeça. Quero apagar da minha memória.

A voz que sai do som me faz chorar ainda mais. Sinto-me um nada, dilacerada, tenho vontade de morrer... meus soluços cortam no meio da música...

*...Sozinha então me sinto
Seu jeito me ferindo o coração
Eu perdendo a razão...*

Quero desaparecer de tanta dor no meu coração, nossas vidas eram feitas de promessas quebradas, por mim, por ele...

*...Não vou mais te esquecer
Assim morre outra vez meu coração
Nessa estrada onde eu caminho só...*

Nossos momentos de promessas foram esquecidos, aniquilados...Sinto as lágrimas descendo por minha face.

*...E o céu que se abriu pra gente se amar
Ficou cinza e de repente se escondeu de nós
Onde a gente se perdeu queria tanto achar
E me lembrar, eu só queria te amar...*

Oh, Deus! Dói tanto e eu sou a única culpada. Eu o feri profundamente quando o deixei, quando só pensei em mim. Ele me odeia e não suporto isso...

...Assim morre outra vez meu coração..

Eu pensei que poderíamos ser civilizados, mas seus olhos tinham apenas repulsa e quero rasgar meu coração fora do peito.

— Não diga meu nome, eu te proíbo de falar meu nome como se estivesse com dor, você não tem coração, Samantha Stollen. Você é uma mentira!

Volto para o presente com soluços doloridos que impedem-me de respirar. Estou destroçada, porque fui eu que criei aquela pessoa sem coração, sou a única que jogou seu amor no lixo e pisei no que era o mais lindo dos homens. E eu o levei a algo que parecia não ter conserto. Magoei o mais doce dos homens. Eu era má. Tão má...

A voz da mulher no carro me faz sofrer ainda mais, porque é como uma trilha sonora da minha situação atual com Carl. Gemo internamente.

*...Não posso não, não consigo não
Quero a nossa vida, de volta
...A alegria que soltou da minha mão...*

— É apenas uma pausa no nosso amor, Sam. Tenho certeza que logo vamos estar juntinhos — a voz do passado mistura-se na minha cabeça. — Vou cuidar de você de longe, esse oceano filho da mãe não será páreo para mim.

— Você é tão romântico — digo beijando seus lábios. — E onde vamos morar?

— Quando você voltar, tenho uma surpresa para você — ele diz pegando-me pela cintura e me girando em torno dele. — Você terá um lugar perfeito para compor suas músicas, minha Chopin de saia.

Gargalho alto quando ele me gira mais rápido.

— Só não esqueça de me amar — ele fala quando para e me beija...

— Não, não, não...Eu não deixei de te amar... — grito fechando meus olhos brevemente quando piso no acelerador e os soluços altos que solto parecem romper todas as comportas de dor dentro de mim. As lágrimas molham meu rosto copiosamente. Quando abro os olhos, segundos mais tarde, é para soltar um grito de pavor. Estou saindo da pista e indo de encontro ao acostamento da estrada. Estive dirigindo sem rumo e não sei onde estou. Eu saí da cidade? Puxo a direção, mas é tarde demais... Não vejo nada, senão a noite escura.

— Caaarl!! — meu grito se perde quando sinto o impacto do carro batendo em algo e depois...Meu último pensamento vai para os olhos cheios de desprezo dele...

Escuridão.

Capítulo 6

Olho para as duas garotas e sinto nojo de mim mesmo. Elas estavam me esperando junto com o guarda do prédio. Como elas são dançarinas e ganham a vida com isso, eu pego algumas notas e entrego para as duas.

— Aprecio o interesse, meninas, mas não estou mais no clima para essa noite. — Meu estado alcoólico tinha passado com minha visita surpreendente. Estou sóbrio agora. As garotas fazem beicinhos, no entanto pegam o dinheiro e vão embora depois que peço ao guarda para chamar um táxi para elas. Caminho para meu apartamento disperso em meus pensamentos e tomo a decisão de sair por um tempo. Pego meu telefone no bolso e chamo Alexander:

— Você está bem, cara? — ele pergunta assim que atende.

— Estou saindo da cidade por um tempo, para passar uns dias fora. Vou deixar o celular desligado — informo.

— Por que isso, Carl? Precisamos de você com aquele político, junte suas merdas e deixe isso de lado — ele diz. — Eu sei que você está com problemas pessoais que nunca compartilha, mas ficar sozinho agora não é a solução.

— Alex, eu também posso decidir se posso trabalhar ou não — digo firmemente. — Não posso garantir cem por cento de atenção com um cliente quando minha cabeça está em outro lugar.

A verdade estava longe, quero sair porque sei que se ficar irei atrás de Sam. Estou me sentindo um merda por tê-la tratado com rispidez. Irei cair na tentação e correr atrás dela. Isso é um fato. Dizer aquelas besteiras foi nada mais que uma forma de me impedir de segurá-la e não soltar jamais. Estou completamente desnorreado. Meu peito parece comprimido como estivesse com falta de ar. Este é o efeito Samantha em mim.

— Eu sei, Carl. Você está certo, estar cem por cento no trabalho é o mais importante — Alex recapitula. — Resolva seus problemas e quando estiver pronto, ou eu precisar de você com urgência, você volta.

Desligo e vou direto para o quarto fazer minha mala. Jogo algumas roupas aleatórias dentro e quando estou pronto para sair, pego as chaves da casa no lago. Não vou lá há muito tempo. Quando Bruno precisou da casa por uns dias, eu simplesmente pedi para o casal que toma conta da propriedade deixar tudo organizado para eles. Mesmo estando longe sei que o lugar se mantém impecável.

Pouco depois, estou deixando meu celular para trás e pegando meu carro. Não quero correr o risco de ligar para ela também. É fácil descobrir onde ela está e conseguir o telefone do hotel. Então, o celular fica em casa. Estranho o trânsito lento essa hora da noite. Ligo o aplicativo de trânsito do carro e ele informa um acidente mais à frente.

Praguejo impaciente, devia ir por outro caminho, pode levar muito tempo aqui. Quando vejo uma rota alternativa, mais a frente, pego-a para evitar o local do acidente. Irei levar mais tempo, mas não quero ficar parado pensando nos olhos magoados de Samantha. Trinco a mandíbula e tento manter a mente em outra coisa.

□

Vir a esse lugar pode não ter sido a melhor das minhas ideias. Aqui sempre foi o lugar que eu preparei para viver com Sam, para quando ela quisesse compor... Quando comprei a propriedade eu tinha algo em mente, queria um lugar bonito, calmo e perfeito. Quando vi a casa com o pequeno lago, não pensei duas vezes, eu queria esse lugar pronto para quando ela voltasse. Contratei um paisagista e arquiteto para deixar o lugar ainda mais perfeito. Só que, antes de terminar a obra, recebi aquela carta de Sam e tudo desmoronou ao meu redor. Tudo ficou inacabado até alguns anos depois quando eu saí das forças especiais e vi que tinha uma propriedade sem uso. Vir até aqui era doloroso, pois os planos que tinha feito para viver já não eram possíveis. Mas eu decidi terminar a obra. Poderia sempre vender se quisesse, mas nunca tive coragem de me desfazer do lugar.

Depois de anos, vir a essa casa é como fincar uma adaga afiada em meu peito. O lugar era decorado para parecer rústico. Mas um rústico requintado, decorado com elegância e classe. Eu almejava o melhor para minha Sam. Era rodeado por hectares de terras além do lago, era perfeito e calmo. Eu estava demasiado ferido para aproveitar o lugar quando não foi possível viver aqui os nossos planos.

Eu nos imaginava aqui. Seus cabelos soltos esvoaçando na brisa vindo do lago, sua voz chamando meu nome em um sussurro rouco, seu riso que sempre trazia alegria ao meu coração. Sentia-me orgulhoso por ser o cara que a fazia rir. Imaginava seus olhos claros e risinhos em uma cor indefinida que me cativava sempre. Imaginei-a aproveitando o deque com um piano compondo suas músicas, mas tudo não passou de um sonho de minha parte. No fim, a única coisa que proibi o decorador de colocar aqui foi um piano. Esse item foi riscado da lista. De todas as coisas que já ouvi, uma das mais certas é: as pessoas que você mais ama são as mais difíceis de manter por perto. Amar demais, às vezes, pode ser a ruína de um homem.

Eu não sei se o que sinto por Samantha ainda pode ser chamado de amor, já se passou tanto tempo, mas vê-la hoje foi tão doloroso! Pode ser uma obsessão? Por ela me abandonar, isso virou uma obsessão?

Droga, Carl O'Neal, você está completamente ferrado. Nem sabe que dia é hoje e isso é apenas o começo, seu trouxa. Dou-me um tapa mentalmente para voltar a realidade.

Deixando de lado minha besteira sentimental, coloco minha mala no quarto e vou até a cozinha verificar os mantimentos. Vejo que terei de ligar para o caseiro pedindo para trazer mais amanhã. Bato na testa, recordando que deixei o celular para trás. Droga. Bem, posso ir de carro comprar, mas lembro da linha fixa de telefone da casa.

Voltando para a sala jogo-me no sofá de aparência desconfortável, e é realmente. Gosto deles confortáveis, mas esse é esquisito para o meu gosto.

Devo ter cochilado porque acordei com a luz tênue do amanhecer se infiltrando pela janela. Minha cabeça dói. Deve ter sido o uísque que bebi ontem. Levantando vou para a cozinha onde acho pó de café e começo a preparar uma xícara. Como um velho hábito,

procuro meu celular outra vez e balanço a cabeça quando lembro que não o tenho. Movimento errado a fazer, é o que percebo quando sinto como se meus miolos fossem sair do crânio. Deixo a água no fogo e saio à procura de uma aspirina. Vasculho o armário do banheiro e encontro uma caixa com analgésico e pego um. Volto para cozinha e engulo o remédio antes de começar a tomar meu café.

2

A semana passa rápido, apesar de meu tempo ser passado a beira do lago no deque. Meu corpo estava aqui, porém minha mente não. Pensava em Sam o tempo todo e no trabalho que deixei a cargo dos meus amigos. Estou sendo irresponsável, algo que há muito tempo não acontecia. Desde que entrei para as forças especiais, seis meses depois de perceber que Sam não voltaria — onde conheci Alex, Bruno e Salvatore, e nos tornamos amigos.

Eu fui o que menos demorei na organização, saindo depois de cinco anos, Alex e os outros ficaram mais tempo do que eu. Depois, como dizem, é história. Fomos trabalhar com segurança particular para os riquinhos e agora temos a M.S.. Alexander é nosso líder, claro. Mas no momento que não quisermos mais, podemos deixar a sociedade e irmos para a carreira solo. E eu, durante todo esse tempo, nunca havia deixado trabalho para eles fazerem por mim.

Esticando meu corpo na espreguiçadeira do deque, tomo minha bebida. Eu estou inquieto, mas não me arrependo de ter vindo para cá, precisava desses dias longe de tudo. Quando voltar acredito que Sam já terá ido embora. Pelo que ouvi, ela tinha apenas três concertos em uma semana. Tomara que esteja certo e não tenha de vê-la outra vez. Tenho curiosidade em saber o que foi fazer em minha casa. Como ela descobriu onde moro? Por que o interesse depois desses anos todos?

Será que ela nunca me esqueceu da mesma forma que eu não a esqueci? São apenas conjecturas que nem deveria estar levantando porque só fará minha curiosidade maior e consequentemente posso querer saber mais.

Uma música toca ao fundo me distraindo. Guns N' Roses, minha banda preferida, me deixa melancólico.

Retiro os óculos aviador e esfrego os olhos. Deus! Transformei-me em um homem obcecado. Escuto um carro se aproximando e levanto atento. Quem poderia ser? Agarro a camisa que tinha jogado ao meu lado e caminho cautelosamente para verificar quem estava vindo. Uma velha picape para na frente da casa e vejo meu caseiro descer logo depois.

— Seu Carl — cumprimenta tirando o boné surrado que está usando e passa as mãos nos cabelos ralos. Pedro, um senhor de uns setenta anos, é a imagem de um homem do interior. Ele e sua esposa cuidavam da propriedade, então eles sabem mais sobre essa casa do que eu.

— Pedro. O que faz por aqui? — Faço um gesto para que entre e caminho para a cozinha. — Quer alguma coisa para beber meu velho?

— Um copo de água seria bom — ele diz me seguindo. — Vejo que tem aproveitado o sol escaldante.

— Sim, só não tive coragem de pular no lago — digo rindo. — Deve ter umas piranhas lá.

— Vocês garotos da cidade não sabem distinguir uma piaba de uma piranha — ele rebate. — Esse lago não tem piranha, seu Carl.

— Se você diz, mas não arrisco. Posso ficar sem minhas partes essenciais — digo quando sirvo a água para ele. Ele bufa do meu gracejo. — O que o traz aqui?

Ele fica sério e olha ao redor.

— Não veio com nenhum tipo de comunicação? Não usou o quarto onde tem aquelas bugigangas de tecnologia? — ele pergunta apontando em direção ao quarto onde tem todo o sistema de monitoramento de câmeras e computadores. Onde não estive desde que cheguei.

— Não vim para ficar conectado, Pedro — digo. — Vim relaxar.

— Uma moça, acho que foi... Não lembro bem o nome dela... acho que é Lana. Sim, Lana. Pediu que ligasse para ela porque não consegue contato com o senhor — ele fala em um fôlego só. O que diabos a diaba maluca quer comigo?

— Ela não disse do que se trata?

— Não. Trouxe meu celular, caso precise. — Ele estende o aparelho.

— Obrigado, Pedro. — Pego o telefone e, em vez de ligar para Lana, ligo para Alexander. Chama e ele não atende. O que ele anda fazendo? Deve ser a diaba loira que o mantém ocupado.

Disco o número dela e ela atende imediatamente.

— Carl? É você?

— Não.

— Oh, enfim consegui falar com você. — Ela está sem fôlego. — Preciso que você venha para casa agora.

— Lana, o que houve? Está com algum problema? Alexander está ferido?

— Eu não me meto em problemas, senhor O'Neal — ela diz com tanta indignação que quem não a conhece acreditaria. — Porém, depois de eu dizer o que tenho para falar, talvez você queira voltar.

— Estou voltando na próxima semana. Não pode esperar?

— Não. Na verdade aconteceu algo com a pianista. Alexander disse que você a conhece, que são amigos, então eu assumi que você poderia querer saber — ela diz.

— O que houve com Samantha? — Eu caio sentado na cadeira mais próxima.

— Não sei direito. Saiu algumas reportagens falando do acidente, mas nada claro. Sabemos que ela está no hospital e os concertos foram cancelados. Sei porque fiz Alexander comprar os ingressos e não teve, então...

— Lana, pare! Eu estou voltando.

— Achei que voltaria — ela fala. — Sabia que você gostaria de saber se ela é sua amiga. Eu gostaria se fosse comigo.

— Obrigado. — Desligo e me sinto anestesiado. Vejo Pedro pegar o telefone e perguntar o que houve, mas eu não repondo. Levanto e vou direto para o quarto e ligo o notebook. Enquanto espero ele conectar, mil coisas povoam minha mente. Todo tipo de coisas ruins. Estou suando frio, o suor fazendo minha camisa grudar. O que houve com ela?

Vou direto para o seu site e não há nada além do cancelamento dos concertos por motivo de saúde. Digito no Google e aparecem várias notícias sobre ela, mas um link me chama a atenção. Clico sobre ele e abre um vídeo de uma repórter falando de um acidente de carro há uma semana.

— *O acidente da musicista aconteceu há uma semana e quase nada se sabe sobre o que realmente aconteceu com ela. Sua agente tem mantido sigilo da gravidade do estado de saúde da artista...*

A voz do repórter se perde ao longe quando minha mente registra a data do acidente. Mas que merda era essa?

Pulo da cadeira como se mil demônios estivessem atrás de mim. Fecho o notebook com força e corro para meu quarto para colocar uma roupa. Passo por Pedro que está esperando sobre o que vou fazer e digo:

— Estou voltando para casa, agora. — Não espero respostas.

O que diabos fiz a você, Sam?

Capítulo 7

Dor é a primeira coisa que sinto quando volto à terra dos vivos ou no que eu acredito ser a terra dos vivos. Porque não consigo abrir meus olhos e nem me mexer? Escuto um bip e mais bip de algum lugar, mas não atino onde exatamente estou. Minha cabeça dói. Uma dor latejante que não para, tenho a sensação de que vai explodir. Tento falar, mas nada sai dos meus lábios. Minha boca está seca e tento tragar saliva, mas essa tarefa não é nada fácil. Parece que minha língua está grudada no céu da minha boca. Depois da dor eu sinto frio, muito frio. Meu corpo parece estar congelando e eu tremo.

Tem algo de errado comigo. Algo de ruim aconteceu e não consigo lembrar. Não sei onde estou, apenas sinto dor e frio. Algo tão ruim que eu não quero lembrar ou saber. Escuto mais bips soando alto e depois vozes, mas não distingo o que dizem.

Pouco depois caio no sono outra vez. A próxima vez que minha consciência volta, escuto claramente a voz de Zara falando com alguém. A dor agora está mais branda, mas minha cabeça parece oca. Provavelmente estou com ela enfaixada.

— Temos feito todo o possível para sua recuperação. — Escuto uma voz de homem dizendo. — A contusão na cabeça aparentemente não mostra nada, mas vamos aguardar quando ela acordar.

— Mas porque ela não acorda? — A voz de Zara parece tensa.

— O estresse pelo qual ela passou, talvez descansar agora seja o melhor. — O que diabos tinha acontecido comigo? Não consigo lembrar. A última coisa que lembro foi que estava no hotel com Zara e muito chateada com ela por não ter me acordado mais cedo. Tento abrir meus olhos e minhas pálpebras estão pesadas, não insisto e volto a ficar quieta e a dormir.

□

— Samantha? Você está me escutando? — Outra voz familiar tira-me do meu sono. Conheço esse sotaque italiano. — Sou eu, Pietro, querida.

O que ele estava fazendo aqui? Porque está usando termos carinhosos comigo? Qual o motivo dele deixar seus compromissos e voar atrás de mim? Quando levantar daqui irei dizer claramente que não tenho nenhuma intenção de ter algo com ele. Como não tenho vontade de vê-lo, continuo de olhos fechados.

Minha cabeça lateja.

— Tem uma semana que ela está assim. Os médicos dizem que ela não sofreu nenhum dano sério, além da perna quebrada, do punho machucado e da forte contusão. — Essa é Zara, minha fiel escudeira, penso sarcástica. A voz dela está mais distante quase como se estivesse sussurrando, mas posso escutar nitidamente. — Estou ficando

preocupada. Os concertos foram cancelados. E não sei o que dizer para todo mundo. O que diabos ela fazia naquele lugar remoto? Esquisito. Não sei mais o que dizer aos patrocinadores.

Sim, minha agente era muito preocupada comigo. Eu começo a pensar seriamente que estou em algum Reality Show. Eu sofri um acidente? Não me lembro. Estou cansada, não tenho ânimo para puxar a memória do que houve.

— Ela não poderá tocar por bastante tempo — Pietro diz. — Não será nada bom para sua carreira.

— Tanto fiz para que ela tivesse a carreira perfeita. E ela joga fora por causa daquele homem. — Franzo a testa quando a voz chateada de Zara me atinge. Ela nunca está contente com nada. Sempre interferindo. — Tentei manter esse incidente longe da imprensa, mas não sei por quanto tempo. Não quero nem saber o que vão dizer quando perceberem o lugar do acidente. Perguntarão se ela estava atrás de drogas. Isso será terrível, Pietro.

— Ei, calma. Tudo vai ficar bem. Daqui há uns dias ela voltará a tocar. — Fico imaginando, pelo tom de sua voz, que ele deve estar abraçando minha agente. — O que a polícia diz sobre o acidente?

— Segundo a investigação, ela perdeu o controle do carro e bateu contra um trecho da estrada. A frente do carro está toda retorcida, ela poderia estar morta agora, tudo porque não segue minha orientação.

— Ela vai voltar melhor do que antes, você verá — Pietro continua dizendo. Não sabia que eles eram tão amigos. — Vi hoje na televisão sobre o acidente, temo que seus esforços não tenham dado resultados. Não queria dizer para não deixá-la mais preocupada. Você devia falar com a imprensa e dizer o que realmente aconteceu em vez de esperar que eles inventem suas próprias teorias. Falei com Amanda e Jânio, eles chegam hoje.

Meus pais? Devo ter sofrido um acidente grave mesmo para meus pais virem para cá.

— Eu tentei dissuadi-los de virem, mas sabe como são... — O quê? Não estou entendendo mais nada dessa história. Essa nuvem nebulosa me dá dor de cabeça quando tento pensar. Minhas pálpebras tremulam abertas e ainda assim tudo está escuro à minha frente. Fecho meus olhos novamente bem apertados, isso acentua ainda mais a minha dor de cabeça. Abro os olhos outra vez, mas tudo está escuro. Não enxergo nada.

O que está acontecendo comigo?

Capítulo 8

Luto contra a náusea que ameaça me tomar. Quero levantar, mas o medo do desconhecido me paralisa na cama.

Tenho a sensação que estou afogando em desespero para sair da escuridão ao meu redor. Não estou enxergando nada, nada! Um grito rasga minha garganta enfraquecida, parece que não tenho forças para gritar mais alto e a escuridão me domina.

Por que estão mantendo as luzes apagadas? Por que não acendem as luzes?

Não, não, não... por favor não, por favor... Não posso estar cega, posso?

— Alguém acende a luz. Ajude-me — peço debilmente tentando mover minhas mãos na minha frente, mas isso é inútil, não consigo. — Alguém, por favor, me ajude. — Eu não reconheço minha própria voz. O terror impregnado no meu tom é angustiante. Eu engasgo com meus soluços, lágrimas molham meu rosto e me sufocam.

Estou balbuciando coisas incoerentes e devo ter chamado a atenção de Zara e Pietro. Escuto em meio aos meus próprios sons desesperados as vozes deles me chamando. Tudo é nebuloso e sombrio, essa sensação de não saber onde estou, para onde ir, me deixa transtornada, desorientada. Quero me agarrar a algo sólido e esse desespero só cresce como um tsunami de horror me ameaçando.

— Não consigo enxergar — falo, mas minha voz é inaudível. Minha garganta está áspera, seca e as palavras de agonia não saem muito compreensíveis para eles, porque continuam me chamando.

— Samantha? — a voz de Zara está acima de mim. — Querida, o que você disse? Fale o que está sentindo...

Ela continua e continua, mas estou tentando controlar meu desespero.

Uma terceira voz aparece e manda os dois se afastarem. Sinto quando começam a me examinar. Sinto o toque em meus olhos, levantando as pálpebras. Sinto certo desconforto no olho, mas não sei atentar para a causa.

— Samantha? Sou o Doutor Mauricio, quero que você fique calma — diz. — Você sofreu um acidente, você lembra? Está no hospital agora. Você consegue enxergar alguma luz?

— Não posso ver — consigo dizer baixo. Meus soluços agonizantes tinham cessado um pouco. Minha voz está trêmula quando indago: — O que houve com minha visão?

— Você sofreu uma contusão na cabeça. Isso pode ter afetado sua visão, mas não foi detectado nos exames que fizemos. Vamos fazer exames mais detalhados com o oftalmologista para descobrir o que está acontecendo. Na tomografia que fizemos não

apareceu nada anormal, mas faremos tudo para dar um diagnóstico mais preciso. — Sua voz é calma e tranquila, mas não faz nada para parar o horror e medo que estou sentindo de ficar cega para sempre. — Vamos tomar todas as medidas para que fique bem. Você lembra do acidente?

— Não! — digo e tento levantar, mas sinto mãos me segurarem no colchão. Meu corpo todo treme como nunca senti antes. O medo do desconhecido é terrível.

— O que você lembra, Samantha? — ele insiste.

— Nada.

— Como nada? Sabe quem você é?

Não digo nada, quero balançar a cabeça para dizer que sim, sei quem eu sou, mas não me lembro do que aconteceu depois que saí do hotel.

— Calma, tudo ficará bem. Vou dar um calmante para que possa ficar mais calma e continuaremos com as perguntas. Pode ser apenas uma desorientação passageira. — Eu sabia que era mentira, nada poderia ficar bem se eu não podia enxergar. Eu não consigo ficar parada. De repente algo me bate, fazendo-me tremer descontroladamente. E minha carreira? Como será agora? Oh, meu Deus!

— O que está acontecendo, doutor? — a voz de Zara vem de algum lugar. — O que ela quer dizer com “não posso enxergar”?

— Sem exames específicos não podemos dizer nada ainda. Mas agora que ela acordou vamos continuar com os exames — o doutor diz. — Vou solicitar agora mesmo. Essa perda da visão e perda parcial da memória pode ser apenas ocasional por causa do choque, mas nada pode ser afirmado antes dos exames. Ela tem retração da pupila com a luz, isso mostra que a causa não pode ser irreversível. Bem, irei providenciar os exames o quanto antes. A medicação logo fará efeito e ela ficará mais tranquila. Com licença.

Não escuto mais a voz dele, apenas os sussurros de Zara com outra pessoa. Deus, essa falta de controle é terrível.

Eu não quero ficar mais tranquila, quero minha visão de volta. Sinto lágrimas quentes caindo dos meus olhos e, pouco depois, caio no mundo do esquecimento mais uma vez.

A próxima voz que escuto quando acordo é o choro de alguém e a voz reconfortante do meu pai. Minha mão está presa na mão de outra pessoa, o cheiro de antisséptico é forte no local. Aperto a mão que está segurando a minha e a voz de mamãe sai trêmula quando ela fala.

— Filha, querida — ela funga chorosa. — Sou eu, a mamãe!

— Oi, mãe. Oi, pai — minha voz sai com falsa alegria. Não sinto alegria por tê-los aqui. Não quando o medo de nunca mais ver o sol, as cores e, principalmente, não tocar piano tomam lugar dentro de mim. Nem a presença dos meus pais aqui traz conforto. Mas ao mesmo tempo uma letargia corre por mim. Como se eu tivesse aceitando esse fato muito rapidamente. Essa não sou eu! Eu sempre luto, mas ficar cega agora parece um castigo merecido para meus pecados. Só que é um castigo tão pesado. Eu não tinha percebido que estava chorando até minha mãe se inclinar sobre mim.

— Ah, minha menina, eu sinto tanto. — Ela chora também. — Você vai ficar bem.

— Filha, estamos todos aqui. Vamos levar você para os melhores especialistas que existem, não vamos aceitar isso — meu pai fala e segura minha outra mão onde sinto a picada desconfortável de um provável cateter. — Falamos com o médico e ele não tem nada concreto, vamos tirar você daqui.

— Eu quero ir para casa — digo apática. E percebo que nem sei aonde é minha casa. Tenho vivido esses anos todos em hotéis e mais hotéis. Não tenho um lugar para ir, um lugar caseiro ou familiar. E agora vou depender das pessoas para tudo, até me adaptar a minha nova condição. — Eu não tenho casa.

— Ah, meu amor, minha menina, está tudo bem. Como não tem casa? Claro que tem uma casa. Onde nós estivermos sempre será sua casa. — Sinto um toque no meu rosto.

Tenho vontade de levantar e correr como uma louca daqui, mas isso não será mais possível.

É o que preciso: correr e me esconder de todos. Eu só preciso de mim mesma. Essa angústia só aumenta, como se eu estivesse me preparando para algo terrível. E talvez eu esteja. Uma pessoa que não sabe o que o futuro lhe reserva para as próximas horas, pode esperar qualquer coisa.

— Pietro, que bom que pôde vir — a voz de minha mãe está embargada. — Minha filha precisa muito de você agora.

Tenho vontade de gritar que eu não preciso desse tipo de coisa agora. E, como se alguém tivesse ouvido minhas preces, ouço barulhos e vozes dizendo que vieram me buscar para realizar exames.

Nas próximas horas, sou submetida a todo tipo de exames que eles têm disponíveis. Eu estou alheia a tudo, como se isso estivesse acontecendo com outra pessoa. Estou em uma realidade fora do meu corpo, parecendo assistir tudo de longe.

O neurologista juntamente com o oftalmologista dizem não haver aparentemente nada me impedindo de enxergar. Também dizem que estou com algum bloqueio para lembrar o acidente pois isso é, de alguma forma, angustiante para mim. Que devo estar com amnésia seletiva.

Imagino a manchete nos jornais que dará um ataque em Zara: **SAMANTHA STOLLEN DEIXA O MUNDO DA MÚSICA, CEGA E COM AMNÉSIA.**

Tenho vontade de rir e percebo que estou fazendo justamente isso quando ouço mamãe perguntar o que tenho.

— Filha, tudo na vida tem uma razão para acontecer — ela recita e minha histeria cresce mais em forma de riso. — Você tem de agradecer por ainda estar viva.

Sim, estou viva, mas sentindo-me morta por dentro também. Eu dei tudo pela música e agora o quê?

Nada. Eu não sinto nada, às lágrimas parecem ter secado. Estou me sentindo vazia por dentro. Perdi umas das coisas que mais amo no mundo, minha música. Como irei viver agora? Quero gritar tão alto, quero rasgar essa dor no meu peito. Não sentir nada era melhor do que sentir essa dor e desespero tão profundo que nada poderia consertar.

— Nada mais importa — sussurro com minha voz quebrada, palavras vazias e sem emoção. Quem era Samantha Stollen agora, sem sua música?

Nada mais importa, eu só quero um lugar em que todos me deixem em paz.

Capítulo 9

*You had me in the palm of your hand
Why your love went away
I just can't seem to understand
Thought it was me and you baby
Me and you until the end
But I guess I was wrong
(What Goes Around... Comes Around
Marilyn Manson)*

Quando chego em casa já passam das dez da noite. Deixo minha mala e troco de roupa depois de lavar o suor fora em um banho rápido. Vestido em um dos meus ternos habituais, saio em direção a casa de Alexander. Preciso saber o que ele sabe sobre Samantha e porque diabos sua namorada ligou para mim. Nunca falei com meus amigos sobre ela, nunca tive coragem de confessar que sou o maior bobo apaixonado de toda história.

Ligo meu telefone, que agora tem dezenas de chamadas de Lana, e disco para a empresa. Têm homens de plantão hoje e peço para que localizem em qual hospital Sam está.

— Quando tiver uma notícia me chame imediatamente — digo depois de passar os dados dela que ainda lembro. Desligo e me concentro no trânsito à minha frente.

Bato na porta de Alexander pouco depois de uma viagem rápida de carro onde avancei todos os sinais vermelhos que pude. Que as multas venham, só espero não perder minha carteira de motorista. Isso seria o cúmulo, mas estou pouco ligando para essa porcaria.

Ele abre a porta e vejo que o tirei da cama.

— Carl? O que faz aqui? — ele parece surpreso por eu estar àquela hora em sua casa. Eu não peço licença quando o empurro, entrando em sua casa.

— Preciso falar com você — digo e caminho para a sala. Eu apenas vim aqui porque não tive como localizar o paradeiro de Sam. Ainda não tive nenhum retorno dos homens na empresa.

— Sobre o quê, O'Neal? — Ele aponta a sofá. — Senta aí, cara.

— Samantha Stollen — digo. — Lana ligou para mim contando sobre o acidente.

Ele parece constrangido quanto ao assunto.

— Ah, Lana, essa menina é minha perdição. — Ele passa a mão por seus cabelos curtos — Bom, eu...

— Você gaguejando, Alex?

— Para ser sincero, sua reação naquele dia no bar me deixou curioso — ele começa. — Só fiz uma pequena investigação e ...

Eu tinha deixado transparecer meus sentimentos em relação a Samantha naquele dia? Eu não tinha percebido naquele momento, talvez tenha estado mais bêbado do que pensei.

— Bisbilhotou meu passado? Se eu quisesse que vocês soubessem teria contado — digo um pouco chateado.

— Eu sei, mas estava preocupado com você. Um cara tão centrado e de uma hora para outra estava saindo, deixando trabalho inacabado... e tudo poderia estar ligado a essa mulher. Eu queria saber, mas não sei toda história. Apenas descobri que ela era sua namorada na época de colégio e faculdade.

— E achou legal envolver sua namorada pentelha? — pergunto, mas no fundo não estou chateado.

— Peço desculpas pela intromissão de Lana — ele diz suspirando. — Quanto a moça, eu não sei onde ela está, se é isso que você veio saber. Nem a imprensa sabe. Não está mais no hospital que ela foi levada primeiramente quando a socorreram. Segundo soube, a agente dela transferiu-a de hospital por causa do tumulto. Apesar de ser muito estranho esse mistério todo em volta dela.

Que merda estava acontecendo com ela? Por que toda essa discrição sobre o acidente? Nada foi dito claramente e esse mistério faz com que todos fiquem especulando quão grave é seu estado de saúde. Eu preciso vê-la. Culpa dispara em ondas por mim. Não devia ter dito aquelas palavras duras para ela. Teria sido melhor deixar o passado no passado, porém quem disse que estava pensando claramente naquela noite.

— Você quer falar sobre isso? — Alexander pede. Fico tenso e caminho para olhar através da janela de sua casa. Passo as mãos pelo rosto e a aspereza da barba por fazer de uma semana arranha minha palma, fazendo-me consciente que não sou mais tão jovem como era dez anos atrás.

— Não tenho nada para falar — digo e viro-me para ele, mas acabo confessando em seguida. — Eu preciso descobrir onde ela está, esse acidente foi culpa minha.

— Do que está falando? — Alex vem e para na minha frente. — Por que não senta e me conta o que está havendo entre você e essa mulher, Carl?

— Não quero falar sobre isso, basta saber que é uma história complicada e que aconteceu há muito tempo. — Enfio as mãos nos bolsos da calça. — Mas deve saber por andar bisbilhotando minha vida.

Ele faz um som de escárnio e me olha preocupado.

— Você saiu daqui feito um louco. Eu, como seu amigo, estava preocupado. Você, Bruno e o Salvatore são como irmãos para mim, então, cara, vou sempre me meter na vida

de vocês. — Ele segura meu ombro. — Leve seu tempo para resolver essa história com essa moça. Sei muito bem que está apenas começando. Tente descobrir por que estão mantendo-a escondida da imprensa como se ela tivesse uma doença contagiosa.

— Obrigado — digo apenas. — Pedi ao pessoal da empresa que investigasse, mas irei até lá agora.

Como se o tempo tivesse cronometrado, meu telefone começa a tocar. É Dom, um dos caras que está de plantão hoje no sistema de monitoramento.

— O'Neal? Não tenho boas notícias — ele vai direto ao ponto.

— Descobriu em qual hospital Samantha está?

— Não. O hospital onde fizeram os primeiros socorros não quis dar nenhuma informação para aonde ela foi transferida já que não somos da polícia.

— Ligou para nosso contato na polícia? Está havendo alguma investigação do acidente? Afinal ela é uma pessoa pública, deve haver alguma investigação a caminho.

— Segundo nosso cara da polícia, o caso está quase encerrado. Segundo ele, a causa do acidente foi possivelmente alguma medicação que a moça tomou e a fez perder o controle do carro ou, pela forma que aconteceu, ela tentou se matar já que o carro estava em uma velocidade considerável.

O quê?

— O que você quer dizer com medicação? — pergunto atordoado. Samantha estava envolvida com drogas? — Que tipo de medicação?

— Só vendo o relatório da polícia para saber, não obtive essa informação — Dom diz, pelo visto, um tanto chateado por não poder ajudar.

— Tem como conseguir isso para mim? E o nome dessa agente?

— Vou ver o que consigo, ligo para você o quanto antes — ele se despede e desliga.

Fecho meus olhos e respiro fundo. Que situação mais sem lógica? Como uma pessoa sofre um acidente e tudo vira um caso de segurança nacional?

— Pelo visto não tem boas notícias — Alexander deduz.

— Estou achando que esses agentes, que trabalham com artistas, tentam o máximo manter as coisas em segredos, ainda mais se estiverem lidando com algo que venha manchar a imagem do artista — digo pensativo. — E tudo indica que Samantha poderia estar usando algum tipo de medicação.

Medicação ou algo ilícito. Seria possível que esse mundo onde ela vive hoje tinha a corrompido tanto? Eu não posso acreditar. Ela sempre foi tão contra essas coisas ilegais, mesmo no colégio quando éramos jovens e loucos ficamos longe dessas coisas. Mas agora eu não a conheço mais.

— Tenho de ir — falo. — Diga para sua namorada se manter longe da minha vida privada.

— Peço desculpas mais uma vez. Ela me viu com o relatório que recebi do passado de Samantha — ele diz meio constrangido. — E para sua informação já joguei fora.

— Fico grato.

Pouco depois saio da casa de Alexander mais preocupado do que eu cheguei. Sinto-me impotente por não ter notícias de Sam.

Passo a noite na empresa atrás de informações. Como era madrugada, foi difícil as ligações para as pessoas que poderiam nos dar algo mais concreto. São cinco da manhã quando descubro em que hospital estão mantendo Samantha isolada do mundo exterior. E é para onde vou.

Não sei o que vou encontrar e, pela primeira vez, em muito tempo, eu tenho medo.

Medo do desconhecido, de encontrá-la machucada. Medo de ela estar ferida e nunca me perdoar por dizer as coisas horríveis que disse. Talvez nós nunca iremos ficar juntos novamente, mas não quero que ela me odeie. Apesar de ter falado o quanto a odiava.

Eu odeio, mas também amo. Esses dois sentimentos guerreiam tão ferozmente dentro do meu peito que machuca. Mesmo em meio a essa mágoa não quero vê-la machucada, acaba comigo saber que indiretamente lhe causei dor. Sou um bastardo contraditório do caralho.

Ligo o som do carro enquanto estou no trânsito já intenso. Tenho vontade de rir da música que sai pelo alto-falante do carro. *What Goes Around Comes Around* caçoa de mim, só pode ser isso.

...You had me in the palm of your hand

Why your love went away

I just can't seem to understand...

Sim, tenho essas perguntas fervilhando dentro de mim para fazer a ela, mas talvez eu nunca faça.

Chego ao hospital e não paro para saber onde é seu quarto, meu contato já tinha me informado. Chego ao sexto andar onde ela está em um quarto particular e bato.

Uma mulher jovem abre a porta e parece me conhecer quando se dirige a mim.

— O que faz aqui? — ela pergunta, mas a raiva com a qual faz a pergunta me surpreende e dou um passo para trás. — Não é bem-vindo aqui. — Ela sai e fecha a porta atrás de si.

— E quem é você? — pergunto nada agradável. Será essa mulher a tal agente de Sam?

— Sou agente da senhorita Stollen e estão proibidas visitas — ela esclarece, confirmando minhas suspeitas.

— Sou Carl O'Neal, amigo de Samantha. — Olho para a porta fechada diante de mim. A única barreira entre Sam e eu.

— Eu sei quem você é e Sam não o quer aqui — ela diz com satisfação e olha para o pulso onde um relógio de aparência cara está. — E, para ser mais clara, essa hora não é permitido visitas.

— Eu faço minha própria hora de visitas. — Dou um passo para a porta e abro, deixando a agente boquiaberta. Passo por ela e entro no quarto.

Capítulo 10

— Não pode entrar aí — a voz aborrecida de Zara falando com alguém me acorda. Fico entre acordada e dormindo o tempo todo, porque estou sempre sendo engolida pela escuridão ao redor. Quem poderia estar aborrecendo-a? Ela quase nunca sai de perto de mim, a não ser para ir ao hotel. Ela me avisa cada vez que sai, algo que acho desnecessário. Se ela vai ou não, tanto faz. Nunca respondo as suas perguntas nem dos meus pais. Na verdade, quero que eles saíam e me deixem sozinha por um minuto. Suas perguntas insistentes, se estou bem, me irritam. Eles não percebem que estou mal? Ficar sem visão não é suficiente para deixar qualquer pessoa desesperada? Ainda mais eu que tenho uma carreira pela frente, é como cortar meus membros fora do meu corpo.

— Eu faço meus próprios horários — escuto uma voz de homem dizer, também com aborrecimento em seu tom, e isso me bate com a força de quinhentas toneladas de granito direto em minha cabeça. Meu coração começa uma corrida enlouquecida e dor me atravessa quando flashes dessa mesma voz chicoteiam meu cérebro.

Uma dor súbita e feroz faz minha cabeça latejar e pressiono as têmporas com os dedos. Queria gritar minha dor em voz alta, mas trinco os dentes impedindo que os gritos rompam em minha garganta.

— ... *Não quero perder tempo com coisas sem importância. Não perdeu nada aqui, Samantha...*

Oh, Deus!

Abro meus olhos tão rápido, porém nada vejo diante de mim. Lembro do rosto cheio de raiva por mim na calçada.

— *Nunca mais apareça na minha frente, Samantha, você não é bem-vinda aqui* — a voz de Carl vem nítida na minha mente, como dardos venenosos intoxicando minha alma.

— Carl — sussurro inaudível. Imagens de mim mesma dirigindo para me encontrar com ele. Seu rosto repleto de desprezo e amargura faz um buraco em meu estômago de horror por ter me exposto a sua raiva. Não o quero aqui. Não quero que ele me veja assim. Uma enxurrada de imagens passam em minha mente e eu começo a chorar quando lembro do porquê estou assim aqui.

O que afinal ele está fazendo aqui depois de tudo? Não foi ele mesmo que disse que me odiava? Veio rir de mim? Da minha desgraça?

— Vá embora! — grito alto. — Vá embora! Não te quero aqui!

— Sam? — sua voz é calma e preocupada. No entanto não acredito nele. Veio terminar o que começou? Me humilhar mais?

— Vá embora — digo sufocada. Tento sentar e derrubo o suporte para o soro na minha tentativa de apoiar minha mão.

— O que você está fazendo? — a voz de Zara vem de algum lugar. Suas mãos em meus braços me fazem repelir fora seu toque.

— Não! Saiam todos! — grito enquanto continuo tentando ficar de pé. Sinto tontura, minha cabeça gira e eu perco o controle do meu corpo. Não achei que a cama fosse tão alta e estou caindo quando mãos fortes me seguram antes. — Não!

— Samantha, fique calma — ele diz, mas sua voz só me deixa mais perturbada e meus gritos são cada vez mais altos.

— O que está havendo aqui? — uma voz feminina fala chateada. — Isso não é hora para visitas. Quero que todos se retirem.

— Por favor — digo quando mãos me forçam a deitar. — Não quero ninguém aqui.

— Vocês ouviram? Esperem lá fora, estão perturbando a paciente — a mesma voz diz e eu tento me acalmar. Afinal tem alguém concordando comigo.

— Qual o problema com ela? — a voz de Carl insiste.

— Senhor, espere lá fora — a mulher fala com mais rigor agora. Ouço passos e deduzo que ele foi embora.

— Eles já foram? — pergunto e mal reconheço minha voz cheia de medo. Jesus, estou um caos choroso. O pensamento traz novas lágrimas, agora silenciosas. Não quero que ele me veja e sinta pena. Odeio que ele veio aqui. — Não deixe esse homem entrar aqui — peço para a mulher, ela deve ser a enfermeira.

Ela me acomoda na cama e fico mais calma, apesar das lágrimas ainda estarem escorrendo. Não sei porque agora comecei a chorar tanto.

— Você está sentindo alguma coisa? — ela pergunta com a voz amável — Por que ficou tão agitada?

— Eu... — será que conto que lembrei do acidente? Bom, melhor dizer logo. — Acho que lembrei do acidente — digo e um soluço corta minha fala. Dor e desespero antes de perder o controle do carro. A voz de Carl reverberando em minha mente. Parece que estou em uma nuvem de algodão, flutuando. Minha garganta está se contraindo, a bile subindo com ânsias. Mas isso tem de terminar, porque não é real, não sou eu. Não sou eu aqui! Era outra pessoa passando por um momento difícil. Eu não quero acreditar que agora sou uma pessoa deficiente.

Porém a realidade é tão dura que me bate como um soco no meu plexo solar.

Não sei se é dia ou noite, só sei que caio no estado de sonolência que estive entrando e saindo todos esses dias. As lágrimas quentes são minhas únicas companhias agora.

Escuto a movimentação quando a enfermeira chama o médico dizendo que tive uma reação, ou seja, que estou lembrando do acidente. Talvez a inconsciência seja o melhor lugar para estar nesse momento de dor.

— *Não diga meu nome, eu te proíbo de falar meu nome como se estivesse com dor, você não tem coração, Samantha Stollen. Você é uma mentira!*

A voz de Carl é dura na minha cabeça. Eu fecho minha mente para que essa noite desapareça outra vez. Agora eu sei porque esqueci. Dói muito lembrar. A autopiedade é um sentimento novo que queima profundamente. Meu otimismo habitual evaporou naquela noite que Carl me mandou embora como um cachorro sarnento para a sarjeta e, consequentemente, sou agora uma deficiente!

Eu não o culpo por não me amar mais. Quem amaria uma mulher que o deixou sem nada. Nem sequer um adeus apropriado. Mas, como meu coração é bobo, o som de sua voz agora há pouco me fez sentir viva outra vez.

Esse pensamento só me deixa pior do que já estou.

Capítulo 11

— *V*ão embora! Todos vocês!!

O que é isso?

Vejo Samantha caindo como se não pudesse ver um palmo à sua frente. Vim preparado para qualquer coisa, mas ela parece ter sido atropelada por um caminhão de concreto. Hematomas por toda maldita parte de seu corpo exposto. Eu a encaro por um longo momento e fico chocado com seus gritos frenéticos para sairmos do quarto. Eu obedeço a enfermeira que entrou parecendo um sargento e vou para fora ainda escutando os lamentos dolorosos de Sam.

— Qual seu nome? — pergunto a mulher esquisita que saiu junto comigo. Ela assemelha-se a um maldito urubu com um traje elegante todo preto. Nem parece que ela está em um hospital. Seu ar de quem acabou de sair de uma sala de reunião é estranho para o lugar.

— Acho que eu que devo fazer as perguntas, senhor O'Neal — ela diz meu nome com desprezo. — O que faz aqui?

— Garanto que isso não é da sua conta. — Encaro seus olhos astutos. — Qual seu nome? E onde estão os pais de Samantha?

— Sou Zara e, como já disse, agente dela — ela diz com relutância. — E seus pais devem estar dormindo, senhor O'Neal.

— Quem é o médico dela? Nome? — pergunto não dando atenção a sua ironia sobre os pais de Sam. — Quero saber o que há de errado com ela.

Antes que ela me responda, um médico vem pelo corredor e entra no quarto de Sam. Eu entro no quarto atrás dele. Os gritos de Sam pararam e isso deve ser um bom sinal.

O médico conversa com a enfermeira e começa a chamar Samantha. A enfermeira me olha carrancuda.

— Espere lá fora, senhor. — Eu a ignoro e vou para perto do médico que examina os sinais vitais de Samantha.

Olho para o nome no jaleco do médico.

— Doutor Mauricio, ainda não me disseram qual o estado de saúde dela — digo, fazendo com que Samantha abra os olhos. Mas eles estão sem foco, é como se ela olhasse através de mim.

— Não... — seu fraco gemido faz um nó apertar em meu estômago. Deus, quero correr e pegá-la no colo, mas algo me freia. Tento manter uma atitude racional, eu preciso disso.

— O senhor é o que dela? — Ele se vira para mim e fico sem saber o que dizer.

— Sou um amigo — digo por fim. Minto um pouco sabendo que ele tem a ética médica de não revelar a qualquer um o estado de saúde de seus pacientes. Baixo o tom de voz quando digo — Sou... humm. Namorado. Carl O'Neal — apresento-me.

Eu vou para o inferno por mentir assim, mas eu tenho que saber dela. Olho ao redor para ver se a agente pode me desmentir, mas ela está lá fora. Melhor.

— Bem, Samantha tem um quadro de amnésia seletiva. Porém, segundo a enfermeira, ela lembrou parte do que tinha esquecido, por isso essa agitação — ele diz calmamente como se fosse a coisa mais normal do mundo. No entanto ele me choca quando continua. — Além da cegueira, que não sabemos a real causa ainda...

O quê? Jesus!

Eu fico parado olhando a cara sem emoção do médico como se algo tivesse me congelado no lugar.

Que porra é essa que ele está dizendo? Dou um passo para trás em choque. Olho para o rosto que povoa meus sonhos há anos. Desejando que ela voltasse e continuássemos com nossos planos, mas isso nunca aconteceu. Agora vê-la assim me deixa doente. Quero me sentir indiferente, porém não posso. Fico com a consciência culpada quando me dou conta de que ela teve um acidente. Pelo que disseram ela perdeu o controle do carro. E tudo aponta para mim como culpado por deixá-la nervosa mandando-a embora daquele jeito rude e grosseiro. Por mais que ela tenha me magoado, vê-la assim é demais para mim.

— Essa condição ainda está sendo investigada e nada fisicamente parece estar impedindo-a de voltar a enxergar. Assim como a memória está voltando, ela pode voltar a enxergar — o médico continua. — Estamos ainda fazendo exames físicos para seguir com a linha psicológica... — Ele é interrompido pela voz fraca de Samantha.

— Vá embora!

— Tudo bem, Samantha? — o médico começa a questioná-la e eu me distraio olhando-a. Seu corpo frágil me atinge tão forte, os instintos protetores, que sempre tive em relação a ela, voltam com uma força desconhecida. Minha garganta dói do esforço que faço para conter as emoções que estão tomando proporções gigantescas dentro do meu peito. A menina alegre e otimista está apagada no corpo de uma jovem mulher quebrada em cima da cama. Olho ao redor do quarto e vejo que a agente dela voltou. Ela está perto da porta olhando-me com raiva. O que diabos há com essa mulher? Ela é desagradável.

Vou até ela.

— Por que Samantha está sendo mantida escondida de todos? Qual a razão desse mistério em torno do acidente?

— Quem é você? Por acaso é da polícia, senhor O'Neal? — ela debocha jocosa.

— E se for? Quero saber o que está acontecendo. Por que alguns sites de fofocas estão especulando sobre Sam ter tomado alguma coisa ilícita para ter causado o acidente? — Baixo meu rosto para que fique bem rente ao dela.

— Não houve nada sobre isso — ela diz na defensiva. Estreito meus olhos para sua reação. — Ela não quer você aqui — ela continua dizendo isso, mas eu estou mais inclinado

a acreditar que é ela quem não me quer ao redor de Samantha. Merda, sou paranoico pra caramba. Por que diabos ela poderia não querer isso? Ela nem me conhece.

— Temo que ela não possa me impedir de ficar por aqui. — Dou um sorriso nada amigável para Zara. — Eu não sou de aceitar as coisas facilmente, então, é melhor começar a se acostumar com minha presença.

Vejo o médico ditando ordens a enfermeira e volto para junto dele, pedindo que me explique melhor o que pode estar havendo com Sam. Tenho vontade de ficar ao lado dela e conversar, mas ela parece mais tranquila e não quero mais perturbá-la. Óbvio que minha presença causou esse transtorno.

Acompanho o médico para ter uma conversa privada.

— Me explique por que ela está sem enxergar — peço ao médico quando ele me leva até um consultório e me faz sentar em uma cadeira em frente à uma mesa.

— Senhor O’Neal, como estava dizendo anteriormente, ainda estamos na fase de exames físicos, mas, pelo que vimos até agora, Samantha pode estar com “cegueira histérica”. Esse termo nem é mais usado, podemos dizer que é uma cegueira psicossomática. Sua mente está convertendo problemas emocionais em problemas físicos. Mas essa é apenas a impressão que passa. Vamos continuar com ela aqui no hospital até ter certeza que é emocional e a partir daí vamos encaminhá-la ao tratamento psicológico.

Deus!

— Faz uma semana que ela está aqui e não o tinha visto ainda — ele parece se dar conta que andei mentido.

— Estava viajando, trabalho com segurança privada e estive fora — minto de novo. Merda.

— Bem, de qualquer maneira, vamos fazer tudo que pudermos para que ela se recupere. — Ele exala exaustivamente. — O apoio de familiares agora é fundamental para ela. Conheci seus pais e acho muito bom que todas as pessoas importantes na vida dela estejam por perto.

— Claro! — Eu não sei nada sobre quem é importante para ela. Mas minha presença aqui pode não ser boa de qualquer forma. Se foi por minha causa que ela ficou assim, presa a uma cama... e nem quero pensar nela sem visão.

— ... devem ter em mente que ela pode voltar a enxergar a qualquer momento ou não — ele está dizendo, tirando-me da minha mente enlouquecida.

Quero esmagar alguma coisa para extravasar a dor que sinto por ela, por mim, por nossa história inacabada. Porque diabos isso agora?

Saio do consultório do médico e vou em direção ao quarto de Sam, mas não chego até lá. Eu preciso sair daqui ou vou fazer alguma merda sem tamanho se eu ficar e continuar vendo como ela está quebrada e frágil pra caralho.

Tudo culpa do meu maldito ego que não aceitou bem a rejeição de anos atrás e trouxe para nosso presente, causando mais dor para mim e principalmente para ela. Não quero imaginar como é perder algumas de minhas habilidades físicas e saber que ela está em estado constante de escuridão me mata.

Não quero sair daqui sem falar com ela, mas acho que agora eu só faria mais mal do que bem. Por isso faço meu caminho para fora do hospital.

Capítulo 12

Três dias depois de recuperar a memória do acidente, estou saindo do hospital. Eu não quero ficar mais aqui. Todos os exames que fiz não acusaram nenhuma anomalia que possa estar me fazendo mal. Então por que ficar aqui? O melhor que eu faço é me recuperar e adaptar a minha nova vida em casa. E é exatamente o que estou fazendo agora, mas tudo é estranho e novo. Estou parecendo um potro recém-nascido cambaleante em suas pernas fracas. Estou insegura até para dar um passo, tenho a sensação que irei cair a qualquer momento.

— Filha, você tem certeza disso? — mamãe pergunta pela milionésima vez desde que decidi ir embora do hospital, mas o que me fez decidir ir para casa são as constantes visitas de Carl. Ele tem vindo todos os dias, desde que estive aqui, e eu me lembrei do nosso encontro naquela noite fatídica. Eu não permiti que ele entrasse em meu quarto, não tive coragem de enfrentá-lo ainda. E não sei se terei. Esse sentimento de rejeição, mesmo que indevido, é forte demais para lidar.

Os médicos querem me manter aqui, mas eu sei que nada que eles fizerem irá trazer minha visão de volta. Ainda parece um sonho ruim o que está acontecendo comigo, estou sem reação. Estou anestesiada com tudo isso. Eu fico esperando o momento que a barreira vai cair e vou ficar apenas um fiasco comparado com a Samantha musicista de sucesso que eu era.

— Você fez o que pedi? — Em vez de responder sua pergunta, eu que sigo com a linha de perguntas para ela.

— Claro que em pouquíssimo tempo não pude achar um lugar melhor — minha mãe diz. — Mas, Samantha, não entendo essa sua decisão de ficar no Brasil. Você poderia ser melhor assistida em casa.

Por casa ela se refere aonde mesmo? Porque eu vivi oito anos da minha vida em hotéis espalhados pelo mundo. Qual era o ponto de manter uma casa se eu nunca estaria lá? Ela mora na Itália, exatamente em Palermo, onde junto com meu pai fixaram moradia permanente. Eu não me importava de manter os dois morando lá, afinal eu vivia para minha música. Mas eu nunca quis morar com eles, nunca foi minha vontade morar em outro país e eu sabia que um dia voltaria a morar aqui. E se esse acidente foi um empurrão nesse sentido, que assim seja.

Três dias atrás eu pedi para ela providenciar um lugar e ela deve ter trabalhado nisso com Zara, que está tão indignada com minha decisão que mal falou comigo nesses últimos dias. Ela quer, assim como minha mãe, que eu pegue um avião a vá para algum lugar me tratar. Elas não percebem que isso não será resolvido com cirurgia ou seja lá o que elas pensam que os médicos irão fazer?

Os médicos já não deixaram bem claro que tenho uma cegueira psicossomática? Ou qualquer coisa que não tenho a menor ideia do que seja? Enviaram uma psicóloga para falar comigo ontem e ela passou um bom tempo, que pareceram horas, sentada ao lado da minha cama, mas eu não falei nenhuma palavra, apesar de sua insistência.

Falar o quê? Tudo estava um caos dentro de mim. Se eu comesse a falar eu iria desmoronar de vez. Já estou uma bagunça e ficaria pior. Quando ela cansou de esperar, foi embora dizendo que voltaria hoje e viria todos os dias, só que eu não estarei mais aqui. O médico me deu alta e recomendou minha ida a um psiquiatra ou coisa que o valha. Não sei se irei.

Levantar e ir para o banheiro é a única coisa que faço, além de estar deitada nessa cama, e tem sido um desafio. No primeiro dia eu entrei em pânico. A enfermeira que estava comigo, que deve ser uma santa, manteve-se calma quando eu entrei em parafuso sem enxergar nada. Deus, isso é tão difícil e não aguento mais.

Meus olhos pinicam de lágrimas reprimidas.

— Porque ainda não saímos?

— Samantha, temos de seguir as normas do hospital. Há toda uma burocracia já que você está assumindo o risco de sair — mamãe diz com voz amável como se tivesse medo de me machucar com palavras duras. — Seja paciente, filha.

— Como quer que eu seja paciente quando estou cega, mamãe?! — grito perdendo o controle. — Diga-me!

— Eu sei que não é fácil...

Rio de sua voz condescendente. Depois paro quando percebo que ela não tem culpa da droga em que estou. Da minha agonia.

— Desculpe. Só quero sair daqui — digo por fim. — Isso é pedir muito?

— Vai sair, filha.

Capítulo 13

— Não pode entrar e deixar a paciente nervosa, senhor — a enfermeira diz parecendo um sargento na porta do quarto de Sam. — Temo que não seja possível sua entrada aqui.

Depois de, mais uma vez, ser barrado na porta do quarto de Samantha, eu volto para a empresa. Estou precisando de um trabalho que tire o meu foco dela. Entrar em seu quarto exigindo vê-la me tornará um maldito hipócrita, afinal não sei o que dizer a ela e faz pouco tempo que eu mesmo disse que não tínhamos nada para conversar. A culpa me fez ir como um louco vê-la. Saber que ela estava bem e viva, apesar de estar temporariamente cega, era um alívio. Estar com vida já é um milagre.

Quando saí, três dias atrás do hospital, fui direto para casa e passei duas horas dentro da piscina até sentir meus músculos pedirem socorro de exaustão, precisava expulsar a raiva e emoções conflituosas que estavam me matando. O quanto um homem pode se castigar com seus próprios demônios interiores? A minha vontade era bater em alguma coisa até não ter de pensar o quanto ainda quero Samantha e que vê-la no hospital me mata. Uma morte lenta para caralho.

Entro na sala de reunião onde Bruno e Alexander já estão esperando por mim e resmungo um cumprimento para eles antes mesmo de sentar em uma das cadeiras vazias ao redor da mesa.

— Alguém acordou feliz hoje, hein? — Bruno diz sarcástico. E o que ele faz aqui? Não devia estar com a mulher grávida dele?

— Carl, como está Samantha? — Alexander pergunta. — Você andou sumido desde que voltou.

Eu não queria falar de Samantha para meus amigos, eu a deixei fora da minha vida porque era onde ela realmente estava. Sempre fui um homem de poucas palavras, desde que me tornei adulto, quando mais jovem era mais espontâneo. Não foi à toa que conquistei a maior gata do colégio, mas veja no que deu.

— Está tudo bem — digo. Não quero levar meus problemas pessoais para a empresa, independentemente se eles eram meus amigos e traziam suas vidas pessoais para o trabalho. Ou melhor, o trabalho deles tinham se tornado pessoal. Lanna e Alicia, no início, tinham sido apenas mais um trabalho para a empresa. Esses caras não sabem manter seus paus nas calças. Eles são descontrolados. Eu não me vejo fazendo isso.

Trinco minha mandíbula quando penso no cara frio que me tornei. Isso era uma merda. Não me emocionava mais com atos românticos. Nunca pensei que eles mudariam suas vidas por mulheres, mas agora eram dominados por elas. Lastimável. Tenho vontade de rir de mim mesmo. Como sou hipócrita, outro dia estava correndo da cidade por causa de uma mulher. Grande exemplo eu sou, não é?

Mas eu tenho uma desculpa, Sam era meu mundo todo. Caralho! E eu a perdi de uma maneira que ainda tento entender como tudo aconteceu. Em um momento eu a tinha no outro, nada. A mulher que eu planejei amar até a morte sumiu da minha vida como fumaça.

Mas vim hoje aqui a fim de pegar um trabalho que me mantenha com a cabeça longe de Samantha.

— Quais as novidades do seu caso com Alicia? Tudo calmo? — pergunto para o burro provocador do Bruno, esse cara tem uma família que não é nada fraternal. Estava trabalhando com ele no caso, mas ele assumiu de vez já que seu irmão queria Alicia fora do mundo dos vivos. O pior é que nada podia ser provado ainda.

— Nada.

— Deni sabe que não pode fazer suas jogadas mais, sabe que estamos de olho — Alexander diz e depois se vira para mim. — Posso te colocar com o político? Ainda estou vendo um cara para trabalhar com ele.

— Claro, não estou com nada em vista. — Ótimo, Alex estava em sintonia comigo. — Eu estive pensando em um trabalho fora da cidade, mas esse está ótimo.

— Vocês vão me dizer o que está havendo com O'Neal ou não? — Bruno reclama. — Vivem falando em porra de enigmas, por acaso acham que sou algum vidente?

Acabamos rindo de sua tirada, deixando-o ainda mais bravo. — Não tem graça manter os amigos fora dos assuntos interessantes. Vocês dois são duas mulherzinhas fofoqueiras agora?

— Bruno, ninguém aqui está mantendo você na obscuridade — Alex diz rindo. — Você que é um total desligado. Deve ser o amor.

— Meu amor vai muito bem, obrigado, cara. — Ele estufa o peito. — Minhas mulheres estão todas lindas em casa esperando o papai.

— Deus! Era tão bom quando você era um puto — digo. — Esse cara meloso é tão causador de diabetes, é muito açúcar em um só pacote.

— Você é um burro, meu chapa, não sabe o que é bom, nunca nem viu uma boceta na vida. — Ele ri.

— Isso que vocês chamam de reunião? — A porta abre e o cara do TI entra. — Ficam falando de BCT o tempo todo?

— O que é tão urgente, Souza? — Alex pergunta nada amistoso, virando-se para olhar o cara. Mas ele não se intimida assim tão fácil, afinal o cara tinha sido um hacker nas forças armadas, além de um soldado treinado, portanto não iria sair correndo da carranca do Alexander.

— Calma, Marshall. Só quero falar com Carl antes que ele suma da empresa. — Ele me lança um olhar preocupado. — Antes de sair preciso falar com você. Tenho certeza que vai querer ver isso. Já estou de saída, chefe!

Antes que qualquer um pisque, ele está fora da sala.

— Que porra foi essa? — resmunga Bruno me olhando. — Trabalho extra curricular?

— Sim, o que foi isso? — Alex também pergunta curioso.

— Não sei. — Eu havia pedido para ele descobrir qualquer coisa sobre Samantha e sua agente, aliás toda essa gente que a rodeava, e ele vinha trabalhando nisso esses dias. Espero que tenha algo para mim. Esse mistério me irrita.

Estive lá hoje cedo e, mais uma vez, senti o antagonismo da agente. Sua mãe estava no quarto com Sam, mas não saiu para falar comigo. Eu agora sou a porra do inimigo. Eu que fui abandonado, estou sendo tratado como se fosse o culpado de levar um pé na bunda. Tive vontade de entrar e dizer umas verdades, mas eu já tenho minha cota de culpa para digerir. Ontem tinha falado com o médico de novo e nada tinha sido diagnosticado fisicamente para causar sua cegueira, mas ele me informou que tinha começado um tratamento psicológico. Não entendo merda nenhuma disso.

— Bem, vou ver do que se trata. — Levanto e caminho para a porta dizendo: — Alexander, me passe as informações do cliente.

— Vou pedir para Lilian falar com você — ele diz e dou um aceno em despedida.

Caminho direto para a sala de TI e encontro Souza com a cara praticamente enfiada na tela do computador.

— O que você tem para mim? — digo quando entro.

— Ei! Homem, senta aí. — Ele aponta uma cadeira de couro ao lado da mesa dele. — Você não vai gostar do que tenho aqui.

— Fale logo! — Sento e olho para a tela que ele aponta.

— Como você pediu, andei verificando as coisas com sua gata — ele diz e recebe um olhar assassino meu.

— Sem gracinha, porra! — sussurro, estou cheio das graças desses caras. Onde está a seriedade desses homens?

Ele fica sério quando vira a tela do computador para mim. Vejo uma caixa de e-mail aberta e olho para ele interrogativo.

— Essa caixa de e-mail é de Samantha Stollen — ele diz me deixando chocado. Que porra ele faz invadindo a privacidade de Samantha?

— Que merda é essa? Quem lhe autorizou a violar a privacidade dela? — berro furioso, levantando da cadeira pronto para quebrar seus dentes.

— Calma, O'Neal, estou apenas fazendo o que você pediu — ele diz. — Apenas se acalme, homem. E no fim você vai me agradecer por invadir a privacidade dela.

— Você está de brincadeira!

— Algum lunático está ameaçando sua cantora — ele diz, chamando minha atenção. Minha raiva muda de foco com suas palavras. — Ela tem recebido e-mails de alguém e não consegui rastrear porque o cara tomou cuidado. Sempre um e-mail com remetente diferente e simplesmente se perde na rede, esse cara certamente sabe que poderia ser rastreado e tomou cuidado.

— O que diz? — murmuro. — E ela não é uma cantora, é uma pianista.

— Que seja. Bem, basicamente os e-mails dizem que ela se arrependerá se parar de tocar. Tem uns bem horripilantes.

— Descobriu se ela levou para as autoridades? — Deus! Será que esse acidente foi mesmo um acidente? Com qual merda estamos lindando aqui?

— Eu não consegui descobrir isso, já que não sei onde ela mora. E na polícia eu teria que ter um tempo maior para descobrir algo. — Ele franze a testa. — Essa mulher não para nunca em algum lugar? Estive rastreando os lugares por onde ela passou e quase entrei em parafuso.

— Quais são as datas desses e-mails?

— O último que ela recebeu faz um mês — diz e começa a digitar. — O primeiro foi exatamente há um ano. O mais estranho é que esses e-mails parecem não ter uma conotação sexual como geralmente têm quando algum lunático se apaixona por essas celebridades.

— Verificou todos os outros? — pergunto friamente porque um gelo está tomando conta de mim. Quem é o maldito que está ameaçando Sam? Ele não sabe, mas é um cara morto do caralho! — Quero saber tudo, sobre todas as pessoas ao redor dela.

— Sim, já verifiquei a agente e ela está limpa — ele diz. — Mas não fui a fundo em nenhum outro, porque queria informar para você imediatamente.

Por ironia do destino enquanto estamos falando a tela apita um novo e-mail e olhamos um para o outro quando ele atualiza e verifica de quem é.

— Que merda é essa? — Ele clica para abrir sem nem pensar. — Ele acabou de mandar outro e-mail.

Olho para a tela para ver e congelo na cadeira.

“Acidentes acontecem como avisos.”

“Talvez o próximo não tenha tanta sorte.”

“Cabe a você continuar, o mundo não pode perder seu glorioso talento”.

Não tinha assinatura, nada, apenas isso.

— O’Neal, esse e-mail foi enviado aqui do Brasil para ela. Dá para verificar o IP. Veio provavelmente de uma Lan House, esse não teve nenhum cuidado. Talvez não tenha sido a mesma pessoa — diz enquanto verifica. — Não é exatamente uma ameaça, mas tipo um lembrete para não esquecer o que pode acontecer se ela parar o que quer que seja.

— Continue tentando descobrir quem é esse defunto do caralho. — Levanto tão furioso que perco um pouco o foco. Como alguém pode ameaçar uma pessoa doente e completamente indefesa como Samantha está agora?

Maldito filho da puta. Eu tenho de fazer alguma coisa.

Capítulo 14

Quando estaciono o carro em frente ao hospital, pela segunda vez hoje, estou fervendo de raiva. Como é que um covarde maldito ameaça uma mulher e, o pior, no estado em que ela se encontra? Eu sou insensível às vezes, mas tenho minha consciência para me castigar depois. Bato a porta do carro e, quando estou entrando no edifício, vejo Samantha em uma cadeira de rodas sendo empurrada por sua mãe que não vejo há muitos anos. Elas estão prestes a entrar em um carro quando me aproximo. Por que diabos ela está saindo do hospital? Ela não teria que continuar o tratamento aqui? Que droga é essa?

A mãe dela é a primeira a me ver chegando e seus olhos se arregalam, não sei se de desgosto ou advertência para não incomodar sua filha, mas eu não estou dando a mínima. O que eu quero é falar com Samantha sobre sua segurança. Mas quem me aborda é a onipresente agente.

— Senhor, já ficou claro que sua presença aqui é indesejada. — Ela vem e para na minha frente bloqueando meu caminho. — Teremos de chamar a polícia para relatar sua perseguição?

— A polícia é uma ótima ideia — digo e Samantha deve ter escutado minha voz porque vejo-a endurecer na cadeira. Viro outra vez para a agente. — Por que ela está saindo do hospital?

Não espero sua resposta porque ela não dará nenhuma, pois sua má vontade é evidente. Viro-me para Sam. Ela está frágil e ainda com algumas ataduras. Livrando-me da agente, vou até onde ela está.

— Senhora Stollen! — cumprimento com um aceno — Preciso falar com sua filha — digo apenas por reconhecimento de sua presença, pois se ela tentar me impedir de falar com Sam descobrirá que não sou muito obediente.

— Minha filha não quer sua presença, Carl — ela diz não muito satisfeita. — Agora não é o momento. Como vê, estamos indo para casa.

Por que ela não diz nada? Deixa as pessoas falarem por ela? Será que esse acidente matou o seu lado impertinente que não tinha medo de nada? Não reconheço em nada a garota por quem fui tão apaixonado. Sua apatia me abala. Não gosto de vê-la assim. Talvez ela esteja me dando um tratamento de silêncio, se assim for, é melhor do que saber que esse acidente tinha mexido com sua cabeça além do reparo. Porque sua música terá que dar

um tempo em sua vida agora. Quando me preparo para falar, um homem se junta a nós e, pelas minhas pesquisas, reconheço o tal cantorzinho que dizem ser namorado de Samantha.

— Samantha, vou colocar você no carro — ele para perto dela e eu bloqueio seu caminho. Não vou deixá-los sumirem com ela novamente. Não confio em nenhum deles.

— Eu levo Samantha para casa, tenho um assunto para discutir com ela e todos vocês — digo. Terei de falar com todos sobre essas ameaças contra Sam. — E não pode ser aqui no meio da rua.

— Não quero você perto de mim — a voz de Sam vem mais dura e olho para ela. — Não venha mais perto de mim, senhor O’Neal.

Sou senhor agora? Ela não tem ideia de quão teimoso posso ser.

— Faça questão de falar com você, Samantha. Então, vou para onde vocês estão indo. — Viro-me para sua mãe. — Onde vocês estão morando? Em algum hotel?

— Uma casa, alugamos para que Samantha possa ficar até se recuperar. — Ela não parece muito feliz por me dar essa informação, mas deve ter notado que não irei embora tão facilmente.

Vou até ao lado de Samantha e, como a porta do carro está aberta, tomo-a em meus braços e a coloco no banco do automóvel. Quando a deposito no carro, noto que ela está tremendo violentamente e lágrimas caem silenciosas por sua face. Meu próprio coração dá um nó de angústia quando a emoção toma conta de mim. Tudo ao redor desaparece e apenas vejo-a na minha frente. Sinto seu cheiro por estar tão perto, mas esse cheiro não é o mesmo que ainda tenho em minha memória. Meus olhos pinicam e eu não sou o tipo de cara emocional, não mais, ou eu achava que não era mais até vê-la e tocá-la.

— Vá embora. Por que está fazendo isso comigo? — a voz quase inaudível dela me alcança, o tom tão malditamente triste que me corta o coração. Ela agarra a frente do meu terno uma vez que ainda estou curvado para dentro do carro. — Carl, por favor, só vá embora.

— Eu não posso — digo buscando firmeza, onde eu não sei. — Eu não posso deixar você se machucar mais do que já está. — E sabendo que ela não me aceitará tão facilmente sem um bom motivo para minha presença, resolvo falar o porquê de estar aqui neste momento. — Você está em perigo, Samantha. Tive acesso a e-mails ameaçadores contra você, eu preciso de sua colaboração para discutir isso com sua família — informo baixo para que só ela ouça, não quero um pandemônio de todos.

— O quê?

— Vamos conversar quando estiver confortável em casa — digo. — Vou seguir vocês e não importa que não me queira perto.

— Mas você disse que tudo...

— Não importa o que eu disse, Sam — corto calmamente. — Importa que você tenha uma recuperação sem nenhum transtorno. Não vou deixar nada acontecer com você mais do que já fiz.

Nem que eu tenha de lutar contra eu mesmo para não magoá-la mais. Eu passei dez anos da minha vida parado no tempo por causa dela, então porque deixar alguém machucá-la? Só por cima do meu cadáver.

— Eu vou seguir você — repito e afivelo seu cinto de segurança. Bato a porta do carro fechada e digo para a mãe dela: — Estou bem atrás de vocês.

Não espero um argumento e caminho de volta para meu carro. Tomo consciência de que irei fazer a coisa mais difícil da minha vida: conviver com minha ex que não consegui esquecer e com quem não tenho nenhuma chance de voltar ao que tínhamos. Isso me deixa louco. Emoções que pensei que não sentiria mais vêm com tudo me tirando do eixo. Não sei se essa é uma boa ideia, me intrometer em sua vida assim, mas, porra, eu não sei ser normal quando Sam está envolvida. Perco a razão e sigo meu coração traiçoeiro. Seu pranto silencioso era mais preocupante do que se ela estivesse em um choro violento. Minha capacidade de derreter em uma poça por ela era chocante.

Quando sento no meu carro, jogo minha cabeça para trás no encosto do banco e respiro fundo. Vejo quando eles começam a sair do estacionamento do hospital. Ligo meu carro e sigo-os.

Eu sou um homem fodido. Estou cavando minha própria infelicidade por me envolver de novo com ela, porque eu sei que se ficar por perto dificilmente vou resistir. Sim, isso mostra quão fraco sou. Minha casca durona é apenas para os outros de fora. Mas isso não é o que vim fazer aqui, sua segurança é prioridade.

Capítulo 15

A sensação de desalento que eu estava sentindo ao sair do hospital é totalmente nova para mim. É escuro e sem rumo. Estou tentando me acostumar quando escuto o som da voz de Carl. Deus, por que ele não desiste? Por que insiste em vir aqui jogar sal na ferida aberta? Permaneço quieta, mas todo meu corpo está duro de expectativa e medo. Quero dar tratamento de silêncio, talvez assim ele me deixe em paz.

Mal escuto o que ele está dizendo para minha mãe, ainda estou desorientada, sem costume de usar os outros sentidos para me orientar. Sinto-me perdida. Tudo parece tão diferente. Minha coordenação motora ainda não foi testada por ter ficado deitada direto e um dos braços está imobilizado por causa do punho machucado. Eu penso, a cada minuto do dia, como é que vou aprender a conviver com minhas limitações. Deus, pode uma pessoa enlouquecer de tanto pensar? Tanto barulho... Parece uma cacofonia de todos os lados. Não ter noção de onde se está é tão assustador. Se minha mãe não estivesse aqui comigo estaria gritando a plenos pulmões, no entanto ela não saiu de perto de mim. Sou grata, passa-me a sensação de segurança que não tenho mais.

Estou tão distraída que quando braços fortes me pegam eu começo a tremer descontroladamente. Sinto o cheiro e sei que é ele me segurando, colocando-me no que imagino ser o banco do carro. Eu quero passar os braços por seus ombros e me agarrar nele até a eternidade, mas não faço nada disso. Eu não esqueci sua rejeição. Os acontecimentos daquela noite ainda queimam dentro do meu cérebro como veneno. Eu perdi a visão, mas vejo cada cena nitidamente atrás das minhas pálpebras.

O toque dele agora inflama na minha pele como brasa ardente fazendo-me chorar pela minha realidade. As lágrimas silenciosas molham meu rosto e eu não me contenho mais, quero falar com ele, pedir que me deixe em paz, deixe-me com minha dor.

— Vá embora, por que está fazendo isso comigo? — balbucio agarrando com minha mão livre sua roupa, trazendo-o para mais perto de mim. — Carl, por favor, só vá embora.

Não suporto tê-lo aqui assim e não poder abraçá-lo como desejei fazer quando desci daquele avião na semana passada.

— Eu não posso — ele diz. A sua voz é como um bálsamo para mim, tenho tanta saudade de escutá-la. — Eu não posso deixar você se machucar mais do que já está. — O que ele está dizendo? — Você está em perigo, Samantha. Tive acesso a e-mails ameaçadores contra você, eu preciso de sua colaboração para discutir isso com sua família.

— O quê? — Como ele descobriu sobre os e-mails? O que ele sabe?

— Vamos falar sobre isso quando estiver confortável em casa — ele continua. — Vou seguir vocês e não importa que não me queira perto.

— Mas você disse que tudo...

— Não importa o que eu disse, Sam — fala, impedindo-me de continuar. — Importa que você tenha uma recuperação sem nenhum transtorno. Não vou deixar nada acontecer com você.

Sinto suas mãos tocando na lateral do meu corpo e um arrepio passa por mim. Seu perfume masculino penetra minhas narinas e inalo como um elixir. Não sei se o terei assim tão perto de mim outra vez. Minhas lágrimas agora são mais fortes. Ah, eu ainda o amo tanto!

Sinto o calor se afastar e o barulho da porta sendo fechada. Nem se despediu de mim. Meu soluço inaudível é doloroso porque eu não tenho direito de chorar por nada, engulo minha dor e foco no que ele falou sobre as ameaças. Essas ameaças são velhas, não devem ser nada. Nunca aconteceu algo que pudesse me deixar temerosa, não sei por que ele está se metendo nisso.

Reprimo minhas lágrimas e suspiro. Meu emocional está em frangalhos. É apenas o acúmulo de emoções e acontecimentos desde que desembarquei aqui. Digo para mim mesma quando encosto minha cabeça no banco. Sou prisioneira da escuridão, talvez esse seja o castigo por meus pecados.

Percebo que os outros estão entrando no carro e a voz de Pietro vem do lado do motorista. Sua mão toca a minha que está enrolada em punho no meu colo.

— O que esse homem quer com a Sam? — ele parece chateado, não me incomodo em responder.

— Ele disse que tem algo para falar conosco, pode ser algo ligado ao acidente de Samantha — mamãe diz. — Vamos ver o que ele tem a dizer, soube que ele trabalha com segurança privada. Pode ter alguma razão para o carro se descontrolar da forma que...

— Ele é o único culpado de tudo — diz Zara de algum lugar, não atino de que lado vem.

— Do que está falando? — mamãe indaga. — Como esse rapaz pode ser responsável pelo acidente? Explique-se, Zara.

— Não vamos falar disso agora — Zara reponde. Por quê? Só por que estou aqui? Por que ela se acha no direito de intervir sempre que pode na minha vida? Estou cansada disso.

— Claro — ouço mamãe concordar. Odeio essa sensação de que estão falando em código para não ofender a cega.

— Não se incomodem por mim — digo jocosamente. Eles mudam de assunto falando da casa que iremos morar e não tocam mais no nome de Carl.

?

Como não sei mais a noção de tempo, depois do que parece uma eternidade ouço mamãe falar que chegamos ao nosso destino. O carro para e, não se passa nem um minuto, a porta do meu lado é aberta.

— Vou pegar você, Sam — Carl fala perto de mim. Como ele chegou tão rápido aqui? Ele tinha super poderes que eu não sabia?

— Senhor, eu posso muito bem levar minha noiva — Pietro está dizendo com a voz postada de tenor, mas Carl parece não se importar com sua revelação. Noiva? É outra coisa que está me chateando, essa mania de Pietro gritar aos quatros ventos que somos um casal, o que não é verdade. Sair para jantar algumas vezes não fez de nós um casal. Que chateação!

— Me ponha na cadeira — peço quando Carl me toma outra vez nos braços, ele acomoda meu braço são em volta de seu pescoço e começa a caminhar. Para aonde? Não sei. — Onde estamos indo?

— Para dentro de sua nova casa. E não tem cadeira, acho que aquela era do hospital — ele diz, seu hálito batendo no meu rosto e a única coisa que faço é deitar minha cabeça em seu ombro.

O ar frio da casa me indica que entramos. Quando penso que ele irá me colocar na sala, pergunta:

— Qual é o quarto onde ela ficará? — Não tenho noção à quem ele está perguntando, mas é a voz de papai que ouço responder:

— Vamos deixá-la aqui no térreo. — Carl começa a me levar para o que parece ser o tal quarto e, segundos depois, ele me deposita na cama. Sinto falta dos seus braços ao redor de mim quando ele levanta.

— Obrigada, Carl, daqui em diante posso lidar com minha filha. — Mamãe deve ter vindo atrás de nós.

— Sinto contradizê-la, senhora, mas preciso falar a sós com Sam — Carl diz. — Peço licença aos senhores, pois é uma conversa particular.

Ele está louco? Como pode falar assim com meus pais. Mas eu estou curiosa sobre o que ele quer falar comigo. Não tenho mais saco de ser regida por todos à minha volta. Não sou uma inválida. Cega, mas não inválida.

— Não é hora para isso, meu rapaz. Minha filha acabou de chegar do hospital, caso não tenha notado, precisa descansar e não discutir algum assunto importante que não pode esperar. — Mamãe está chateada, é óbvio pelo seu tom de voz.

— Está tudo bem, mãe — rebelo-me por fim. — Eu vou falar com ele, ainda não estou morta para que não tenha opinião própria.

— Eu já estava ficando preocupado — Carl fala surpreendendo-me com o tom leve. Será que ele não é mais o homem de gelo que demonstrou para mim naquele dia? Mas do que ele estava falando?

— Ainda acho que pode esperar, você precisa pensar em si mesma, Sam — ela insiste.

— Vamos, querida, o quanto antes isso acabar mais rápido Sam poderá descansar — papai diz, sensato como sempre.

Ouçó a porta bater e procuro ficar o mais confortável nessa cama, mas o colchão mole atrapalha meus movimentos para me firmar. Mamãe havia dito que papai tinha passado muito tempo aqui com alguns profissionais adaptando a casa para mim, por isso ele não tinha ido ao hospital desde que manifestei minha intenção de ficar no Brasil.

— Venha aqui, deixe eu ajudar — a voz de Carl está bem perto e, segundos depois, está ajeitando os travesseiros atrás de mim para me deixar em uma posição confortável.

— Obrigada — sussurro e depois pigarreio um pouco constrangida que um simples ato da parte dele pode me deixar tão dócil.

— Não há de quê, Samantha. — Ele parece frio porque sua voz não deixa nada transparecer. Gostaria tanto de ver seu rosto. Eu queria tanto vê-lo outra vez um dia e quando o tenho aqui, tão perto, isso é tirado de mim. — Você precisa de alguma coisa?

Era pena na voz dele? Por isto que ele estava aqui? Com pena de mim?

— O que você quer de mim, Carl? — pergunto quando o silêncio se estende e não sei o que ele está fazendo. Essa é a pior das sensações. — Não acredito que você saiu do seu caminho para ficar apenas aqui me olhando.

— Não sabe se estou olhando para você — ele diz. — Mas acertou, estava olhando para você.

— O que quer falar? — Ignoro sua tentativa de fazer graça porque quero que ele vá embora.

— O que sabe sobre essa pessoa que está enviando e-mails para você? É um fã? — ele pergunta sem muita enrolação.

— Como sabe sobre os e-mails? Pedi para Zara deixar isso quieto — digo chateada que ela desobedeceu uma ordem direta minha. Que droga! Porque ela não faz apenas o papel de agente como já pedi tantas vezes? Por que tem de se intrometer na minha vida tanto assim?

— Não foi Zara que me disse, na verdade, descobri sozinho — ele continua. — Por que não relatou a polícia?

— Não era necessário.

— O quê? Acha normal receber ameaças de uma pessoa desequilibrada que acredita que você não pode parar nunca de fazer shows? Em que mundo você vive, Samantha?

— Não é da sua conta o que eu faço e, não faço shows, faço concertos — digo baixo. — Você não quer saber, esqueceu? — Não deixo de alfinetar.

— Bem, agora faço ser da minha conta — fala com a voz exaltada, fazendo-me recuar um pouco. Ele estava gritando comigo? Sério? Ao menos não me trata como se eu fosse uma “demente” como os outros.

— Não é nada, apenas um louco que acha que devo morrer em cima de um piano — digo como uma piada, mas acho que o momento não é legal pois o silêncio que se segue as minhas palavras me deixa inquieta. — Como disse, não é nada demais, esses e-mails começaram há mais de seis meses, não devem ser nada, apenas mais um louco que ameaça artistas.

— Você realmente acredita nisso? Devia se preocupar mais com você mesma e esquecer a porra da música apenas por cinco segundos da sua vida. — O rancor da voz dele me bate com violência.

Bem, estava aí a mágoa. Ele odeia minha música.

Capítulo 16

Ele está aqui por quê? Se sente tanta raiva do que escolhi fazer? Da minha profissão?

Eu finjo que o tom profundo e forte da sua voz não me machucar. Eu queria poder olhar em seus olhos agora. Queria apenas um vislumbre dele. Isso me quebra por dentro, talvez eu nunca mais vá vê-lo outra vez.

Estou sendo complacente com minha situação? Pode ser. Desde que eu perdi a visão tudo tem sido diferente. O pensamento parece me sufocar e concentro-me nele. É uma tortura tentar imaginar o cenário a minha volta. A sensação de estar perdida em um espaço vazio é agonizante. Tento manter minha mente no aqui e agora, concentrar-me no que ele quer falar, mas é tão difícil. Quero vê-lo, minha última visão dele estava distorcida por lágrimas e desespero por suas palavras duras. E, agora, ele ainda estava usando esse mesmo tom. Sinto a dor me atravessando, deixando mais fundo o buraco no meu peito no lugar que meu coração deveria estar.

— Eu queria um encerramento quando te procurei, Carl. — Eu me vejo murmurando quando o silêncio se estende depois de suas palavras. — Eu sei que você me odeia. Mas eu não odeio você por não esperar. Eu fui a primeira a desistir de nós, mas era por pouco tempo.

Eu tento puxar o assunto que me levou à sua casa, acreditando que essa é minha oportunidade de conversar já que ele está aqui, mas ele me corta.

— Não vim aqui falar do passado, Samantha. Vim tentar descobrir o que está acontecendo, apesar de tudo. Por que diabos a polícia não foi notificada das ameaças que você recebeu? — diz sem dar nenhuma chance de eu retrucar. Ignora minhas palavras com facilidade. Foi assim há dez anos. Eu não merecia um ano de espera? Eu sei que não cumpri com nosso acordo quando parti, mas era só mais um pouco de tempo longe e ele me odeia por isso.

— Então...? — Noto que ele está esperando minha resposta.

— Zara tem cuidado disso, não chega mais nada até mim.

— Não estou acreditando que estou escutando isso. Confia sua integridade física a uma mulher?

— Mulheres também sabem se cuidar — digo amarga. — Estou viva, não estou? Portanto não perca sua noite de sono por mim, Carl.

— Jesus!

— Não tem nada demais nisso, receber ameaças faz parte, têm muitos loucos por aí.

— Sério? E como esse louco sabe seu e-mail pessoal? — ele pergunta e chama minha atenção. Nunca tinha imaginado quem poderia ter conhecimento de meus dados pessoais, já que não era divulgado. Meu e-mail comercial, sim, era de conhecimento de todos. Zara

que tem total acesso a ele, afinal ela que cuida de tudo para mim desde que saí da escola de música. — E por que essa pessoa acha que você vai parar de tocar?

— Talvez — digo sem emoção —, essa era para ser minha última turnê. Bem, de qualquer forma, como irei tocar de novo? No fim não precisarei decidir, não é? Deve ser o castigo de ter deixado você pela minha música.

Dou um riso irônico. Ele continua calado e eu continuo:

— Mas você também me deixou, Carl — eu digo e sinto as picadas de lágrimas começando outra vez. Será que nunca vou deixar de chorar?

— Samantha, eu não sei que jogo você está fazendo — ele diz agora bem próximo a mim.

— Não faço jogos com você, nunca joguei — minha voz sai em um grito angustiado. — Eu apenas pedi um tempo!

— Você com isso de novo?! Tempo? Não era de tempo que falava aquela carta, Samantha! — ele levanta sua voz também. — Falava de outra coisa bem diferente. E não quero ouvir nada agora. Suas mentiras não mudarão nada, então não venha com mais conversa para mim!

— Carl! — chamo, mas ouço seus passos se afastando. — Carl!

Eu fico chamando seu nome, mas em vão, ele não volta. Estou soluçando igual um bebê de novo. Por que tudo tem de ser assim com a gente? Por que tudo tem de ser tão complicado?

— Filha — ouço mamãe correr para dentro do quarto.

— Não quero ver ninguém! — grito e me dou conta que já não posso ver ninguém. Que ironia! — Saia!

— Precisa de companhia, filha, de mim — ela diz quando senta na cama.

— Quero ficar sozinha, por favor!

— O que ele disse para te deixar assim? Esse homem não é bom para você, filha! — ela está falando e me irrita além do imaginável.

— Saiaaa! — meu grito rasga meu coração. — Vocês me sufocam, quero que todos saíam. Vão embora, me deixem! Quero todos fora dessa casa!

Não sei o que estou dizendo, apenas não os quero aqui. Não posso dar um passo sozinha. Não suporto mais e meu choro me tritura, torce-me em dor e agonia. Ela se mantém calada e, depois de um momento de silêncio, onde apenas meus soluços são ouvidos, ela diz:

— Não pode ficar só. Sabe disso!

— Saia, mamãe! Não quero magoar você! — Sim, ela pode sofrer com as palavras que posso dizer a qualquer minuto se ela não sair. Minha garganta está dolorida para pôr tudo para fora. Quando vão parar de tentar dizer o que tenho de fazer?

Até um desconhecido acha que pode ditar quando devo parar de tocar piano.

— Diga a Zara que venha aqui — vocifero.

— Filha, não faça nada precipitado. Sua vida agora está um caos, mas vai melhorar, acredite — mamãe insiste. — Vai voltar à sua carreira, eu sei que isso deve estar matando você, mas sua carreira não acabou. Eu sei que você não quer demonstrar seu sofrimento, mas a dor que está em seu rosto dói em mim também, minha querida.

Começo a rir e chorar na mesma medida. Choro de raiva de mim mesma. Sou tão idiota! O que ela sabe sobre mim? O que ela pensa que sabe? Porque em nenhum momento ela pergunta o que eu quero para mim.

Acha que eu quero continuar sozinha mais dez anos da minha vida?

— Chame Zara!

— Claro que sim. — Sinto o colchão se mexer quando ela levanta. — Devia se acalmar primeiro. Você acabou de chegar do hospital, melhor tomar um banho e descansar.

— Mamãe — digo em tom de aviso.

Escuto seu suspiro frustrado, seus passos e, depois, o silêncio. Eu me sinto separada da minha própria vida. Na escuridão agora onde vivo.

Capítulo 17

Saio furioso do quarto de Samantha. Deus! Não quero falar do passado agora, por que ela insiste? Quer me magoar mais? Que inferno! Ela estava doente, quebrada e descontrolou-me. Não me comporto como um homem de verdade. Não, eu grito e saio como um moleque. Como fiz quando recebi sua carta, simplesmente aceitei sem questionamentos e fui para o exército curar minha maldita dor.

Bato a palma da mão no volante até quase quebrar. Minha frustração não tem limite. Estou descontrolado. Jesus! Por que ela faz isso comigo e por que permito que ela tenha esse efeito sobre mim?

Fraqueza! Sou fraco e isso me deixa ainda mais furioso. Quero apenas falar do agora, de sua segurança que está me deixando com o cabelo arrepiado de tanto nervoso, e ela vem com essa conversa de novo. O passado fica onde está, no passado, merda!

Ligo o carro e dou uma olhada na casa. Passei por todos que estavam sentados na sala. Deveria ter parado e falado sobre a ameaça à Sam, mas passei reto por eles. Agora tenho que fazer alguma coisa sobre esses e-mails.

Vou à delegacia de polícia conversar com meu amigo detetive Rogers Santoro. Ele pode fazer alguma coisa dentro da lei por ela. As coisas que eu já fiz, como invadir sua conta, não são legais.

Ele me recebe em sua sala e nos cumprimentamos com um aperto de mão.

— Você deveria ter ligado, estou quase saindo — ele diz e aponta para a cadeira na frente de sua mesa. Quando estou acomodado na cadeira nada confortável, ele continua. — O que aconteceu, cara, para você vir aqui me pedir socorro?

Ele está brincando, claro. Conheço Roger desde a época que nos alistamos e tínhamos uma certa amizade, não como tenho com meus melhores amigos, mas sempre mantivemos contato, já que estamos nessa mesma linha de trabalho.

— Preciso de um conselho sobre um caso — começo. — Um caso de ameaça por e-mail.

— Você veio fazer a denúncia? Caso seja isso vou chamar...

— Não é contra mim — digo fazendo-o parar. — Uma amiga tem recebido ameaças. Ela não fez nenhuma denúncia.

— Bom, ela tem de prestar queixa, se não, não se pode fazer nada. Ela é cliente da sua empresa?

— Não, quer dizer, pode se tornar caso isso se agrave e tivermos de tomar precaução sobre o fato.

— Peça que ela preste uma denúncia o quanto antes, não a deixe pensar que é bobagem, esse é o maior erro de vítimas de ameaças desse tipo, achar que é apenas um maluco querendo botar medo.

Exatamente o que ela pensa, que não é nada, que é bobagem.

— Ela é uma pessoa famosa e não acha que seja algo perigoso. Pode ser um fã?

— Tem de ser investigado, Carl. Pode ser um fã ou pode ser qualquer outra pessoa. Depende do teor das ameaças.

— Basicamente que ela não deve encerrar sua carreira artística. Tenho uma pessoa tentando recuperar os e-mails deletados, não sei se ele vai conseguir — digo. — Precisamos descobrir até onde vão essas ameaças.

— Deixe isso para a polícia, Carl — ele diz, mas dou de ombros. Sempre que queremos resolver algo para um cliente na empresa quase nunca recorremos à polícia.

Logo depois Rogers recebe uma ligação e precisa sair rapidamente. Encerramos nossa conversa.

— Me passe os dados depois que irei investigar isso paralelamente se achar que o caso merece uma atenção urgente, mas não posso tornar oficial se não tenho um caso concreto — ele diz quando levanto para sair. — Diga a sua amiga que vá à delegacia de crimes virtuais, que é especialista nesses casos, e abra uma ocorrência.

— Claro que sim.

Saio com uma decisão para ser tomada, mas dúvidas ainda persistem. Tenho de amadurecer isso. Não adianta me envolver com os problemas de Sam e achar que não podemos nos machucar mais, porque isso está bem na cara. Nós nem arranhamos a superfície de nossos problemas.

Já mais calmo, eu volto para a casa de Sam, quero falar com seus pais e com ela de novo, mas agora eu vou tentar agir com maturidade e discernimento de um soldado. Deixar-me levar por sentimentos é pedir por problemas.

Paro o carro e sigo direto para sua porta. Bato e, pouco depois, seu pai abre para mim.

— O senhor aqui de novo? — Ele fica vermelho de raiva quando me vê. — Não acha que já fez estrago demais para um dia, senhor O'Neal?

— Não tenho tempo para isso, senhor, preciso falar com você sobre a Samantha. — Entro sem ser convidado e vou para sala de estar onde parece que um pandemônio atingiu todos. A agente de Sam está furiosa caminhando de um lado a outro na sala. Ela tem um celular na mão e digita furiosamente nele. O cantor está sentado com cara de enterro em uma poltrona ao lado do sofá onde a mãe de Sam está com lágrimas escorrendo pelo rosto — O que está havendo?

Zara vira-se para mim como um raio. Ela tira os olhos do aparelho, encarando-me com desgosto.

— O que diabos você ainda quer aqui? Isso é tudo culpa sua! — ela grita e eu franzo a testa me perguntando o que Samantha tem na cabeça para ter uma pessoa desequilibrada dessa como agente. E como ela consegue ter uma carreira de sucesso nas mãos de uma mulher que mostra não ter o menor equilíbrio? — Você sempre mexe com a cabeça dela.

Não sei de que merda ela está falando, mas pouco me importo. E nem quero saber.

— Não vim aqui para me preocupar com você — digo fazendo pouco caso de sua explosão. — Quero saber por que vocês todos não deram queixa das ameaças que Samantha vem recebendo há mais de um ano?

Todos ficam calados, olhando para mim como se eu estivesse falando chinês.

Viro para olhar sua mãe que têm os olhos arregalados. Todos parecem surpresos, talvez por que eu saiba disso?

— Então, senhor Stollen, porque não convenceu sua filha a prestar queixa sobre essas ameaças?

— Não sabemos nada sobre isso. — A mãe dela afunda mais no sofá. — Do que ele está falando, Zara?

É o que quero saber. O porquê uma agente não aconselha sua cliente a prestar queixa sobre uma ameaça.

— Sim, Zara, diga-nos por que sua cliente, que você cuida com tanto esmero, não foi a uma delegacia, quando é o correto a fazer?

— Não posso convencer Sam a fazer tudo — diz de queixo erguido. — Eu faço meu papel, senhor O'Neal, cabe a ela aceitar.

Tenho vontade de rir, ela não me desce. Sua dominância sobre a vida de Sam me incomoda. Eu só estou há quatro dias ao redor delas e já estou enjoado. Merda, isso só faz minha ideia louca mais certa.

— Bem — digo mansamente. — Eu aconselho a fazerem algo sobre isso. — Começo a caminhar para o quarto de Sam e digo por cima do ombro: — A delegacia mais próxima, Zara, fica a cinco quarteirões daqui.

Eles não ficaram muito preocupados com a notícia. Povo estranho. Parecem não estar preocupados que esse perseguidor possa machucar Samantha.

— O'Neal, aqui não é sua casa para entrar e agir como se fosse o dono — diz o cantor insignificante levantando seu traseiro da poltrona. — Saia agora. Esse é um assunto de família que tem de ser tratado entre os membros.

Eu não sou de gargalhar muito, é muito raro. A coisa realmente tem de ser engraçada para arrancar um sorriso meu. Mas as palavras do almofadinha me fazem rir fortemente.

— Então, o que está fazendo aqui? — digo depois que meu sorriso some. Olho-o duramente e me viro para sair da sala.

O quarto está na penumbra e Samantha aparenta estar adormecida. Caminho lentamente até ao lado da cama e a observo. Sim, ela está dormindo. Ela parece atribulada, suas feições estão franzidas, como se ela tivesse ido dormir preocupada. As marcas de

lágrimas em seu rosto indicam que ela chorou. Merda, devo tê-la feito chorar por sair tempestuosamente mais cedo.

Não me contenho e sento na beira do colchão e velo seu sono. Uma dor aguda me atravessa enquanto a observo. Minha mandíbula dói de tanto apertar. A vontade de me inclinar e beijar seus lábios é quase impossível de controlar. Levanto minha mão e retiro uma mecha de cabelos castanhos de seu rosto que ainda tem uma coloração amarelada da pancada na cabeça. Ela se mexe fazendo-me retirar a mão. Um gemido escapa de seus lábios e ela abre os olhos que estão nadando sem rumo. Seus olhos claros sem foco me machucam por ela estar presa na escuridão.

— Quem está aí? — sua voz é temerosa e só faz meu coração apertar ainda mais. — Carl, é você?

— Sim — digo e me pergunto como ela sabe. — Você está bem?

— Sim — responde e tenta ficar sentada sem sucesso, o punho e pernas machucados impossibilitando seus movimentos. Eu ajudo-a sentar e volto sentando-me ao lado dela. — Por que voltou?

— Precisamos conversar como adultos, Samantha — digo humilde, porque estou me sentido um troglodita por ter gritado com ela mais cedo. — Desculpe por meu descontrole.

— Tudo bem, eu também estava forçando a barra com você. — Ela torce as mãos juntas no seu colo.

— Você precisa de alguma coisa? Ir ao banheiro? — ofereço e ela balança a cabeça. — Ok.

Ficamos em silêncio, um silêncio que é mais alto que um show de rock. Ela limpa a garganta e se mexe desconfortavelmente, e eu sou um sádico porque a deixo se contorcendo por um bom tempo antes de dizer:

— Quero que vá a uma delegacia e preste um depoimento. Nas suas condições eu posso fazer com que isso aconteça aqui. Trago um detetive, amigo meu, e ele pode agilizar as coisas.

— Não vou prestar depoimento, não tenho motivos para fazer isso. Não vou tocar mais, Carl, para que o desgaste disso tudo? — ela fala teimosa.

— Que inferno, Samantha! Você pode se machucar por causa dessa teimosia. — Frustração queima dentro de mim.

— Nada pode me machucar mais do que já estou — profere resignada e infeliz em seu tom. — O que mais posso perder?

Porra! Não quero ter que dizer essas coisas para ela. Mas ser duro agora talvez seja o melhor. Por isso discorro com cautela.

— Sua vida, para começar. Não ache que perder a visão é o fim da linha, Samantha. Milhões de pessoas no mundo vivem nessas condições e nem por isso desejam a morte. Pensei que você fosse mais forte que isso.

— Fácil falar, não é? Eu não posso fazer mais algo que amo. Como posso realizar um desejo antigo se não enxergo um palmo à minha frente? — pergunta.

— Aprendendo! Adaptando-se. E não ache que isso é para sempre. — Sem me conter, seguro seus ombros delicados. — Não te reconheço mais, Samantha. Onde foi parar a menina que desistiu de nós por que tinha um sonho?

Ela suga uma respiração e seu queixo treme, mas eu continuo. — Tenho uma proposta para você.

Que Deus me ajude! Estou prestes a cometer meu pior ato de loucura, apenas por que estou me sentido responsável por ela? Por esse acidente ou por que ainda a quero perto de mim?

— O quê? — sua voz sai com um quê de curiosidade.

— Preciso que confie em mim. — Fecho meus olhos, o que estou fazendo? Porra, não faça isso, Carl O'Neal. Você pegou a porra da doença de Alexander e Bruno? É isso? Minha briga pessoal não me impede de dizer: — Quero que venha comigo. Eu posso proteger você até que tudo se resolva.

Estou muito fodido. Adoro sofrer, porra!

Capítulo 18

— O que disse? — Mas o que ele estava falando? Como ele ainda quer ficar perto de mim?

— Quero que fique segura, Samantha — ele continua tão calmo, como se fôssemos um casal e não um ex-casal mal resolvido. — Veja bem, essa pessoa não quer que você pare de tocar. Então você, quer queira quer não, vai parar e essa pessoa pode se descontrolar e fazer algo. E, pelo que li naquele email, esse acidente pode ter sido provocado ou a pessoa viu aí uma oportunidade de te ameaçar e pode muito bem fazer algo pior.

— Por que faria isso por mim? — pergunto — Você não tem que fazer nada por mim, Carl... Você nem gosta de mim.

— Não tenho de fazer mesmo, porém faria para qualquer um que estivesse passando pelo que você está, Samantha — ele diz e sinto um toque de emoção em seu tom. — Não quero pensar mais tarde, se qualquer coisa acontecer com você, que eu podia ter feito algo e não fiz. Seguimos caminhos diferentes, no entanto não quero vê-la ferida mais do que já está.

— E para aonde iremos? — rio sem humor. — Acho que não está prestando atenção na minha condição, Carl. Estou toda quebrada e cega, dependendo de outras pessoas para as coisas mais básicas. Não posso aceitar. Eu agradeço.

— Não estou dando muita opção para você declinar, Samantha. Tem que aceitar, é o mais sensato a fazer quando você não sabe de onde pode surgir um louco querendo te fazer mal — ele fala severo. — Você terá que vir comigo.

— Você se escuta falando? É tão contraditório de há duas semanas atrás — retruco ficando com raiva de sua teimosia. — Tenho meus pais que podem cuidar do meu bem-estar.

— Vem comigo e esqueça duas semanas atrás, eu não quero falar sobre isso — diz resolutivo e estou inclinada a acreditar que ele pode me levar com ele a força. Bom, eu estaria mentindo se dissesse que não quero ficar perto dele, mas não nessas condições. Com ele se sentindo culpado pelo acidente, como Zara estava proferindo para todo o mundo.

— Carl, eu não culpo você pelo acidente, culpo a mim mesma. — Estendo minha mão tentando alcançá-lo sem sucesso. — Eu nunca iria culpar você por nada. Meus sentimentos por você, eles sempre foram reais...

— Seus sentimentos? Não quero saber deles, Samantha — ele diz com voz acentuada diluída com escárnio. — A minha única preocupação é manter sua segurança e faço isso porque me sinto responsável por seu acidente. Por isso estou aqui, não ache que estou por outra razão a não ser ter certeza que tudo estará bem com você.

Esperança! Não sabia que a acalentava em meu peito até aquele momento. E ela acabou de morrer. Ele não se importa. Sou tão ingênua. Eu deveria ser mais durona. Sua preocupação nada tem a ver conosco, mas com sua própria consciência. Bem, que assim seja. Eu vivi todos esses anos sem ele. Posso viver mais cem.

— Não coloque palavras em minha boca, Carl O'Neal. — Digo enérgica. Não vou permitir mais que as pessoas venham aqui e determinem minha vida, como tenho deixado tudo para Zara resolver e ficando focada na música, mas eu nunca tive nada além da música para viver. Se eu tocasse e tocasse, não me importava com mais nada. Agora eu não tenho a música para me manter sã e eu terei de tomar as rédeas da minha vida outra vez.

Ter anunciado mais cedo à Zara meu afastamento definitivo, desencadeou um turbilhão de coisas desagradáveis. Zara era totalmente contra a minha decisão. Mas qual era o ponto se não sei se irei enxergar a luz do dia novamente? Eu achei que seria mais difícil, a decisão de largar dez anos de total dedicação, mas estava me sentindo mais leve, um peso tinha sido tirado de mim. Eu posso fazer outras coisas, se eu quiser, só tenho de aprender a lidar com minhas limitações. Chega de permitir que governem minha carreira como se eu não fosse humana e sim um robô que seguisse ordem. Eu consenti tudo isso porque eu não me importava com nada. Mas agora estou vendo o quanto fui permissiva com tudo.

— Eu agradeço sua preocupação, Carl, mas terei que recusar ir com você. — Recusar ir com ele é como arrancar um pedaço de mim mesma, porque era o que sempre almejei. — Se você não se importa, eu preciso que minha mãe me ajude ir ao banheiro.

— Não vou sair daqui sem que tenha certeza que se manterá segura — diz teimoso. Que droga, eu não me lembro de um Carl assim, ele era tão permissivo comigo, fazendo sempre com que meus desejos tornassem realidade. Agora ele é sempre duro e isso me mata um pouco cada vez que ele fala comigo dessa forma.

— Eu preciso usar o banheiro, chame minha mãe — digo ignorando-o. Percebo ele se aproximando de mim e fico tensa.

— Venha, ajudo você — ele fala com suavidade, contrastando com seu tom anterior, e meu coração começa uma corrida louca em meu peito quando sinto-o tocando minha mão.

— Claro que não, não vou ao banheiro com você. — Fico apavorada de fazer minhas necessidades com ele olhando, ainda mais não conseguindo nem tirar a roupa. Que vergonha! — Chame a mamãe, por favor.

— Samantha — ele chama com carinho surpreendente, fazendo-me parar e escutá-lo. — Vou levá-la e quando estiver acomodada, eu saio sem problema. Venha.

Minha mãe tinha me ajudado a colocar uma camisola de algodão, mas eu me imaginei completamente nua na frente dele. Por mais que um dia nós fomos íntimos, dez anos se passaram, eu não tinha mais dezoito anos, nem corpo de uma garota, e somos completos desconhecidos agora. Mas, mesmo toda quebrada, a fagulha de excitação ainda existe. Carl sempre teve certo efeito sobre mim, os mais deliciosos que posso lembrar. Ele sempre foi meu único amor e acho que vou morrer amando-o. Pode um amor durar todo esse tempo e ainda por cima depois da nossa história?

— Venha, Samantha. Vou pegar você, será mais rápido. — Sinto seus braços por baixo das minhas coxas e atrás das costas. Meu instinto é me agarrar nele, mas fica difícil quando se tem apenas uma mão sã. Ele me carrega para o banheiro e coloca-me de pé ainda me segurando para que eu não caia. Deus, que situação. Essa será minha vida daqui para frente, depender de outras pessoas para tudo? Um nó fecha minha garganta, mas eu não me permito chorar mais. Eu sinto como se um peso de dez toneladas estivesse em cima de mim. — Vai ficar tudo bem, Samantha.

A voz dele só faz o nó em minha garganta aumentar. Não quero sua piedade. Eu quero seu perdão, porque eu já o perdoei faz tanto tempo. E ele está levando dez anos para fazer algo que fiz em menos de um ano depois. Ele agora me chama de Samantha, tão diferente da forma carinhosa que me chamava no passado, de uma forma única em um mundo repleto de outras mulheres talvez muito mais lindas que eu. Mas eu o amava, nós nos amávamos.

Eu lembro do sorriso irresistível que se espalhava em seu rosto cada vez que ele me avistava indo em sua direção, sua covinha no queixo era algo que me deixava quente em todos os lugares. Porém, tudo isso ficou perdido lá atrás quando eu resolvi que a música era meu caminho. Que pensei que o amor que sentíamos poderia ser maior que tudo. Estava enganada, ele não soube entender e muito menos esperar antes de partir para o exército sem dizer nada a ninguém e, bem, eu só soube que eram as forças armadas porque Zara me disse quase dois anos depois. Mas eu entendi que ele não gostou quando quebrei nosso acordo preferindo estudar mais em vez de voltar meses depois como prometi.

No entanto, para que remoer tudo isso agora? O fato de que perdemos um ao outro me entristecia além da razão, mas seu ódio por mim? Era mais que doloroso, era a forma mais lenta de morrer. Porque eu estava morrendo a cada dia lentamente. Um pouco a cada maldito dia. Sua rejeição me apunhalava com força desmedida, esse é o preço do meu sonho. Eu não pude ter dois ao mesmo tempo e talvez, no fim, eu fique sem os dois.

Saio dos meus pensamentos quando ele diz:

— Posso fazer mais alguma coisa por você?

— Obrigada, posso seguir daqui — não sei como, mas não vou deixá-lo me assistir.

Oh, meu Deus! A que ponto o ser humano chega. Penso com imensa vontade de rir de mim mesma.

— Qualquer coisa é só chamar — ele sai me deixando sem saber bem o que fazer.

Pouco depois ouço uma batida na porta e a voz de Carl:

— Tudo bem aí, posso entrar? — Droga. Certo, Samantha, isso não é nada demais, você pode muito bem fazer isso sozinha. Agora é apenas você aprendendo como fazer tudo como um bebê.

— Só um minuto! — digo de volta. Tateio até encontrar a pia, mas há um problema, é longe demais para que eu possa alcançar a torneira ainda sentada onde estou no vaso sanitário. Meu receio de levantar, cair e machucar mais minha perna engessada é maior que não enxergar nada. Seria bom se eu tivesse as duas mãos livres, mas com uma mão e uma perna imobilizadas era terrível. Apoio minha perna boa e, segurando a pia com minha mão livre, faço força para levantar. Consigo ficar de pé e o simples esforço me deixa zozna. A

escuridão ao meu redor me sufoca, sinto-me fraca, exausta com a perna trêmula e estou a ponto de perder o equilíbrio quando ouço o barulho da porta sendo aberta.

— O que está fazendo, Samantha? — Carl vocifera quando me segura antes que me espatife ao chão. Ele me segura pela cintura, seu peito forte colado as minhas costas e eu faço a coisa mais idiota que já fiz hoje, encosto minha cabeça em seu ombro. Sinto as batidas fortes e rápidas do coração dele. — Maldita mulher teimosa. Vou levar você de volta para cama.

Sua voz é cavernosa e composta por algo que eu não quero dar nome, porque posso estar fantasiando tudo em minha mente louca por afeto.

— Preciso lavar minhas mãos — digo envergonhada. Sinto meu rosto queimando, devo estar vermelha de vergonha. Lavo minhas mãos e fico sem saber o que fazer com elas. Eu estava assim mesmo, patética? Acho que a presença de Carl está me deixando mais incapaz do que eu sou realmente. Sinto o calor dele mais próximo quando se inclina e logo depois uma toalha, provavelmente, é colocada em minhas mãos.

— Pronta? — Assinto e ele me pega, levando de volta para o quarto. Ele me ajeita na cama com cuidado e eu murmuro um agradecimento. — Não precisa agradecer, mas aceitar vir comigo já é um bom começo.

— Você percebe que dependo de alguém para as mínimas tarefas, Carl? — Deixo sair um pouco cansada. — Percebeu que até para ir ao banheiro dependo de outra pessoa até que eu tenha tirado esse gesso, ao menos? Não posso ir com você. Você não é responsável pelo meu bem-estar. Vou ficar bem aqui, não se preocupe.

Ele não diz nada. Quando volta a falar o assunto anterior é deixado de lado por dois segundos.

— Por que sua agente está tão furiosa lá fora, isso é normal? — ele pergunta depois de um pesado silêncio. — E o que eu tenho a ver com tudo isso? Segundo ela, claro.

— Ela vai se acalmar. — Dou um sorriso sem graça, sem vontade. — Ela acha que ainda poderei tocar e que não quero mais por sua causa. Que estou renunciando a minha carreira por você.

— Diga para ela que você já fez isso, mas que foi sua carreira que ganhou a disputa — ele devolve com acentuado desprezo. Bem, voltamos à estaca zero. — Não quero falar disso, do passado, nada irá mudar, então apenas deixe isso lá, Samantha — fala e percebo que diz como se estivesse convencendo a si mesmo sobre deixar o passado ir. Ele segue sem esperar uma resposta de minha parte: — Vou deixar você conversar com sua família, Samantha, sobre ir comigo.

— Carl, estamos indo para frente e para trás sobre isso e não chegaremos a lugar nenhum. Quero descansar, sinto uma dor de cabeça começando. — Sim, estou tão cansada de tudo isso e a tontura que senti no banheiro está piorando. Ele toca minha testa com os dedos e eu suspiro. Era tão bom senti-lo, mesmo que um ínfimo toque. Era como se ele se importasse comigo de verdade. Mas eu sei a verdade nua e crua.

— Vou chamar sua mãe para dar seu remédio — murmura e o colchão se mexe quando ele se levanta de onde estava sentado.

— Carl — chamo e tato alcançando sua mão. — Obrigada por ainda se preocupar comigo.

Minha voz sai embargada de emoção contida.

— Eu nunca deixei de me preocupar com você, Samantha, e vê-la assim me dilacera, porque por mais que eu odeie você, não suporto vê-la ferida — fala com tanta força e emoção que sinto minhas lágrimas vindo com pujança aos meus olhos. — Não suporto pensar que alguém pode te machucar e não fiz nada para impedir. Isso não quer dizer que possamos continuar de onde paramos um dia, entente?

Eu não tenho voz para falar nada. Apenas assinto. — Venho amanhã buscar você e levá-la a um lugar onde possa ficar segura.

— Que lugar? — Isso chama minha atenção. Mas ele não responde e tenta puxar sua mão da minha e eu a seguro mais forte. — Carl?!

— Até amanhã, Sam — ele devolve o aperto em minha mão antes de se soltar do meu agarre firme.

Quando ele sai eu apenas encaro a escuridão diante de mim. A vida era uma maldita cadela.

Eu não sabia a razão dessa súbita preocupação de Carl, mas talvez essa seja uma oportunidade que nós dois temos de conversar, de colocar o passado a limpo. Meus pensamentos dão voltas e voltas e eu caio no sono outra vez. No fundo aceitando a proposta dele, vendo uma chance do destino para nós.

Capítulo 19

*If you wait for me then I'll come for you
Although I've travelled far
I always hold a place for you in my heart
If you think of me
If you miss me once in awhile
Then I'll return to you
I'll return and fill that space in your heart
(The Promise – Tracy Chapman)*

— Senhor e senhora Stollen — eu digo sem muita gentileza quando saio do quarto de Samantha. Eu não me sinto à vontade para chamá-los pelo primeiro nome. Foi se o tempo que eu poderia falar com eles assim. Há anos atrás eles me receberam muito bem em sua casa quando comecei a namorar Samantha, mas agora eram totais estranhos para mim, igual sua filha. — Preciso falar com vocês dois em particular.

Eles me levam ao escritório da casa, onde deixo claro que Samantha está correndo risco, mesmo ela achando que é bobagem. Exponho minha opinião clara e evidente que não confio em ninguém ao redor de Sam sem que ela possa se defender. Digo também que quero mantê-la longe para se recuperar. E, lógico, eles não concordam. Porém deixo claro que a palavra final é de Sam, se ela quiser vir comigo não há ninguém que me impeça de levá-la. Eu sei que isso se deve por essa sensação de culpa, mas não digo nada para eles.

— Por que esse súbito interesse na minha filha, Carl? — a mãe dela pergunta e eu não tenho resposta, só sei que meus instintos pedem que a proteja.

— Acho melhor ir vê-la, está sentido dor e precisa de seus remédios — digo ignorando sua pergunta e logo em seguida saio de lá. Não quero ir a fundo do porquê eu coloquei na cabeça que quero levá-la para nossa casa.

Mas talvez eu saiba a razão, só que é vergonhoso admitir até para mim mesmo.

Entro no carro e saio para o trânsito. Ligo o rádio para me distrair. Tirar minha cabeça de Samantha um minuto. Abraçá-la naquele banheiro apertado foi umas das coisas mais difíceis que fiz ultimamente. Não dar vazão aos sentimentos que me sufocam, foi como segurar a porra de um touro furioso pelos chifres.

Eu trinco minha mandíbula quando a música que toca zomba de mim. Eu disparo uma gargalhada que nada tem de engraçada e feliz. Essa porra de música está tirando onda com minha cara?

...Se você esperar por mim, aí eu voltarei pra você.

*Ainda que eu tenha viajado tão longe
Eu sempre guardarei um lugar para você no meu coração
Se você pensar em mim se você sentir saudades vez em quando
Aí eu voltarei para você
Eu voltarei e completarei o espaço no seu coração
Lembrando
Do seu toque
Do seu Beijo
Do seu Abraço Apertado...
Eu acharei meu caminho de volta para você*

Porra nenhuma que ela achou, quer dizer, achou quando era tarde demais... Agora não me interessa mais. Eu irei fazer o que eu acho certo e depois que ela estiver fora de perigo eu a mando embora da minha vida por mais dez, vinte, cem anos.

*...Se você estiver me esperando
Se você sonhar comigo, como eu sonho com você
Num lugar quente e escuro
Num lugar onde eu possa sentir os pulsos do seu coração...*

Não estava esperando por ela, não mais... Acabou para nós. Amanhã vou levá-la para nossa casa e mostrar o que ela perdeu por me abandonar.

Pronto, estava bem aqui, na minha mente, minha maior razão. Meu interesse nela. Mas isso perde um pouco a motivação já que não posso olhar em seus olhos na hora que ela perceber para aonde a estou levando. Sem sua visão, não posso saborear minha vingança como desejei. Eu sei que estou sendo cruel, mas não posso lutar com algo que é maior que eu.

A voz do cara me irrita, desligo o som e meu telefone começa a tocar como se estivesse esperando apenas eu desligar o rádio.

Vejo o nome de Souza nele e o pego rapidamente.

— Souza — digo quando atendo.

— Você precisa ver o que acabou de chegar nos e-mails de sua garota — ele diz. Estou quase chegando em casa e dou meia volta em direção à empresa.

— Estou indo para aí — digo e desligo. Essa merda não poderia ficar pior, poderia?

Pelo visto sim.



Bato na porta da sala de Souza e entro sem esperar autorização. Ele, como um bom nerd de computador que é, está vidrado na tela como sempre o encontramos quando vínhamos aqui.

— Bem na hora, O’Neal. Achei que você fosse querer ver isso. — Caminho até ficar atrás dele e ver a tela do computador. Que droga era essa? O e-mail de Sam estava aberto. Além de uma mensagem curta, tinham duas fotos anexadas.

Uma foto tirada hoje mais cedo na frente do hospital, mostrando claramente Samantha sendo empurrada por sua mãe na cadeira de rodas, marcada com um X vermelho em cima dela, faz meu sangue esquentar nas veias. Miserável, mas o que me deixa mais putado é a próxima foto. Esta é minha saindo da casa onde Sam está morando. Minha foto tinha um ponto vermelho bem em cima do meu peito, uma clara alusão de um tiro no meu coração. A mensagem em cima das fotos é curta e direta:

“O quanto você quer ele vivo?”

Raiva se funde dentro de mim. Quem diabos poderia ameaçar Samantha dessa forma? Quem diabos faria algo assim?

— Pensei que você gostaria de ver — Souza diz. — Fiz uma cópia impressa para você. Acho que devia dar mais atenção ao caso, Carl. Estamos lidando com um perseguidor psicopata ou apenas um fã enlouquecido por sua musa deixar o show business?

— Você está certo, vou providenciar segurança para ela o quanto antes, mas o que me preocupa não é isso. — Pego as cópias das fotos. — É convencer uma pessoa que não acredita que está sendo ameaçada que ela corre perigo.

— Carl, não é a primeira vez que um cliente não acredita que precisa de proteção. — Ele está certo, estou emocionalmente envolvido e isso não é bom.

— Obrigada por estar atento a isso. — Bato em sem seu ombro amigavelmente e aceno antes de sair. Passo por Lili, que está em sua mesa, a caminho da sala de Alexander. — Tem alguém trabalhando nessa empresa?

— Oi, Carl. Não o tenho visto por aqui, isso sim — ela sorri. — Faltando no trabalho, hein? Mas eu sou do time que torce para você tirar longas férias.

— Acabei de chegar de uma. — Aceno e sigo para falar com Alex o mais rápido possível, eu sei que tenho de agir com frieza para que Sam fique segura. Minha preocupação é com ela lá sem alguém de confiança. Eu não tenho medo, já perdi isso com meu trabalho, sou cauteloso, mas essa merda com Sam está me deixando temeroso por ela.

Dou um simples toque na porta de Alex antes de entrar e... droga. Bruno comentou mesmo que esse cara não trabalha mais, ele vive se pegando com Lana em tudo que é lugar, e o escritório praticamente virou um motel para esses dois.

— Marshall, você não tem casa com um quarto, não? — Encaro-o. Ele tem uma Lana muito vermelha sentada em seu colo e com a blusa totalmente desabotoada.

— Se você batesse antes de entrar, não teria problema. — Ri como se fosse normal um cara em sua posição ser pego aos amassos com a namorada no escritório. Como os homens só têm marra quando não há mulher envolvida?!

— Precisamos conversar, urgente. — Dou meu olhar sem expressão para Lana e o pequeno desastre ambulante pega a dica.

— Essa é minha deixa para ir embora — ela diz, pegando sua bolsa que está no chão. — Ligue-me, querido!

Espero a porta ser fechada e jogo em cima da mesa as fotos que trouxe comigo.

— O que é isso? Você virou alvo de alguém?

— Acho que sim, mas essa não é uma ameaça direta para mim e sim para Samantha.

— Não me sento, estou inquieto para sair daqui e providenciar um lugar seguro para Sam. Jesus, por que ela tinha de voltar depois de tanto tempo? — Cancele qualquer outro serviço, Marshall. Estou assumindo esse que é mais que pessoal, se você me entende.

— Porque não me conta o que está havendo, Carl? Somos amigos, sempre trabalhamos juntos e se sua garota está com problemas, resolveremos todos juntos, como sempre fazemos aqui na empresa.

— Ela não é minha garota, ela costumava ser. Agora? Não mais, porém tenho que mantê-la segura. Está com problemas visuais, segundo os médicos um problema passageiro, e está machucada fisicamente. Além de tudo isso, tem um lunático ameaçando-a. — Tomo fôlego porque essa porra me deixa louco de raiva. — Eu preciso dos serviços de investigação particular de primeira.

— E a polícia?

— Sem denúncia, sem investigação. Ela não quer, acha que é bobagem — digo frustrado.

— Isso é loucura, Carl. Sabe se é realmente um fã apaixonado? Um ex-namorado? — pergunta.

— O teor não é sexual, dá a entender que é uma pessoa que não quer que ela deixe os palcos. — Ando até a janela — Ela tem uma agente, assistente, ou seja lá o que for sua função, que me deixa um pouco nervoso.

— Meu conselho é que convença Samantha a prestar queixa. — Ele vem até ao meu lado. — Se esse caso tomar proporções maiores, não cabe a nós fazer justiça, Carl. Isso é âmbito para a polícia. Nosso papel é manter as pessoas fora de perigo, não investigar crimes.

— Sei disso, mas não posso impor nada para ela, não temos nada um com o outro — exalo duramente.

— E por que você está se envolvendo? Não seria melhor aconselhá-la a ter um guarda-costas e ir à polícia? Se isso não importa para você, então caia fora, O'Neal.

— Quem disse que não me importo? É mais complicado do que imagina, Alex. — Viro-me para ele. — Eu sinto um pouco de culpa por ela perder o controle do carro. — Isso estava mesmo me afetando, eu não ia ter uma longa conversa com Alex sobre eu e Sam, mas acabo dizendo mais do eu já disse a qualquer um. — Ela me procurou para conversar antes do acidente, e eu como um bebê chorão maldito a expulsei depois de falar umas merdas, porém para minha defesa estava bêbado e magoado.

— Tem certeza de que ainda não está? E porque nunca falou dessa mulher para nós? — pergunta.

— Samantha faz parte de um passado que não quero lembrar mais.

— Sério? Então pense de novo porque você está no meio dessa, meu amigo. E pelo que ouvi até agora, que não é muito devo deixar claro — ele ri —, esse passado está mais presente do que você consegue admitir para si mesmo. Ainda é apaixonado por ela?

— Claro que não — digo tão rápido que é estranho até para mim.

— Estou vendo. — Ele me olha preocupado — Arranje alguém e mande para a casa dela. Será melhor para os dois. Sentimentos envolvidos nesse campo de trabalho pode ser perigoso para sua garota, sabe disso. Tudo se mistura e não sabemos ser racionais quando devemos ser. A vontade de proteger a pessoa que amamos é tão forte que, às vezes, pode atrapalhar nosso raciocínio para fazer o que tanto queremos que é mantê-las seguras.

— Vou tirá-la da cidade.

— O quê? Perdeu a razão, pelo que disse ela precisa de assistência médica. E vai levá-la para onde?

— Minha casa.

— Carl, você devia pensar direito sobre isso.

— Não estou pedindo sua permissão, Alex, apenas estou informando já que faço parte de uma equipe. — Vou até a mesa e pego as fotos. —Veja outro cara para minhas funções enquanto resolvo isso. — Abano as fotos à guisa de explicação.

— Sabe que se isso ficar complicado é só ligar. Onde tenho informações de Samantha? Você fez uma investigação paralela sobre esse cara das mensagens?

— Souza tem as informações com ele, que não é muita, na verdade a pessoa não deixa rastro. Alex, quero que isso seja feito sem alarde. Não quero alertar o suposto perseguidor, quero que ele se sinta tranquilo para errar e nos dar uma pista de sua identidade.

?

Deixo o escritório de Alex e vou até minha sala ligar para o caseiro abastecer minha casa. Sei que não será fácil lidar com Samantha dependendo da ajuda de outra pessoa para todas suas necessidades, mas não posso deixar alguém machucá-la. Poderia contratar uma enfermeira para cuidar dela, contudo eu não quero mais ninguém envolvido. Daremos um jeito, digo para mim mesmo. Tentar ajudá-la ou correr deixando tudo para outros fazerem, estavam convergidos na mesma questão. Ou seja, ou eu enfrentava meu passado ou corria dele.

E nós precisávamos desse encerramento e, talvez, depois disso nós dois seguiríamos em frente e encontraríamos outras pessoas para tentar ser feliz de alguma forma. Digo de minha parte, já que sei muito pouco sobre a vida dela longe do Brasil. Tinha o tal Pietro rondando por perto e não gostava nada disso. Pedirei a Roger atenção especial sobre o cara. De qualquer maneira eu vou fazer o que for preciso para convencê-la a sair comigo por um tempo.

Depois de falar com Pedro, ligo para Roger para marcar dele ir à casa de Sam ainda hoje. Quero tirá-la daquela casa o quanto antes, eu sinto que sua segurança naquela casa não é das melhores, a foto tirada na frente da casa é uma prova disso. Enquanto não tirá-la de lá, ficarei por perto.

- Infelizmente não posso ir hoje, estou em uma ocorrência na rua e pode demorar.
- Estou tirando-a da cidade, mas antes queria deixar uma investigação em andamento. Mandarei os e-mails recuperados com as mensagens para você ainda hoje.
- Certo, mas podemos mandar alguém lá.
- Quero descrição sobre o caso, ele exposto pode causar mais danos.
- Ligarei assim que chegar ao departamento. Pode ser amanhã logo cedo. — Eu agradeço sua boa vontade e desligo. Antes de sair da empresa, peço para Souza enviar tudo para Roger e vou para casa fazer uma mala. Eu tenho uma missão. Salvar quem não quer ser salvo é uma das coisas mais difíceis para um segurança fazer seu trabalho bem-feito.

Capítulo 20

*"Cause you are not alone
I'm always there with you
And we'll get lost together
'Til the light comes pouring through
'Cause when you feel like you're done
And the darkness has won
Babe, you're not lost"
(Lost – Michael Bublé)*

— Você tem visita de novo hoje — mamãe diz quando me ajuda com o jantar. Ela está me servindo como se eu fosse um bebê outra vez. — Esse homem está meio louco.

Eu sabia de quem ela estava falando e me sentia muito feliz apesar de tudo. Ele se importa, mesmo dizendo que me odeia. Ele pode odiar, mas se importa. Eu não digo nada sobre a observação de mamãe e ela suspira frustrada.

— Não vai dizer nada? Vai deixar que ele volte para sua vida assim, sem mais nem menos? E pior, ele exigiu um quarto porque vai ficar aqui!

O que ele está planejando com isso? Estou louca que ele diga, porque a curiosidade é maior que minha prudência. Tê-lo aqui, assim, tão perto? É o céu e inferno ao mesmo tempo.

— Posso tomar meu suco? — digo displicentemente. — Estou com sede.

— Você me deixa nervosa, sem eu saber o que pensa. — Mamãe coloca o copo em minha mão e consigo levar o copo à boca sem maiores traumas. A primeira vez que fui comer sozinha tinha sido um desastre. Pura teimosia da minha parte por querer tentar ser um pouco independente.

— Amanhã uma tutora virá aqui para ajudar com suas limitações, querida. Zara contratou, ela é uma enfermeira, na verdade...

— O quê? Como planejam as coisas sem me consultar, mamãe? — Tento devolver o copo para ela, mas minha agitação faz o copo entornar e molhar minha roupa. — Droga!

— Filha... — ela lamenta.

— Posso trocar essa roupa? — peço chateada.

— Tudo bem, mas a tutora virá, sim, amanhã. — Fico calada, porque não adianta discutir com ela. Posso muito bem despedir a enfermeira amanhã.

Depois de trocar minha camisola, ela sai e recosto-me na cama imaginando o que Carl veio fazer novamente aqui, pela terceira vez no dia. Ele não tem vida própria?

O som da porta abrindo me deixa tensa, porque sei que é ele. Não faço qualquer movimento para indicar que sei de sua presença. Só ele que entra calado dessa forma.

— Sam?

— Vai morar aqui agora?

— Se for preciso — ele diz e o colchão se mexe quando ele senta. — É muito tarde para uma conversa?

Deus, ele vai me deixar louca. Em um momento ele é todo intenso e explosivo, no outro, como agora, sua voz é igual seda pura, fazendo-me engolir em seco.

— O que foi agora?

— O de sempre, sua segurança. Tenho um amigo da polícia que vem aqui amanhã.

Isso outra vez? Por que insiste nisso?

— Carl, por favor...

— Eu disse que iria levar você à um lugar, esqueceu? — A voz dele está mais perto. E sinto o calor de sua mão em meu queixo fazendo uma carícia de leve. — Será um lugar sem estresse para que se recupere.

— Já falamos sobre isso, não posso depender de você até para tomar banho, Carl — digo exasperada.

— Não seria a primeira vez que daria um banho em você — ele fala me chocando por trazer um assunto do nosso passado, ainda mais íntimo. Eu estou vermelha, certamente, porque estou quente. Lembranças de nós dois tomando banho juntos preenchem minha mente agora. Parece que a falta de visão aguça todos os outros sentidos e a lembrança dele me tocando, ensaboando lentamente em cada pedacinho da minha pele lisa, é tão real que solto um gemido constrangedor. Além de tudo, o dedo dele continua a carícia delicada no meu rosto. Céus, eu estou inválida, mas minhas partes íntimas estão em pleno funcionamento.

Samantha Sttolen, se contenha!

— Venha comigo amanhã, Sam — ele diz roucamente. — O que posso fazer para convencer você?

— Eu... não posso ir assim. — Essa é minha voz mesmo? Jesus! Eu não entendo o jogo de Carl, não sei porque ele resolveu se aproximar agora.

— Talvez isso te convença — diz antes de eu sentir o toque macio de seus lábios nos meus. Ele beija delicadamente o canto da minha boca de um lado, depois do outro, salpica beijos suaves no meu nariz, depois nos meus olhos fechados, volta para a boca onde me beija com mais persuasão agora. Eu faço a única coisa plausível, eu abro minha boca para receber seu beijo. Sua boca é tão familiar e tão estranha que isso me bate fortemente. Ele está me beijando outra vez. Não percebo que ele parou de me beijar até que ouço soluços que vem de mim mesma.

— Ei, não queria deixar você triste...

— Eu... é muito...

— Me desculpe — ele diz. Eu não sei porque estou chorando...Mas estou com meu peito contraído e a súbita vontade de receber um abraço é tão intensa que só me faz chorar mais... — Sam, desculpe.

Eu sou tão boba e sentimental.

Tento controlar a gama de emoções que se acumulam em meu corpo e respiro fundo, não posso permitir que ele me afete dessa maneira, mesmo que meu corpo diga para agarrar com força cada pedacinho dele. Ele está murmurando desculpas por ter me beijado e eu não ligo para suas explicações. Isso foi cruel da parte dele, me dar um pouco daquilo que eu quero mais que tudo. Buscando uma força no fundo da minha alma, falo com mais firmeza do que eu sinto realmente.

— Por que está fazendo isso comigo, Carl? — questiono quando a dor abranda no meu peito. — Por que está brincando dessa forma comigo?

Limpo com raiva uma lágrima teimosa que insiste em cair e espero sua resposta, mas ela não vem logo e quando acho que ele vai ignorar diz:

— Gostaria de ter uma resposta para sua pergunta, Samantha, mas eu não sei o que me toma quando o assunto é você. — Ele parece com raiva, talvez, dele mesmo, de mim, da nossa história, não sei. — Eu quero que esqueça esse deslize, não acontecerá novamente.

— Não ache que pode brincar comigo apenas porque estou... — não consigo concluir. Passei quase dez anos almejando seus beijos, seus braços ao redor de mim e agora não posso permitir que ele apenas faça como algum tipo de diversão.

— Já pedi desculpas, Samantha — ele pede outra vez.

Ficamos em silêncio por um tempo. Eu não sei os motivos dele para estar aqui, porém a curiosidade é grande para descobrir.

— Me dê uma razão mais concreta para ir com você a qualquer lugar, Carl. — Tateio até puxar as cobertas para cima do meu corpo, minhas feridas estão começando a incomodar. Deve ser devido ao dia estressante que estou passando, um dia que parece uma semana. Minha perna está latejando e não quero tomar medicação de novo.

— Sua agente comunicou se recebeu hoje um novo e-mail? — Ele não coloca nenhuma entonação na voz que me indique se algo está errado com essa pergunta.

— Não, ela está chateada com o meu comunicado de mais cedo, portanto estive ocupada com meus contratos — digo, porque foi essa informação que mamãe me disse quando questionei onde Zara estava. Porque essa não colocou mais os pés aqui no quarto desde que eu anunciei que ela poderia chamar meus patrocinadores e deixar claro meu afastamento do mundo musical até segunda ordem. Ou seja, eu posso voltar um dia ou nunca.

— Tomei a liberdade de interceptar um e-mail seu — ele começa como se estivesse envergonhado de admitir. Céus! Eu tenho ganas de rir de toda situação que me coloquei quando resolvi aceitar essa turnê aqui no Brasil, não turnê, apenas alguns concertos, e

agora estou no meio de quase uma conspiração. — E hoje você recebeu um e-mail bem mais ameaçador, Samantha.

— Carl, é tarde e tenho que descansar. Estou cansada de tudo isso. Essa pessoa está apenas tentando colocar medo em mim, mas não vou permitir e nem me esconder de quem quer que seja — digo contundente repetindo o que já disse a ele mais cedo.

— Amanhã um policial vem aqui pegar seu depoimento — ele diz como se não tivesse me ouvido. — Eu estou ficando aqui no quarto de hóspede essa noite.

Eu tinha esquecido desse detalhe, o beijo tinha sugado todo meu precário equilíbrio.

— Eu não entendo porque você se dá ao trabalho.

— Samantha... — Ouço ele respirar fundo. — Não tente entender, apenas tente confiar em mim. Sei que é pedir muito nesse momento, mas aquelas fotos de hoje me afetam também, é só o que precisa saber. A pessoa está perto demais, Sam, e mostrar que pode chegar mais perto tirando uma foto dessa casa é muita ousadia.

— Daqui? — Agora estou ficando preocupada. — Como, se não tem nem dois dias que meu pai alugou essa casa?

— Exatamente, não quero que fique apavorada, estou aqui para mantê-la segura — ele garante confiante. Eu acredito nele, porque se eu o conheço um pouco ainda, ele sempre foi essa pessoa que cuidava de mim com zelo, amor e tanto cuidado.

Ele poderia ainda ter um pouco daquele Carl dentro desse novo homem que vi na outra noite? Tão frio e cruel? Eu quero acreditar que sim ou ele não estaria aqui, não é?

— Tudo bem — digo no intuito de acabar com nossa conversa que me deixa tão nostálgica. Estou me sentindo sonolenta e cansada também, o dia tem sido longo. Essa avalanche de acontecimentos e emoções estão tirando-me as forças.

Ele se despede logo em seguida e acredito que sai do quarto, pois fica apenas o silêncio. Perco-me nos pensamentos entre passado e presente, perdida nas lembranças...

Devo ter dormido porque acordo com a voz de mamãe me chamando. Não sei se é noite ainda ou dia. Tento ficar quieta para ver se ela irá embora, mas ela insiste.

— Querida, são quase nove da manhã e tem um policial aqui — ela está dizendo. — Carl está prestes a vir aqui para acordá-la.

Droga, isso faz com que eu me mexa para levantar.

?

Uma hora depois, mamãe empurra a cadeira de rodas para fora do quarto. Eu prefiro assim. Falar com um policial na cama não é muito atraente, ainda mais quando não posso ver nada ao meu redor.

— Devia tomar seu café da manhã primeiro, querida — ela diz, mas meu apetite é zero. Estou nervosa com a ideia de sair dessa casa para ir com Carl para esse lugar que ele faz questão de manter em segredo.

— Bom dia, Samantha. — É pensar nele e ele aparece. Alegria e paz é o que sinto quando escuto sua voz. Deus, se não fosse mórbido estaria feliz que tive esse acidente. Isso é tão louco. Porque sei que se não fosse por isso ele não estaria aqui e nós talvez nunca teríamos uma nova chance para nos encontrar. Naquela noite, na frente de seu prédio, vi o quanto ele estava certo de nunca mais querer me ver. Mas agora? Uma esperança mesmo que pequena me faz aceitar minha cegueira como talvez uma coisa ruim que me trouxe algo de bom. Nada é tão trágico que não tenha seu lado positivo, não é mesmo? Amor é confusão. É acordar todas as manhãs com trilhões de problemas e achar o mundo lindo, e eu sempre amei Carl por toda minha vida. Vou agarrar essa "confusão" em que estamos e tentar viver esse amor. Só não sei ainda como faremos isso. Eu só preciso ter a coragem de agarrar essa chance torta que a vida está estendendo para mim.

Ele não me dá nenhuma esperança, mas tenho por ele e por mim, pois um dia nós tínhamos um amor sublime e tenho absoluta certeza que ainda há um pouco desse carinho lá no fundo. Eu só preciso de um motivo para acreditar.

— Bom dia. — Com o pensamento cheio de esperança, pela primeira vez em muito tempo, dou um pequeno sorriso contente ou assim eu espero que pareça para ele. Estendo minha mão a procura da dele quando mamãe para de empurrar a cadeira e só encontro o vazio.

Capítulo 21

Acordo as cinco da manhã no quarto de hóspedes da casa de Samantha, e a primeira coisa que vem a minha mente é o calor de seus lábios, não devia tê-la beijado, movimento errado do caralho, mas, caramba, foi incontrollável! Sua pele cremosa, refinada, mesmo que essa perfeição tivesse alguns machucados não tirava sua beleza. Seu perfume delicado me fez tonto pela proximidade, quando percebi estava beijando-a e nem era da forma que imaginei que um dia voltaria a beijar sua boca linda. Não, eu sempre imaginei faíscas saindo para todos os lados, roupas voando em todas direções, gemidos, sua boca falando meu nome como uma oração e o som de nossos corpos chocando-se um contra o outro quando eu estivesse enterrado dentro dela. Fecho meus olhos quando deslizo minha mão pela barriga onde os músculos estão enrijecidos e seguro meu pau dolorido. Gemo roucamente e paro. Que merda estou fazendo? Ou prestes a fazer? Carl O'Neal, você está possuído?

Carl O'Neal agindo fora da linha? Novidade do caralho. Bastou uma semana perto de Sam e o gelo já começou a derreter?

Claro que não, merda. Eu estou aqui para mantê-la segura e nada mais. Recrimino-me, jogo as cobertas de lado e levanto. Dormi praticamente só duas horas, por isso devo estar agindo despropositadamente. Havia ficado sentado ontem em uma poltrona velando seu sono e só saí por volta das três horas da madrugada, depois que verifiquei todas as portas. Essa casa não podia impedir um assassino de entrar aqui. Mesmo sendo a coisa mais errada a fazer, envolvendo-me mais com Samantha nesse momento delicado de sua vida, meu lado racional e irracional vivem em uma briga constante. E o lado irracional sempre leva a melhor.

Preciso receber Roger daqui a pouco, ele tinha enviado uma mensagem ontem dizendo que viria falar com Sam. Seria ótimo. Ele conseguiria arrancar alguma coisa de alguém dessa casa.

Agora, depois de tomar um banho rápido, estou saindo do quarto quando ouço uma voz no quarto que fica quase em frente ao qual foi designado para mim. A voz de Zara é baixa e autoritária, como normalmente ela fala.

— Temos de fazer ela mudar de ideia, a multa por abandonar os compromissos agora é gigantesca. — Ela para de falar e chego mais perto da porta, mas não escuto vozes. Será que ela está ao telefone com alguém? — Temos de fazer uma intervenção. Ela não pode tomar decisões dessa magnitude nesse momento. Ela está sendo influenciada por um problema que está apenas na cabeça dela. Os médicos já deram um diagnóstico definitivo, ela não está cega por problemas físicos. Está sendo teimosa como sempre.

Samantha tem vivido com essa mulher por quanto tempo para que ela tenha essa atitude desrespeitosa com ela? Até parecia que Samantha trabalhava para ela. Isso é real mesmo?

— Eu sei, como advogado dela já era para você estar aqui tomando essas decisões — ela continua dizendo —, vou falar com seus pais, eles irão concordar comigo. Uma intervenção será o que iremos fazer até ela voltar ao seu juízo perfeito.

Intervenção? O que ela está pensando em fazer? Não vou deixar que isso aconteça. Entretanto me pergunto como farei isso, não sou nada mais que um ex-namorado que não sabe deixar nada quieto. E um ex abandonado, devo lembrar a mim mesmo. Era a verdade olhando nos meus olhos e rindo de minha incapacidade de ir embora e deixar Samantha resolver sua própria vida.

Não fico mais escutando, vou direto para a cozinha, preciso tomar um café. Surpreendo-me quando encontro o cantor sentando à mesa. Ele não estava por perto ontem quando voltei para dormir aqui. Agora ele me olha com desconfiança e desprezo.

— Não acha que está invadindo o espaço de Samantha agindo como um troglodita, senhor O'Neal? — ele fala depositando a xícara na mesa com mais força que necessário. Ele deve estar se sentindo ameaçado. Grande idiota. — Hospeda-se sem ser convidado? Não acha sua preocupação um pouco sem argumento?

Caminhando até a armário, pego uma caneca a encho com café antes de voltar minha atenção para ele.

— Acho que já tivemos essa conversa, não? — Encosto-me no balcão de mármore, encarando-o. — Eu posso te fazer exatamente a mesma pergunta. O que faz aqui afinal?

— Antes de tudo, sou amigo da Samantha. É normal que esteja aqui quando ela está doente. — Ele se empertiga todo, como se estivesse na defensiva.

— É médico? — Minha pergunta irônica tira-o um pouco do sério. O desagrado de antes apenas se acentua mais em seu rosto.

— Não sou médico, mas somos mais que meros amigos...

— Ontem você era noivo, hoje é amigo mais que meros conhecidos, amanhã será o que, senhor cantor? Marido dela? — Minha pergunta jocosa faz com que levante, empurrando a cadeira com força. Receio que o barulho perturbe a casa, apesar que, ao que parece, todos estão acordados.

— Somos namorados e em breve, sim, seremos marido e mulher. — Olho atentamente para ele. Será que ele era o perseguidor de Samantha? Essa confusão de sua parte sobre a relação dos dois era muito estranha. Estreito meus olhos encarando-o e ele desvia os olhos. Droga! O quanto antes tirá-la daqui, melhor.

— Homem de sorte, não? — digo com um meio sorriso de quem acreditava nele, mudando minha tática. Se ele fosse a mesma pessoa que estava mandando esses e-mails, ele poderia se precipitar e fazer alguma loucura antes que eu tirasse Sam daqui. — Espero que dê certo.

Bebo meu café lentamente e o observo sair me deixando sozinho. Pego meu celular e envio uma mensagem para Roger, preciso que ele venha o mais rápido que puder, e eu esteja fora daqui antes que o dia de hoje termine.

Pouco depois a empregada vem fazer o café da manhã e eu saio um pouco rondando pela casa, tenho vontade de acordar Sam, mas me refreio. Ela precisa descansar. São sete da manhã quando enfim Roger chega e o recebo fora da casa.

— Que bom que veio. Preciso que, antes de falar com Samantha, fale com as pessoas que convivem com ela — sugiro. — Principalmente com esse tal Pietro e a agente dela que tem atitudes suspeitas.

— Quantos anos está fora do sistema, meu amigo? — Ele ri da minha expressão confusa. — Às vezes, os suspeitos mais prováveis são os inocentes.

— Claro que sei disso, mas quero todos os detalhes desse caso verificado. — Encaminho-o para dentro da casa.

— Ensinando padre a rezar, O'Neal? — ele graceja. — Foi para isso que você correu para mim.

Apresento-o para todos e ele usa o escritório para falar com cada um separadamente. Eu gostaria de ficar junto, porém Roger diz que será melhor que ele fale com todos sem pressão da minha presença. Não fico contente com isso, mas aceito.

Enquanto ele conversa com Zara, vou a procura de Sam que ainda está dormindo, segundo Amanda, a mãe dela.

— Acorde-a, ela precisa falar com Roger, e faça uma mala para ela — exijo quando a encontro na sala.

— Carl, não vou permitir que leve minha filha assim doente, Deus sabe para aonde — ela lamenta.

— Ela vai ficar bem, na verdade afastá-la daqui talvez seja o melhor para sua recuperação. — Encaro-a sem nenhuma simpatia. — Sua filha precisa sair dessa opressão em que vive.

Ela ri um pouco e me olha com questionamento.

— Carl, eu conheci você quando era um rapaz de faculdade que não tinha muito para oferecer à minha filha, mas talvez tivesse amor naquela época. — Ela levanta e para ao meu lado. — E agora? Nem isso por ela você tem mais, então por que está aqui? Quem pode me garantir que não é você a pessoa que está tentando coagir Sam?

Se era para ser engraçado, não achei a menor graça no que ela acabou de sugerir.

— Amanda, se eu fosse um serial killer de pianista, eu já teria tomado sopa com os ossos da sua filha, porque até agora ela tem sido exposta para qualquer um fazer mal a ela. — Aponto na direção do quarto de Sam. — Agora, vá acordá-la ou eu mesmo farei isso.

Ela suspira, mas segue para atender minha ordem. — E, Amanda?

Quando ela para e me olha, digo com cara de poucos amigos que me é peculiar:

— Não tente convencê-la a não ir comigo ou não responderei por mim.

— Você está em minha casa, não esqueça disso... — ela começa, porém a corto.

— Por pouco tempo. Então ande logo com isso e não esqueça da mala pronta, partiremos assim que terminarmos de falar com o detetive.

Estou sendo duro, chato e intransigente, mas, caramba, esse povo parece sanguessuga na vida da minha ex-namorada.

— Ela nunca devia ter voltado a esse país, onde ela nunca foi ninguém. E você deve estar contente por ela estar passando por isso, não é mesmo? — Não respondo, porque não merece minha atenção e, quando nem olho em sua direção, ela sai me deixando. Eu vou até a janela e olho ao redor. Tento ver alguém suspeito lá fora, mas tudo parece tranquilo. Mas é sempre assim, tudo fica calmo para depois explodir como uma bomba em nossas caras. Mas dessa vez nada vai acontecer, não se eu puder evitar.

Fico até escutar a barulho da cadeira de rodas que foi providenciada para ela. Pouco depois as duas surgem e meus olhos caem em Sam, ela parece mais calma e fresca essa manhã, os machucados menos visíveis.

— Bom dia, Samantha — digo caminhando para tomar o lugar onde sua mãe está empurrando a cadeira. O pequeno sorriso, mas sincero de Sam, me faz acreditar que ela não têm dúvidas que ela virá comigo onde eu quiser levá-la.

— Bom dia – ela responde.

Ela estende a mão no ar e tenho vontade de segurá-la, contudo me contenho dizendo a mim mesmo que tenho um limite de hoje em diante com Sam. Cabeça fria e profissional. Recito isso como uma oração em minha mente. Chega de beijos impulsivos.

Capítulo 22

— Eu a levo daqui, Amanda — Carl fala com minha mãe empurrando a cadeira de rodas, sei que é ele pois sua presença atrás de mim é notável. Parece que calor transborda dele em minha direção. Fico imaginando se ele lembra do beijo de ontem. Involuntariamente levo minha mão aos lábios e os toco. Sinto seus lábios perto do meu ouvido, sua respiração me tocando. — Está pronta?

— Sim.

— Ótimo, não vai demorar, você só precisa abrir uma ocorrência para que Roger trabalhe. Ele não vai te interrogar ao ponto de exaustão — ele diz enquanto empurra a cadeira, provavelmente, para o escritório onde o policial está conversando com todos, segundo mamãe.

□

Duas horas depois, estou sendo colocada no banco de trás de um carro. Foram quase meia hora de lamentações e recriminações de mamãe para que eu não saísse assim: Debitada e dependendo de outra pessoa para um lugar desconhecido com um homem quase desconhecido também. Ela tinha razão. Era loucura, meio fora da realidade, mas estou cansada de viver a minha realidade.

Carl me deixa o mais confortável possível no banco do carro, apoiando minha perna engessada e fecha a porta do carro.

O carro se mexe e o som do motor ganha vida e ele pergunta:

— Pronta para uma aventura, senhorita Stollen? — a voz dele está alegre.

— Não!

— Resposta errada. A aventura está apenas começando.

— Pensei que era para minha segurança, senhor O'Neal — digo com um sorriso.

— Ah, desculpe, eu menti. — Ouço Carl dizer e o pânico começa a crescer. Será que ele me odeia a ponto de me fazer algum mal?

— O que você quer dizer com mentiu? — balbucio frenética. — Onde está me levando, Carl? Responda!

— Sua confiança em mim é tocante — ele responde em um tom leve e brincalhão. Ele parece estar se divertindo por ver minha reação. — Mas, como já disse antes, é um lugar que quero há muito tempo mostrar para você.

— E porque tanto mistério? Está me deixando com medo. E sobre confiar em você, eu sempre fiz isso no passado, mas agora precisa conquistar isso — digo confiante, porém não recebo resposta dele. A única coisa que escuto é o ronco suave do motor do carro em movimento. Passam alguns minutos, acho, ou minha falta de visão está afetando minha

noção de tempo, porque parece uma eternidade e não tenho nenhuma manifestação da parte dele. — Carl?

— Estou aqui. — Vem a reposta.

— De repente ficou calado. — Eu queria poder vê-lo. — Algo errado?

— Não, apenas não quero dizer o que não devo. — Sua voz perdeu um pouco da leveza de antes. — Tente dormir um pouco, a viagem é longa. Não se preocupe, vai gostar desse lugar. Era um dos seus sonhos, Samantha. — E voltamos a ficar calados por um longo tempo.

— Eu confio em você, apesar de nossa história — confesso em um dado momento. — Não é cem por cento como antes, mas ainda confio ou não estaria aqui. E apesar de claramente me odiar, esse ódio não me causa medo, Carl, porque você é incapaz de fazer mal a alguém.

Depois do meu pequeno discurso, sinto-me melhor e aceito que nossa história é muito cheia de coisas não ditas ou ditas de maneira errada, mas tenho fé acima de tudo. Eu não tinha antes, mas agora? Com ele me protegendo, mesmo quando provavelmente não gosta tanto de mim, prova que nosso amor adolescente ainda está lá. Só precisa que seja regado e florescerá novamente.

Eu costumava acreditar quando mais jovem que nosso amor passaria por tudo e continuaria forte, não conheceria tempo nem distância, cada dia aumentaria mais. Mais forte e mais intenso. Mas no fim não soubemos como lidar com todos esses sentimentos. Fico quieta e esse sentimento de paz que a muito não sentia me bate e caio no sono.

— Quando voltar você já terá nossa casa pronta? — Viro minha cabeça para olhá-lo e recebo um beijo cálido no nariz. Carl e eu estamos deitados na cama em seu apartamento de solteiro, porém muito confortável. Era onde eu passava muito do meu tempo quando não estava estudando no Conservatório de Música. Muitas vezes passava a semana inteira lá, causando pequenas, porém chatas, discussões com meus pais pois, segundo eles, estava passando muito tempo com Carl quando deveria estar preocupada e me dedicando ao que sempre quis ser, uma pianista. E agora eu tinha um intercâmbio que me permitiria estudar fora por um tempo e, bem, nós tínhamos muitos planos quando eu voltasse.

— Certeza disso? Sabe que é muito nova para pensar nessas coisas, não é, garota? — ele pergunta, como tantas vezes quando eu insisto que devemos morar juntos. — Isso é coisa para gente grande. Sabe que quando acontecer nunca mais deixarei você sair da minha vida, Sam. Amo você mais que minha própria existência, minha linda.

— Te amo cem vezes mais — replico feliz. Ele aperta o braço em torno dos meus ombros me atraindo ainda mais para perto dele. — Quando nós dois pudermos, iremos ter uma casa longe de todos, para não sermos denunciados pelos vizinhos por causa do piano, com uma varanda, um lago, um jardim e...

— Só isso? Diga-me mais. — Ele começa a cutucar minhas costelas e me desfaço em risadas com as enxurradas de cócegas que faz em mim.

— Por enquanto só isso — gracejo. — Depois exigirei mais de você, amor.

— *Como é abusada!* — *Ele distribui beijos no meu pescoço, queixo, canto dos lábios e esqueço tudo ao redor com sua adoração óbvia. Como amo cada pedacinho dele.* — *Um lugar especial para o grande amor da minha vida.*

— *Você promete?*

— *Vou procurar incansavelmente por um lugar assim para nós, pode ter certeza. Quando voltar, começaremos uma vida juntos — ele me garante.*

— *Amo você.*

Completamente fascinada recebo sua boca na minha, gemo quando a língua dele invade a minha boca, molhada, quente, deliciosamente suave. Nossas línguas dançam juntas, parece que nunca temos o suficiente um do outro, queremos nos engolir vivos de tão boa que é nossa conexão. Ergo meu quadril de encontro ao dele, sentindo como ele está duro para mim. Gemidos e o som da nossa respiração ofegantes encham o quarto. Minhas entranhas apertam de ansiedade para senti-lo dentro de mim outra vez.

— *Um lugar especial é onde nós dois estivermos juntos, meu amor — ele diz antes de nossos corpos se conectarem de forma mais íntima...*

Acordo sobressaltada e percebo que o carro ainda está em movimento. Uma música toca baixinho no interior do carro. Estou ofegante e úmida. As imagens desaparecem aos poucos na minha cabeça e deixo-me ficar aqui por uns instantes apreciando a letra de *Lost* que invade meu coração como se fosse feita para nós.

— Sam? — a voz de Carl me puxa para realidade. — Você está bem?

— Sim — minha voz sai engasgada e limpo a garganta dizendo mais firme. — Sim. Onde estamos?

— Já estamos chegando. Tem um posto mais à frente, quer dar uma parada?

Eu até quero, pois estou dormente nessa mesma posição, mas sei como seria impraticável sair desse carro agora e perderíamos muito mais tempo.

— Estou bem. Prefiro descer de uma vez.

— Não tem problema se quiser — ele insiste.

— Estou bem, Carl, podemos seguir.

— Estamos chegando.

Um telefone começa a tocar e a voz de um homem preenche o carro encobrindo a música que tocava.

— Onde você está, O'Neal? — ele parece chateado.

— Estou saindo da cidade — Carl responde.

— Não pensei que fosse fazer isso sozinho, homem. Alexander não me deu detalhes do que está acontecendo, mas devia contar conosco para te dar uma força. — O outro homem diz.

— Ross, obrigado. Tenho tudo sobre controle, pouca gente sabe onde estou indo.

— A casa do lago não foi muito segura para mim, lembre-se disso. — Não escuto mais nada do que estão dizendo porque a única parte da conversa que foco é: casa do lago?

Tento voltar a prestar atenção no que Carl está falando.

— Caso haja algo que não possa administrar sozinho, ligo para vocês — ele está dizendo. — E Alicia?

— Ela quer me matar, estou em jejum de...

— Ross, a ligação está no viva voz, ninguém quer saber de sua vida sexual — Carl interrompe e homem do outro lado que está rindo divertido. — Devia agradecer, ao menos você a tem. — É pesar que percebo em sua voz?

— Claro que tenho. E você ainda não gosta da palavra com B perto de você? — O tal Ross está rindo do outro lado. — Cara, vou arrumar umas garotas gostosas para você transar e acabar de vez com esse jejum maldito...

A música volta a tocar cortando a voz do homem, Carl deve ter desligado.

— Filho da puta, boca grande. — Ouço o resmungo baixo dele e meu coração pesa com a insinuação de Carl com outra mulher. As imagens das duas mulheres daquela noite vêm a minha mente, deixando um rastro dolorido no caminho do meu coração. Sei que ele teve uma vida nesses últimos dez anos, não sou hipócrita quanto a isso, mas ainda assim é tão doloroso pensar que não era eu com ele. Tudo culpa minha. Nunca devia ter viajado, mas também eu não teria realizado meu sonho e... Droga, não adianta chorar agora por causa disso, não podemos fugir das consequências daquilo que fazemos no passado, das atitudes que tomamos. A única coisa que temos de fazer é aprender com elas. Eu só lamento ter perdido o seu amor tão facilmente.

Ele não comenta nada depois do telefonema e eu tampouco e algum tempo depois o carro reduz a velocidade e para após alguns minutos.

Capítulo 23

Para o carro de frente para o chalé e fecho meus olhos respirando fundo. Emoções apertam tão forte em meu peito que tenho receio de estar sofrendo um ataque cardíaco. Esse momento foi tão esperado na minha vida que estar aqui, agora, parece um sonho onde estou fora do meu corpo e estou assistindo essa cena acontecendo em algum filme.

Eu tinha pensado em mil formas de dizer a Samantha o que era esse lugar cada vez que ela me perguntava onde estávamos indo, mas não disse e agora estou aqui contemplando a casa sem saber pela primeira vez o que fazer.

Então o que acontece agora que a trouxe aqui? Dizer “Aqui está a casa que planejei te dar quando você voltasse, mas você nunca voltou?”

Ou “Aqui é o lugar especial que estive esperando por você todos esses anos, mas nunca ficará nele, só trouxe você aqui para que veja o que perdeu?” Será que isso me faz um homem mau? Sentir vontade de jogar na sua cara nossa casa? Para ser bem sincero, esse foi o primeiro pensamento quando cogitei trazê-la para cá.

Merda, sou um idiota. Ou deveria dizer que aqui era onde eu sempre a quis? Que por anos não coloquei os pés aqui por não suportar ver o lugar vazio sem o som de suas risadas e do piano. Mesmo que ela nunca tenha vindo aqui, é como se o lugar fosse de Samantha. Cristo! Eu vivi idolatrando essa mulher. Será que sou um louco obsessivo?

Mas do que adiantava tudo isso se ela não enxergava nada? O melhor a fazer é agir como seu segurança.

Mas quando o assunto era Sam, eu era irracional, dúbio, louco sem sentido. Deus sabe o quanto eu tenho raiva de me sentir vulnerável. Mas essa é nossa história, só tenho de saber lidar com tudo com discernimento. A viagem tinha sido dura porque me peguei dividido em olhar a estrada e olhar seu sono, seu rosto, enquanto ela dormia. Em algum momento pareceu que sonhava, pois ela parecia feliz, lembrando-me da Samantha de anos atrás. A minha Samantha.

Depois de alguns minutos, resolvo descer e cuidar do bem-estar dela em vez de dizer algo para nos machucar. Por que tenho certeza que não iria me controlar de tentar mostrar o que ela perdeu indo embora de vez da minha vida.

— Chegamos, Samantha — digo quando abro a porta do passageiro Ela tem o rosto contraído — O que você tem?

— Só um pouco de dor, não é nada — ela diz frágil. — Eu só preciso deitar um pouco.

— Espera, vou abrir a porta para levá-la para dentro — digo e sigo para a porta da frente, mas essa se abre e vejo Pedro sair. — O que faz aqui ainda, homem?

— Tive um atraso nas compras e só agora consegui deixar tudo pronto — ele responde e estica o pescoço para o carro. — Tem companhia?

— Sim, trouxe uma cliente, mantenha a porta aberta, vou levá-la. — Ele assente e volta para pegar Sam. — Vou pegar você, ok?

A manobra para tirá-la do carro é um pouco complicada, mas consigo levá-la em meus braços para a casa. Minha garganta se fecha de emoção, no entanto me controlo para nosso próprio bem. Quando entramos, Pedro vem atrás de mim.

— Posso ajudar com alguma coisa, senhor Carl? — Sinto o corpo de Sam ficar tenso ao som da voz dele e a aperto mais em meus braços levando-a para o quarto principal.

— Está tudo bem, querida, é apenas meu caseiro — digo em seu ouvido e ela relaxa suspirando. Por que diabos estou chamando-a de querida? Deus, O'Neal! — Traga as malas que estão no carro, Pedro. Obrigado.

— Que lugar é esse, Carl? — Pela enésima vez ela pergunta e algo me impede de dizer. Talvez eu queira que ela descubra quando recobrar a visão. Sim, vamos ficar aqui até ela estar bem.

— É apenas minha casa fora da cidade, Sam — digo.

— Tem um lago?

O quê? Como ela sabe disso?

— Como sabe disso? — Será que ela sabe desse lugar? Pesquisou minha vida? Será que ela sabe que continuei com isso mesmo ela não dando a porra de nenhum valor? Será que ela planejou isso? Vir aqui?

— Seu amigo falou no carro. Carl, você está me apertando — ela diz e percebo envergonhado que estou com os braços tensos em sua volta.

— Desculpe — peço desconfortável.

— Tudo bem — diz com uma risadinha e encosta a cabeça no meu ombro dizendo baixinho: — Só preciso que me leve ao banheiro. Fiquei muito tempo no carro. Desculpe.

— Não precisa pedir desculpas por isso, Samantha. — Entro no quarto e vou direto para o banheiro. Ainda bem que é tudo espaçoso aqui. Depositando-a sentada, fecho a porta atrás de nós.

— Pode ir, Carl, eu posso fazer isso sozinha — ela garante, mas eu não vou deixá-la sozinha em um lugar desconhecido para que se machuque mais caso caia.

— De hoje em diante será apenas você e eu, Samantha, pense em mim como um enfermeiro — digo e vou ajudá-la sob protesto.

Minutos depois estou acomodando-a na cama.

— Você, enfermeiro? Bem difícil de associar, Carl — ela comenta enquanto a ajudo vestir uma roupa confortável. Ela está trêmula e ruborizada. Ela tinha razão, meus pensamentos não são de enfermeiro agora que vejo muito de seu corpo. Deus! Será um inferno cuidar dela sem poder tocar como eu quero, mas não posso.

— Você tem razão, pense em mim como um médico — tento gracejar e fica ainda pior porque agora estou pensando em brincar de médico com ela. Que merda! Ela está mais

vermelha agora, acho que sua dor foi esquecida com essas insinuações um tanto inocentes, mas nossas mentes estavam a mil por hora.

Limpo minha garganta e tento de novo. — Não pense em nada.

— T-tudo bem — ela gagueja quando meus dedos tocam os lados dos seios dela enquanto abaixo sua roupa. Jesus! Isso vai ser a missão mais difícil da porra da terra e não faz nem cinco minutos que chegamos.

— Vou preparar algo para você comer — digo e me afasto da cama. — Eu volto já.

Saio do quarto como se o diabo em pessoa estivesse atrás de mim. Deus, eu sou um monstro desejando uma mulher quase inválida. O que isso faz de mim?

Devo me tratar com um psicanalista e rápido. Entro na cozinha e escoro meus punhos fechados no tampo da mesa. Minha cabeça pendura para frente em desalento. Não pensei que isso seria tão difícil. Tê-la aqui, enfim.

Sam estava em casa... Faço uma careta para mim mesmo. Deixe disso, homem. Isto não é o que o seu coração estúpido acha que é, Carl. Você só tem que protegê-la, sim.

Porque independentemente de tudo, ela sempre foi minha e eu protejo o que me pertence. Isso é o que o estúpido coração diz para meu lado racional.

— Dia difícil? — a voz de Pedro me arranca do meu martírio.

— Difícil não é bem a palavra, Pedro. Está mais para estupidez das grandes. — Vou até a geladeira, abrindo a porta. — Comprou tudo que pedi?

— Sim. Se tivesse dito que traria uma pessoa, eu teria pedido a Maria para fazer o jantar — ele diz referindo-se a sua esposa.

— Está tudo bem, obrigado.

— Bem, de qualquer forma ligue se precisar de algo, estou indo. — Ele coloca o chapéu que está rodando entre os dedos na cabeça e me olha preocupado. — Quer que Maria venha ajudá-lo com sua cliente? Vejo que ela está machucada e precisará de alguém...

— Obrigado, Pedro, mas cuido da Sam sozinho, não tem problema — corto e começo a escolher os ingredientes para uma sopa. Ela precisa de comida fácil e leve, então nada de comidas elaboradas. — Agradeço sua boa vontade.

— Então, vejo você depois. — Quando ele sai me deixando sozinho, eu sou uma pilha tensa de músculos. Preciso urgente de algo para extravasar ou vou ficar louco.

— Bem feito para você, Carl O'Neal — resmungo para mim mesmo e vou cuidar do nosso jantar. Mas antes vou até o armário e pego uma dose de conhaque para aliviar um pouco a tensão. Ergo o copo em saudação antes de beber. — Bem-vinda, Samantha!



Quando entro no quarto mais tarde com a sopa para Sam, encontro-a dormindo. Eu tinha demorado um pouco verificando toda casa depois que Pedro saiu. Não sabia se as ameaças eram reais ou apenas intimidações, mas não queria ser pego desprevenido aqui, caso esse perseguidor nos seguisse, já que ele parecia tão próximo ao ponto de ter fotos nossas.

Paro ao lado da cama e a observo por um momento. Deve estar exausta da viagem longa que fizemos.

Minha Sam, tão quebrada, indefesa, estava pálida, talvez devesse ainda estar no hospital se cuidando, mas foi tão teimosa em sair. Só faziam duas semanas desde o acidente e, ainda por cima, viemos para cá. Coloco a bandeja no criado mudo, ao lado da cama, ajoelho-me para que eu possa observar de perto sua tez cremosa, ainda com hematomas, mas nem isso tira sua beleza.

— O que vou fazer com você? — sussurro, meu coração tomba de dor, quando penso no que era para ser e nunca foi. Será que devo agradecer a esse psicopata por mandar mensagens e portanto nos trazer aqui? Onde sempre desejamos estar? — Eu lembrei de você todos os dias, carinho, e essa mistura de amor e ódio que senti não me permitiram seguir em frente. Eu juro que tentei tanto deixar o passado para trás, aceitar que você foi embora.

Minha voz treme e eu paro de falar porque estou em um círculo vicioso com os sentimentos que sinto por ela. Mas uma coisa tenho certeza, não deixarei ela sair daqui até que esteja totalmente recuperada. Farei de tudo para que possamos viver um pouco em paz, sem nenhuma cobrança ou o que seja. Quando ela estiver recuperada, talvez possamos conversar, algo que não fizemos, até porque não tivemos espaço e eu não fui lá muito compreensivo. Admito. — Sam — sussurro outra vez deixando a mágoa sair um pouco, correr livre, porque estava presa a tanto tempo. Fui duro comigo mesmo e com ela por longos anos, e isso estava acabando comigo.

Se fosse outro homem já teria esquecido tudo, mas esse sou eu, sempre senti demais as coisas. Quando meus pais faleceram e fui morar com minha tia, eu tinha onze anos, fiquei anos sem saber lidar com a dor que me comia por dentro. Quando enfim saí da concha, comecei a viver fora do lugar seguro onde me escondia, conheci Sam logo depois e me apaixonei tão violentamente, dando tudo de mim. Mas, posteriormente, ela também me causou essa dor tão grande que estou até hoje carregando comigo. Com raiva, mal-humorado, cínico até com as vidas amorosas dos meus amigos. Transando com mulheres aleatórias, apenas por necessidade fisiológica, sem sentimentos envolvidos. Nunca mais namorei nenhuma mulher, nem por um dia sequer. Porque lembrava que as mulheres não são confiáveis. Essa besteira já dura há tanto tempo que acho que morrerei sozinho.

Agora posso tentar deixar tudo isso de lado e cuidar dela, pois não podia deixá-la sozinha quando mais precisava de alguém que não fossem aqueles que viviam sugando toda vida de uma pessoa que era tão radiante, moleca e de sorriso fácil. Mas agora? Ela nem sorri mais. E eu quero ver esse sorriso de volta, mesmo que no fundo esteja sangrando. Eu não quero nenhum milagre, achando que agora será o retorno do nosso romance, nós tínhamos quebrado umas das coisas mais importantes de uma vida a dois: confiança, que uma vez quebrada, quiçá, não será consertada nunca. Ou quase. Havia os sortudos que voltavam a confiarem.

Seguro sua mão e beijo a palma suavemente. Ela tem que se alimentar, parece tão magra!

— Carl?! — ela me chama com a voz temerosa. Será que ela percebe que cada vez que acorda chama por mim? Será que ela ainda se importa conosco?

— Sou eu. Trouxe seu jantar — digo ainda segurando sua mão na minha e trazendo para mim. Passo o dorso da sua no meu rosto, minha barba por fazer, provavelmente arranha, porque ela solta um riso tímido dizendo.

— O que você está fazendo? — Ela torce a mão querendo que eu solte e vira a palma para meu rosto acariciando meu maxilar áspero. Sinto a carícia como tivesse sido atingido por um fio desencapado e estremeço. Tocá-la era um tormento, eu queria abaixar e beijá-la, não com a intenção da última vez, quando queria uma resposta positiva dela de vir para cá, mas porque a vontade de saborear sua boca é maior que tudo. Seguro sua mão beijando, outra vez, a palma e parando seu toque.

— Você ainda tem de se barbear duas vezes ao dia, não é? — ela comenta ainda com um sorriso, mas agora um pouco trêmulo. Eu a deixo nervosa? Se ela soubesse.

— Devia comer, Sam. — Levanto e ajudo-a em uma posição confortável para que ela possa se alimentar.

— Não tenho fome, Carl — diz e sua cabeça cai para seu peito.

— Claro que tem, não comeu o dia todo — aponto. — Fiz uma sopa para você.

— Não posso! Agradeço pelo trabalho que teve, mas não posso.

O que diabos era isso? Como não pode?

— Não pode o quê, carinho? — Seguro seu queixo, trazendo seu rosto em minha direção. Lágrimas deslizam silenciosamente por sua face. Seus olhos claros estão perdidos no espaço, antes de fechá-los. — Ei, está tudo bem.

Mesmo me recriminando, acomodo-me melhor perto dela e a faço encostar em meu peito, embalando-a em meus braços. Fecho meus olhos quando inalo o cheiro se seus cabelos e uma dor aguda me norteia, apenas aperto-a mais firme. Faz tanto tempo que senti seu corpo junto ao meu, que é quase irreal tê-la assim tão perto e, ao mesmo tempo, tão longe.

— Por que não me diz o que a incomoda, Sam? Assim podemos resolver isso, humm? — Tento saber já que ela não fala coisa com coisa. Seu nervosismo é claro e não entendo, além do óbvio, o motivo dela estar assim.

— Eu não tenho nenhuma coordenação quando me alimento. Mamãe que ajudou a me alimentar e irei fazer uma bagunça suja aqui na cama... — ela para e depois dispara como uma maluca. — Essa é a sua cama?! Oh, meus Deus!

— Samantha, eu te trouxe aqui sabendo que teria de ajudar você em tudo — digo firme. — Então, não fique com receio e perda achando que te deixarei sozinha, sem rumo. Estou aqui para o que você precisar. Vou te ajudar com a sopa, não se preocupe, e — baixo o tom da voz e murmuro perto de sua orelha —, sim, a cama é minha.

Ela notadamente prende a respiração e meus olhos caem para seu peito onde a camiseta branca não esconde muito de seus seios redondos. Droga, pare, Carl!

— Bem, estamos entendidos? — forço um tom descontraído e me afasto para que ela se acomode e comece a se alimentar.

Pacientemente dou-lhe a sopa, colherada após colherada. Observo cada gesto desajeitado que ela faz. Os cabelos castanhos claros e sedosos estão caindo em torno de seu

rosto, o nariz afilado e atrevido. Eu não tinha visto seu lado atrevido, minha Sam adulta era uma total desconhecida para mim, e eu estou apenas um dia perto e já quero desvendar tudo que eu puder sobre ela.

— Estou satisfeita — ela comenta algum tempo depois. — Estou mais cansada que com fome, não entendo já que a única coisa que faço é ficar deitada.

— Seu corpo tem um limite, Sam, e ele ainda precisa se recuperar. — Deposito o prato na bandeja, pego o guardanapo de linho, que desentoquei de algum lugar no armário da cozinha, e levo aos seus lábios limpando suavemente. Ela fica imóvel enquanto passo lentamente o tecido, seus lábios se abrem um pouco e ela os lambe como se estivessem ressecados. O gesto me mantém de olhos fixo em sua boca e, quando percebo, estou me inclinando, como se um ímã estivesse me puxando, para beijá-la.

Volto a sentar ereto e limpo minha garganta, terminando meu ato de limpeza esmerado.

— Vou levar a bandeja na cozinha — digo ainda sentado ao lado dela.

— Obrigada, Carl — com a voz suavemente rouca agradece. — Você não tinha que estar fazendo isso por mim.

— De nada. — Ela balança a cabeça aquiescendo. — Eu tinha que fazer sim, afinal fui indiretamente culpado pelo acidente.

Levanto, pego a bandeja e vou para cozinha, não dando a chance de ela responder a minha observação. Sento na mesa olhando o vazio e silêncio da casa. Foi apenas um dia e já estou no meu limite.

Depois de limpar toda cozinha, volto para o quarto principal. Preciso tomar um banho. O dia foi longo e ainda quero ligar para Roger, saber se ele tinha descoberto algo das conversas com os pais e amigos de Samantha. E ele também ficou de verificar o conteúdo dos e-mails.

Entro no quarto e Sam está deitada, seus olhos fechados. Caminho direto para o banheiro.

Capítulo 24

*That I love you
I have loved you all along
And I miss you
Been far away for far too long
I keep dreaming you'll be with me
(Far Away - Nickelback)*

Acordo sobressaltada quando algo pesado cai por cima do meu estômago e algo duro me aperta ao lado do meu corpo, uma respiração bate no meu rosto e ouço um ronronar satisfeito. Estou apenas alguns milésimos de segundos de gritar a plenos pulmões por Carl quando lembro onde estou e que esse me agarrando deve ser o próprio.

Meu Deus! Ele está todo enroscado em mim. A posição está desconfortável, porém não ousa me mexer. Parece que minhas preces estão sendo atendidas e ele está baixando a guarda comigo. Seu carinho, cuidando de mim na hora que veio com meu jantar, foi tão tocante, pois ele não precisava fazer nada disso. Minha perna lateja lembrando-me que não tomei minha medicação antes de dormir, pois a viagem me esgotou. Aconchego-me mais junto dele, volto a dormir, apesar da dor incômoda.

A próxima vez que acordo não sinto mais o calor ao meu lado, mas escuto sua voz em algum lugar.

— Vejo que a bela adormecida acordou. — Escuto seus passos se aproximando e em seguida o colchão afundar com seu peso. — Bom dia, linda.

Humm?

— Bom dia — respondo um tanto constrangida. Ando ficando muito assim quando estou perto dele, não sei se por não ter ideia de como me pareço para ele ou se fico assim só pela sua presença marcante. — Esteve me olhando dormir?

— Sim, eu não tinha ideia de que horas você acordaria, portanto fiquei esperando — ele confirma meu temor. Deus, ele esteve me olhando enquanto eu dormia?! Devo estar uma bagunça, desarrumada, e ele me observando! — Você estava igual um anjo descabelado.

— Oh, Deus! — gemo e levanto freneticamente minha mão aos meus cabelos.

— Brincadeira, Sam, você está linda. — Agora sei que ele está mentindo. — Você é linda de qualquer jeito.

— Obrigada, acho.

Essas horas eram as que mais me constrangiam. Depender dele para minhas necessidades básicas é horrível, no mínimo. Mas eu já fui íntima dele uma vez, então, é um ponto positivo, não? Não, não é, droga.

— Dá para ver daqui a fumaça saindo de suas orelhas com seus pensamentos fervendo, Sam — ele graceja, talvez esteja sendo um fofo para me deixar a vontade. — Venha, vou levantar você. Trouxe sua cadeira para ajudá-la a se locomover — diz. — Quanto tempo ficará com esse gesso?

— Humm, pelo que o médico falou, no mínimo, três meses — digo. — Essa imobilização é incômoda.

— Imagino. E sua visão? Como se sente sobre isso? — ele pergunta e ouço a hesitação. Eu não quero sua compaixão, mesmo que minha vinda aqui tenha muito de sua compaixão por mim.

— Não sei, parece que tudo não passa de um sonho — murmuro. Sim, eu vivo sem acreditar que perdi minha visão, ainda que os médicos não achassem que eu fosse ficar cega para sempre. Eu não aceitei bem e essa rejeição da realidade pode bater com força em mim. Espero poder pegar os pedaços depois. — Eu não tive tempo de pensar seriamente sobre isso até então.

— Entendo. Mas seja o que for que está impedindo sua visão de voltar, tente colocar isto para fora — ele continua. — Mas agora vamos tentar fazer a senhorita sair dessa cama! Quero levar você ao redor e conhecer todo o lugar.

— Esqueceu dentro de dois segundos que não enxergo, Carl? — aponto tristemente por cessar seu tom entusiasmado.

— Mas eu acredito, carinho, que você verá em breve. — Minha garganta fica obstruída com sua fé em mim. — Vamos lá!

Carl empurra a cadeira para fora do quarto após eu tomar o banho mais constrangedor da minha vida. Ficar nua na frente dele, Jesus! Além de constrangedor, era excitante. Ele se manteve calado durante todo o processo. Eu fico imaginando o que ele estava pensando. Queria ter a coragem de perguntar. Mas, em todo momento, o senti tenso, suas mãos se mantiveram imparciais, sem tocar em lugares inapropriados.

Nem eu nem ele tocamos no assunto dele ter dormido abraçado comigo, isso parecia ser um segredo nosso. Talvez ele estivesse embaraçado por esse deslize. Porque eu sei que foi um deslize de sua parte. Certamente ele não faria algo assim conscientemente, mas eu adorei.

— Por que não me conta que lugar é esse? — peço quando ele me leva para mesa e começa a servir meu café da manhã. Um rádio toca baixinho em algum lugar da casa quebrando o silêncio. — É seu, o lugar? Ou da sua empresa de segurança?

— Como sabe da empresa de segurança? — Ele coloca um copo ou caneca na minha mão com alguma coisa quente dentro. — Café como você gosta, ou gostava — esclarece.

— Ainda bebo assim, preto com pouco açúcar — repondo e espero sua resposta sobre a casa, que não vem. Então repondo a pergunta dele. — Você mesmo falou, não?

— Devo ter falado — ele resmunga.

— Algo errado?

— Não. Aqui, abra a boca — ele cutuca meus lábios.

— O que é isso? — Ele empurra a colher na minha boca sem cerimônia. Ainda bem que é mamão. Depois de engolir digo rindo. — Carl, avise antes de enfiar a colher na minha garganta!

— Acho que não avisarei, já que isto fez você rir na primeira manhã aqui. — Sua observação faz meu riso aumentar. Eu estou a menos de vinte e quatro horas com ele e já sinto-me mais feliz do que estive em muito tempo.

— Me conte sobre essa casa! — peço ainda com meu sorriso feliz. Mas o longo silêncio que se estende faz meu riso desaparecer.

Apenas a voz que vem do rádio é ouvido.

...Eu te amei o tempo todo

E eu sinto sua falta

Estive tão longe por muito tempo

Eu continuo sonhando que você estará comigo...

O silêncio se estende por tanto tempo que me mexo inquieta na cadeira. Eu sentia a tensão se esvaír de seu corpo em minha direção. O ar parecia denso e pesado a cada segundo que passava e ele não dizia nada. A música ainda toca ao fundo baixinho...

— Carl?

— Por que não termina seu café? — ele enfim diz. O tom totalmente diferente de antes me faz estremecer. Nunca sei qual humor ele estará e, como não tenho outra alternativa, faço o que ele diz. Pouco depois, termino meu café da manhã com sua ajuda em total silêncio. Não ter noção do espaço ao redor é agonizante. — Você está satisfeita?

— Obrigada, sim. — Estendo a mão com cuidado para o lugar onde sei que ele está parado e encontro algo duro, retirando minha mão rapidamente. — Desculpe.

— É apenas meu braço, Samantha. — Ele agarra minha mão na dele e sinto a cadeira se movimentar. — Venha, vou te levar para tomar ar fresco.

— Obrigada.

— Você percebe que já disse isso uma dezena de vezes essa amanhã? — diz com a voz cortante. Droga, o clima ameno tinha evaporado. E quando ele para a cadeira de rodas em algum lugar que julgo ser fora da casa, sinto a brisa fresca batendo em meu rosto.

— Esse lugar parece mágico, sinto isso — digo iniciando algum diálogo.

— É especial para mim — a voz de Carl me abala por sair em um misto de rancor e dor. — Construí isso aqui para ter um lugar onde descansar longe da cidade grande. — Você fez tanto mistério que estava preocupada — Ainda não entendo a tensão em torno disso.

— Quando eu tive a ideia de te trazer aqui, essa conversa não aconteceria assim — ele começa em tom baixo e eu fico atenta a sua voz. Ele assume um tom duro quando

continua. — Queria você enxergando, queria olhar em seus olhos, ver sua reação por saber que construí esse lugar pensando unicamente em você!

— Por quê? O que tenho a ver com esse lugar, Carl? — Do que ele está falando? Sua risada amarga me choca e a lembrança daquele dia que fui vê-lo me abala. Ele tinha rido nesse mesmo tom cruel. — Não lembra, não é? — Ouço seus passos se afastando. — Eu gastei meu tempo com essa droga de casa inútil porque era seu sonho e você esqueceu? — ele berra furioso.

— Fale com mais clareza, não tenho uma bola de cristal, Carl. Não posso adivinhar as coisas!

— Eu deveria ficar feliz por você ao menos lembrar meu nome? Não lembra qual era seu sonho comigo, Samantha? Quando voltasse da sua gloriosa estadia na Europa? Lembra o que me pediu? — ele solta uma enxurrada de perguntas e o nó que estava se construindo na minha garganta, está me sufocando!

— Não...

— Não o quê? Não lembra mais? Deixou o trouxa acreditar que estava apaixonada da mesma forma que ele? — Ele perdeu o controle? — Mentiras, isso aqui foi construído em cima de sentimentos falsos? De uma menina que nada sabia sobre amor? Eu entreguei tudo para você, como um garotinho carente enquanto você brincava!

— Carl, pare com isso, sabe que eu amei você. Não distorça o que tínhamos! — Eu deixo o nó se desfazer em minha garganta e as lágrimas descem. — Está me dizendo que essa é nossa casa? Que construiu isso aqui para me fazer ver o quanto perdi por não fazer tudo do seu jeito?

— Do meu jeito? Eu passei seis meses procurando o lugar perfeito para a garota que eu escolhi amar e quando eu o tinha você destruiu tudo com aquela carta, não por telefone, ao menos, mas a porra de uma carta como na idade média, para terminar tudo! — ele berra tão perto do meu rosto que recuo assustada. — Meu jeito não era assim, pode acreditar.

— Por favor. — Eu choro porque não entendo o que ele está falando. Eu escrevi uma carta, sim, pois eu não tive coragem de falar sobre a mudança de planos de seis meses para um ano em um telefonema. Dizer sobre mais seis meses longe, para que eu pudesse estudar mais, era doloroso, pois a saudade dele já era tanta que seria duro ficar um ano, porém não terminei tudo, nunca faria isso. — Por favor, eu...

Nem sei mais o que peço, tudo está confuso, mal esclarecido, meias verdades, uma confusão tão grande que minha cabeça dói.

Sinto as mãos dele em mim e me encolho.

— Desculpe, não deveríamos ter essa conversa agora — ele diz. A cadeira se movimenta e pelo que percebo estou entre os joelhos dele. — Eu fico fora de mim quando começo a falar sobre isso. Vamos fazer o seguinte, quando você ficar melhor terminamos essa conversa. Fico com a sensação de que estou atacando você.

— Carl, eu não terminei com você — insisto ainda com lágrimas. Por que nós mulheres sempre somos as que choram quando as emoções se tornam demais dentro da gente? — Eu mandei uma carta, mas eu não terminei com você — repito, quero que ele saiba disso.

Ele ri com incredulidade

— Não? Não era o que dizia, Sam. — Ele segura minhas mãos, elas tremem e as dele também não parecem firmes. — Eu te trouxe aqui para que ficasse melhor, nossa história pode esperar. Quem esperou dez anos, espera algum tempo mais. — Amargura envolve sua voz. — Eu gostaria que as coisas fossem diferentes, mas elas não são.

— Carl... — tento outra vez.

Ele ri porém o som sai forçado, estico minha mãos, tocando seu rosto. Nós vivíamos nos extremos, da raiva a calma em minutos. — Eu ainda mantenho aquela carta, sabia?

— Então me mostre — digo e percebo em que droga estamos. Eu não posso ver. — Quer dizer, se eu voltar a enxergar quero ver.

— Que conveniente — ele resmunga irônico.

— Carl, você me odeia e ainda assim me trouxe aqui. Foi para me humilhar, não é? — pergunto com o coração na boca. Se ele disser sim, eu sei que irei desabar. Não aguento mais me sentir dessa forma.

— Não posso mentir para você — ele fala com calma, a raiva anterior abrandada. — Inicialmente sim, eu queria jogar na sua cara essa casa, mas vi que era apenas uma casa e que hoje você deve ter casas melhores que essa. Por que se importaria com esta aqui? Passei dez anos vivendo no passado, Samantha, é hora de mudar.

Eu estou chocada com sua revelação sobre esse lugar. O nosso lugar especial. Quero gritar tão alto com as voltas que a vida dá. Por que nós não pudemos ser felizes? Eu queria minha carreira mais que tudo, porém, não tanto assim, teria lugar para ele na minha vida. No entanto, pelo que vejo, tudo foi distorcido de alguma forma, mas eu irei descobrir tudo, só preciso ficar boa logo. Se eu ficar.

— Vamos ficar aqui até se curar, Sam. Não temos que fazer uma guerra de quem mentiu ou não. Vamos dar um tempo nisso, ok? Você não precisa de mais estresse, precisa de recuperação — ele continua. Apesar de querer continuar esclarecendo as coisas, eu acato sua decisão. Precisamos esfriar a cabeça e descobrir o que houve com nossa comunicação dez anos atrás. Havia tantas coisas para serem esclarecidas.

— Tudo bem — digo. — Mas teremos de conversar um dia. Eu ainda quero saber dessa carta.

— Venha, quero levar você no fim do deque, tem um lago como queria — ele fala já empurrando a cadeira, fazendo barulho no chão, que parece duro debaixo das rodas. — Depois iremos ao jardim, tem suas flores favoritas plantadas lá, apenas chegou na época que não há flores.

Ele continua falando e falando, e minhas lágrimas bobas continuam caindo, agora de pesar e uma saudade dentro de mim tão grande que dói terrivelmente. Saudade de algo que era para ser e nunca foi. Acho que no fim do dia estarei desidratada completamente.

— Aqui? Sente a brisa? — ele diz quando paramos. Sim. Eu sinto batendo em meus cabelos e respiro fundo, levando ar fresco ao meus pulmões. Eu daria qualquer coisa para enxergar o que ele falava. O deque no lago como sonhávamos nas tarde que passávamos em seu apartamento. — Eu quero pedir desculpas por ter gritado com você.

Ele fala depois de um tempo que estamos ali parados.

— Tudo bem.

— Vamos tentar aproveitar e esquecer nossa história por uns dias — ele sugere.

— Será difícil, mas tentarei — digo sincera. Não posso deixar as coisas ficarem assim mal resolvidas.

— Eu sei. Mas iremos com calma, Samantha. Afinal, trazê-la aqui nunca foi uma reconciliação, é para sua segurança. — Fecho meus olhos com força. Ele acabou de enfiar a faca no meu coração.

— É tarde demais para nós, então vamos focar na sua melhora — continua.

— Pode me levar ao jardim? — peço, porque quero que ele pare de me ferir. — Não quero falar mais disso. Me conte sobre a casa. Como ela se parece.

As coisas melhoraram durante o dia e não tocamos mais no passado. E minha estadia na casa de Carl acaba sendo o que eu precisava.

Ele pode ter razão, calma e tranquilidade deve ser o que preciso para me recuperar com mais rapidez. Os dias seguintes só provam isso, apesar das dificuldades de minha condição eu sinto-me mais forte a cada dia.

Capítulo 25

A mágoa e raiva ainda existem e corroem tudo.

Se alguém me perguntar porque passei dez anos da minha vida remoendo minha história mal fadada de amor e não segui em frente, eu poderia responder sem pensar: eu não queria seguir em frente. Primeiro porque eu alimentava uma raiva por Sam que era maior que eu. Segundo, eu não queria seguir em frente, eu não queria sentir tudo aquilo por uma pessoa novamente. Queria viver o passado, ou melhor, o futuro que planejamos. Eu até posso pensar que eu queria o que não poderia ter, a velha história de querer o impossível o que não se pode possuir.

Estou levando a sério demais essa história de cuidar de Samantha. Dormir na mesma cama? Nunca ouvi uma história dessas...segurança dormir na mesma casa que suas clientes. A única desculpa é que não somos meros cliente e segurança. Afinal ela não me paga nada por isso.

Olho para ela dormindo serenamente ao meu lado. Faz duas semanas que estamos aqui e ela melhora a olhos vistos. Tem sido bom para nós dois. Estou menos amargo, mas essa coisa está lá no fundo e sei que pode explodir a qualquer momento. Mantive-me alimentando isso por muito tempo para mudar assim dentro de poucos dias e perdoar.

Viro meu corpo de frente para Sam e sem que me dê conta meu dedo desliza ao longo do braço delicado dela, um toque leve com a ponta do dedo indicador. Vejo quando os pelinhos se erguem em um arrepio, percebendo que ela não está dormindo como achei que estava, ela gosta do meu toque. E com esse pensamento faço um movimento que não deveria, mas a vontade é tão grande que me domina por completo. Ergo-me apoiando minha cabeça na palma da mão e continuo meu caminho até a mão que repousa por cima do lençol e refaço o caminho de volta até o ombro. Inclino e beijo ali delicadamente. Escuto um suspiro e volto meus olhos para seu rosto. Ela está com os olhos fechados, porém seus lábios estão úmidos e entreabertos, está lindamente ofegante. Puxo o lençol descobrindo seu corpo que agora não mostra nenhum hematoma e se não fosse pela perna engessada, ninguém diria que esteve em um acidente. Olho seu corpo e minha atenção se prende nos dois montículos que me chamam para provar os mamilos eriçados e rijos por baixo da regata branca que ela vestiu ontem à noite antes de irmos dormir. Corro meus olhos até a calcinha também branca e engulo seco. Deus, ela era perfeita. Passar duas semanas desejando, tocando e sem poder dar vazão a isso era a pior tortura que um homem poderia ter. E eu acabo de perder o restinho de controle que me resta. Umedecendo meus lábios me curvo e chupo em minha boca um mamilo e o suspiro trêmulo de Sam me encoraja. Solto-o segundos depois deixando a marca da minha boca. Corro a língua por seu colo até o outro seio e faço o mesmo, chupo com força e agora o gemido que ouço sai de minha própria

garganta. Senti-la outra vez é como experimentar algo proibido, mas não tenho capacidade de parar agora.

Levanto e puxo sua regata para cima desnudando o abdome delgado. Seus seios firmes surgem gloriosos para minha apreciação e não resisto, seguro um em umas das mãos e esfrego meu polegar sobre o bico duro, seu peito sobe e desce frenético agora e, sem dizer nada, termino de retirar a roupa fora tendo uma visão da mulher linda que ela se tornou. Sem me conter mais e querendo vê-la toda, retiro sua calcinha deixando-a completamente nua diante de mim. Desejo-a tão ferozmente, estou a ponto de gozar como um adolescente em sua primeira vez, fecho os olhos, mas se torna pior. Tudo o que eu posso ver, sentir, é ela contra mim. Tudo o que eu posso imaginar agora é em fazer amor com ela na minha cama, na qual devia ser nossa cama. Ela foi a minha primeira namorada, minha última... minha única mulher de verdade...

— Carl ... — vem o primeiro sussurro dela desejoso, ofegante. Está temerosa e quero tirar o temor de sua voz e colocar um som prazeroso no lugar.

Sem responder, pois as emoções misturadas com o tesão que ela me desperta queimam na alma, começo um caminho de beijos suaves por sua perna sã até a junção de suas coxas. Não paro e sigo subindo, beijando seu osso do quadril e ela responde levantando os quadris de encontro à minha boca, deslizo a língua no umbigo, em sua barriga plana e alcanço seus seios novamente onde arrasto minha língua devagar, mas sigo, pois tenho um alvo na mente: beijá-la.

Sam tem o rosto vermelho e solta sons de excitação que me incentivam a tocar, explorar e provar mais dela. Contorno o lábio inferior com a ponta da língua e ela suspira entreabrindo os lábios para mim. Seu gosto me faz viajar ao passado. Ela me intoxica com tão pouco...

— Quero tanto beijar você. Cada segundo, minuto... — sussurro contra sua boca, e a resposta dela é levantar seu quadril de encontro ao meu pau duro confinado na minha boxer. Ela se esfrega em mim, como se a necessidade de nosso toque fosse algo elementar. — Eu desejo tanto estar dentro de você outra vez, me perder em você, que dói.

A mão dela agarra meu pescoço fazendo nossas bocas colidirem e estamos nos beijando. Nossas línguas dançam frenéticas, fazendo amor com pura luxúria, devoro sua boca com a minha como tenho sonhado em fazer desde que ela voltou para minha vida. Não há doçura quando consumimos mais um do outro. Tudo é sôfrego e cheio de ânsia. Meu corpo agora esmaga o dela no colchão. Esquecemos que ela não está cem por cento ainda de suas feridas. Nem eu nem Sam estamos preocupados com nada, a não ser a vontade louca de ter mais um do outro com tanta intensidade que arquejamos como se estivéssemos com dor. Enfio minha língua com habilidade em sua boca, explorando, sugando. Os bicos rígidos dos seus seios esfregam em meu peito causando estrago na minha mente.

— Samantha. — Afasto minha boca da dela e desço beijando e mordiscando sua pele até abocanhar um mamilo outra vez. Estou a ponto de explodir. Mordo seu mamilo com mais força do que pretendia e isso causa um pequeno grito arquejante de Sam. Lembro que ela sempre gostou do sexo mais rude. Isso me excita mais, alivio a mordida com a língua.

Ela geme desesperada se contorcendo debaixo de mim. Eu preciso prová-la, sentir sua essência outra vez. Ter tudo dela... Como desejo arrancar cada gota de prazer, fazê-la gritar.

O Som de um celular vibrando na mesa de cabeceira paralisa-me no lugar. Mas que inferno! Quem seria uma hora dessas? Saindo de cima de Sam, estico meu braço e pego o telefone. O número de Alexander pisca na tela. Praguejo rudemente. — Alex? — digo quando atendo nada gentil.

— O'Neal! O que diabos você fez? — ele praticamente está berrando do outro lado. Esse cara tinha bola de cristal além de ser um empata foda? — A empresa está sendo processada!

— O quê? Por quê? — Droga! A coisa é mais complicada que saber que estou sendo um fraco e fazendo sexo matinal com Sam.

— Os pais de Samantha Stollen estão processando a empresa. — Ele está muito emputecido. Nunca ouvi ele desse jeito. Bem, vi quando Lana foi sequestrada, ele quase pirou, mas agora... — Estão alegando que você levou a filha deles doente e incapacitada sem autorização, sabe Deus para onde, à força da casa deles. Você disse que tinha tudo sobre controle, Carl. Puta que pariu, homem! Não devia agir como a porra de um colegial cheio de hormônio.

Pulo da cama e saio do quarto, sinto a raiva começar a crescer em ondas através do meu sangue!

— Informe para eles que meu caso com Samantha nada tem a ver com a Marshall — digo baixo, porque estou muito irado para gritar. — E mande esses filhos das putas todos ME processarem.

— Precisa voltar, Carl! Não vou ser responsável por suas merdas! — ele esbraveja.

— Eu a tirei de lá porque ela poderia acabar mais machucada do que já estava — digo fervendo. — Aqueles sanguessugas do caralho não fizeram nada para protegê-la, nem um merda de um segurança tiveram a decência de contratar!

— Mas não cabia a você tirar a moça de lá assim, O'Neal. Sei que ela é importante para você, mas ela...

— Ela não é uma criança, sabe o quer e decidiu vir comigo — corto. — Não sequestrei ninguém, Alex! Diga aos seus pais que a filha deles está melhor do que estava há duas semanas atrás.

— Cristo! Carl. Homem, você é o cara mais centrado que conheço. Que merda anda bebendo? Quero que a leve para casa!

— Marshall? Desde quando manda em mim? Até onde eu sei não, amigo.

— Carl, não vamos por esse caminho — ele começa, porém corto-o outra vez.

— Não vá você! Eu não vou voltar agora! Sam precisa de um lugar para se recuperar totalmente! E tem mais, esse é um trabalho pessoal, nada tem a ver com a nossa empresa.

— Então venha resolver seus problemas, estou fora! — ele diz mais calmo. — Nosso advogado vai falar com eles, ligue para Nathan e resolva com ele.

Ele desliga e fico escorado na parede do corredor. Deus! Por que as coisas tinham que ficar piores do que elas já estão?

Volto para o quarto e Sam está sentada na cama enrolada no lençol, ela está vermelha e os cabelos um pouco eriçados. Seu cenho está franzido e seus dedos estão apertados fortemente no lençol. Ela está tão linda! Por um momento esqueço nossos problemas e fico embevecido com sua beleza delicada que me chama como o canto de uma sereia, minha sereia.

— Está me olhando? — ela pergunta, fazendo-me sair do transe hipnótico. Sorrio.

— Claro que sim, você é boa de olhar, carinho — repondo e caminho para perto.

— O que está acontecendo? Você estava gritando. Fico nervosa com seus gritos — ela diz.

— Desculpe.

— Escutei meu nome, o que tenho a ver com tudo isso? — ela solta o lençol e agarra meu braço. — Fala, Carl.

— Seus pais estão criando problemas — digo, não adianta esconder nada mesmo. — Estão processando a Marshall por que eu tirei você da casa.

— O quê?! Não acredito que sejam eles, pode ser Zara — ela diz e tem razão, aquela mulher tinha modos horríveis.

— Tenho que dar uns telefonemas. Estamos há quinze dias aqui e eu não me comuniquei com ninguém, nem com Roger.

— Quem é Roger?

— O detetive que está investigando seu perseguidor — esclareço.

— Acredita que há um perseguidor? — Ela ainda duvida?

— Claro que sim. Ninguém se daria ao trabalho de me ameaçar também se não fosse verdade e só quisesse fazer uma brincadeira de mau gosto com você, seja lá quem for — digo, mas preciso me focar, pois o lençol caiu e os seios dela me atacam. Eu ainda estou duro da nossa interação de mais cedo. Será que ela não percebeu que está meio nua na minha frente? Ou percebeu?

— Ameaça a você? Não me contou isso, Carl!

— Não? — estou distraído, caramba. — Você está fazendo isso de propósito?

— O quê?

— Me mostrar seus peitos depois de nossaaventurinha de mais cedo? Quer continuar? Porque estou ainda cheio de tesão...

— Oh, meu Deus! — ela cobre os seios novamente e um tom rosado cobre todo seu rosto e colo.

Não resisto e seguro seu rosto entre as duas mãos e beijo-a.

Que se dane nossos problemas. Tudo pode esperar, menos isso.

Capítulo 26

Carl me beija lento e longamente. Ainda sensível de nossa interação de antes, gemo contra sua boca ansiosamente. Tudo fica intenso e nós estamos nos devorando como se esse fosse nosso primeiro beijo.

— Vou machucar você — ele diz contra minha boca tão perto que respiramos o mesmo ar. Eu sei que não é o momento de nós complicarmos mais nossas vidas adicionando sexo a essa confusão, mas eu não me permiti tantas coisas nesses últimos anos, deixei tudo de lado pela minha música e nada foi tão importante que me fizesse pensar que estive hibernando dentro de mim mesma. Deixei que Zara tomasse conta de tudo para mim e nunca questioneei porque não me importava. Se eu tivesse meu piano já era suficiente, porém agora, aqui, junto com o homem que amei desde jovem, eu quero me permitir fazer loucuras com ele, mesmo que amanhã nós não estaremos mais juntos. Nossa história talvez não seja para sempre, mas posso senti-lo agora tão perto e tão meu.

Essas duas semanas aqui têm sido maravilhosas, ao menos para mim. A sensação de liberdade mesmo com minhas limitações tem sido incrível. Apesar de certos momentos de hesitação comigo, de ser comedido, ele cuidou de mim tão amorosamente que se eu não conhecesse seus sentimentos, pensaria que ele era aquele Carl do passado; apaixonado e dedicado. Mas sei que ele está apenas se sentindo culpado pelo meu acidente, não sou boba nem tão ingênua para acreditar em milagre de um dia para outro. Temos um longo caminho pela frente e talvez no fim cada um siga seu caminho. Por isso quero tanto estar com ele agora. Permito-me esse momento fugaz com meu segurança. Meu primeiro amor...

— Não me machucará, querido. Faça amor comigo — peço ofegante. E mesmo que isso possa me machucar eu continuo. — Me dê um pouco do seu amor, Carl. Eu preciso tanto de você.

— Carinho... — a resposta carinhosa me faz derreter contra ele. Perco o resto de juízo quando sinto Carl me empurrando lentamente para trás e me deita sobre o colchão. Estou nervosa, tremendo, mas ainda assim muito excitada para parar isso tudo.

O toque de seus dedos em minha pele, tocando meus seios sensíveis, deixam-me quente, luxuriosa e sedenta demais. Sua língua desliza pelos meus lábios, lambendo, sugando, mordiscando e tudo parece sair da realidade e amplifica os meus outros sentidos. Sinto Carl em cada parte minha. Ele me prende com força na cama. Com minha mão livre deslizo por sua pele, queria poder tocá-lo dos pés à cabeça como antigamente. Levanto meus quadris de encontro ao dele, me esfregando eroticamente no cume duro de sua ereção espessa, quente. Era uma promessa dura e rígida de satisfação e eu quero mais e mais dele.

— Quero sentir você dentro de mim outra vez, Carl — sussurro sôfrega. — Não seja gentil, preciso de você completo, me dando tudo de você.

— Não seja gananciosa, carinho — fala contra meu pescoço, a língua serpenteando meu pulso sensível. Gemo quando inclino para que ele tenha mais acesso a essa parte erógena. — Não tem ideia do tamanho da minha fome.

Desço minha mão por seu corpo e agarro seu pau com força suficiente para causar um gemido rouco dele — Talvez tenha sim.

— Quieta — ele é autoritário agora. Seu peso some de cima de mim e não entendo. Ele vai parar?

— Não pare agora.

— Claro que não, não seja ansiosa, Samantha. Sei que quer meu pau todo para você, mas ainda está machucada — ele está dizendo e sua voz soa mais distante. Escuto algo rasgando e imagino que seja um pacote de preservativo. Ah, sim!

Sinto que ele volta quando a mão dele percorre minha barriga, subindo pela lateral até acariciar um dos meus seios sensualmente. Gemo excitada, ele aperta meus mamilos simultaneamente, fazendo-me empinar para frente querendo mais, mordo meus lábios com força na tentativa de controlar meus gemidos, porém são em vão. Perco a noção das coisas, estou perto de gozar apenas com ele explorando meus mamilos? Ah sim, faz tempo que quero esse homem me fodendo de todas as maneiras, movo meus quadris automaticamente de encontro a ele, necessitando dele dentro de mim, precisava desesperadamente.

— Carl. — Estou tão perto de explodir, mas ele tem outras ideias e me frustra quando desce as mãos para baixo. Ele passa o dedo na abertura da minha boceta e gemo descontroladamente. Ele não é tão delicado como disse que eu precisava. Ele empurra, enterrando fundo dois dedos dentro de mim com força sem nenhum aviso. O polegar no meu clitóris duro me leva fora da minha mente e explodo em seus dedos. Presa na luxúria avassaladora que ele desperta em mim, meu corpo dominado com desejo puro, gemo seu nome sem parar, empinando-me mais. Agarro seus cabelos curtos e me entrego totalmente engolfada por um tesão incontável, tudo estala dentro de mim em sintonia com seus dedos. A boca dele cai na minha engolindo meus gritinhos de puro prazer carnal. Pulsando ao redor dos seus dedos pecaminosos, choramingo. Isso é tão deliciosamente bom. Seu corpo musculoso sobre o meu, seu gosto na minha língua, transcendem todo meu raciocínio...

— Você está tão sensível e ainda não fiz nada com você, amor — ele está dizendo quando volto a mim. Estou pulsante, cheia de energia, quero mais. — Quero comer cada pedacinho seu. — Oh! Quero dizer que é ele que me deixa assim, mas Carl já está me levando em uma nova viagem de prazer. Ele suspende minha perna sem gesso, colocando em seu ombro e sem preâmbulos bate seu pau com tudo, fazendo-me gritar. Oh Deus, eu tinha pedido por isso, gentileza estava fora dessa cama hoje. Minha perna engessada não parece empecilho para ele bater com força dentro de mim. Derreto-me enfraquecida, minha respiração fica difícil quando tento acompanhar seu ritmo, empurro de encontro a ele e encontramos a sincronia perfeita, os sons do quarto me deixam ainda mais excitada. Nós dois juntos outra vez é quase surreal. Sentir Carl outra vez dentro de mim é tão... tão...

— Sente isso, carinho — a voz rouca me chama e ele se inclina para frente fazendo com que vá ainda mais fundo nessa posição que estamos. Ele me toma com força. — Sente que vai explodir? Sente que sempre foi minha, que pertence só a mim?

Não respondo porque estou arquejando com sua posse. Ele levou a sério o "não seja gentil" e eu amo isso nele.

Calor vem em rajadas pelo corpo todo, me fazendo arder, reagindo a sua voz rouca, dura, pois ele parece com raiva agora enquanto profere as palavras. Está com raiva por ceder ao desejo por mim, é isso? Estou tão molhada que seu pau não tem dificuldade de ir e vir dentro de mim.

Ele não fala mais, porém sinto que ele me fode com desespero, como se quisesse me marcar com seu toque duro, áspero. Eu me perco nele, aproveitando tudo que posso ter dele, agora. Mais tarde? Não sei se poderei sequer tocá-lo. Quando a luxúria lambe nossas peles suadas nos levando ao êxtase nada parece errado, tudo está encaixado em seu devido lugar.

Capítulo 27

Encosto minha cabeça na porta da geladeira na cozinha e sorrio para mim mesmo. Sabia que isso ia acontecer cedo ou tarde. Essa minha ideia brilhante de trazê-la aqui tinha seus furos. Inconscientemente posso ter planejado isso. Trazer Samantha para terminar na cama com ela, depois de ter jogado em sua cara tudo que ela deixou para trás. Bem, mas esse misto de amor e ódio ainda me corrói, sinto-me um pouco incomodado por inicialmente ser meu plano, mas as coisas nunca saem como queremos quando o assunto são os sentimentos envolvidos em histórias mal revolidas. Saindo do estado letárgico pós foda começo a preparar nosso café da manhã tardio.

Três dias se passam e nos aproximamos cada vez mais, Sam está mais sorridente, mais leve e isso me contagia também. Mas apesar disso se mantém longe das músicas clássicas que tanto ama. Chopin e companhia nunca foram tão desprezados. Ela pediu que não colocasse esse tipo de música enquanto estivesse aqui. Eu tinha comprado uma seleção de músicas quando comprei seu piano e coloquei na casa. Pensando nisso agora, pareço um louco perseguidor. Porém tudo isso me preocupa, essa negação dela com sua visão é preocupante. Tenho receio que essa atitude não está fazendo bem para sua recuperação.

Ela está tão diferente. Era como fazer amor com outra mulher diferente daquela que conheci um dia. Ouço uma batida na porta de trás e pouco depois Pedro aparece carregando sacolas com mantimentos.

— Bom dia, seu Carl. Desculpe ir entrando assim — ele diz meio constrangido. — Bom dia, Pedro. Sem problemas. — Aceno e aponto para as sacolas de compras.

— Obrigado por isso.

— Sei que não pode deixar a moça só — ele diz. Ele conheceu Samantha formalmente nas vindas dele aqui. — É meu trabalho.

Ele coloca as sacolas na mesa e para ao lado tirando seu boné, como de hábito, uma ruga se forma em sua testa, seus olhos escuros preocupados.

— Está fazendo alguma manutenção na câmera de entrada da propriedade? — pergunta e travo no lugar e a ruga agora está em minha própria testa.

— Não, por quê?

— Quando passei notei que umas das câmeras sumiu. — Ele coça a cabeça. — Ou posso ter me enganado.

— Certeza? Levantei e não verifiquei as câmeras ainda, erro meu. — Jesus! Estou relaxado demais aqui. Eu não tenho feito meu trabalho direito com relação a segurança de Sam, talvez esteja achando que nada irá acontecer, estivemos em uma bolha nesses dias longe de tudo. Roger não conseguiu descobrir de onde veio o e-mail de ameaça, certamente feito para não ser identificado, mas ele ainda não tinha desistido de achar a origem, mas

tudo no Brasil leva tempo e não estava com muita fé que ele iria conseguir. Eu sugeri que um bom hacker teria isso há dias, já que Souza, nosso homem da empresa, não estava mais trabalhando nisso, mas Roger é daqueles bons policiais que fazem tudo do seu jeito. Mesmo que seja mais demorado. — Vou verificar isso agora — digo para Pedro.

Ele me segue para a sala de monitoramento que montei quando construí esta casa, na verdade fiz por força do hábito e, claro, testando algum equipamento da empresa. Cinco minutos depois, vejo que Pedro tem razão. A câmera da entrada da propriedade está desligada. Melhor, o dispositivo diz que está desconectada. Pode ter sido derrubada? Tenho de verificar isso.

Levanto pronto para sair com Pedro para averiguar onde foi parar a bendita câmera quando ouço a voz de Sam me chamando:

— Carl?! Está aí? — Sua voz está abafada e viro-me para Pedro:

— Volte lá e veja se acha a câmera no chão, depois venha me relatar o que houve — digo já encaminhando para o quarto e ele sai sem questionar.

Sam já consegue fazer algumas coisas sozinha, mas ainda precisa de mim para quase tudo, se ela não estivesse com a perna engessada seria muito mais fácil para ela lidar com a cegueira sozinha. Encontro ela de cara amarrada na cama.

— O que houve?

— Precisando de uma mãozinha — ela pede constrangida. Eu rio, ela ainda tem horror de precisar de mim para suas necessidades básicas. Sei que deveria levá-la para uma casa adaptada para ela, mas estou sendo egoísta mantendo-a aqui. Sei que isso explodirá em breve na minha cara, pois os pais dela estão infernizando a vida de Alexander na empresa.

Depois de ajudar Sam, levo-a na cadeira para fora do quarto e noto que Pedro não voltou.

— Carl, preciso do meu celular — Sam diz. — Não posso passar mais tempo protelando ligar para mamãe. Já se passaram quase três semanas sem nenhuma notícia minha. Isso não é legal da minha parte.

— Não deve se preocupar com eles, são todos crescidos — argumento chateado. Ela queria falar com o cantorzinho? Ela nunca me explicou o motivo do imbecil dizer para quem quer ouvir que ele é namorado dela.

— São meus pais, Carl.

— Tem certeza que é só com seus pais que está preocupada? — pergunto mal-humorado.

— E porque não seria? Você não me disse mais nada sobre o processo que abriram contra sua empresa.

— Nosso advogado está lidando com isso. — Levo-a para sala e ajudo-a a se sentar no sofá. — Vou buscar seu café da manhã.

— Carl?

— Sim.

— Algo está chateando você? Está com a voz estranha. — Ela estica seu braço e agarra minha mão, puxando-me para perto.

Sento ao seu lado no sofá e beijo a palma de sua mão enquanto seguro sua nuca.

— Nada demais, apenas uma câmera que sumiu e percebi que ando muito relaxado com a segurança da casa — esclareço.

— Não se preocupe tanto. — Ela ri — Eu fico lisonjeada que sou uma distração para você, grande bicho papão — diz zombeteira.

— Não devia brincar com isso — recrimino duro, mas quebro todo trabalho de parecer mau quando esmago seus lábios com os meus. O gosto de seus lábios me faz devorar sua boca, o beijo é lento, profundo e suave. Bebemos um do outro, nossas línguas torcendo lentas e facilmente juntas. Era por isso que estava distraído, tentação demais, seu sabor delicioso vai direto para meu pau que reage duro. Daria para quebrar nozes de tão duro que estou. Porra, ela é tão gostosa que quero empurrá-la nesse sofá e comê-la inteira...Minha mão desliza por entre suas pernas em direção ao ápice de suas coxas onde sei que ela está molhada e pronta...

— Desculpem-me — vem uma voz constrangida de algum lugar e eu pulo em pé. Que merda, estou precisando voltar à realidade. Como diabos não vi Pedro entrar? Acho que Alexander tem razão. Preciso levar Sam de volta para que outro segurança fique na casa dela. Eu estou arruinado com sua boca pecadora, tentadora e succulenta, que me faz um tonto.

Falando em boca, ontem à noite foi...

— Seu Carl? — Pedro está esperando em pé ainda ao lado da porta e eu aceno para ele me seguir.

— Só um minuto, Samantha — digo quando saio com Pedro em meus calcanhares.

— Onde estava a câmera? — pergunto, pois ele a tem nas mãos.

— Estava a poucos metros do poste onde estava antes, mas acho que não vai gostar muito de saber como ela está. — Ele me entrega e vejo que foi propositalmente derrubada, estava quebrada como se alguém tivesse esmagado com um pedaço de madeira ou coisa do tipo.

O telefone da casa começa a tocar e é interrompido antes de eu atender, penso que a pessoa desistiu quando ouço a voz de Sam vindo da sala.

— Alô? Quer falar com quem? — sua voz fica estridente e eu corro para lá a tempo de vê-la jogar o aparelho longe. Eu não havia deixado ela ter acesso ainda ao telefone e agora ela tinha conseguido atender, já que estava perto do aparelho e ele não costumava tocar na casa. Ela parece em choque. Quem diabos era ao telefone?

Capítulo 28

Quando o telefone tocou ao meu lado, minha única reação foi estender o braço, pegar o aparelho e atender.

O silêncio do outro lado parece gritar, então, digo receosa: — Alô? Quer falar com quem?

— Encontrei você, vagabunda — a voz estranha distorcida diz, fazendo-me jogar o aparelho distante em um ato reflexivo de pavor.

— Samantha?! — Sinto Carl ao meu lado, seus braços ao meu redor, mas minha mente está correndo a toda velocidade. — Quem era no telefone?

— N-não sei...

— O que a pessoa disse? — sua voz sai dura e tremo de encontro ao seu peito.

— Disse que tinha me encontrado. — Deixo de fora o vagabunda, isso era horrível de ouvir de um desconhecido. Ouço Carl praguejando e me agarro mais a ele. Tinha se tornado um hábito nos últimos dias, isto porque sinto-me protegida quando Carl está por perto. Por mais estranho que posso parecer, eu confio nele para me manter segura.

— Tudo bem, carinho. Estou aqui. — Ele beija o alto da minha cabeça e eu, aos poucos, paro de tremer. — Você reconheceu a voz? — Carl indaga depois de um tempo me segurando.

— Não. — Parecia uma gravação, mas a respiração do outro lado era muito real. Eu, até então, por mais que Carl e aquele policial de outro dia tenham tentado me fazer acreditar em um perseguidor ou algo como isso, não tinha levado tão a sério. Havia uma possibilidade de ser alguma brincadeira, mas com isso? Acho que está ficando sério. Pergunto-me, por que agora?

— Tudo bem, foi só um susto — Carl murmura no meu cabelo. — Vou ter de te deixar por um instante e fazer uma vistoria da área, pode ser que esse imbecil esteja por perto. Deixarei Pedro aqui com você. Não tem nada que temer, Sam.

Não! Quero gritar, mas apenas digo sem muito entusiasmo:

— Tudo bem. — A ideia dele sair lá fora tendo algum louco à espreita faz meu coração quase parar de angustia. Mesmo assim confio em sua capacidade de se manter a salvo.

Beijando minha testa ele se afasta, falando com Pedro. Ouço suas vozes indistintas quando eles se afastam. Nervosismo revira meu estômago e agradeço por não ter tomado meu café da manhã ou ele estaria no chão agora. Sinto minhas mãos trêmulas e as aperto juntas.

Fico perdida nos pensamentos e uma onda vem como miríade de conflitos, começando se infiltrar nessa nevoa densa de tensão que esse telefonema desencadeou. Começo a ponderar alguns hiatos dessa relação com Carl. Do rumo que isso vem tomando.

Fecho meus olhos apertados e os abro novamente como se com isso eu fosse enxergar outra vez. Percebo que faço muito isso. Encolho-me no sofá e minha mente voa pegando cada momento perdido de nós dois aqui nessas semanas. Estamos camuflando nossos sentimentos, não me permiti ainda analisar como me sinto aqui com ele, pois sinto felicidade e agonia ao mesmo tempo, porque pode ser nossa última chance de estarmos perto um do outro. A dor e raiva sempre vêm fortes demais quando me permito pensar como agora, então eu as calo no fundo do meu coração.

Tenho raiva do pensamento de como me odiei achando que eu estraguei tudo quando mandei aquela carta, mas, diante do pouco que sei agora, eu não tenho mais certeza de nada. Quem tinha nos afastado? Porque tenho absoluta certeza que algo aconteceu com minha carta, e eu posso pensar apenas em algum par de pessoas que poderiam ter acesso a essa carta. Porém tudo tem de vir à tona. Contudo não deixo de constatar algumas perguntas conflitantes:

Se ele me culpa por abandonar tudo isso, tenho de mostrar que nem tudo é preto e branco, há mais cinza em nossa história do que Carl possa imaginar. Aperto meus olhos de novo irritada agora, meu nervosismo de antes dando lugar a pura raiva de não poder enxergar e tentar mostrar para ele que não sou tão má assim. Será que é errado uma mulher querer ter sucesso, ser independente? Por que tem de ser o homem sempre a ditar o relacionamento? Será que fui tão cruel porque escolhi uma carreira? Se fosse o contrário, ele ficaria feliz se eu fosse tão taxativa como ele está sendo sem nem querer me ouvir? E eu não pedi uma vida, apenas mais alguns meses. Será que era muito? Quando tínhamos uma vida inteira?

Eu o amo, mas essas dúvidas estão aqui me corroendo. Será que ser jovem e se deixar levar por todas as dúvidas e emoções pertinentes a minha idade, na época, virou um crime tão hediondo? Quem nunca foi jovem e errou por não saber lidar com as decisões mais acertadas? E nem foi como ele imaginava; que eu o abandonei. Quando penso se tivesse sido ele no meu lugar, escolhendo uma carreira, iria existir todo esse drama? Ou será que por mulher tenho de ser recata e dona de casa?

Ele parece diferente nessas semanas. O carinho com que tem me cuidado sobrepõe qualquer mágoa que ele possa ter, mas quem me garante que isso é verdadeiro? Ele me confunde. Pois fala do seu ódio por mim e ao mesmo tempo age como se me amasse. Seu toque é tão amável, tratando-me como um bebê e como não sou nada boba, claro, aproveito.

Agora o riso que sai dos meus lábios é de carinho e ternura. Ele tem sido o meu Carl.

Quente e frio definem nosso caso. Ah, mas tem sido mais quente que frio, posso garantir. Eu sei que ter adicionado sexo na mistura louca dos nossos sentimentos pode não ter sido a coisa mais certa a fazer, porém quando queremos tanto algo que dói, ter controle sobre essas coisas do coração é difícil. E eu quero Carl tão forte que chega a doer.

Ah, Deus, antes que essa história termine vou pirar, pois são tão dúbios nossos sentimentos. Temos um longo caminho pela frente e temo não termos tanto tempo para resolver nossa história.

— A senhorita quer alguma coisa? — a voz masculina me faz pular de susto.

Quentura sobe por meu pescoço e rosto quando percebo que estive fora de órbita e que Pedro tinha voltado para sala.

Limpando minha garganta, para disfarçar meu constrangimento, digo:

— Estou bem. — Meus pensamentos vão para onde Carl está agora. Ele estava arriscando a vida por mim?

— E Carl? — pergunto quando o silêncio se estende.

— Ele está bem, senhorita — ele garante.

Eu preciso falar com meus pais sobre essa história de que Carl me sequestrou. Eu tinha passado esses dias perguntando a ele sobre isso, claro, ele não me deixava continuar, sempre me calando com seus beijos, mas está na hora de pegar minha vida pelas rédeas novamente.

— Pedro você pode fazer uma ligação para mim?

— Claro, senhorita — diz sem preâmbulo e dito o número de mamãe para ele rapidamente.

Ela seria a primeira a me responder porque diabos está acusando Carl de sequestro quando ela sabe bem que vim porque eu quis. Eu não entendo a fixação de todos comigo. Eu já fiz tanto por eles.

— Aqui, senhorita — ele diz colocando o aparelho em minhas mãos.

Capítulo 29

Pego uma arma no armário atrás da porta da sala de comunicação e enfio no cós da calça. Eu sei que provavelmente esse filho da puta não está aqui por perto, ele não seria tão idiota, mas, caso ele seja mais burro do eu imagino, será melhor levar minha arma por garantia. Pretendo dar uma verificada ao redor.

— Fique na sala com ela enquanto vejo ao redor — digo para Pedro antes de sair pela porta lateral que dá para o lago.

Relutantemente deixo Sam com Pedro, porém tenho de pensar com a mente e não o coração.

Olho por todo o perímetro ao redor da casa e não vejo nada. Seria muita burrice alguém se aproximar da casa, considerando que tenho câmeras por toda parte do lado de fora, mas esse ponto cego agora é o que me preocupa. Alguém deve estar se divertindo. Depois de verificar tudo, começo a voltar para casa. Ligo para Roger para saber se ele tem alguma pista do perseguidor e informar o que está acontecendo aqui.

— O'Neal, você não morrerá tão cedo — ele fala quando atende a ligação. — Estava pensando em ligar para você.

— Isso quer dizer que tem alguma novidade?

— Sim, nosso "admirador secreto" tem conhecimento da deep web e por isso não vamos conseguir localizar o IP da máquina que ele usa para enviar os e-mails, chegar nele é o mesmo que procurar uma agulha no palheiro — ele diz.

Quem seria? Eu jurava que poderia ser Zara ou o suposto noivo. Talvez aquele advogado que nunca vi, pelo teor da conversa com Zara não era nenhuma coisa boa.

Corja de gente ruim, perto demais...

— Isso não ajuda muito, Roger, estou tendo problemas aqui. Alguém quebrou a câmera da entrada da propriedade — digo chateado. Minha preocupação com Sam só aumenta. — Você pesquisou a mulher?

— Você está com fixação na agente — ele diz. — A única coisa que descobri é que ela tem um caso com o pai da Sam. Ou tinha, pois os dois ultimamente só têm ressentimentos.

Que merda era essa agora?

— Como diabos descobriu isso? — Estou totalmente chocado.

— Nas conversas, naquele dia que estive na casa deles, algo me chamou a atenção e só juntei as peças. Sutilmente questionei o senhor Stollen e ele apenas confirmou que já esteve envolvido com a moça.

— Isso é surpreendente — comento. Essa família de Sam a cada dia me choca e deixa-me mais preocupado.

— O senhor Stollen teme que a moça revele isso para Sam — ele continua.

— Roger, tem certeza? E pode ter alguma relação com as ameaças à Sam?

— Talvez sim.

— Não vejo nenhuma ligação. — Realmente quero entender toda essa merda.

— Para isso temos de investigar — ele faz uma pausa. — Carl, talvez seja prudente você não ficar aí sozinho — ele adverte. Ele tem razão, venho pensando nisso desde que Alex ligou há três dias e se não fui embora ainda é que estou protelando, levando meu tempo com Sam aqui. Merda, isso não é saudável para nós dois.

— Vou procurar um lugar seguro — digo por fim. Desligamos depois dele me garantir que vai continuar investigando.

Encontro Sam no telefone quando volto e, pelo tom da conversa, é com a mãe que ela está falando. Não fico nada contente, porém deixo ela falar, afinal não iremos continuar aqui. Pedro ainda está com ela e acena quando passo por eles. Tenho vontade de fazer Sam largar o telefone e beijá-la, mas controlo meus arroubos apaixonados e sigo para o deque. Sentando-me na cadeira confortável de vime com almofadas, ligo para a empresa. Preciso falar com Lilian. Preciso que consiga um lugar para Sam ficar e contratar uns dois seguranças para reforçar sua proteção.

— Lilian? — digo quando ela atende no segundo toque.

— Carl, querido, você está bem?

— Sim, obrigado. Lilian preciso de um favor — digo. — Preciso de uma casa com sistema de segurança de primeira e dois seguranças trabalhando nela.

— O que está acontecendo? — ela pergunta curiosa.

— Preciso reforçar a segurança de uma pessoa e necessito para ontem.

— Todos vocês são assim, querem tudo com urgência, para ontem. Homens — ela reclama, mas escuto o som dos dedos dela no teclado do computador, provavelmente já procurando algum lugar. — Qual o nome do cliente?

— Eu sou o cliente.

— Tão misterioso! Tudo bem, a fatura vai ser exorbitante — ela rebate rindo. — Certo, temos uma casa pronta para você amanhã. Vou escalar dois seguranças para estarem lá ainda hoje e que tudo esteja em ordem amanhã. — Ela me passa um endereço e eu agradeço sua agilidade.

— Já disse que amo você, Lili?

— Claro que não, você é tão fechado que nem em sonho diz isso para alguém. — Ela ri alegremente. — E isso me diz que você está mudando, que bom.

— Não sou tão ruim assim. — Rio. E escuto alguém gemer atrás de mim.

Viro-me para dar com Sam e Pedro parados na porta de correr que dá para o deque.

— Ligo para você mais tarde, Lili — digo desligando e olho para Sam. — Você está bem?

Levanto e vou até ela, empurrando a cadeira para frente. Ela não responde.

— Pedro, obrigado. Se quiser ir, tudo bem.

— Está tudo certo por aqui? — ele quer saber.

— Aparentemente sim, estarei saindo daqui até à noite. — Ele acena e, depois de uma breve despedida para Sam, some de vista dentro da casa.

Volto minha atenção para Sam que está com o rosto voltado para o lago.

— O que falou com sua mãe? — pergunto sentando de volta na cadeira.

— Nada importante — diz séria ainda com o rosto voltado para o lago.

— Não acho que não foi nada importante, já que está agindo estranhamente. — Tento pegar sua mão e ela puxa quando sente meus dedos envolver os dela. — O que foi? Ela disse algo que magoou você?

— Não e não se preocupe, pedi para ela deixar essa besteira de sequestro para lá.

Suspiro.

— Não estou preocupado com isso, Samantha. — Viro a cadeira de frente para mim, deixando-a de costas para o lago, mesmo que ela não me veja, quero sua atenção. — Estou preocupado com você, levou um susto mais cedo. Deve estar nervosa ainda.

— Estou bem. Seu tom é frio, sua feição fechada é uma contradição de suas palavras.

— Aparentemente não está — devolvo gentilmente.

— Já disse que estou bem, poderia me levar para o quarto? Estou cansada.

— Está mentindo.

— Talvez não seja eu a mentirosa aqui — diz aborrecida.

— Deus, mulheres! Elas nunca falam as claras. — Suspiro outra vez. — Eu não entendo enigmas, carinho.

— Não me chame assim! — ela grita empurrando com força para trás e me surpreendo com sua histeria, porém me movo em tempo de impedir a merda que está prestes a acontecer. A força que ela impõe faz a cadeira começar a deslizar pelo deque indo em direção ao lago.

— Carl! — Sam grita assustada.

Eu sou um cara grande e, às vezes, o tamanho te impede de ser ágil, mas devo ter voado em sua direção, segurando a cadeira antes dela cair dentro do lago. Agarro os lados da cadeira, meu coração bombeando com uma provável injeção de adrenalina.

— Jesus, Samantha! — Eu a tiro da cadeira segurando-a contra meu peito e caminho para dentro da casa. Minhas pernas parecem gelatinas do caralho. — Que porra, mulher!

Esbravejo enquanto sigo com ela para dentro.

Caminho com Sam e deposito-a na cama com cuidado. Depois de inspecionar todo seu corpo, mesmo sabendo que ela não está machucada, mas ainda assim verifico cada polegada, limpo a lágrima solitária que ela tem no rosto. Ela teve um segundo susto hoje, caramba. Que diabos!

— O que estava pensando, Sam? Poderia ter se machucado — repreendo baixinho soltando pequenos beijos em sua face.

— Você se importaria? Por que estou me perguntando agora o que estou fazendo aqui? Por que me trouxe para cá e ainda por cima faz amor comigo se tem alguém em sua vida, Carl?

Ah não, não! Para onde está indo os pensamentos dela?

— Eu me importo mais do que imagina, Samantha. — Inclino-me até quase ter nossas bocas juntas. — E do que está falando?

— Você a ama mesmo? Que boba que eu sou, claro que ama. Se não amasse, não diria em alto e bom som! — ela diz e sua voz tem tanta dor que meu peito aperta.

Que merda! Ela tirou conclusões precipitadas de minha conversa com Lilian? Já não bastam nossos problemas?

— Entendeu errado, carinho — digo acariciando sua testa, retirando os cabelos castanhos claros revoltos e salpico beijos em sua testa enrugada. — Não amo ninguém, Sam. Lilian é apenas uma funcionária da empresa e casada com um dos nossos amigos. Foi apenas uma expressão de carinho.

— Porque devo acreditar em você? Anda expressando muito carinho por aí — ela diz e o tom de mágoa permanece. — Deixe-me sozinha, por favor.

— Não vou embora, Samantha, fale comigo. Eu sou um tonto bruto, eu sei — digo para me redimir. — Eu não poderia amar ninguém, carinho.

— Por que não? É um homem livre para fazer o que quiser. — Ela vira o rosto para o outro lado. — Se temos de ir embora, me leve para casa.

— Bom ... — digo e me deito ao lado dela. A brisa do lago penetra pela janela aberta deixando o ambiente arejado. Respiro fundo o ar fresco e continuo: — Não posso fazer isso, vamos ficar em um lugar tranquilo e...

— Mais tranquilo do que aqui? Acho que não está funcionando. — Levanto segurando meu peso em um braço, assisto seu rosto onde uma ruga vinca entre suas sobrancelhas.

— Tudo em seu tempo, carinho, você só saiu do hospital há algumas semanas. — Não querendo prolongar essa discussão, inclino-me e beijo-a. Ela impõe resistência fechando os lábios, mas insisto até ela ceder abrindo-os para mim. Depois que a deixo sem fôlego, levanto a cabeça olhando seus lábios inchados dos meus beijos. Amo beijar essa mulher. Tenho um sorriso nos lábios quando indago. — Estava mesmo com ciúmes?

— Claro que não — ela fala rápido e tenta me bater acertando meu rosto, a mão acertando em cheio um lado. — Oh, meu Deus, desculpe-me.

Não digo nada, apenas volto a beijar sua boca, bem que eu merecia um tapa por ser tão bronco com ela e não perceber minha gafe deixando-a quase se machucar. Mas saber que tem ciúmes de mim, deixa-me com essa sensação de satisfação incrível no peito.

— Tudo bem, às vezes eu gosto de apanhar — digo levemente em tom de brincadeira. — Mas também poderia dar uma ou duas palmadas de vez em quando.

— Não brinque com isso. Escutar você dizer aquilo, fez-me sentir horrível — ela fala com voz trêmula.

— Por quê? — Ah, Carl, não vá por aí. Recrimino-me interiormente, mas estou descendo uma ladeira sem volta quando continuo. — Qualquer um pensaria que ainda me ama.

— Acha impossível? Acha que deixei de amar você, como você deixou de me amar?

— Não acredito, estamos mesmo falando sobre isso.

— Não acha que está na hora de enfrentar os fatos, Carl? — ela diz, seu tom triste e com uma ponta de recriminação.

— Samantha... — Começo a levantar e ela estende a mão segurando-me no lugar. Eu sei que essa conversa pode acabar com o pouco que construímos esses dias aqui, ainda assim sento e ajudo-a a fazer o mesmo.

— Deixe-me falar. Eu tenho certeza que alguém mudou o conteúdo daquela carta que mandei para você — ela fala convicta e apenas encaro-a. Antes que diga algo, ela continua. — Eu enviei a carta junto com a que enviei para meus pais...

— Samantha, é muito história da carochinha para acreditar. Quer me dizer que seus pais escrevem igual a você? — debocho porque é ridículo.

— Eu não queria falar com você e disse para meus pais que enviaria uma carta explicando que não voltaria no tempo combinado. Pedi que eles entregassem a carta para você — ela diz.

— Eu devia acreditar em uma história tão fajuta dessa? Sam, por que apenas não admite que queria ser famosa quando surgiu a oportunidade? Por que inventar uma história sem pé e sem cabeça?

— Não é verdade, eu não disse que preferia a música. Eu pedi mais seis meses, que era o tempo de adaptação na orquestra — ela grita com raiva. — Por que eu tenho de implorar para que acredite? É a verdade!

— Certo. E quem poderia mudar o conteúdo da sua carta? — pergunto incrédulo. Ela acha que vou acreditar nisso?

— Não sei. Pode ter sido a Zara? Meus pais? Só eles tinham acesso a mim na época — ela sugere.

— Por que Zara faria isso, qual motivo? — Eu acreditaria se fosse agora. Essa mulher faria de tudo para Sam não abandonar a carreira lucrativa e, claro, mantê-la como uma agente de sucesso.

— Conheci Zara na escola de música. Ela entrou na mesma época que eu e estudamos na mesma escola aqui no Brasil também. Nos tornamos as melhores amigas em poucas horas, talvez porque estávamos sozinhas em um país estranho. Ela estava sempre presente quando falava com meus pais, ela se apegou a eles, já que ela não tinha os dela por perto. Ela falava com eles sempre e nunca questionei, a não ser agora. Quando começo a pensar em tudo... Ela sabia de você, do meu amor, conversamos por horas e horas sobre como eu ia voltar depois da temporada na Europa. Ela queria que formássemos uma dupla ou algo parecido. Eu dizia que não tinha essa intenção, que voltaria para cá e conciliaria minha música e nosso casamento.

— Está dizendo que ela de alguma forma escreveu aquela carta? Com sua letra? Que não queria que você voltasse e, portanto, nos separou? Achando que com isso vocês duas fossem fazer alguma parceria? — Levanto impaciente e começo a andar.

— Não sei, Carl, isso é apenas uma hipótese, e se for possível? Pois tenho certeza que não enviei uma carta terminando em definitivo com você, eu pedi mais seis meses e então eu voltaria. — Ela repete tanto isso que as dúvidas se misturam em minha mente, fazendo-me duvidar do conteúdo da carta. — E quanto a escrever com minha caligrafia? Zara é muito engenhosa, Carl, poderia sim imitar minha letra. E você também tem sua parcela de culpa por não estarmos juntos. Quando eu voltei aqui você tinha ido para o exército e, principalmente, não questionou nada que eu supostamente dizia na carta. Você aceitou com tanta facilidade que agora eu me pergunto se realmente se importou como diz.

Fico olhando para ela por um instante e depois lembro que ela não pode enxergar meu olhar assassino.

— Você tem o péssimo hábito de dizer que eu não a amava — digo, minha voz sai dura e cheia de rancor. — Não deduza o que não sabe, Samantha.

— Já ocorreu a você que sua atitude também não foi tão maravilhosa assim, que não lutou, Carl, por nada?

— Preciso sair um minuto, preciso digerir tudo isso. — Saio deixando-a e caminho para sala onde começo uma caminhada impaciente ao redor. Minha cabeça gira de raiva contida, será que Sam fala a verdade? Os argumentos veementes dela me fazem começar a questionar as circunstâncias também. Eu passei dez anos acreditando que ela foi embora porque preferiu o sucesso a mim, ao nosso amor, e agora tudo parece tão sem sentido.

Será que vivi preso aos sentimentos de um rapaz de vinte anos durante dez anos?

Seguro minha cabeça com as duas mãos, ainda andando de um lado para outro, depois cruzo as duas mãos na nuca e olho para o teto sem nada enxergar. O pensamento daquela mulher mesquinha envolvida na nossa separação me faz questionar essa questão de não bater em mulher, porque, sinceramente, se for verdade, ela merece uma maldita surra por ser tão mesquinha e invejosa.

Meus punhos estão cerrados em eminência de esmurrar a parede mais próxima, meu sangue bombeando nas veias quando começo a pensar nos dez anos jogados fora por não viver a vida plenamente, preso em um passado que agora parece tão melodramático e bobo. De um ódio, talvez, sem fundamento, que me fez cego. Sinto ondas de ressentimentos em uma mistura de vergonha e arrependimento por ser tão fraco.

Amor! Cristo, talvez eu nem acreditasse mais nesse sentimento.

As vozes do passado com Sam vêm a minha mente, as risadas, o toque do piano velho que tinha comprado na internet quando fizemos um ano de namoro. Eu queria que ela tivesse seu instrumento no meu pequeno apartamento. Foi o dia que mais ganhei beijos de minha namorada. Ela falando do seu amor por algum mago, mago segundo ela, da música clássica, horas e horas falando como ia ser uma compositora de sucesso, sua expressividade incomparável de dez anos atrás parecia apagada agora com tanta mágoa. O sucesso que ela tanto queria veio e eu me vi odiando esse sucesso por anos.

Estou me sentindo vazio agora. Volto para o quarto e Sam continua sentada como se estivesse esperando eu me acalmar, sabendo que voltaria.

— Por que me procurou quando chegou aqui no Brasil, Sam? — boto para fora a pergunta que vive martelando dentro de mim.

— Eu queria vê-lo, conversar. Eu sentia saudade, por mais que não acredite. Me sentia culpada por ter enviado aquela carta.

— Eu sinto muito, Sam. — Nem sei porque estou dizendo isso, mas sinto que estou em dívida com ela, principalmente por ter ido embora para as Forças Armadas sem uma palavra. Mas eu estava tão malditamente magoado.

— Carl — ela chama e sua voz faz-me sentir ainda pior. — Eu preciso que você acredite em mim para que possamos seguir em frente, mesmo que daqui em diante sigamos separados, que você tem uma vida construída e não há lugar para o passado.

Fico calado absorvendo suas palavras. O telefone começa a tocar me surpreendendo e tirando do marasmo sombrio do rumo que meus pensamentos vão tomando. Pego a extensão e levo ao ouvido. Esse telefone quase não tem uso, mas hoje ele resolveu funcionar pelo visto.

— Alô? — O silêncio do outro lado é denso e perco a paciência, o resto que ainda tenho e grito enfurecido. — Por que não fala, porra? Ou não, faça melhor, aparece bem na minha frente e vou quebrar a porra toda de seus ossos...

O beep, significando que a ligação caiu, faz com que eu pare de falar! Filho da puta covarde.

— Quem era, Carl? — a voz assustada de Sam me faz olhar para ela.

— Não sei, talvez o mesmo idiota que ligou mais cedo. Fique aqui — digo indo até ela, beijando sua cabeça. — Vou falar com Souza um cara do TI da empresa e ver se ele consegue identificar de onde são essas ligações, esse filho da mãe está me fazendo de palhaço. Não demoro.

Saio do quarto furioso seguindo para o escritório. Essa pessoa está começando a me irritar.

Quando ligo o computador, a primeira coisa que noto são as câmeras que estão todas sem sinais. Alguém desligou a transmissão remotamente.

Alguém está brincando de gato e rato comigo.

Começo a reconectar já que a pessoa só desconectou. Esta era uma mensagem para mim. Um insulto claro.

Ligo para Souza.

— O'Neal — ele cumprimenta quando atende.

— Preciso de um favor pessoal. — Durante os próximos minutos explico que meu sistema foi invadido e quero que ele consiga rastrear a pessoa.

Fico alguns minutos no escritório quando ouço um carro se aproximando e saio para verificar. Um carro com identificação da polícia está parando na frente da casa. Saio com cautela e vejo um policial descer do carro.

— Carl O'Neal? Sou o capitão Lima, amigo de Roger, recebi uma ligação dele com um pedido para que viesse dar uma verificada nas redondezas — ele se identifica. — Problemas com vândalos?

— É o que parece — digo quando aperto sua mão.

Capítulo 30

*When life has cut too deep and left you hurting
The future you had hoped for is now burning
And the dreams you held so tight lost their meaning
And you don't if you'll ever find the healing*

*(The Sun Is Rising -
Britt Nicole)*

Fico estarrecida quando Carl sai do quarto e o medo de alguma acontecer me deixa paralisada no lugar. Começo a pensar que esse perseguidor pode estar aqui perto e apenas esperando uma oportunidade para ferir Carl.

Torço minhas mãos impaciente enquanto o tempo passa e nada dele voltar. Ali estava eu sentada e impotente quando alguma coisa devia estar acontecendo lá fora. Esse louco pode ferir Carl por minha causa e eu aqui cega e presa nessa escuridão. Eu devia impedir tudo isso. Sinto o desespero começar a se infiltrar por cada poro meu. E se Carl se ferir? Eu nunca me perdoaria. Já não bastava tanto mal-entendido entre nós? Tinha de vir um louco e querer acabar com nossa paz?

O tempo parece se arrastar e meu medo fica maior a cada segundo, minutos.

— Carl?! — chamo e nenhuma resposta vem, nenhum som de que ele ouviu meu chamado. — Você está aí?

Nada. Escuto meu próprio coração batendo acelerado e levo a mão ao meu peito em uma tentativa de me acalmar. Em um momento normal, se eu estivesse enxergando, talvez o medo não fosse tanto, mas essa sensação de impotência faz com que eu me sinta perdida no vazio escuro.

Não tenho noção de quanto tempo estou sentada me sentindo patética quando escuto o barulho de pneu derrapando em algum lugar e sons de passos correndo e se distanciando.

— Carl?! — chamo desesperada — Carl?!

Oh, meu Deus! Quem seria? E se fosse esse louco e matasse Carl?

— Carl?! — grito chamando igual uma louca, um grito atrás do outro e nenhuma resposta dele. Não posso ficar parada aqui. Tateio em busca da cadeira de rodas, mas não alcanço e lembro que ela não está aqui. Ficou lá fora quando mais cedo quase caí no lago. Com meu ciúme. Ouvir ele falar que amava essa tal Lili foi como rasgar meu coração com um punhal afiado. E se ele morrer? Não poderia viver sabendo que ele não estava mais aqui, seria uma morta-viva para sempre. Ainda mais que esse louco estava atrás de mim.

No meu desespero para sair daqui e ir ajudá-lo, forço-me para fora da cama, colocando meu peso na minha perna boa e tento me agarrar aos móveis, mas o quarto é estranho para mim, não sei como me situar no lugar. Meus olhos ardem com as lágrimas e eu aperto na tentativa de reprimir o fluxo de lágrimas de medo por Carl. Ele disse que esse lugar era seguro, mas isso se provou falso. Guiando-me cegamente agarro a beirada da mesinha de cabeceira, tento levantar, meus movimentos incertos, e eu perco o equilíbrio segurando precariamente o móvel, derrubando tudo o que há em cima. Tento pular em uma perna só, mas o gesso é pesado além da falta de visão e, dessa vez, perco de vez o equilíbrio caindo no chão. Lágrimas, agora de pura aflição e frustração, caem em abundância por minha face.

Minha imaginação corre solta. Imagino Carl caído, sangrando, e eu aqui sem poder ajudar, inútil.

— Carl —minha voz apavorada raspa em minha garganta dolorida e eu forço meu corpo para frente, meus soluços cortam o silêncio do quarto em sons angustiados. — Por favor esteja bem, esteja bem — rezo desalenta. — Não me abandone agora, Carl O'Neal, você não pode fazer isso. Eu já estou indo, por favor. Eu te amo.

Aperto meus olhos e abro na tentativa de enxergar aonde estou indo, mas tudo que vejo é a escuridão. Se ele se ferir, será culpa de minha incapacidade de ajudá-lo, minha visão maldita que não volta. Será que viverei na escuridão para sempre? Ah, Deus, por favor! Grito na minha mente em agonia. Se concentre, Sam, deseje voltar a ver, foi o que o médico disse no hospital, tire de sua mente o impedimento, mas eu não sei como fazer isso! Arrasto-me no que imagino ser a direção da porta. Só preciso enxergar outra vez e ajudar Carl, por favor. Rezo e rezo em uma oração silenciosa. Estou tão louca de angustia e concentrada em chegar até Carl que tudo some.

— O que diabos está fazendo? O que aconteceu? — a voz brava de Carl ecoa para dentro do meu desespero, inundando-me de alívio, e o alívio é tanto que todo meu sentido me deixa. Ainda o escuto me chamando, agora com uma nota de preocupação, e eu simplesmente apago.

?

Não sei quanto tempo passo desacordada, mas o que noto, primeiramente, quando acordo, é uma voz murmurando carinhosamente; segundo, o cheiro amadeirado e fresco de seu perfume entrando em minhas narinas; terceiro, que significava que ele estava bem. Minha imaginação louca já o tinha desacordado em uma poça de sangue.

— Ei, carinho, você acordou — a voz carinhosa de Carl me faz suspirar. Sinto lábios tocarem os meus, tento dizer algo, mas nada sai. Apenas estendo a mão e agarro sua camisa apertado.

Abro os olhos e os fecho imediatamente porque eles doem com flashes de luz branca, levo meus dedos para eles e toco. Devo ter gemido porque ouço Carl dizer:

— Você machucou alguma coisa quando caiu? Já inspecionei todo seu corpo e não vi nada machucado.

Movo minha cabeça negando qualquer machucado, apesar de estar dolorida por ter caído. Mas minha mente está no fato de ter imaginado essa claridade. Tento abrir os olhos de novo e, sim, a claridade ofusca e dói manter meus olhos abertos.

— Carl — chamo indecisa. — Quem era no carro? Estava preocupada com você.

— Ah, carinho, foi apenas um amigo de Roger verificando como estamos — ele esclarece e lembro alguma coisa desse Roger ser um policial. — Ele estava preocupado comigo, conosco, e pediu a um amigo para dar uma verificada no local. Ele já foi.

— Não devia ter deixado ele ir embora, Carl, tem algum louco nas redondezas — digo. Dois telefonemas no mesmo dia é demais. — Por que demorou tanto? Fiquei apavorada sem saber o que estava acontecendo.

— Desculpe, carinho, eu perdi o jeito de lidar com as mulheres. Hoje só meti os pés pelas mãos com você.

Não comento que esse "perdi o jeito de lidar com as mulheres" me deixa um pouco chateada. Estou ciumenta até a borda hoje, penso descontente.

Fico com vontade de dizer quer estou vendo tudo branco agora, mas e se não for verdade? Por que minha visão voltaria assim do nada?

— Carl, podemos ir para o hospital? — É o que sai da minha boca sem que eu me controle. — Eu preciso ver o médico que cuidou de mim.

— Você disse que não estava machucada! — ele exclama e começa a me verificar outra vez. — Onde está doendo, Samantha?

— Acho que tem alguma coisa acontecendo com a minha visão — começo a falar, mas ele já está em ação.

— Está enxergando? Vou ligar para seu médico. — Ele parece exasperado agora.

— Só estou vendo uma claridade muito intensa. — digo, sem colocar muita expectativa na minha voz. — E deem-se mantê-los aberto.

— Vou deixar o quarto escuro. — Ele se move e ouço-o fechando portas ou janelas. Ele me disse quando cheguei aqui que o quarto tinha uma janela que dava para o lago. — Pronto, tudo escuro, tente outra vez, querida.

Ele parece eufórico na esperança que minha visão tenha voltado. Abro devagar os olhos e agora vejo tudo embaçado como uma névoa tampando, impedindo-me de ver com clareza, tento me deixar acostumar e focar em algo. Vejo sombras e uma delas parece bem na minha frente.

— Consegue ver? — Não vejo seu rosto nitidamente, mas agora é por causa das lágrimas de alegria pela possibilidade de vê-lo outra vez, é mais que emocionante saber que vou voltar a enxergar.

Levanto minha mão, toco seu rosto e prazer me inunda quando vejo ainda desfocado seu sorriso contente.

— Está desfocado, mas eu vejo você! — digo emocionada, minha garganta dói da comoção, do prazer de enxergar.

Às vezes não temos noção do quanto algo nos é precioso, até que nos é tirado ou nos dado de volta quando perdemos por um tempo. Conseguir enxergar é uma sensação

indescritível, ver o rosto masculino na minha frente, olhando-me com carinho, e não a última visão que tive dele, é demais para controlar a sucessão de sentimentos.

Olhos azuis me olham com expectativa e apreensão.

— Ei, estranha — ele diz suave e carinhoso. — Que bom vê-la melhorando. Você vai ficar boa, carinho, isso é certo.

Não contenho minhas lágrimas de alegria de voltar a enxergar. Sem conseguir me controlar passo os braços em torno do pescoço de Carl que está inclinado acima de mim e grudo nele com força. E para expressar toda a felicidade eu colo minha boca na sua, exigente, com paixão. Minhas lágrimas se misturam com desejo, nossas línguas enroscadas juntas.

A emoção por pensar que não o veria jamais e agora poder vê-lo, eleva-me como se um balão de ar estivesse dentro de mim.

— Sam? — ele chama, tentando me olhar, mas estou agarrada fortemente nele. — Vou te levar para o hospital para...

— Não! — digo. Sei que a ideia foi minha em primeiro lugar, contudo quero antes poder ficar um momento com ele aqui. — Me beija, por favor. Quero sentir você.

— Mais tarde posso beijá-la inteira, agora tenho que leva-la para seu médico. Vamos, levante! — ele diz ficando de pé. — No caminho ligamos para ele. — Ele me ajuda a levantar e eu tento olhar ao redor ainda com dificuldade. A névoa branca não me deixa ver as coisas claramente e talvez ele esteja certo, preciso ir ver o oftalmologista.

— Poderia ter se machucado, Samantha. O que fazia no chão, querida? Eu disse para ficar quietinha — ele ralha, mas seu tom é preocupado. Sento na cama e observo ele andar de um lado para outro.

— Eu não sabia o que estava havendo lá fora, tive medo de alguém fazer algo com você — digo e percebo o quanto fui boba. O que eu poderia fazer para ajudá-lo? — Eu só queria salvá-lo — finalizo.

Ele vem e agacha na minha frente, tocando meu rosto em uma carícia terna.

— Ah, minha linda, eu estava bem — diz e segura meu rosto beijando minha testa.

— Eu tenho medo que se machuque por minha causa, essa pessoa poderia estar...

Ele me corta quando me beija e não é um beijo casto. Nosso beijo é cru e poderoso como se fosse a primeira vez que nos fundimos assim um no outro. Nossos gostos juntos e misturados, uma combinação de paixão, fúria, amor e desespero. Com um gemido áspero ele me empurra de volta para cama, colocando seu peso deliciosamente em cima de mim. As mãos dele estão percorrendo meus seios e eu gemo em sua boca ansiosa. Carl empurra sua língua em minha boca, lambendo cada canto, fazendo com que meu corpo se movimente de encontro ao dele, freneticamente procurando o seu. Ele está duro e bate onde mais quero nesse momento.

— Preciso de você, Carl — murmuro ofegante. — Preciso tanto de você.

Mas em vez de me dar o que tanto almejo ele sai de cima de mim, sua respiração faz conjunto com a minha, ofegante. Era estranho como o desejo ardente e poderoso podia

pegar do nada, deixando-me pulsando nos lugares mais secretos enquanto minha mente derretia pela tempestade crescente.

— Vamos cuidar de você primeiro, carinho, depois eu posso fazer tudo que você quiser — ele promete. Não tento outra saída e acato o que diz. Mas aceito, pois não posso me movimentar com rapidez suficiente para agarrá-lo e trazê-lo de volta para a cama.

— Não faça essa cara, Samantha — ele diz rindo deliciosamente. — Você parece tão tranquila, pensei que estaria meio surtada agora que está voltando a enxergar.

— Eu tenho a melhor visão aqui comigo, não poderia escolher nada melhor para ver primeiro — digo e é verdade. — Eu sempre desejei te ver mais uma vez, e isso está acontecendo...

Paro de falar quando ele fica muito quieto, a visão um pouco desfocada dele está imóvel no meio do quarto. Acho que estou me precipitando dizendo isso para ele. Será que esse tempo aqui não abrandou seu coração e nada que falamos serviu de alguma coisa? Ele me frustra, mas eu não vou desistir dele até provar que não sou a cruel dessa história. E se eu tiver de ir embora depois, irei.

— Vai ficar tudo bem. — É o que ele diz sempre e estou começando a acreditar que nada vai ficar bem. Ele é gelo e fogo no mesmo homem.

Não demoramos para pegar a estrada de volta, o tempo que demoramos foi o dele fazer as malas e colocar no carro. Durante o trajeto coloco um óculos escuro, pois a claridade irrita demais meus olhos, então os mantenho fechado também. Minha cabeça viaja e lembro do dia que cheguei e fui vê-lo, seu tom sarcástico, desdenhoso, e logo depois o acidente. Algo clica na minha mente e fico alerta pensando. Não era para ter ido até a casa de Carl naquela noite tão tarde, eu ia de tarde. Lembro que dormi demais e Zara não me chamou em tempo. Será que...

— Você está inquieta, Sam, o que tem? — Carl fala ao meu lado.

— Estou pensando — digo e ele ri.

— Você pensa muito alto, estou ouvindo as engrenagens rodando daqui — graceja. — Carinho, estou enferrujado sobre ser delicado com as mulheres e tudo mais, contudo, não vou deixar você sozinha agora. Vou ter certeza que sempre estará segura.

— Sei disso, Carl. Certamente não é sobre o que estou pensando, mas no dia do acidente — resolvo falar.

— O que tem o dia do acidente? Lembra de algo suspeito?

— Nada demais, só que era para ter ido vê-lo à tarde e dormi demais — digo.

— Pelo que li sobre o relatório da polícia você perdeu o controle — ele diz o tom um tanto recriminatório. — Lembra de algo que possa mudar isso?

— Não, lembro que estava chorando, depois o impacto e, por fim, a escuridão.

Ficamos calados depois, nós dois lembrando porque estava chorando antes do acidente ocorrer, não quero que ele se sinta culpado de nada, porém ele diz em voz baixa e cheia de culpa.

— Eu causei isso, não foi?

— Claro que não, Carl, você...

— Claro que tenho culpa, devia ter sido mais gentil e educado com você, mas fui mesquinho e agora está machucada por eu ter sido tão intransigente.

— Não culpo você e nem devia se culpar — digo por fim.

Não sei para onde vamos a partir daqui. Mas tenho uma certeza, não vou deixar as coisas mal esclarecidas entre nós. O resto da viagem passamos em silêncio quebrado apenas com o som ligado do carro. Encosto minha cabeça no ombro de Carl e de vez em quando ele toca minha perna em uma carícia quando troca a marcha do carro.

...Quando a vida tiver te cortado profundamente e tiver te deixado ferido

O futuro que você esperava agora está queimando

E os sonhos que você segurou tão forte perderam o significado

E você não sabe se irá encontrar cura...

Talvez esse tempo juntos, seja o começo da cura.

Capítulo 31

Enquanto Samantha está na consulta com o médico, ligo para Lilian e ela me dá os nomes dos seguranças que ficarão com Sam. Irei colocar um pouco de espaço entre nós, estou seguindo igual Alex e Bruno vivendo vinte quatro horas com clientes e isso é ruim, apesar de Samantha não ser exatamente uma cliente, contudo ela ainda precisa de seguranças que estejam atentos sem distrações. E estou sem foco que levo tudo para o lado pessoal, sei que ela não vai gostar de ter outras pessoas perto, mas será para seu bem.

Precisamos de espaço entre nós dois. Ao menos ficarei longe dela parte do dia. Essa aproximação não nos deixa espaço para pensar, analisar, tudo que estamos vivendo e descobrindo sobre nosso passado.

— Eu pensei que você só viesse amanhã, Carl — Lilian está dizendo do outro lado da linha, estou tão distraído que nem tinha escutado o que ela estava falando. Distração era perigoso. — Silas e Leandro irão amanhã de manhã e ficarão durante o dia.

— Coloque uma mulher que ajude para ficar com Sam — digo preocupado com a locomoção de Sam, sua visão está melhorando e ela, no caminho para cá, disse que a névoa estava saindo. Mas ela precisa de uma pessoa que a ajude.

— Não temos essa disponibilidade — ela retruca.

— Contrate alguém de fora — sugiro.

— Carl, eu gostava mais de você quando era estoico, na sua, caladão. Agora vive dando ordem a torto e à direita. — Ela ri. — Não garanto que irei conseguir, sabe que tem de passar pelo aval do Alexander, certo?

— Tenho certeza que você consegue, Lilian. Afinal criar dois irmãos menores fez de você uma mulher que consegue o impossível.

— Você me adula...

— Quem te adula, querida? — Ouço uma voz masculina conhecida ao fundo e balanço a cabeça. Lá vamos nós.

— Carl — é a resposta abafada de Lilian para o dono da voz. Escuto o resmungo de urso ao fundo. Depois diz para mim: — Você estará em apuros, Carl.

— Segure seu cão de guarda, Lilian. — Suspiro olhando o corredor do hospital, vazio àquela hora no começo da noite. Faz uma hora que Samantha está lá dentro e já estou impaciente com a demora. Ela está se submetendo a exames novamente, o médico quer ter certeza de que ela está bem depois de dizer que tinha levado uma queda mais cedo. Entrar no quarto e vê-la chorando, tentando ir ao meu encontro, fez tudo dentro de mim ficar em um nó apertado. — E, Lilian, encontre uma segurança até amanhã.

— Verei isso, Carl — ela me garante e desligo. Estou ligando para Alexander quando vejo a mãe de Sam vindo pelo corredor vazio.

— Ótimo, ainda mais essa, como diabos ela soube que estamos aqui? — resmungo enfiando o celular no bolso.

— Onde está minha filha? — ela indaga quando se aproxima. — Você deveria ter ligado avisando que ela está no hospital de novo.

— Olá para você também — digo jocoso. — Sam está muito bem e não sei como soube que ela está aqui, mas garanto, senhora, não ficará próxima de Sam até termos uma conversa muito esclarecedora.

— Está dizendo que me impedirá de ver minha filha, Carl?

— Exato. Antes vamos conversar e você vai me dizer porque me entregou uma carta falsa de Sam.— Dou um sorriso que nada tem de gentil. Ela parece confusa com minha conversa, entretanto não sou trouxa o suficiente para descartá-la logo dentre os que poderiam ser responsáveis pela minha separação de Sam.

— Do que está falando? — Ela parece genuinamente ignorante do assunto.

— Aqui não é local para essa conversa, mas vou garantir que todos os envolvidos recebam uma visita minha. Falando nisso, onde anda a tal agente? — Cruzo meus braços e fico no corredor impedindo que ela passe. — E também quero saber, por que estou sendo acusado de sequestro?

— Carl, você não sabe o que fala. E deixe-me saber onde Sam está — ela insiste, ignorando o que acabei de dizer. — Quem você pensa que é agindo dessa forma bárbara? Acha que vivemos na era dos homens das cavernas que levavam as fêmeas pelos cabelos? É da minha filha inválida que estamos falando aqui. E foi ela que me ligou dizendo onde estava.

— Samantha não é inválida. — Dou um passo à frente invadindo seu espaço pessoal. — E não fale essa merda perto dela que arranco sua língua fora, mãe dela ou não.

Ela arregala os olhos, dando um passo para trás, e sei que estou sendo um bárbaro, como ela disse, mas enquanto certas coisas não forem esclarecidas, não vou dar colher de chá para porra nenhuma. Mulher, homem, tanto faz, dizer que estou puto é eufemismo. E que horas foi que ela ligou para a mãe? Estive com ela o tempo todo.

— Como ousa me ameaçar... — ela começa, mas a porta da sala abre e o médico de Samantha aparece.

— Ah, doutor, como está minha filha?

— Ela está bem, sua visão enfim voltou. — Ele nos olha atentamente. — Eu sabia que quando ela estivesse pronta voltaria a enxergar. Às vezes nosso estado emocional faz coisas engraçadas conosco. — Ele volta sua atenção para mim— Ela está na sala esperando você.

— Vou vê-la — a mãe de Sam se precipita à frente e entra na sala.

— Samantha agora só precisa se curar fisicamente e está indo muito bem.

— Sua queda não afetou sua perna, não é? — pergunto preocupado.

— Não, daqui uns dias vamos tirar o gesso também. Só mais um mês e ela começa a fisioterapia para agilizar no processo de recuperação. — Ele acena para mim. — Agora tenho de ir.

— Antes diga-me, por que a visão voltou assim de repente?

— Algum gatilho deve ter acionado o que impedia a visão de voltar — ele diz. — Aconteceu alguma coisa?

— Ela tem passado por momentos intensos— digo apenas.

— Tudo vai ficar bem, senhor O'Neal — ele garante antes de começar a se afastar.

Despeço-me do médico e vou atrás de Sam, não a deixarei muito tempo com sua mãe.

Depois que saímos do hospital, levo Samantha para o novo lugar onde ficará com segurança reforçada.

— Você tinha de ser tão rude com minha mãe? — ela censura quando seguimos para a casa segura.

Sim, fui rude e serei com todos sanguessugas do caralho. Ela tinha chamado a mãe, pensando que eu iria levá-la de volta para eles. Ledo engano, bebê. Penso irônico.

Amanda tinha feito um pequeno escândalo quando deixei claro que ela não levaria Sam para casa.

— Sua mãe não devia me fazer seu inimigo — digo me referindo sobre o processo que eles abriram contra mim.

— Eu quero paz, Carl, por favor — ela murmura abatida ao meu lado. Estendo minha mão e puxo-a para mais perto.

— Você não terá nada com que se preocupar.

— Você vive dizendo isso — ela retruca.

— Acredite, carinho, vou ter certeza que esse bandido seja eliminado e você terá seu livre arbítrio novamente — falo. Eu desejo esse dia e o temo, pois sei que quando não tiver nenhum motivo para permanecer por perto, irei embora da sua vida.

Capítulo 32

Não fico atenta onde Carl está me levando, minha cabeça estava na conversa um tanto esclarecedora que tive com mamãe antes que ele aparecesse e praticamente enxotasse ela da sala de exames. Enquanto esperava o médico, pedi um celular à enfermeira e liguei para mamãe. Eu sabia que se pedisse ao Carl ele não me daria, mas precisava ter uma conversa com ela pessoalmente e, já que estava de volta à cidade, era o melhor momento. Eu estava com um sentimento de perda por sair da casa onde estava com Carl no interior de São Paulo, mas nossas vidas estavam em um beco sem saída lá. Tínhamos de seguir em frente. Ele quer me levar para um lugar seguro, como ele diz, contudo, acho que não seja uma boa ideia nos isolarmos outra vez, apesar de amar estar com ele, ainda mais agora que estou enxergando outra vez.

Eu estava olhando abismada para minhas mãos como uma boba, era como se estivesse enxergando pela primeira vez quando mamãe entrou no quarto.

— Ai, filha, que notícia maravilhosa! — Ela corre para me abraçar, depois segura minha cabeça entre as mãos verificando meu rosto. — Saber que voltou a enxergar me deixa tão feliz.

— Tudo bem, mãe...

— Vou levá-la para casa, assim talvez as coisas voltem ao normal. — Ela senta ao meu lado. — Pietro teve de voltar para seus compromissos na Itália e Zara está uma fera. Você precisa...

— O que tem a Zara? — interrompo seu falatório interminável.

— Ela quer que Carl pare de esconder você de todo mundo. Que volte e honre com os compromissos que ela não pôde desmarcar.

— Como não pôde?

— Bem, ela sabia que você voltaria logo.

— Não, mamãe, deixei claro que queria todos compromissos cancelados e ela não ouve metade do que falo com ela — digo irritada. — Vou ter que demiti-la da função de agente, já passou do limite e vocês permitem a loucura de Zara.

— Porque concordamos com ela. Aí está você, enxergando outra vez. — Ela me choca com sua admissão, será que todos eles queriam tanto minha volta para os concertos? — Eu disse que era apenas uma fase, querida, vai voltar aos concertos mais rápido do que imagina.

— Mãe — começo com um nó na garganta de medo da sua resposta —, você sabe alguma coisa sobre a carta que mandei para Carl, você entregou a carta certa para ele?

Ela para e me olha sem dizer nada por um segundo ou dois, não sei, e isso me mata por dentro. Ela sabe a verdade? Ela mudou o conteúdo? Ela, Zara, meu pai? Um dos três era

o culpado. Mas o que não entendo é essa ameaça recente, meus pais teriam coragem de fazer isso? Por quê? Por medo de perder a vida de luxo que levavam? Eu não quero acreditar nessa hipótese, seria como me esfaquear nas costas.

— Não vai dizer nada?

— Não sei do que está falando, filha. Lembro dessa carta, mas não vi seu conteúdo.

— Ela levanta, mudando de assunto. — Vou cuidar para que seu pai venha buscá-la, querida, e em breve iremos embora desse país.

— Samantha ficará comigo — a voz de Carl estronda da porta. — Ela não sai do Brasil antes que seja esclarecido quem anda ameaçando sua vida.

Ele tranca os olhos ferozes em mamãe e tento acalmar os ânimos quando estendo minha mão para ele.

— Por que não vem aqui, querido? — Vejo os olhos da minha mãe alargar com minhas palavras carinhosas para Carl.

— Não antes de sua mãe sair e deixar você respirar um pouco. — Ele mantém a postura nada amigável ainda encarando-a.

— Sua grosseria já passou dos limites — mamãe retruca e vem para perto da cama. Isso com certeza não vai acabar bem, sei que ele está chateado com a história da carta, com minha família e Zara, eles estão agora em sua linha de fogo. Quase tenho pena deles, quase. Estou muito chateada com todos também, estou magoada e ferida.

Digo para mamãe ir para casa, pois ainda quero um tempo com Carl, porque se nos separarmos agora essa lacuna entre nós talvez nunca feche. Precisamos viver um pouco desse nosso amor, não é? Talvez eu esteja fantasiando amor onde apenas há uma história mal resolvida. Mas estou pagando para ver.

Meus pensamentos voltam para o presente com a mão de Carl em minha coxa. Seu aperto delicado me deixa quente em todos os lugares.

— Estamos quase lá. Não durma ainda — ele diz leve, depois sorri divertido. — Se sua mãe não me odiava, agora ela faz.

— Você mudou, sabia?

— Por que diz isso? Sou o mesmo Carl de sempre.

— Não é mesmo. Você ficou grosseirão e mal-humorado — replico e encosto minha cabeça no seu ombro, enquanto o carro corta as ruas da cidade.

Ele ri alto e sinto seu corpo relaxar ao meu lado. Não tinha percebido quão tenso ele estava com essa situação toda.

— Situações drásticas requerem atitudes drásticas, carinho — replica.

— Você era gentil e educado, mas hoje foi terrível com mamãe, não gosto disso. — Olho de relance para seu perfil. — Chega de tanta confusão.

— Estou te protegendo...

— Eu agradeço sua preocupação, mas é da minha mãe que estamos falando, senhor O'Neal.

— Tentarei ser gentil, prometo. — Sua promessa não parece muito convincente, entretanto acato com sua boa vontade.

Fico cala o restante do caminho com os pensamentos em polvorosa no que vai acontecer de agora em diante.

2

Chegamos em um prédio residencial e Carl entra na garagem subterrânea do edifício, estaciona em uma vaga separada das demais e, apesar da visão ainda um pouco turva, vejo elevadores bem próximo. Ele desce e pega a cadeira de rodas que ainda preciso para me locomover. Em breve quero me livrar dela também, mas por enquanto ainda é necessária. Ele me pega no colo e coloca-me sentada na cadeira, beijando o topo da minha cabeça.

— Você deve estar exausta, carinho. — Ele se inclina atrás de mim. — Vou deixar você descansar essa noite — garante e ri um pouco. — Mas será difícil ser um cavalheiro.

— Estou bem. — Sorrio e inclino minha cabeça para trás, olhando para seu rosto acima do meu e recebo um beijo nos lábios, rápido e duro.

— Vamos, não fique me tentando, Samantha — fala com uma carranca nada convincente e sua covinha na bochecha, uma quase imperceptível que eu não tinha visto em anos, aparece fazendo meu coração dar pulos dentro do peito. Ele é tão lindo, másculo e viril. Não é à toa que ainda sou apaixonada por ele desde sempre.

— Aqui a segurança é excelente, irá ficar segura aqui. Só usamos lugares como esse quando é extremamente importante — Carl está dizendo enquanto me guia para um dos elevadores. — Esse aqui vai direto para o último andar. — Ele insere o dedo em um dispositivo de identificação digital ao lado e as portas abrem. Ele repete para fechar as portas e, pouco depois, entramos direto em um apartamento espaçoso. Dou uma rápida olhada ao redor, percebo que é pouco mobiliado, uma decoração minimalista que me agrada, menos coisa para tombar com minha cadeira.

— Vou levá-la para seu quarto para que descanse. — Estou exausta, sim, hoje foi um dia intenso e, segundo recomendações médicas, ainda preciso de repouso, mas eu não tenho vontade de deitar e dormir enquanto tudo a minha volta está um caos.

— Carl, não quero me isolar aqui outra vez, não estou reclamando do tempo que fiquei na sua casa, eu quero voltar lá um dia e apreciar tudo que você fez, mas quero resolver os problemas que estão tomando rumos que não me agradam. Já deixei Zara decidir muito do que não deveria.

— Pensamos nisso amanhã, Sam, hoje você já teve muitas coisas acontecendo — ele diz e segue empurrando a cadeira para o tal quarto. — Vamos resolver tudo isso ao seu tempo.

— Mamãe me disse que Zara está meio maluca com meus compromissos, ela não cancelou a minha agenda como eu ordenei, isso não é bom, Carl, preciso ter uma reunião com ela — teimo. Por que Zara não entende que minha carreira acabou? Que ainda posso trabalhar com música sem que tenha de sair pelo mundo?

— Zara é um problema que devia ser tratado depois de uma noite de sono, ok? — Carl resmunga — Ela leva seu trabalho de agente muito além do limite.

— Eu sempre a tratei mais que uma simples agente, ela não é tratada como uma funcionária e sim como uma amiga — digo ainda em defesa de Zara, mas sei que no fundo tem algo de errado com ela. Sua mania de fazer tudo sem meu consentimento é irritante. Ela ajudou muito na minha carreira, mas parece que ela perdeu o controle dela mesma. Mas ele está certo, preciso resolver depois que descansar.

— Não a quero por perto, não enquanto não tiver certeza de quem anda querendo machucar você.

Algumas horas depois estou deitada em uma cama espaçosa no que parece o quarto principal do apartamento e, como o resto do lugar, a decoração segue o mesmo padrão clean e minimalista. A única coisa que quero fazer é me enroscar nessa cama com Carl e dormir até amanhã.

— De quem é esse apartamento? — pergunto virando-me para Carl deitado ao meu lado, eu busco ficar o mais colada nele possível, parece que seu corpo tem um ímã que me atrai. Minha mão rasteja por baixo de sua camisa, acariciando cada polegada de pele quente e lisa sobre os músculos abdominais, ele ainda está vestido com jeans e camiseta preta colada ao peito forte. Quando questionei se ele iria dormir assim, ele disse que ainda tinha coisas para fazer antes de deitar e que ficaria comigo até que eu estivesse dormindo. Ele é fofo por baixo dessa aparência rude, às vezes. Não disse o que tinha para fazer e também não forcei ele a me contar nada, contudo minha curiosidade desse lugar acaba levando a melhor sobre mim.

— Da empresa, usamos com alguns clientes — diz e suspira tirando seus olhos do teto e olhando para mim. Ele se inclina para baixo, pegando meu queixo entre os dedos e beija minha boca sem aviso, sua língua quente e molhada enrosca-se com a minha, lentamente, esfregando uma na outra com puro desejo, buscando cada canto da minha boca e eu apenas retribuo com a mesma fome dele. Gemo quando ele para o beijo, porque só atçou a vontade de mais, todavia rouba toda minha capacidade de pensar. Ele suga meu lábio inferior como se esse fosse nosso último beijo.

O beijo acaba cedo demais, seus olhos encontram os meus e quero puxá-lo de volta para mim, porém ele joga um balde de água fria quando fala. — Samantha, amanhã virá outros seguranças para ficar com você.

— O quê? Me trouxe aqui para em seguida me deixar com estranhos? — Tento levantar e ficar sentada, mas sou puxada de volta com a cabeça deitada em seu ombro.

— Calma, não vou abandonar você e não são estranhos, são homens qualificados que confio para mantê-la segura — ele diz e decepção me inunda. — Tenho que trabalhar, descobrir algumas coisas, e ficar vinte e quatro horas ao seu lado não está dando muito resultado. Esperar não é muito meu forte. Então durante o dia terá novos seguranças aqui e eu mesmo farei o turno da noite.

— Não gosto disso, pensei que teríamos mais um tempo para nós — digo chateada, mas entendo, em parte. — Quero passar mais tempo com você sem brigas.

— E vamos passar, porém sem nada sobre nossas cabeças nos ameaçando. — Ele aperta o braço forte ao redor dos meus ombros.

— Sim. Você vai mesmo nos dar uma chance real, Carl?

Capítulo 33

A pergunta chicoteia meu cérebro e não consigo responder. Volto minha atenção para o teto e as palavras não saem. O que poderia dizer? Eu não tenho certeza se nós dois temos chance alguma, poderíamos estar mais envolvidos, mas chance real? O que ela quer dizer com real? Uma vez achei que tínhamos algo real e me enganei.

Inquieto resmungo um “tenho de verificar a segurança” e levanto da cama.

— Volto daqui a pouco — digo saindo do quarto. Eu sei que estou sendo um covarde fugindo dessa questão, mas meu coração e meu cérebro vivem em constante guerra. E ainda não sei quem será o vencedor dessa disputa.

□

O começo do dia está nublado, tem pouca visibilidade daqui de cima, apesar da altura do prédio. Eu dou uma conferida nos prédios arredores, não quero surpresa enquanto não estiver aqui com Sam. Estou acordado desde às cinco da manhã, dormi pouco essa noite. Sam havia dormido quando eu voltei, depois de minha saída abrupta, ela tinha adormecido, então aproveitei e fui trabalhar. Mandeí uma mensagem para minha primeira missão amanhã e depois fui deitar.

A guarda-costas contratada chegou mais cedo do que eu esperava, na verdade, os outros seguranças ainda não se apresentaram. Estou na sacada do prédio observando a área ao redor com um binóculo quando meu telefone toca com um número desconhecido.

— O’Neal falando.

— Senhor O’Neal, sou Angelina Schneider, a nova segurança, e estou aqui em baixo esperando autorização para subir — uma voz feminina com toque severo fala do outro lado.

Lilian tinha passado as informações dela ontem à noite. Ela era uma ex-agente das Forças Especiais que deixou a corporação por motivo desconhecido, mas tinha começado no exército. Não parecia muito estável com essas mudanças em sua curta vida de vinte e nove anos, mas se era da confiança de Lilian, então, eu faria um esforço e confiaria nela com Sam.

— Vou liberar o elevador — digo, mas antes acesso a câmera pelo celular e vejo uma mulher jovem vestida de preto, cabelo loiro preso em um rabo de cavalo apertado, batendo o pé impaciente na frente do elevador. Não gosto dessa impaciência. O segredo do bom guarda-costas é ser paciente e, pelo visto, ela não parece muito calma, mesmo assim libero sua subida, vamos ver o que acontece.

Volto para sala de estar e vejo quando ela sai do elevador. É alta, deve ter um metro e setenta e cinco. Franzo minha testa enquanto a analiso; muito feminina para uma segurança, espero que seja eficiente e dê conta do recado.

— Prazer em conhece-lo, senhor O'Neal. — Ela para na minha frente com a mão estendida. Ela tem um ar circunspecto quando me encara com firmeza. Bom, odiaria que fosse toda sorrisos.

— Seja bem-vinda, Schneider, sente-se — aponto para o sofá da sala depois de apertar sua mão. Ela tem um aperto de mão firme. — Irei deixá-la a par do seu trabalho com Samantha.

Na meia hora seguinte explico que será mais como uma babá de Samantha. Se ela não gostou, não deixou transparecer, mas estudo atentamente sua reação quando digo:

— Pedi que viesse mais para que a ajude com a locomoção, ela está com uma perna imobilizada. — Ela acena. — Então quero que esteja preparada para serviços além de mantê-la segura.

Vejo sua mandíbula delicada apertar, como se não estivesse muito satisfeita, porém isso é rápido e ela fica acenando com ar frio e controlado. Seu pé não está impaciente agora. Estive olhando.

— Claro, senhor!

— Carl? — ouço a voz de Sam chamando e o som da cadeira de rodas vindo para a sala. Ela aparece e fica surpresa por me encontrar com Angelina na sala. — Oh, não sabia que tínhamos visita.

Vou até onde ela parou e empurro sua cadeira o restante do caminho.

— Schneider, essa é Samantha, nossa cliente — digo e recebo um olhar carrancudo de Sam. — Samantha, essa é sua segurança pessoal, qualquer coisa só chama-la. Ela estará a sua inteira disposição.

— Senhora — Schneider acena para Sam e essa retribui apenas com um aceno de cabeça.

Espero que as duas se deem bem.

Pouco depois, os outros dois seguranças chegam e levo mais um tempo com as apresentações e orientações, não quero nada dando errado enquanto estiver fora. Deixo Sam tomando seu café da manhã e converso com os três seguranças no escritório e quando volto Sam está claramente chateada.

— Tudo bem? — pergunto sentando na cadeira desocupada ao lado dela.

— Ótimo! — Mas se vira para mim com faíscas saindo dos olhos. — Você não me disse que teria uma babá. E desde quando sou sua cliente, Carl O'Neal?

— Angelina será mais confortável para você pelo simples fato de ser mulher, carinho — digo sorrindo, sei porque está chateada. Mulheres! Falam dos homens, mas adoram marcar território. — Para os outros é sim. Agora tenho um lugar para ir. Volto mais tarde. Não seja ranzinza com todo mundo.

— Não sei do que está falando...

Beijo-a duro na boca até ela amolecer e corresponder. Depois de um tempo interminável saqueando sua boca, levanto e acaricio seu rosto. — Comporte-se. — Saio em seguida.

A pergunta que ela tinha me feito ontem à noite parece esquecida essa manhã, deixando-me aliviado. Eu não era mais bom em expressar sentimentos e ainda a culpava por isso. Eu não seria bom para ela mais, estive por muito tempo sozinho, remoendo o passado.

Deixar Samantha aos cuidados de outros é um mal necessário, não estou satisfeito, contudo, tenho de cuidar de outros assuntos.

Cerca de meia hora depois, paro o carro em frente à casa dos pais dela. Tenho uma pessoa para ver. Pego o telefone e ligo, Zara atente quase imediatamente.

— Alô?

— É O'Neal, estou esperando. — Aperto o botão de desligar e vejo, pouco depois, quando ela sai da casa e caminha para meu carro. Vamos dar um passeio.

— Espero sinceramente que isso seja uma brincadeira de mau gosto, senhor O'Neal. — É a primeira coisa que Zara fala quando entra no meu carro. Eu arranco sem nem olhar em sua direção. — Não tenho tempo para esse tipo de coisa, tenho muito com que me preocupar.

O único lugar que poderia ter uma conversa particular é na minha casa, e é para aonde a levo. Eu posso estar cometendo um erro fazendo essa jogada com ela, mas esse impasse precisa acabar, começando com minha maior suspeita. Vou arrancar dela a verdade e entregá-la para a polícia. Eu tinha combinado com Roger ontem, depois que Samantha foi dormir, para conseguir uma confissão de Zara, já que nem a polícia conseguiu identificar os e-mails. O destinatário tinha conhecimento profundo de mundo virtual para não deixar rastro. Passei semanas fora e nada foi resolvido, era uma merda.

Paro o carro na minha vaga e viro-me para ela.

— Vamos lá, temos de conversar, desça — digo e saio do carro. Ela demora um pouco, mas segue minha orientação.

Quando entramos no meu apartamento, aponto para o sofá na sala. — Sente-se, Zara.

— O que acha que vai conseguir tomando essas atitudes, Carl? — ela indaga, mas segue meu conselho — Só vim porque...

— Por que você está escondendo algo e sabe que eu sei? — pergunto me referindo ao antigo suposto caso dela com o pai de Sam. — Apenas sente-se.

— Não sei do que está falando. — Sua bravata já não é tão grande assim. Ela vacila quando eu sento na sua frente, cruza minhas pernas e olho-a firme. Não digo nada por bons dois minutos e ela se contorce no lugar, tentando não demonstrar seu desconforto.

— Diga-me o quanto você quer Samantha de volta ao mundo da música? — casualmente pergunto. — Estou perguntando porque ela está enxergando outra vez e talvez seja bom que volte a tocar.

— Está falando sério? Quer que ela volte? — Ela parece incrédula, mas percebo que talvez ela esteja acreditando em mim.

— Claro, Samantha não sabe viver sem seu piano, ela já me abandonou por ele uma vez e, claro, agora eu não quero ser o trouxa a ser abandonado novamente. — Inclino minha cabeça. — Ela disse a você que iria me abandonar, Zara?

— Por que veio falar comigo sobre isso? Muito estranho. Não acredito em você. — É, parece que terei de mudar de tática com ela.

— Você é a única que parece não desistir da carreira de Samantha, manteve seus compromissos quando tinha ordens de cancelá-los. — Inclino os cotovelos apoiado nos joelhos. — Você está ameaçando-a com e-mails. Tenho provas contra você, Zara.

Claro que não tenho, mas ela pode começar a cometer erros a partir de agora. Meu trabalho ontem à noite tinha rendido algumas informações que foram deixadas de lado pela polícia que esteve investigando o caso de Sam. Quando estive no hospital, depois do acidente, o médico havia me informado que nos exames de sangue de Sam tinham encontrado substâncias que poderiam ter levado ao acidente. Não foi investigado devidamente. Talvez eles acharam irrelevante esse detalhe. Eu tenho certeza que ela não tomava nada ilícito. Talvez alguém a tenha drogado. Isso e meu comportamento com ela naquela noite podem ter sido a causa do acidente. Só preciso descobrir quem, e Zara era minha maior suspeita, afinal ela era a mais próxima de Samantha.

Zara fica em pé com ar indignado.

— Mas do que está me acusando?

— Você tem razões para querer continuar como agente de Sam, dedicou sua vida toda a ela, única cliente, deixou de ter sua própria carreira musical — enumero. — Tem motivos para não querer que ela pare e deixe você sem trabalho.

— Você é patético, Carl. — Ela ri e volta a sentar. — Tenho capacidade de encontrar novos clientes se assim quiser.

— Será que tem mesmo?

— Foi minha opção ser uma agente em vez de me dedicar à música, e foi há muito tempo...

— Quando juntou-se aos pais de Sam para que ela nunca desistisse de tocar e assim todos se dariam bem?

— Samantha tinha um sonho e ninguém a forçou a fazer nada. Você não era tão importante assim, Carl. Não culpe os outros se não era prioridade dela — debocha satisfeita.

— Ela ia voltar, abandonar a escola na Europa, mas você trocou a carta dela, não foi? — eu digo mansamente.

— Prove. — Ela ri.

— Vou sim e você vai me dizer, Zara, quem foi que trocou a carta ou Samantha saberá que mantém um relacionamento um tanto duvidoso com o pai dela — digo e espero sua reação. Ela fica pálida. Na mensagem de ontem dei a entender que sabia dessa história

e por esse motivo ela aceitou falar comigo. Então Roger tem razão, ela tinha algo com o pai de Sam.

— É mentira! — zomba.

— Claro que sim — sorrio —, mas tenho que contar para Samantha, Zara. Vai ser um pouco conturbado quando ela souber que sua agente anda aprontando nas suas costas. — Levanto e vou até a janela deixando-a absorver. Ela está sem reação, contudo eu sei que ela não vai confessar nada. Tinha sido burrice, mas temos um ponto, ela pode a partir daqui cometer um erro e é onde vamos pegá-la ou qualquer outra pessoa envolvida nessa merda. Achar que ela se entregaria fácil foi tolice.

— Eu posso facilitar as coisas para você, Zara. Você só tem de cooperar — garanto.

— Não tenho que falar nada com você. — Levanta-se e caminha em direção a porta. — Quero ir embora.

— Tudo bem, você que sabe. — Caminho até a porta, também frustrado. — Por onde anda seu outro comparsa? Não acredito que voltou para casa. Afinal o que ele fazia aqui?

— De quem está falando?

— Aquele cantorzinho de merda, ele está metido nisso com você? Eu sei que você anda metendo os pés pelas mãos com Samantha, seria mais digno confessar. — Paro ao lado dela. — Você terá uma conversa com Samantha onde dirá tudo que anda fazendo, por exemplo: você teve semanas atrás uma conversa ao telefone, lembra-se? Com um advogado? — digo como se não tivesse importância, mas sua palidez só aumenta. — Interditar Samantha é um truque baixo até para você, mas veja, parece que eu acabei com seus planos quando a afastei de vocês, não?

— Leve-me embora! Você é um louco que inventa coisas! — ela grita perdendo a compostura. Sorrio friamente para ela. Acho que consegui perturbar a moça agora.

— Claro, esse é um país livre. — Abro a porta fazendo uma mesura para ela sair. Levo-a para fora do prédio e aceno para um táxi. — Sinto não poder levá-la de volta.

Aponto para ela entrar no carro.

— Vai se arrepender, Carl O'Neal — ela fala com raiva quando entra no táxi e ele arranca. Vejo o carro discreto seguir o táxi e agradeço a Roger por colocar alguém na cola da megera. Agora é só esperar ela começar a ficar nervosa e pisar na bola. E ela vai.

Pego meu telefone e ligo para Roger, ele atende imediatamente.

— Conseguiu alguma coisa com a moça?

— Nenhuma confissão, mas ela está visivelmente nervosa e agora é a hora de conseguir algumas provas.

— Tenho um homem seguindo-a, se tudo correr como planejado e ela for a pessoa por trás dessas ameaças, vamos pegá-la — ele faz uma pausa. — Carl, deixe a polícia fazer seu trabalho, essa ideia de falar com ela também pode culminar em um ataque à sua cliente. Isso terminará logo, consegui colocar uma escuta na casa, se for alguém de lá, teremos nossa resposta o quanto antes.

— Samantha não é minha cliente — esclareço.

— Imaginei, ninguém leva uma cliente para sua própria casa. — Eu tinha que rir disso. Ele não conhecia Bruno? Pois esse levou sua viúva para morar com ele, mas desconfio que tudo foi uma desculpa para entrar na calcinha dela, ela não teve a menor chance com aquele pervertido. Mas eu tenho de admitir, o cara estava apaixonado.

— E ninguém vai atacar Sam, posso garantir para você.

☐

Depois de desligar vou para a empresa. Trabalho tentando manter a mente longe de Sam por um dia, ao menos, mas parece impossível, pois a cada segundo me pergunto se fiz bem em deixá-la com outros seguranças. Porém nossa situação tem de ser colocada em perspectivas para serem melhor compreendida. Passo o resto do dia trabalhando com Souza e volto para o apartamento por volta das oito da noite.

E encontro-a em um mau humor terrível.

Capítulo 34

Quando Carl sai, empurro minha cadeira de volta para o quarto e fico na janela olhando para fora. Estou chateada e nem sei por qual motivo, só estou com esse aperto no peito desde ontem quando ele não respondeu minha simples pergunta. Ele se mantém frio e quente, exaspera-me e fico chateada demais. E para piorar ele simplesmente me deixou aqui com estranhos. Ele está se afastando intencionalmente?

As questões se acumulam em minha mente deixando-me ainda mais de mau humor.

Rodo a cadeira no quarto e vejo um controle remoto em cima de uma cômoda, pego e aperto aleatoriamente, não vi nenhuma TV nem som no quarto, mas devo ter ligado algo pois uma voz feminina começa está cantando.

*Remember when you used to say
Lembra quando você costumava dizer
You know our love can save it all
Você sabe que nosso amor pode salvar tudo...*

Desligo o som e deito na cama. Estou há um tempo deitada quando ouço uma batida e, sem nenhuma cerimônia, a tal segurança entra no quarto.

Ah, agora lembrei o porquê estou tão chateada. Estou com ciúmes da mulher e ela não fez nada além de respirar.

Controle-se, Samantha, você não é uma mulher das cavernas.

Sorriso para ela.

O dia será longo sem meu segurança aqui.

— Senhorita Stollen, vim verificar se precisa de algo — a segurança fala quando entra no quarto. — Tudo bem?

— Estou ótima, você poderia bater antes de entrar da próxima vez — digo jocosa e ela levanta as sobrancelhas bem delineadas com o meu tom.

— Incomodo a senhora? — ela pergunta diretamente. Bem, pelo menos não estávamos sendo hipócritas. Eu estou imaginando milhões de imagens dessa mulher ao redor de Carl e não estou sabendo lidar com esse sentimento. Dez anos e ele deve ter tido várias mulheres iguais a ela rondando por perto, trabalhando com ele. Seriam mulheres assim que ele gostava agora?

— Talvez, vai depender — digo e a olho firme. *Pare, Sam, deixe de ser louca e ciumenta.* Digo internamente, mas minha boca desobedece meu cérebro e me vejo perguntando: — Conhece Carl há quanto tempo?

Ela parece confusa um momento e logo parece compreender a situação.

— Não sei onde essa conversa vai dar, contudo posso imaginar o que está havendo, senhorita Stollen. — Ela vem para perto da cama. — Eu acabei de conhecê-lo, se isso a deixa menos preocupada. E mesmo que o conhecesse há mais tempo, não me envolvo com pessoas do trabalho, quero deixar isso claro. Não que precise dar satisfação de minha vida pessoal, porém para que possamos não ter nenhum mal-entendido.

— Ah — digo um pouco sem graça, estava me sentindo igual um animal marcando território, agora estou um pouco envergonhada.

— Então já que deixamos isso claro — ela faz um gesto casual —, podemos trabalhar sem nenhum percalço.

— Espero que sim.

— Se caso precisar de alguma coisa, estarei logo ali no corredor, basta apenas chamar. — Ela acena com a cabeça e sai assim como entrou. Ela era tão séria e esquisita.

— Olá — chamo depois de dez minutos que Angelina saiu. A porta abre e ela entra outra vez. — Você pode conseguir um computador para mim? Ou um celular que possa usar internet? Qualquer coisa.

— Vou ver o que posso fazer, senhora. — Assente saindo novamente.

Ela volta depois com um tablete e nem quero saber onde ela arranhou.

Passo o resto do dia verificando meus e-mails, falando com alguns dos patrocinadores e organizadores dos meus concertos e raiva começa a fluir através de mim. Zara não tinha feito nada sobre a minha decisão de parar de tocar. A desculpa que ela deu foi que eu tive um acidente e precisei de um tempo, que daqui alguns meses voltaria a viajar e fazer meus concertos, como mamãe tinha comentado.

Ligo para Zara e ela não atende, o que apenas aumenta meu mau humor. E para completar Carl passou o dia todo fora me deixando trancada nesse apartamento com três estranhos. Estou começando a pirar com esse isolamento.

Quando Carl se digna a aparecer é noite e estou bufando de tão mal-humorada.

— Ei, carinho — ele diz quando entra na sala onde estou sentada. Ele vem e senta ao meu lado plantando um beijo nos meus lábios, indiferente aos seguranças ali perto.

— Oi — digo aborrecida. — Pensei que não voltaria nunca.

— Um homem tem que trabalhar — ele diz rindo. — Vejo que senti minha falta e está de mau humor.

— Passar o dia isolada com estranhos tem esse efeito nas pessoas.

— Ok, amanhã pode sair e passear — ele diz irônico. — Sam, precisa ter calma.

— A única coisa que quero é falar com minha agente, e para ontem. Preciso que traga-a aqui ou leve-me até onde meus pais estão morando.

— Faremos isso, mas preciso que espere um pouco. — Ele desabotoa a gola da camisa ao redor e aponta para os seguranças. — Vocês estão dispensados por hoje. Cheguem cedo amanhã.

Os dois que estavam por perto dão boa noite e saem. Angelina também.

— Correu tudo bem durante o dia? Cuidaram bem de você? — ele pergunta quando volta sua atenção para mim outra vez.

— Entediante. Não irei ficar aqui muito tempo. E sua preocupação foi muito tocante o dia todo, senhor O'Neal — alfineto.

— Nisso concordamos. — Ele levanta e abaixa, pegando-me no colo. — Agora venha cá. Preciso de um banho e você deve deitar.

— Tenho cinco anos para dormir a essa hora?

— Quem falou em dormir, carinho? — Ele me aperta contra seu peito musculoso no caminho para o quarto. — Estou planejando passar a noite em claro.

— Sei... — Minha respiração engata quando alcanço seu pescoço e mordo levemente sussurrando com voz suave. — Eu preciso de você.

Ele me coloca deitada na cama e vem para cima de mim, seu peso é delicioso, tomando minha boca na dele em um beijo feroz, sua língua me deixando quente e excitada. Seus lábios sensualmente descem por meu queixo e pescoço com pequenas mordidas, fazendo gemidos brotarem de minha garganta. Os dedos fortes nos botões da minha blusa trabalham rápidos, revelando que estou sem sutiã por baixo, meus mamilos reagem duros quando a boca dele se fecha sobre um deles sugando com fome. — Senti saudade disso, carinho. Quero te fazer gritar apenas comendo seus mamilos deliciosos.

Gemo desesperada por mais, arqueio minhas costas dando mais para sua boca quente e faminta.

— Não tenho o suficiente de você... — murmura rouco e eu estremeço de antecipação, querendo mais de sua boca em mim, como uma viciada. Eu que não tenho suficiente dele, eu sempre quero mais e mais.

Ele desce a boca úmida por minha barriga, beijando o caminho para baixo, ele enterra a língua dura na cavidade do meu umbigo e levanto involuntariamente meu quadril. Uma das mãos dele está amassando um dos meus seios, enquanto a outra sobe pela lateral de minha coxa, levando a saia junto. — Quer minha boca devorando você, carinho?

— Sim... — ofego agarrando um punhado de seus cabelos. Ele desce mais e beija meu monte por cima da roupa e se livra do meu aperto em seus cabelos.

— Preciso de um banho antes — ele avisa levantando-se. Não acredito!

O volume do seu pau em sua calça me faz salivar de ansiedade.

— Carl, eu não posso esperar. Pode ter esse banho depois? — Contorço-me na cama, querendo ele de volta. — Amo seu cheiro, não importa quantos anos ficar sem tomar banho.

Ele gargalha divertido e começa a tirar a roupa. Desabotoa a camisa lentamente me olhando nos olhos, seus dentes mordem o lábio inferior sensualmente e seu sorriso cínico é de quem sabe que está me torturando. Sua ereção parece agigantar por trás do tecido de sua calça. Estou quente, ansiosa de sentir ele dentro de mim. — Fica linda toda excitada assim, Samantha, poderia passar a noite apenas te olhando...

— Quero você dent... — Ele joga a camisa no chão e eu olho abismada para a tatuagem ao lado do seu abdome, era uma pequena tatuagem preta de uma mulher tocando

um piano de cauda e isso me deixa totalmente sem fala. Ele tinha marcado sua pele com algo que lembrava a mim. O que significava isso? Era bom ou ruim?

Eu não tinha visto Carl sem roupa desde que minha visão tinha voltado ontem. Por isso não tinha visto e tampouco ele falou a respeito. Ele percebe que estou olhando para sua costela e sabe que vi sua tatuagem.

Abro minha boca, mas nenhum som sai antes que eu formule uma pergunta

— Não é grande coisa. — Ele aponta para o desenho. Toda excitação que estava sentindo parece desaparecer.

Capítulo 35

Eu tinha todo um discurso sobre essa tatuagem, caso um dia Samantha a visse, mas nada como o que saiu da minha boca, a alegria parece extinguir dos olhos dela quando minto sobre a tatuagem. Mas quando a fiz, não foi por romantismo, tinha feito para me lembrar do porquê não poderia baixar minha guarda com outras mulheres, apesar que, com o tempo, a silhueta da mulher ao piano era tudo que eu tinha de Sam e passou a ter um significado todo especial. Mesmo com todo ódio que nutri por ela tanto tempo, meus sentimentos eram dúbios, eu sentia atração e repulsa na mesma medida e com a tatuagem não era diferente.

Eu a fiz há mais de sete anos em uma das folgas das Forças Armadas e fiz para nunca esquecer, talvez nem precisasse. Eu não precisei olhar para a tatuagem para lembrar dela, não, porque ela nunca saiu da minha mente fodida.

Agora dizer que não era nada, estava magoando-a. Ela baixa os olhos feridos e sento na cama ao seu lado, seguro seu queixo para que me olhe. Pego sua mão na minha outra mão e beijo a palma levando-a ao meu peito.

— Isso não tem importância, é apenas tinta. A única marca que importa para mim é essa aqui. — Bato levemente sua palma em cima do meu coração. — A única que vale a pena e garanto, carinho, que foi escrita a ferro e fogo para sempre.

Eu não queria falar desse jeito, mas sua dor já não me dava nenhum prazer. Eu não consigo deixar tudo ir embora, mágoa, raiva e tristeza. Eu preciso perdoar, parar de lutar, de correr do sentimento de medo, de nova decepção, mas, caramba, como era difícil abandonar velhos hábitos.

— Carl... — ela balbucia os olhos cheios de lágrimas contidas — mas...

— Quando a fiz não foi com o coração cheio de amor, Sam, era pura raiva que sentia, então não importa para mim, eu prefiro essa aqui, a única que importa. — Bato outra vez com nossas mãos juntas no meu peito. Atraio sua cabeça para mim e saqueio seus lábios trêmulos. Quero marcá-la da mesma forma que ela faz comigo, mas no fundo as velhas lembranças são vivas demais, deixando esses momentos agriados. — Mas ainda assim, nunca me desfarei dela, ela agora faz parte de mim.

Ela sorri como a minha Samantha de dez anos atrás, seu rosto brilha suave e me estapeio pela mancada, eu quero ser duro com ela, mas não consigo.

— Você é linda quando sorri assim, carinho. — Acaricio a bochecha macia com as costas dos dedos e traço cada ângulo do rosto dela. — Nunca esqueci cada traço seu, estive vivo em minha memória cada segundo. — Encosto suavemente meus lábios nos dela beijando lentamente, poderia passar a noite inteira apenas beijando-a.

Amar Samantha era tão natural em mim quanto odiá-la. Nessas semanas juntos o amor vinha superando o ódio tão facilmente. Eu estava cansado de lutar, porque escolher amar alguém não é achar que a pessoa será perfeita o tempo todo, não, temos de saber que essa pessoa cometerá erros, pois nós também vamos errar. Ela sempre foi perfeita para mim e no dia que ela errou, ou melhor, nós erramos, eu enlouqueci de raiva e o amor deu lugar ao ódio que alimentei por anos. Não foi só por culpa que tentei mantê-la segura, isso qualquer outro cara poderia fazer, eu não tinha de levá-la para minha casa, mas quem disse que estava pensando racionalmente? Não, todo esse trabalho foi uma forma de mostrar para ela o que tinha perdido me deixando anos atrás.

Daí me pergunto será que ela realmente se importa com isso? Agora que sabia que nós, provavelmente, fomos vítimas de alguma alma venenosa, esse sentimento negativo que sentia por ela estava cada dia mais fraco.

— Eu te amo — o sussurro dela me deixa duro no lugar. — Nunca deixei de te amar, querido, estou pronta para você, sempre estive pronta.

Eu perco o resto de controle que eu tenho e a beijo com força, rude, o som de nossas bocas juntas. O som molhado me deixa igual uma barra de aço de tão duro. Cubro seu corpo com o meu moendo meu pau contra a junção de suas coxas, ela tem a boceta mais deliciosa que já experimentei, e esse pensamento só faz com que eu a beije profundamente, nossas línguas enroscadas uma na outra. Sam ergue seu quadril ganancioso para mais contato e nós dois gememos juntos. Levanto e retiro o resto das minhas roupas, voltando para cama, preciso fodê-la mais do que eu quero respirar. Não perco tempo com mais preliminares e só a monto como um animal faminto e estoco meu pau até o fundo nos fazendo gemer alto...

Minha fome dela só aumenta quando me movo rápido e duro, seu corpo delicado está tenso de tesão, a pele arrepiada. Inclino-me e provo seu mamilo rígido que estão duros, esfrego minha língua neles, insaciável, até sentir seu canal estrangular meu pau.

— Porra, Samantha... — Quero devorá-la inteira enquanto ela pulsa em torno de mim. Puxo-a e volto a saquear seus lábios inchados dos meus beijos, mordo-o levemente entre meus dentes, cada toque parece intensificar cada vez mais nosso desejo pois viramos uma bagunça gostosa pra caralho.

Ela explode gritando rouca e isso dispara como um tiro por minha espinha, quente e intenso, minha própria carga dentro dela.

□

Estamos deitados quietos, o rosto de Sam enfiado no meu pescoço, sua respiração tocando minha pele. Sei que ela não está dormindo ainda porque sinto seus dedos correndo pelo meu peito levemente.

— O que você irá fazer depois que toda essa confusão passar? — Não deveria ter feito essa pergunta, eu temo já ter a maldita resposta. Porque pode muito bem ser “foda-se, Carl” e partir outra vez por mais dez anos.

— Quando eu resolvi vir para o Brasil, já tinha em mente dar um tempo na música, não parar de tocar, mas fazer outras coisas — ela fala. — Eu havia planejado colocar um ponto final no que tinha deixado inacabado aqui.

Ela não respondeu minha questão, mas continua falando. — Eu ainda tenho alguns dos planos iniciais como parar com tantas viagens, que era a única coisa na minha vida de musicista que eu não apreciava.

— Muita gente adoraria ter a possibilidade de viajar o mundo.

— Não falo de conhecer lugares, isso era maravilhoso, falo das viagens cansativas, de nunca parar para conhecer de verdade tantos lugares. — Ela levanta a cabeça olhando-me. — De que adianta ter o mundo aos seus pés se você não é totalmente feliz?

— Mas era o que sempre sonhou, Samantha, ser famosa — digo.

— Naquela época tinha uma outra visão da fama, pensava que poderia ter tudo, fama, minha música e você — ela fala com tristeza. — Eu achei que tudo estaria igual quando voltasse, acho que subestimei muitas coisas.

Não digo nada e ela desvia os olhos voltando a enterrar a cabeça na curva do meu pescoço, ela aperta-se mais contra mim como se quisesse fundir nossos corpos.

— Mas além da música eu também quero esse cara que me olha como se eu fosse única, como eu fosse sua coisa favorita na terra, esse cara que mesmo dizendo que me odeia me protege, eu ainda quero tudo afinal de contas. Só não sei se vou ter, mas irei tentar até o fim.

— Você nunca deixou de ser minha coisa favorita, senhorita Stollen. — Seguro seu queixo trazendo sua boca para a minha. — Nunca canso de te querer.

Tudo o que eu queria fazer era segurá-la aqui para sempre, onde ninguém mais existia, onde era apenas nós dois.



Samantha ainda dormia profundamente quando acordei na manhã seguinte. Dormia de bruços, as costas delicadas à mostra me fez inclinar e beijar sua omoplata. Ela solta um gemido e continua a dormir com um suspiro suave. Sorrio e levanto, depois de um banho vou encontrar os seguranças que já estão no apartamento. Faço, como de hábito, o café da manhã da minha “coisinha favorita no mundo” escolhendo o que ela gostava, tudo saudável, não era à toa que mantinha aquele corpo todo gostoso apenas para mim.

Enquanto espero, ligo para Roger a fim de verificar se tem alguma novidade sobre Zara, se ela mordeu nossa isca. Falo com Roger durante uns bons cinco minutos, mas ele não tem nenhuma novidade. Volto para o quarto e levo uma bandeja com o café de Sam, tenho de me preparar para sair daqui a pouco.

Ela ainda está do mesmo jeito que a deixei, mas eu tenho de acordá-la e conversar sobre sua vontade de falar com Zara, ter essa reunião com a agente pode não ser bom agora que deixei ela saber que estamos de olho. Zara era muito esperta, não viria falar com Samantha e confessar que era o perseguidor. Eu tenho de mostrar minha antiga carta para ela, já que sua visão voltou, ontem eu não a peguei, mas preciso mostrar para ela o quanto antes.

— Bom dia, dorminhoca — digo quando deposito a bandeja na mesinha e sento ao seu lado na cama.

— Carl, é madrugada — ela geme tentando voltar a dormir.

— Preciso sair, Samantha, e precisava falar com você. — Beijo a ponta de seu nariz e seguro sua mão entre as minhas. Olho nossas mãos juntas e são tão diferentes. Deposito um beijo na palma macia, deixando minha língua tocar o centro de sua mão, sinto seu estremecimento pelo ato sensual. — Olhe, sei que já está mais que na hora de você ter uma conversa com Zara sobre tudo, mas eu preciso de tempo, ontem eu falei com ela. Roger e eu estamos tentando descobrir algumas coisas por meio dela...

— Carl, eu não posso deixar isso acontecer, irei falar com ela hoje, nem que eu tenha de ir até ela, não posso viver escondida aqui como uma criminosa, eu que pareço a criminosa me escondendo de todos, tenho de tomar as rédeas da minha vida de volta. — Ela levanta exasperada. — Não podemos esperar mais com isso.

— Acha que ela simplesmente vai dizer que é a responsável de ter mudado o conteúdo de uma carta de anos atrás endereçada a mim? E que agora ela resolveu interferir, mais uma vez, passando-se por um louco ameaçador? — Estou bravo também. — Ela não confessará nada, pode acreditar.

— Não é sobre isso que estou com raiva e preocupada, Carl. É a atitude dela com relação a uma ordem direta que ela não cumpriu, é isso que estou falando. — Ela me olha severa. — Estou cansada de me esconder dos problemas, Carl.

— Você estava frágil. Estava cansada de tudo, esse tempo longe devia te fazer bem, não mal — tento amenizar a ruga de preocupação de sua testa delicada. — Deixe-me cuidar de Zara por enquanto.

— Não gosto disso — diz contrariada. — Mas eu não sei dizer não a você, contudo ainda acho que deveria falar com ela, não tem nada demais. Ela não vai puxar uma arma e atirar na minha cabeça na frente de três seguranças, vai?

— Não fale besteira, não quero ter essa imagem na minha cabeça. — Beijo sua testa e levanto colocando a bandeja no colo dela. — Sem Zara por hoje, ok? Por favor?

— Tudo bem, mas não demore com essa de detetive por muito tempo ou irei contratar outra firma de guarda-costas, essa tem um chefe muito mandão. — Ela me mostra a língua infantilmente e eu não resisto em voltar para cama e beijá-la implacavelmente.

— Grosso! — resmunga quando levanto, deixando-a toda vermelha, mas tem um sorriso nos lábios.

Pego sua mão e coloco em cima da minha ereção.

— Sim, carinho, desse jeito — digo rindo e vou tomar um banho. Estamos bem, afinal, só tenho de ser menos ogro com ela, mas, porra, dez anos não se desfaz em pouco tempo, além de que, temos coisas mal explicadas e uma delas irei resolver hoje.



Antes de ir para a empresa, vou ao meu apartamento, tenho de finalizar algumas coisas entre Sam e eu. A carta que recebi dos pais de Sam. Talvez ela tenha falado a verdade e não a escreveu, mas ainda quero olhar em seus olhos quando mostrar a carta. Sim, ainda sou esse cara com pé atrás, velhos hábitos nunca morrem. Mas eu já mudei tanto nesse período com ela que nem me reconheço, dez anos é muito tempo para ficar preso a alguém e eu passei como se estivesse casado com minha raiva e decepção. Não dei chance para ninguém nem para mim mesmo. Fui tolo, eu sei. Qual homem faz isso? Acho que nenhum.

Mas Sam me tira o chão completamente desde que a vi pela primeira vez.

Droga, Carl! Por que é tão difícil acreditar na mulher que passou dez anos amando? Não foi só amando, mas passei tanto tempo da minha vida ligado a Sam que acho hipocrisia ficar com o pé atrás ainda com tudo que estamos descobrindo ao longo das semanas. Abro o cofre e pego o papel amarelado do tempo.

Vou para a empresa depois, porém fico inquieto igual um adolescente e ao meio dia volto para o apartamento onde Sam está. Preciso vê-la. Encontro-a almoçando na varanda do prédio, é um ambiente amplo com mesa, cadeiras estofadas e sofás nos cantos, provavelmente projetado para ser um ambiente familiar e confortável. Sam está sentada à mesa de tampo de vidro, seus cabelos soltos só a fazem parecer mais jovem.

— Ei, querido, voltou cedo hoje, eu devia reclamar mais, um dia que reclamei e você já chegou mais cedo — ela graceja quando me vê parado. Vou até à mesa e sento-me à sua frente depois de beijar rapidamente o topo de sua cabeça. — Carl, você está economizando beijos?

— Deixando acumular para depois. — Pisco levemente para ela que tem esse sorriso que me deixa meio louco para jogá-la na cama mais próxima. Coloco a pasta que trouxe na cadeira ao lado e cruzo meus braços olhando-a.

— Você está radiante — constato e recebo um olhar malicioso dela.

— Eu estou, apesar de tudo, feliz. — Ela empurra o prato vazio para o lado, e eu temo que irei ofuscar essa felicidade quando mostrar essa bendita carta. — Eu descobri que meu ex-namorado tem minha silhueta tatuada em seu tanquinho.

Eu rio quando aponto para minhas costelas, mas não é um riso espontâneo. — Se chama costela, querida.

— Tanto faz. Você está preocupado com algo? Está tenso.

— Não, mas tenho algo para lhe mostrar. — Pego a pasta e retiro o envelope pousando no tampo da mesa deslizando em sua direção.

— Isso é...?

— A sua carta. — Observo-a pegar o envelope e o ar brincalhão sumir de seu rosto. Suas mãos agora um pouco trêmulas. Não tiro meus olhos do rosto dela, quero pegar cada reação. Ela abre e volta seu olhar imediatamente para mim.

— Achou que essa letra era minha?

— Essa é sua letra, está um tanto diferente, mas é sua.

— Não, não é. Essa é a letra da Zara tentando escrever como eu. — Ela bate o papel na mesa. — Você passou quase dez anos achando que traía nosso amor por causa disso?

Ela fica vermelha de raiva.

— Não se atreva a ficar brava quando acreditei que era sua carta, afinal, Samantha, eu a recebi lacrada e com seu nome. Por que diabos iria imaginar que não era sua carta? Quem diabos iria imaginar?! — Estou puto com tudo isso.

— A única coisa que estou imaginado agora é que você não me conhecia e nem prestava atenção em mim. — Ela está brava, não, furiosa comigo. Que droga! Eu que sou o culpado agora? Samantha tem o dom de me deixar na defensiva. Não sei como ela consegue

isso. Ela enfim começa a ler o conteúdo do papel. Dois minutos depois ela levanta esses olhos claros para mim. — Ah, Carl, sinto muito.

— Não quero seu pesar, Sam, foi há muito tempo. — Era muito tempo, contudo não deixei para lá, não é mesmo?

— Mas é a causa desse retraimento, o que ainda te impede de nos dar uma chance...

— Já dei essa chance, por isso está aqui, caso contrário nunca teríamos essa conversa, nunca foi uma opção para mim um dia ir atrás de você. — Curvo-me para frente. — O que me diz de tudo que tem escrito aí? O quanto isso é seu?

Ela limpa uma lágrima solitária no rosto e volta seus olhos para a bendita carta.

— Boa parte são minhas palavras sim, eu queria muito seguir minha carreira, mas eu nunca iria terminar dessa forma, esmagando seu amor por mim — sua voz falha trêmula e puxo a cadeira para perto dela, pegando sua mão entre as minhas. — Eu nunca seria tão cruel com você. Eu disse que demoraria mais alguns meses para voltar, que poderia com isso atrasar nossos planos.

— Então como Zara teve acesso a sua carta? Não foi ingênuo de sua parte, deixa-la ter acesso a sua vida? — Meu tom faz com que ela puxe sua mão da minha e me olhe furiosa.

— Nós duas estávamos sozinhas em um país desconhecido e, claro, nos tornamos confidentes e amigas. Carl, as mulheres tem dessas coisas, contar para outras sobre seus namorados. Eu não posso imaginar o motivo dela ter feito algo tão mesquinho. Por que ela faria isso?

— Tenho várias teorias, mas a que mais acredito é que ela pode ter uma quedinha por você? Ou por mim? — tento gracejar.

— Por você? Acho que não. Quero falar com ela, Carl, resolva logo com seu amigo policial. Não posso esperar por mais tempo, cansei de ficar aqui esperando acontecer algo. Ela não vai se expor assim, além disso, ela pode não ser a pessoa que está me ameaçando. Ela poderia ser presa e ela não é tão boba assim. Ela ama a carreira dela.

— Fui a polícia, Sam, e agora são eles que cuidam do caso, eu só posso proteger você e esperar a investigação.

— Longa por sinal — diz emburrada. — Chateada com isso. Esse isolamento.

— Vamos sair, nada nos impede — sugiro levantando e fazendo com que ela fique em pé. Abraço-a fortemente sentindo o perfume do shampoo em seus cabelos soltos. — Eu fico feliz em saber que não escreveu essa carta.

Ela não tem ideia do quanto. Estou realmente começando a acreditar nela? Sim, estou. Meu coração parece mais leve.

Ela segura meu rosto entre as mãos olhando firme.

— Gostaria que nunca tivesse lido essa carta e fico muito triste de você não ter me procurado e exigido uma explicação. Quantos mal-entendidos... Por que não fomos maduros, Carl? Eu passei dez anos longe porque eu também fui abandonada por você. Eu voltei aqui e você não me queria mais, nem sabia onde você estava. Eu não sou a única culpada de a gente não ter dado certo, você foi imaturo também. — Ele me olha triste. —

Eu sempre amei você, mas eu não tenho mais certeza se você me amou do mesmo jeito. Estou decepcionada com tudo e só quero esquecer, virar a página.

— Eu sei, querida, você tem razão, não soube lidar com a dor e decepção, agi com orgulho maldito dizendo-me que você não merecia nada mais de mim. Apenas bloqueei você totalmente da minha vida.

— Precisa trabalhar essa desconfiança que ainda sinto que você tem por mim. Contudo fico feliz que esclarecemos alguns pontos, eu pensei que seria pior. — Ela puxa meu rosto para perto. — Eu preciso de você todo, Carl, não pela metade.

— Concordo com você, vou lhe dar tudo de mim — digo malicioso quebrando o clima chato de antes. — Que tal irmos para o quarto?

— Querido, eu gostava mais do outro Carl, o mais novo, ele não era tão “vamos para o quarto” era mais ousado — ela provoca puxando meus cabelos curtos. — Essa varanda é bem legal, não acha?

Beijo-a esquecendo toda a merda de carta e quem a escreveu, eu apenas quero provar cada pedacinho de Sam durante a tarde...

Capítulo 36

Semanas depois...

Hoje é um dia libertador para mim, enfim tirei o gesso da minha perna e agora preciso andar apenas com as muletas até segunda ordem médica. Tinha passado o dia todo no hospital e estou sentindo-me revigorada. A sensação que minha vida tinha parado com o acidente parece ter sido deixada para trás. Estive tão apática, deixando tudo nas mãos de outras pessoas que mal posso me conter de tomar as rédeas de novo e o que faço primeiro é pedir ao segurança que me leve a casa alugada dos meus pais.

Carl não está comigo hoje, disse que tinha outros trabalhos, tem sido assim durante essas semanas. Ele tem tralhado em outros casos com seus amigos na empresa. Passávamos o dia longe um do outro, era muito chato passar o dia sem vê-lo, contudo, as noites têm sido as melhores. Saímos algumas vezes para fazer coisas normais que namorados fazem, como jantar fora. Outro dia ele me levou no cinema. Parece que temos dezoito anos outra vez, eu amo fazer as coisas mais simples com ele novamente. Sinto que ele está cauteloso comigo, não se doa completamente, apesar de eu dizer lhe que ainda o amo, ele não parece tão convicto assim. Eu quero entendê-lo, mas ainda assim magoa-me não tê-lo totalmente. Ele me ama, sei disso também, ele não falou as palavras, contudo suas ações falam por si só.

O carro para na frente da casa e um dos seguranças desce ajudando-me com as muletas. O médico quer que use até andar sem dor, melhor que a cadeira de rodas que estava usando por causa do punho machucado que não me deixava usar uma das mãos.

— Vocês não precisam ficar, rapazes — digo para os seguranças que me seguem para dentro. — Vou demorar.

— Somos pagos para isso, senhorita, não vamos deixá-la aqui — um deles diz.

— Não se preocupe com a demora, Samantha — Angelina diz. Estou me dando bem com ela agora, ela não é de todo mal. É muito linha dura, como diz Carl, casca grossa.

— Tudo bem.

A porta da frente abre antes mesmo de alcançá-la e Zara aparece. Ótimo. Ainda bem, ela é a pessoa que estou procurando.

Espero que Carl não fique tão bravo por ter vindo aqui, mas já dei tempo, mais que suficiente, para ele e a polícia. E as descobertas sobre Zara que estou acumulando estão cada vez mais difíceis de segurar.

— Olá, Zara, quanto tempo — digo quando chego na porta. Minha vontade é acertá-la com essa muleta.

Eu ainda estou processando o que Carl me contou de que esse amigo dele da polícia acha que Zara dorme com meu pai. Sobre a carta que ela mudou, sobre minha equipe que não foi informada de minha possível, e provável, saída do meio musical, que posso ir trabalhar de outra forma que não seja fazendo concertos pelo mundo afora.

Eu não queria acreditar que ela fez tudo isso pelas minhas costas, até agora, mas juro que vê-la na minha frente me faz não ter muitas dúvidas do que ela pode fazer. Só quero saber o motivo de tanta mesquinhez de uma pessoa que considerava família.

— Enfim você resolveu assumir suas responsabilidades — ela fala como se eu fosse a errada aqui.

— Pois é, e vou começar por um lugar que você não vai gostar, Zara, por que não entramos?

Levanto minhas sobrancelhas sugestivamente para ela.

— Sim, claro...

Ela não parece muito feliz quando eu a sigo para dentro.

Caminho devagar para dentro de casa atrás de Zara e com Angelina em meus calcanhares. Ela leva a sério e ao pé da letra a função de guarda-costas, raramente saía detrás de minhas costas.

— Não reclame porque tenho ordem de ir até no banheiro com a senhora — ela resmunga apenas para que eu escute. — E eu sigo as ordens sempre. Os outros vão ficar de olho ao redor da casa.

— Tudo bem, não ia pedir que saísse — comento não me importando com seus atos, era perda de tempo e energia tentar impedi-la.

— Seus pais infelizmente não estão, Sam. Mesmo eles não estando aqui posso garantir que estão preocupados com seu isolamento com Carl, esse homem aparece do nada e leva você com ele, provavelmente é o único que enviou esses e-mails — Zara para na sala de estar com as mãos no quadril, falando essas asneiras. Eu apenas termino de entrar na sala e sento calmamente no sofá rebaixado cor café que há na sala. A decoração é simples, porém requintada, nota-se que não é baixo o valor desse imóvel e, bem, devo estar pagando por todo esse conforto. Como de costume.

Eu quero rasgar esse ar de inocência dela, minha vinda aqui está indo contra a vontade de Carl, ele não percebe que Zara não será descuidada agora que ela sabe que estamos juntos? Que ele desconfia dela?

Quando ele chegou, semanas atrás, com a carta que ele guardava por anos, eu queria vir aqui e arrancar sua confissão depois a despedir sumariamente.

Olho para Zara e a raiva recomeça a construir lentamente, estava, durante todas essas semanas, fervendo em fogo brando e hoje eu posso explodir como nunca fiz em toda minha vida. Estou me sentindo enganada, usada por uma pessoa que considereei como uma irmã um terço de minha vida e nunca foi sincera comigo, apenas me usou quando teve chance, mas a raiva não é só dela, é de mim mesma também. Por estar cega por um sonho e um amor que no fim não soube conduzir. Meu terceiro dia naquele apartamento novo foi um dos dias mais difíceis por ter de esperar o momento certo para confrontar Zara, minha suposta melhor amiga e agente. O que descobri ao longo dessas semanas têm sido como um

belo choque de realidade. A carta. O possível caso dela com meu pai. As minhas ordens não atendidas e o quanto ainda não sei por deixar ela cuidar de tudo para mim? E agora ela culpa Carl?

— Por que não senta aqui, Zara? Você está nervosa? — Aponto porque ela está em pé e isso só me deixa mais irritada, mostra que ela está preocupada com algo e desconfio que ela esteja se perguntando o quanto Carl disse para mim.

— Claro. — Ela acata minha sugestão e senta à minha frente. Se eu não tivesse com receio de quebrar a outra perna daria umas boas “muletadas” em sua cabeça maldosa.

— Por que não começa me explicando porque não seguiu minhas ordens expressas sobre meus contratos, Zara? — Começo com o assunto mais fácil, porque se eu começar esfregando essa carta na cara dela vou perder toda minha compostura.

— Sabe que sempre penso no seu melhor, Sam, esse é meu trabalho — ela diz como se tivesse ofendida.

— Você é paga para fazer o que eu peço para ser feito — retruco furiosa. — Não vou voltar a fazer concertos, deixei claro desde que aceitei essa última turnê, mas você continua sem informar para ninguém sobre isso. Toda uma equipe achando que continuam trabalhando para mim, quando na verdade deviam ter sido devidamente informados por você.

— Você já mudou de ideia outras vezes quando disse que pararia, Samantha, por que seria diferente agora? Mas eu deveria saber, sempre quis vir para esse lugar atrás de um homem como uma mulherzinha que não pode viver sem um homem em sua vida. Você tem o mundo aos seus pés, mas joga fora por causa de um homem? — as palavras são ditas com ausência de emoção. Ela acredita mesmo nisso? Eu fico preocupada com tudo que deixei Zara decidir sozinha, sem nunca questionar as decisões dela como minha agente, acreditando que seria melhor para mim.

Mas de tudo que ela disse, algo mexeu com meu já estado de mau humor.

— Como se atreve?! — Como ela em coragem de falar assim, devia me agradecer por ter um emprego que lhe fornecia uma vida de luxo. — Foi por isso que mexeu em uma carta particular, Zara? Foi por isso que teve a ousadia de interferir na vida de outras pessoas? Na minha vida?

— Não sei do que está falando — ela devolve ainda sem qualquer tipo de afeto em seu tom apático, entediado. — Seu namorado me culpa por você deixá-lo? Não contou para ele que você preferiu a música e não ele?

— Você me odeia, Zara — constato isso claramente agora. — Você me odeia e ficou ao meu lado por quase dez anos?

— Odiar você? Não, Samantha, isso seria sentir alguma coisa. — Ela levanta e vejo Angelina dar um passo para frente como se preparasse para me defender. Eu tinha esquecido de sua presença. Ela ri para Angelina, desdenhosa.

Retiro a carta que tenho comigo desde que Carl me entregou e mostro para ela.

— Reconhece isso? Não acha que está na hora de me falar a verdade. Por que imitou minha caligrafia e escreveu o que não deveria estar aqui nesta carta? — grito furiosa. — Como se atreveu? Eu, diferentemente de Carl, reconheço muito bem sua letra, Zara!

— Você é tão dramática, Samantha, fiz um favor para você. Fiz de você uma mulher rica com tudo que lutei e corri atrás para você, dedicação total a sua carreira, sem outro cliente, e não agradece — ela devolve. — Ainda reclama quando alguém te fez um favor e não deixou você cometer a maior burrice de sua vida.

Tenho vontade de rir da sua ousadia.

— Certamente você tocava piano para mim, não é? — pergunto irônica. — Por que fez isso? Você não pode continuar negando o óbvio, como pode ser tão cínica?

Levanto trôpega, meio desajeitada com as muletas, quero arrancar esse sorriso dela, mas era provável que ela levasse a melhor sobre mim.

— Você é tão ingênua? Mas eu só vi a oportunidade quando surgiu. Nós duas estrangeiras na escola de música, você foi a escolhida para continuar e eu ia voltar para casa e, se quisesse continuar no meio musical, teria de tentar a sorte por aqui, mas não queria voltar, eu queria continuar fora do Brasil. Eu sabia que você ia jogar fora a oportunidade que era para ser minha. Eu falava com seus pais muitas vezes e, claro, sabia dos seus planos de voltar e casar com esse cara de quem vivia falando dia e noite como uma tonta. contei para seus pais que você não ia seguir com a carreira que eles tanto queriam para você e eles ficaram loucos — ela conta. — Você acha que a ideia de mudar a carta foi minha? Não, Samantha, sinto informar que apenas segui uma sugestão de seus pais que não gostavam de vê-la com Carl, imagina deixar uma carreira promissora por um namoradinho de escola.

Eu volto a sentar e dor dilacera minha alma.

— Por que não espera eles chegarem para terminarmos essa conversa? Gostaria de vê-la quando eles assumirem que tem mais culpa nisso que eu.

— Você dorme com meu pai? — eu pergunto por perguntar, porque agora se alguém me dissesse que eles jogaram a bomba de Hiroshima eu acreditaria. Eles não poderiam me chocar mais. Minha mãe e meu pai, eles mentiram todo esse tempo e tudo para quê?

Preciso de ar ou vou desmaiar na frente dessa cobra.

— Quem lhe disse isso está mentindo — ela diz. — Mesmo se fosse verdade não confirmaria isso para você.

— Eu vou acabar com você — eu digo entredentes, levantando. Vou atacá-la onde mais dói nela, nessa sua carreira de agente mentirosa e trapaceira. — Vou acabar com sua vidinha medíocre, Zara.

Digo e vou cumprir, não vou bater nela como uma pugilista apesar da vontade.

— Cuidado, Sam, não gosto de ameaças.

Ela era demais. Filha da mãe.

Eu não posso bater, mas sei quem pode dar um soco nessa sua cara-de-pau. Só pelo desaforo da maldita.

— Angelina — chamo e começo a andar para fora, eu já sei tudo que preciso saber dessa mulher. — Poderia fazer algo por mim?

Olho para minhas mãos ocupadas com as muletas e volto meu olhar sugestivo para a segurança que está de pé ao meu lado. Ela não precisa de explicação.

Ela vai com tudo para cima de Zara, acertando um verdadeiro soco nela. Ai, ela era forte. Vejo Zara cair para trás amaldiçoando.

— Está demitida, querida — cantarolo saindo por onde tinha entrado. Pena que papai e mamãe não estavam aqui. Mas esses dois têm muito que me explicar.

Sento no banco detrás do carro com Angelina e olho para sua mão. Acho que irei ter umas aulinhas de socos poderosos com ela.

— Obrigada por isso — digo apontando sua mão.

— Adorei bater na galinha cacarejante. — Ela sorri pela primeira vez desde que eu a conheci.

Apesar da raiva e decepção, também estou sorrindo quando o carro entra no tráfego. Porém, quando chego no apartamento, dou vazão as lágrimas que contive até agora de decepção pelos meus pais. Eu não esperava isso deles. Nunca.

Capítulo 37

A filha do Bruno nasceu hoje. Ele está tão metido a besta que tenho vontade de acertar um soco de tão meloso que o cara se tornou. Como trabalhei com ele algumas vezes ajudando a proteger Alicia, estou meio sentimental com a menina deles. Enquanto estou parado olhando através do vidro, onde tem uma enfermeira cuidando dos bebês lá dentro, fico imaginando que se tivesse seguido o curso da vida, lá atrás, há dez anos, eu teria uma garota ou garoto, quem sabe os dois, com Sam. O pensamento invoca uma imagem de uma garota igual a ela, talentosa e linda.

Observo o berçário mais alguns minutos e depois volto para a sala de espera do hospital onde os pais de Bruno estão aguardando. Não entendo o que eles fazem aqui, afinal Bruno não os suporta. Foi um ano complicado para Bruno com o ódio do seu irmão Deni e a ameaça sobre Alicia. Ainda era provável que acontecesse algo, Deni é imprevisível, por isso estou aqui.

Quando todos estiverem bem, irei apresentar Sam para todos. Eu tenho mantido meus amigos no escuro sobre ela, mas estarei mudando isso. Cada dia eles querem saber mais sobre a mulher misteriosa da minha vida.

O celular vibra no bolso e puxo, verificando. É um dos seguranças e meu coração salta no peito. O que será que houve?

— O que houve? — digo preocupado quando atendo.

— Nada demais, mas a senhorita Samantha já chegou do hospital — diz e hesita. — Ela, bem, ela foi na casa dos pais. Teve uma conversa com a agente.

O quê?

— Porque diabos deixou Sam falar com ela? Eu disse para todos vocês que Zara estava proibida de chagar perto de Sam. — Eu esqueço onde estou e falo alto recebendo olhares ameaçadores das pessoas. — Onde Sam está agora?

— No quarto.

— Estou indo para aí. Ela está bem?

— Aparentemente sim — diz. Desligo muito puto. Sam e sua teimosia.

Que merda!

Marcho para fora do hospital, pronto para torcer o delicioso pescoço de Sam.



Entro no apartamento e Angelina vem ao meu encontro.

— Senhor O'Neal, não pude dizer não a senhorita Samantha, ela é bem insistente. — Ela segura meu olhar, mas vejo que está chateada. — Porém não aconteceu nada demais, além de uma discussão entre ela e Zara.

— Devia ter sido informado que iam sair do planejado. A polícia tinha um plano que agora pode ter sido arruinado, podendo até custar uma vida, Schneider — digo aborrecido passando por ela. — Onde está Sam?

— Senhor, não querendo questionar a decisão tomada por vocês, mas a família de Sam pode ser a responsável pelas ameaças. A conversa das duas hoje leva a crer que podem ser os próprios pais que estão envolvidos nessa ameaça à vida dela. Que pode não ser uma ameaça real, talvez seja tudo um plano da família para Sam continuar na sua carreira.

Paro e volto-me para ela.

— Zara admitiu isso?

— Ela não falou sobre os e-mails, mas admitiu sobre uma carta. — Angelina franze a testa em aborrecimento. — Eu não fiquei sabendo sobre essa carta nas informações sobre o caso.

— Vou falar com Samantha agora. Fiquem atentos, essa mulher pode tentar alguma gracinha achando que Sam a demitirá — digo. — E sobre a carta, seu trabalho é manter Samantha longe do perigo.

— Sim, senhor — ela fala irônica. — E acredito que a agente foi demitida.

— Então nem o vento deve entrar nesse apartamento sem que haja uma revista. Olho nas câmeras de segurança. Se ela aparecer, não a deixe entrar.

Samantha deve estar mal com essas revelações, ainda que tudo não seja novidade, ela mesma apontou que um dos três seria o responsável, mas eu sempre apostei minhas fichas em Zara, seus pais nem tanto, vejo que me enganei também.

Caminho para o quarto, agora preocupado, e a primeira coisa que noto é a música clássica tocando. É a primeira vez, desde o acidente, que ela voltou a escutar os clássicos, deveria ter pedido um piano para que tocasse um pouco. Entro e encontro-a sentada na poltrona de frente para a janela, olhando absorta para fora. Seu semblante triste me destrói por dentro, por não poder ajudar e tirar esse ar melancólico dela.

— Ei, carinho — digo me aproximando e abaixo para um beijo cálido em seus lábios. — Ah, vejo que descobriu enfim essas pernas tentadoras.

Gracejo sobre o gesso retirado, sento na outra poltrona e cruzo minhas pernas em uma pose falsamente relaxada. Merda, vim todo o caminho fumegando de raiva por ela se expor dessa forma, mas saber que os pais estavam envolvidos em nossa separação freou toda vontade de recriminá-la. Ela deve estar sofrendo com tudo isso.

— Ei, Carl! Você disse que tinha de trabalhar com seus amigos, mas vive chegando cedo. — Ela me olha curiosa — Já fofocaram para você?

— Os seguranças não fazem fofoca, carinho, você que é teimosa. Eles não deviam tê-la permitido ir até lá sem mim. Sabe que aqui dentro eu confio totalmente na capacidade deles em garantir sua segurança, já lá fora? Eu fico preocupado em saber que pode ser atingida e não estar por perto para protegê-la.

— Tenho vivido tanto tempo sem sua proteção, Carl, e ainda estou aqui. — Sua amargura me toca. — Eu vivi rodeada de pessoas que não merecem nada mais que apenas

meu desprezo agora. Está doendo muito saber que meus pais tiveram a coragem de me trair.

Levanto e a pego nos braços, voltando a sentar, acomodando-a no meu colo. Abraço seu corpo delicado tão forte que temo quebrá-la ao meio.

— Eu sei, carinho.

— Eles não tinham direito de interferir na minha vida, eu sempre quis tocar, era meu sonho, mas não podiam terem me magoado desse jeito. Nós dois. — Ela se vira para mim, seus olhos úmidos. Puxo seu rosto e beijo-a longamente, tentando tirar sua tristeza fora com meu toque.

Ela me fala do encontro com Zara e sua admissão sobre alterar a carta.

— Ela me odeia — admite por fim.

— Ela sente inveja por não ter sido escolhida para ficar na Europa — digo revoltado. Eu devia uns pedidos de perdão a certa pianista.

— Você acredita em mim agora? — Ela parece ler meus pensamentos.

— Eu fui um burro cego e teimoso com você, vejo agora o quanto fui injusto. — Beijo-a novamente. Depois de um tempo olho-a e digo:— Estou tão bravo com você.

— Não fiz nada. Aliás, vai me levar para falar com papai e mamãe amanhã, não é? — Ela bate no meu ombro. — Você e sua mania de me manter no casulo não vai funcionar mais.

— Só quero proteger você.

— Só irei ficar bem quando falar com eles. E expulsar Zara da minha vida.

— Você tem um advogado? — Lembro que escutei uma conversa de Zara.

— Temos, ele mora na Itália onde meus pais tem residência. Zara tem mais contato com ele que eu, na verdade.

— Demita esse cara e contrate um novo aqui — sugiro. — Escutei um diálogo entre Zara e um provável advogado falando sobre interditar você.

— Como? E por que isso? Por acaso estou demente? Que ousada! — Ela tenta se levantar furiosa.

— Calma, leoa.

— Não brinca, Carl, isso é sério. Zara está doente. — Ela geme desalentada.

— Preciso de um advogado para olhar todos meus negócios. Zara pode ter feito coisas que nem quero imaginar. Tudo culpa minha por confiar demais nela.

— Tudo bem, querida, você não é a primeira nem a última pessoa sendo enganada e usada por aqueles que mais deviam amá-la ou querer seu bem.

Ficamos um tempo escutando a música que tinha mudado o estilo musical. A voz masculina embala nós dois enquanto assimilamos tudo. Uma pergunta cutuca minha mente. Quem diabos envia os e-mails?

— Será que é a Zara? — pergunto. — Ela disse o que sobre isso?

— Não falamos sobre isso. Eu pedi apenas que Angelina desse um soco nela. — Ela ri.

— Sério? — Sorrio.

— Humrum, eu mesma daria, porém essa muleta é um problema — ela aponta torcendo a boca.

— A próxima vez eu seguro ela e você bate — digo sério.

Ela cai na gargalhada e eu acompanho-a. É bom sorrir outra vez com ela.

Capítulo 38

Ódio mortal queima nas minhas veias.

Mal-agradecida, Samantha nunca vai entender o que fizemos por ela. Ela acabou de tornar real as ameaças daqueles e-mails. Eu nunca tinha pensado em fazer deles uma ameaça de verdade, mas o soco que aquela idiota da segurança me acertou vai doer mais em Sam do que ela imagina. Vou fazer valer aquele e-mail que ameaçava Carl O'Neal. Ferir Samantha não vai doer tanto nela do que ferir aquele namorado metido a guarda-costas dela.

Pego meu telefone e faço uma ligação.

Devo mostrar para Carl quem é mais esperto. Eu segui a sugestão dos pais de Sam para que a separasse de Carl, mas eles perderam o controle de tudo há muito tempo. Samantha não pode parar agora, tem contratos a serem cumpridos, porque assumi compromissos por ela, visando seu crescimento e conseqüente o meu, pois como agente e empresária dela, eu podia assumir compromissos e apenas comunicar depois. Ela sempre acatou sem maiores polêmicas. Mas agora? Não, esse idiota voltou para a vida dela e ela, como sempre, ficou cega. Seus pais têm razão, ele não é bom para o sucesso de Sam. Carl saindo de cena fará com que volte para a única coisa que ela sabe fazer na vida. Tocar piano.

— Alô?

— Temos que nos encontrar — digo quando a voz masculina atende. — Temos que conversar e não quero ter essa conversa por telefone.

— O que está planejando, Zara?

— Falamos depois.

Desligo depois de dizer o local do encontro e vou até o banheiro olhar o estrago que aquela infeliz fez no meu rosto. Está começando a inchar. Maldita guarda-costas, ela poderia ter sua lição também. Raiva contorce minha feição. Molho o rosto e depois que seco volto para a sala. Escuto o barulho do carro dos pais de Sam. Idiotas. Eles não sabem o que fazer comigo. Perderam o controle, aliás nunca tiveram porque tinham culpa da separação de Sam tanto quanto eu. Piores que eu, são seus pais. O medo dela descobrir e odiá-los manteve esses dois na linha.

Não espero por eles. Não tenho mais paciência com esses dois. Gostaria de saber como Carl descobriu que tive um affair com Jânio, pai de Samantha. Não foi nada demais, mas poderia ser ruim se viesse à tona agora.

Até me encontrar com Peter, ficarei quieta. Estávamos na turnê de Sam pelos Estados Unidos, ano passado, quando ela teve a brilhante ideia de parar de tocar quando viéssemos esse ano para o Brasil. Segundo ela, um fechamento. Como sua empresária, eu

não podia deixar isso acontecer, ela tem apenas vinte e oito anos, um mundo pela frente. Eu vivi dez anos sendo sua amiga, torcendo por ela, trabalhando, e ela simplesmente queria jogar tudo fora? Não pensei duas vezes, contratei Peter para forjar os e-mails ameaçadores. Ele era um Zé Ninguém que queria dinheiro fácil. Ele seguia minhas ordens de quando enviar as ameaças, mas Samantha como sempre tinha de acabar com os planos. Teve o maldito acidente, por mais que tenha tentado impedir, dei remédio para ela dormir, mas lá foi a teimosa e teve esse acidente idiota. Para piorar, Carl tinha de vir com seu maldito cavalo branco socorrer a donzela em perigo. Odeio esse homem. Ele agora vai se afastar de vez da vida de Sam. Peter não teria escrúpulo de fazer isso acontecer, eu só teria que oferecer a quantia certa.

Os pais dela sabem que os e-mails não eram realmente de um louco atrás de sua filhinha, mas eles não tinham mais controle nenhum. Se tentassem me parar eu levaria os dois juntos comigo. No fim das contas são meus maiores cúmplices.

Capítulo 39

*Settle down with me
Cover me up
Cuddle me in
Lie down with me
And hold me in your arms
(Kiss me de Ed Sherann)*

Jantamos sozinhos na varanda, os seguranças foram embora e nós cozinhamos nosso jantar, não pedimos como de costume, ele tinha dado um telefonema e, pouco depois, compras foram entregue no apartamento.

A música me acalma e ficamos sentados aqui fora por um longo tempo, apenas vendo a luz da cidade lá embaixo. Sinto-me em um casulo, protegida de todos, quando estou assim com ele.

— Eu não sei o que fazer agora, Carl — digo quebrando o silêncio da noite. — Os momentos que perdemos parece ser um tempo infinito e o futuro incerto. Não sei onde tudo isso nos levará.

Fico calada por um tempo. Mas estou tão impaciente que viro-me para ele quando não tenho resposta.

— O que você quer depois daqui? Depois que tudo isso acabar e poder sair livremente, o que você vai fazer quando eu tiver ido?

— A pergunta de um milhão de dólares é: O que você quer, Samantha? Eu estou, estive, sempre aqui. — Ele virou o jogo para mim?

— Você sabe o que quero, eu já disse para você — retruco. Ele não responde. Apenas levanta e estende sua mão para mim.

Coloco minha mão na dele, sem nenhuma ideia do ele está pensando além desse olhar quente e lindo que amo mais que tudo. Há algo intrinsecamente errado com nossa história, pois são quase quatorze anos desde o primeiro dia que nos conhecemos e ainda não sabemos tudo sobre nós.

Ele me leva para dentro e seguimos para o quarto. Seu rosto é torturado agora quando ele me coloca suavemente nos lençóis, eu quero me agarrar nele, porém, apenas nos fitamos por um longo tempo ou talvez seja minha ansiedade que faz o tempo se arrastar.

— Queria deixar você confortável — diz à guisa de explicação por ter me trazido aqui, provavelmente. Ele senta ao lado da cama e parece estar em uma luta interna consigo mesmo, suspira forte e olha firme, intensamente, causando esse frio na barriga que dá

ansiedade intensa. — Eu passei dez anos fechado dentro de mim mesmo, falando constantemente que nunca, nunca, daria munição para que ninguém me atingisse outra vez. Ser fraco? Não. Nunca mais. E isso só me fez mais doente de ódio por uma história inacabada. Deixei de viver, talvez, um casamento com alguma mulher aleatória, de ter filhos. Porque eu não dei chance. — Dor me corta quando penso que ele poderia ter tudo isso com outra mulher. Que não fez por me odiar, e eu sou egoísta quando sinto-me feliz por ele não ter dado chance a ninguém, sou a pior pessoa do mundo. — Culpava você por minha vida sem graça. Mas estando aqui, agora, com você, podendo esclarecer tudo, eu acredito que não é por acaso. Nós tínhamos que ter esse fechamento. Para recomeçar.

Tenho medo de não querer saber sobre recomeçar.

— Para dizer mais uma vez que ainda existe amor na nossa história. Que passar anos amando uma pessoa não nos faz piegas, mas que o amor é tão intenso e verdadeiro que sentimos no mais profundo do ser. Desde o momento que te encontrei me apaixonei e o amor que eu sinto é puro, o amor que nós sentimos, carinho, é intenso demais para acabar porque não fomos capazes de segurá-lo.

Estou chorando tanto agora que seria cômico se o momento não fosse tão cru. Ouvi-lo falar assim me faz querer sair e gritar do alto do prédio que o amo com a mesma intensidade.

— Eu nunca deixei de amar cada parte de você — ele continua me olhando nos olhos, o azul escuro é tão febril, profundo e ardente, que me absorve completamente.

— Eu também te amo — balbucio fraca.

— O que eu quero daqui para frente? Não sei. Talvez seguir você para o fim do mundo? — Ele se aproxima lentamente de mim. O ar apaixonado dele dando lugar a algo predatório e eu sou a única presa disponível, eu quero ser sua única presa. Ele para bem perto, seu hálito cheirando ao vinho que acabamos de beber invade minhas narinas deixando-me bêbada. — O amor que eu sinto nunca vai ter fim, Samantha Stollen...

Ele me beija apaixonadamente, tirando tudo de mim. Tornamo-nos demasiados emocionados para falar e apesar dos meus esforços em me conter, as lágrimas transbordam dos meus olhos. O gosto salgado faz nosso beijo mais intenso. É emocional e quente ao mesmo tempo. Queremos nos fundir e celebrar esse pouco de felicidade. Carl me despe devagar, como se quisesse prolongar esse instante para sempre.

Saboreando seu gosto, movo a minha boca sobre a dele delicadamente e sugestivamente... Aprofundando o beijo cada vez mais. Todo o meu corpo se liberta com o calor e euforia de senti-lo tão meu. Calor derrama do meu coração. Oh, Deus! Quanto tempo se passou desde que eu me senti assim, amada por ele? Um calor escaldante desenvolve dentro de mim e quando ele desliza para dentro do meu corpo, apenas o aceito profundamente. Nosso ritmo é lento e suave, exploramos cada pedacinho um do outro sem pressa.

...Settle down with me

Cover me up

Cuddle me in

Lie down with me

And hold me in your arms...

Kiss me de Ed Sherann toca ao fundo. Sinto a música juntamente com o toque de Carl sobre minha pele. Voltar a fazer amor de verdade com ele é magnífico, meu corpo parece derreter de encontro ao dele pelo simples fato de saber que pertencemos um ao outro de novo, talvez agora mais forte que antes. Nossos corpos suados mantêm uma dança lenta, suave, prazer deslizando através de nossas veias, e gozamos juntos como uma máquina bem oleada com as engrenagens perfeitas.

— Eu te amo — sussurro pela milésima vez para ele. Meu coração parece enfim começar a se acalmar no meu peito. Esta sensação de estar completa outra vez é tão poderosa.

— Você não sabe o quanto quero você, carinho. — Ele me beija novamente e perco totalmente minha mente, mais uma vez. Seu impulso muda e ele bate com força em mim. Ele tinha feito amor antes suave e lento, agora ele está me fodendo do jeito que amo. — Hoje à noite eu quero me enterrar fundo dentro de você, quero amar seu corpo, quero que sinta o quanto quero te foder duro, te foder até que você esteja me pedindo para parar.

— Eu não vou pedir para parar, apenas que continue, Carl. — Ofego quando suas palavras batem em mim como um tornado deixando-me quente e excitada.

Ele se enterra fundo em mim, mordo seu ombro quando grito pedindo mais... Eu não quero que essa noite termine nunca.

?

Eu começo na manhã seguinte uma “operação controle de danos” e a primeira coisa que faço são cortes. Bloqueio no banco conta das despesas que Zara usa junto com mamãe e cartões de créditos dos meus pais. Quero que eles venham até a mim. Zara se quiser boa vida terá de gastar seu próprio dinheiro e, como agora ela não trabalha mais minha funcionária, não tenho nenhum remorso sobre minhas atitudes. O amigo de Carl, Souza, me ajudou. Descobrimos a empresa que meu pai alugou a casa e essa também será tirada deles. Sei que estou sendo cruel, uma péssima filha, contudo a raiva de ser enganada por todos ainda é maior que meu lado idiota de coração mole.

— Certeza que quer punir seus pais a esse ponto? — a voz de Carl me traz de volta a realidade.

— Claro que sim, viver apenas do básico ensinará eles a respeitarem minhas decisões e minha vida. Ensinará que ninguém pode interferir na vida dos outros, como fizeram conosco, Carl — retruco voltando ao trabalho que estava fazendo. Tenho toda uma equipe para comunicar minhas decisões, algo que minha agente não fez.

— Certo, irei trazê-los aqui. — Carl senta na poltrona à minha frente e me olha com um sorriso nos lábios.

— O quê? Qual a graça, senhor segurança? — Aponto o dedo para ele. — Está rindo de mim?

— Não, carinho, estou apenas gostando de ver que está tomando as rédeas de sua vida — ele diz e encosta a cabeça no espaldar da poltrona. — Gosto de você assim, dona de si mesma. Isso é ótimo.

Eu não digo nada, apenas sorrio feliz para ele que retribui. As lembranças da noite anterior me deixam quente.

— Eu posso pedir uma coisa? — peço marota.

— Claro, senhorita pianista — ele retruca no mesmo tom.

— Pode faltar no seu trabalho hoje? Tenho uma proposta.

— Talvez, se a proposta que irei receber for boa... — ele pisca malicioso, levantando e chegando perto de mim. — O que a senhorita deseja?

Ele para na minha frente e olho para cima encontrando seus olhos famintos, o azul escuro quase preto me consumindo.

— Me beije — sussurro.

— Só isso?

Sorrio quando sou levantada em seus braços e ele caminha para o quarto.

— Samantha Stollen, faltar ao trabalho por um beijo? Acho que não, vamos negociar.

— Sim, por favor...

Eu nunca estive tão...feliz.

Capítulo 40

Sinto-me bem por estar no controle da minha vida de novo. Ou talvez eu nunca

estive no controle.

Começo a dar novos rumos para minha vida. Pedi que trouxessem meu piano de cauda para esse apartamento, ainda não consigo tocar direito, mas as sessões de fisioterapia que tenho ido estão ajudando bastante meu punho. Talvez eu esteja com medo de tocar e a fisgada de dor que sinto é apenas em minha cabeça.

Sento no banquinho à frente do piano e respiro fundo, nunca passei tanto tempo sem tocar como agora e ainda estou meio esquisita sobre o pensamento de que nunca mais iria tocar, mas aqui estou. Aperto uma tecla aleatória e o som agudo me acalma. Passei esses dias planejando um novo rumo. Não vou deixar minha música, mas quero aproveitar de outra forma. A vida de país em país com meus concertos, durante dez anos, foi tão desgastante. Apesar de amar minha carreira, eu me sentia só, vazia de sentimentos, talvez por isso não me importei com as atitudes de Zara.

Meus pais estavam para chegar a qualquer momento e planejo ser dura com eles. Eu não podia deixá-los saírem impunes, mesmo que no futuro eu devolva tudo que tirei deles essa semana, pois não poderia deixá-los passando necessidades. Afinal, eles são meus pais. Quanto a Zara, não era mais minha agente e estava me sentindo ótima com isso.

Carl vem da sala que ele mantém como escritório e está sério quando caminha para mim.

— Seus pais chegaram — ele informa fazendo-me engolir em seco. “Ok, Samantha, você consegue fazer isso.” digo para mim mesma e vou para sala de estar espera-los.

Escuto o ding do elevador chegando e em seguida a voz da minha mãe.

— Samantha, filha, o que está havendo?

— Olá para você também, mãe — digo sem deixar transparecer qualquer tipo de fraqueza ou emoção, mesmo que por dentro esteja quebrada. Não a vejo em dias e a ela só está preocupada com o que está acontecendo com sua boa vida.

— Não seja irônica, filha, por que estamos sendo enxotados de nossa casa? Por que estamos com cartões bloqueados? — Ela para na minha frente. — Vejo que está bem, não tem necessidade de perguntar nada.

Será que todo carinho que ela demonstrava era ilusão? Porque essa mulher na minha frente era uma estranha. Papai se mantém calado, com seu jeito, e tudo me enoja. Saber que esse homem que aparenta ter uma imagem calma manteve um relacionamento extra conjugal com Zara me faz queimar de raiva. Olho para minha mãe furiosa.

— Antes que você exija explicações, mãe, comece me explicando por que decidi juntamente com papai e Zara o que era melhor para mim anos atrás? — mordo as palavras quando elas saem.

Ela tem a decência de corar.

— Não foi bem assim...

— Então me explique como foi, mamãe? Me diga o quanto a parceira de vocês mentiu acusando-os de interferir na minha vida!! — grito com amargura, meus olhos ardem pois tenho um nó na garganta de pura raiva e decepção.

— Só queríamos seu bem, o melhor para você — papai fala pela primeira vez, por que minha mãe agora está chorando, contudo não acredito que nada vindo deles seja sincero. Papai se aproxima. — Passamos anos gastando em escolas de música e instrumentos caros para você. Fizemos tudo para que estudasse em um conservatório, as despesas não eram baratas e quando você teve a sorte de estudar, de seguir uma carreira de sucesso, o que você fez? Pensa em abandonar tudo porque estava apaixonada. Apaixonada não, tudo não passava de um capricho adolescente. Fizemos o certo por você.

— O quê? Acha que foi certo decidir por mim? Acha? — vocifero indignada.

— Acho sim. Agora, dez anos depois, está indo para cometer o mesmo erro que a impedimos antes — ele continua com desprezo na voz, olha ao redor com semblante demonstrando nojo. — Vai abandonar sua carreira por causa de uma paixãozinha barata. Se tivesse que fazer tudo de novo, faria, tiraria esse homem da sua vida.

— Acho que sua preocupação não é comigo, papai, é com vocês mesmos, afinal pago a boa vida que vocês levam — aponto. — Eu sinto muito se causei tantos gastos com o conservatório, mas acho que já paguei a dívida, não é mesmo? Vocês me decepcionaram.

— Samantha, filha ... — minha mãe começa, porém a interrompo.

— Vocês me ameaçaram também, com esses e-mails? Porque se for verdade, acreditem, irão para cadeia — falo duramente, não me importando que esse seja um blefe, no fundo não deixaria que fossem presos, mas vontade não me faltava.

Minha mãe empalidece.

— Não fomos nós, Samantha. Há muito tempo queríamos contar para você, mas Zara sempre nos ameaçava, ela nunca foi tão dura comigo, mas com seu pai ela era... — mamãe fala chorosa.

— Isso está cada vez melhor. — Olho para papai quando digo. — Como ela ameaçava você, pai? Diga-me. Ela ameaçava contar que tinha um caso com você debaixo de nossos narizes?

— O quê? — o grito da minha mãe se perde no silêncio mortal que segue na sala.

Carl aparece e fica ao meu lado, eu sabia que ele esteve escutando a conversa.

— O que ela está falando? — mamãe se vira para meu pai.

— Querida... — seu olhar perdido só confirma que era verdade. Zara não tinha confirmado, mas ele agora sim. Como eles me decepcionam. Suas justificativas eram fracas demais, eu precisava de um tempo longe deles, de todos.

— Quero os dois fora da minha vida — digo dura. Viro as costas para os dois e como Carl estava atrás de mim eu peço: — Tire os dois daqui.

— Samantha, não pode nos deixar sem dinheiro, como vamos viver? Como eu vou viver ainda mais agora quando descubro que...

— Se vira, mãe, vá trabalhar um pouco para variar — respondo sem me virar.

Enquanto Carl os coloca para fora, eu continuo no mesmo lugar dando vazão as lágrimas silenciosas que descem pelo meu rosto. Não dou ouvidos aos gritos da minha mãe nem as palavras duras do meu pai. Não quero absorver nada. Não agora.

Sinto os braços de Carl, pouco depois, me levando para em direção ao sofá. Ficamos calados por um longo tempo.

— Você está bem?

— Não, mas vou ficar.

— Estou aqui, carinho — ele fala carinhoso, beijando meus cabelos.

Capítulo 41

Duas semanas depois

— Você é o cara mais esquisito que conheço, O'Neal. Quando vai apresentar formalmente essa mulher misteriosa para nós? — Alexander e Salvatore estão sentados à mesa do bar que frequentamos, Alexander surge com a pergunta sobre Sam. Sei que é besteira querer mantê-la apenas para mim em uma redoma de vidro, mas é o que estou fazendo exatamente nessas semanas com Samantha.

— Samantha teve um acidente, não estava em condições de uma vida social agitada — dou a primeira desculpa que encontro. — Além de tudo, as ameaças não tiveram fim e também não quis expor ela a nada que viesse piorar sua saúde. De qualquer forma não é da conta de vocês o que acontece entre nós.

Não quero explicar aqui meus planos com a polícia, eu só tinha dito para eles ficarem atentos ao meu sinal a qualquer hora.

— Quer dizer para nós que ela não é a mulher que você passou dez anos querendo matar e te impedindo de ter outra? — Salvatore pergunta rindo, cruzando os braços musculosos na frente do peito. — Não negue, O'Neal.

Dou um sorriso malicioso para ele, sabendo que estou cutucando a onça digo:

— Talvez eu estivesse querendo certa loira lá da empresa. — Encosto-me e espero a tempestade.

— Já teria arrancado suas bolas, imbecil, caso eu visse você piscar para Lili. — Ele me fuzila com olhos furiosos e o rosto vermelho de raiva, como era fácil deixá-lo eriçado. — Deixe minha mulher fora dessa conversa.

Rio de sua cólera.

— Você é hilário, Benacci — digo e viro para Alexander que assiste a conversa com as sobancelhas levantadas. — O que foi?

— Isso já se arrastou por tempo suficiente. Acho que não estão dando tanta importância, Carl. Mande a porra toda para o ar.

Esse era Alexander.

— Roger não conseguiu as informações de onde vieram os e-mails, a pessoa que estava enviando sabia um pouco sobre camuflar suas informações na rede. Nem Souza conseguiu — digo chateado, porque isso impedia qualquer passo no caso. Mas estamos de olho e já estamos de olho nos movimentos de Zara. É questão de horas, dias, para ela ser pega.

— Espero que sim, estou ficando mais impaciente que você — ele diz.

— Temos de ter calma, afinal, é da vida de Samantha que estamos falando, não quero que nada aconteça com ela — digo carrancudo. — Depois iremos cada um viver nossas vidas. Depois de tudo isso, ela pode nem querer mais olhar em minha cara.

— Mesmo você negando, sabemos que essa mulher faz parte de sua vida.

— Talvez. Só não sei do futuro — digo. Samantha ficou estranha depois de ter falado com os pais. Talvez a quebra de confiança tenha abalado ela mais do que deixava transparecer ou falar.

— Tire seu tempo, Carl, as coisas no fim dão certo para quem acredita que vai dar certo. Devia tentar ser feliz — Salvatore diz já calmo.

— Não devia estar assumindo outros trabalhos — comenta Alex.

— Eu precisava. Na verdade eu e Samantha precisamos desse espaço, deixar as coisas fluírem sem respirarmos o mesmo ar vinte e quatro horas por dia e agirmos por impulso.

— Eu entendo. Quando Lana me deixou por uns dias e viajou, depois que eu disse para ela que não a queria, o fato de tê-la longe clareou minha mente. Percebi que preferia correr o risco do que deixar passar a vida lamentando — ele aponta para mim. — Deveriam dar uma chance um ao outro, Carl, quem sabe não será diferente agora?

— Concordo plenamente e já vivi uma história parecida como a sua, Carl. O passado voltou para minha vida e não me arrependo de ter dado uma nova chance — Sal reitera. Qual era a desses caras? Eram psicólogos agora?

— Eu amei Sam por anos e anos, parar de amar agora seria quase como deixar de respirar — digo por fim. — Então sim, talvez tenhamos uma chance.

Ficamos por mais um tempo em silêncio quando Alexander informa que tem de ir embora. Quando está saindo diz:

— Lana está planejando, juntamente com Alicia, um jantar em comemoração ao nascimento de Valentina. Apareça e leve Samantha.

— Vou ver isso — digo acenando.

— O'Neal, precisa relaxar meu camarada — Sal diz, também levantando. — Tenho uma loira para satisfazer em casa. Vai por nós, você precisa deixar as coisas fluírem, deixar ir.

— Obrigado, dr. Benacci — ironizo, fazendo-o rir. Imbecil

— Até mais, parceiro!

Levanto meu copo em despedida.



Fico no bar, terminando minha bebida, depois que Alex e Salvatore saem. Esses dois são um pé no saco, esse era o papel de Bruno, mas ele está bastante ocupado. Graças ao céus!

Coloco uma gorjeta na mesa para o garçom e caminho para o estacionamento, está meio deserto a essa hora da noite, mas têm algumas pessoas circulando. Deveria pegar um táxi para casa, em vez de dirigir, mas não quero deixar meu carro aqui. Estou caminhando em direção ao veículo quando sinto os pelos da nuca arrepiarem. Nunca deixei de seguir

meus instintos quando pressinto o perigo. Mas esse perigo eu quero correr, estou esperando por ele faz um tempinho, dou um sorriso e continuo minha caminhada. Eu sabia que um dia ela daria um passo em minha direção, mas ela não tem ideia do que vai acontecer.

Caminho lentamente sob a luz fraca do poste. Destravo o carro e abro a porta quando sinto a arma encostar em minha costela.

Dou um sorriso e levanto minhas duas mãos. No fim não é Zara que me aborda.

— Me pegou, camarada — cantarolo.

Vai se arrepender, imbecil.

?

Dois dias antes

— Ele é a única maneira de chegar até Samantha — Zara diz esticando-se na cama. — Eu planejo fazê-la pagar pela humilhação. Estou sem cliente e expectativa de qualquer um, pois ela fez ser conhecido para todas as agências e contatos que eu era uma fraude, que a droguei e causei um acidente. Acredita?

A voz dela é cheia de ódio.

— Acredito. E por acaso não é verdade? — Peter deitado ao lado dela vira-se para olhá-la de frente. — Você a dopou e isso pode ter sido a causa do acidente.

— Claro que não foi, ela que é tonta! — desdenha. — Você sabe como pegá-lo, ele é muito amador, tem mantido o hábito de ir ao bar toda semana no mesmo dia, mesma rotina, e será a chance de pegá-lo sozinho.

— E os amigos?

— Ele mantém os amigos distante pelo que andei observando há semanas. — Zara levanta, pegando um papel e entregando ao homem. — Terá de levá-lo a esse local. É deserto e você pode dar um fim nele, Peter.

— Sabe que a grana será grande dessa vez, não? Diferente de enviar e-mail, eliminar alguém é outro negócio. — Peter senta-se, pega o papel e depois de olhá-lo guarda-o no criado mudo. Sua atenção volta para Zara outra vez. — Vamos voar juntos para Itália, depois?

— Claro que não, a partir daqui não quero que nos vejam juntos — ela fala com um sorriso falso no rosto. — Não quero que nada manche minha reputação de agente.

Peter ri.

— Acredita que Samantha vai recontratá-la? Você é louca?

— Claro que vai, ela não terá escolha — diz com confiança.

— Você sonha demais, Zara. Deveria pegar a grana que juntou todos esses anos e ir se divertir.

— Diversão demais me entedia — fala categórica. — Mas faça seu melhor, Peter. Quero Carl fora de nossas vidas para sempre.

— Claro que sim, mas não tente me sacanear, Zara, ou eu mesmo mato você. Não brinque comigo. Seu amigo, em dois dias, terá uma surpresa, mas eu não gosto de surpresas, lembre-se disso.

Ela lhe dá um sorriso sem graça e caminha para o banheiro do quarto de hotel onde estavam.

— Eu nunca brinco com coisa séria, Peter. — Sim e depois que tivesse se vingado de Sam, Peter poderia desaparecer também.

Capítulo 42

O cano da arma pressiona minha costela, não reajo, sei que esse é apenas um emissário do verdadeiro criminoso e eu quero ir até ele. Essa é a única forma de pegar Zara e seu comparsa. O cara tateia e pega minha arma do coldre e não verifica se tenho outra arma. Ele era mesmo um cara treinado?

— Abra a porta e entre devagar, qualquer movimento brusco eu atiro — a voz de homem vem de trás. Eu deduzo essa frase porque o interlocutor com certeza não é brasileiro, ele está tentando falar português.

Eu poderia desarmar o idiota, mas faço exatamente o que ele pede e entro, sei que ele me levará até onde quero estar. A vigilância sobre Zara detectou que ela está se encontrando com um homem. Pelas investigações ele era americano e descobrimos que ele é um ex Seal da marinha americana com habilidades especial como hacker, mas que tinha sido expulso por má conduta. Não era à toa que estava impossível detectar as origens dos e-mails. O cara estava envolvido com o crime organizado da Itália que atua nos EUA, eles tinham algum romance ou alguma merda doentia do tipo.

Sento e rapidamente o cara está atrás de mim encostando a arma em minha nuca.

— Dirija! — ordena. *Otário.*

Manobro o carro para o trânsito e pouco depois ele joga um papel no banco ao lado. — Para esse endereço.

— Não sei onde fica, tenho de ligar o GPS, amigo — digo calmamente. Não sabia o local exato, mas sabia que direção tomar. Porém, eu queria atrasar o que pudesse até que Roger entrasse em ação, ou eu estaria sozinho daqui em diante, algo que não me causa nenhum pavor. Eu ia estourar a cara desse imbecil quando eu descesse do carro.

— Não tente nenhuma graça. — Tudo só confirma ainda mais minha tese de que Zara contratou alguém para fazer o trabalho sujo por ela e poder continuar dando uma de boa moça. Quando não passava de uma pilantra.

— Sinto, mas não sei onde fica esse lugar — insisto, ainda guiando o carro tranquilamente no trânsito — Bem...?

— Faça isso, mas não tente nenhum movimento ou estouro sua cabeça — avisa rudemente. Não me faço de rogado, ligo o GPS que não é exatamente um GPS comum, mas um adaptado para localização que quando acionado manterá a empresa ciente de minha localização e com isso aciona o sinal que estou em estado de alerta. Eu estava tranquilo até perceber que ele estava fazendo uma ligação.

— Estamos indo para o local combinado, Zara — ele fala com seu interlocutor e mal dá para entender, mas o nome de Zara é muito nítido. Ele escuta e depois de resmungar

algo ininteligível coloca o aparelho no meu ouvido. A voz de Zara é muito clara do outro lado:

— Sabe o quanto vou rir da cara de sua namoradinha quando ela estiver aos prantos pela sua vida? — O idiota atrás de mim aperta o aparelho na minha orelha. Maldição. — Ela no fim vai voltar ao juízo perfeito quando...

— Quando eu colocar as mãos em você, Zara, ela enfim se livrará de você — digo com falsa calma, raiva pura queima através do meu sangue quando penso nela fazendo qualquer mal à Samantha. — Chegue perto dela e não terá muito motivo para rir.

— Você já percebeu que não está em posição para me ameaçar? — ela berra descontrolada do outro lado. — Vocês acabaram com minha carreira e vão pagar muito caro por isso — ela continua não deixando margem para que eu fale. — Pena que não poderá dizer adeus à sua amada Samantha.

— Você é uma grande idiota invejosa e ambiciosa do caralho, terá o que merece em breve — digo indignado, perdendo a calma que tento manter. — Não pode machucá-la mais, Zara!

— Será que não, Carl? Vou adorar mostrar à você que sim. — Ela desliga e eu agora estou preocupado. Será que essa víbora conseguiu ter acesso ao apartamento? Por que diabos não verifiquei com os seguranças antes de sair do bar? Porra!

— Ande com esse carro, não temos a noite toda! — o filho da puta fala, fazendo minhas mãos encresparem no volante.

— Vou arrancar seu coração com minhas próprias mãos — deixo escapar entre dentes.

Ele bate com a coronha levemente na minha cabeça.

— Não me ameace ou pode morrer antes do tempo — fala bem perto da minha orelha.

Dirijo por mais meia hora quando vejo o carro nos seguindo. Sim. Roger e sua equipe. Mas nada me tranquiliza mais. Como diabos faço para saber de Sam? Terá aquela louca conseguido entrar no prédio? Seria possível? Aquilo ali era uma fortaleza e ainda teriam de enfrentar três seguranças. Estou agoniado sem reposta. Ainda falta um tempo para o destino fora do centro.

O que diabos está acontecendo? Piso fundo quando o trânsito libera em alguns trechos, eu preciso chegar nesse local e acabar com isso, só espero que Zara esteja lá.

Capítulo 43

Eu sabia que alguma coisa estava errada, já era tarde e Carl não tinha chegado. Ele tinha avisado, mais cedo, por mensagem de texto, que iria se encontrar com seus amigos e tomar um drink, como tem feito ultimamente depois do trabalho, mas que até as vinte e uma horas ele estaria de volta, porém, até agora, nada dele chegar e nem um aviso do porquê estava atrasado. Ele nunca chegou tão tarde sem antes me avisar. Estávamos construindo algo entre nós, a confiança voltando aos poucos, pois tínhamos passado por tantas mentiras. Confiar era um processo longo e eu sabia que nós dois, estávamos trabalhando a confiança. Eu sei que tem de ser construído tijolo por tijolo, contudo ele sempre me deixa a par do que anda fazendo. Ele tinha ao longo desses dias prometido descobrir de vez quem era meu perseguidor, e eu mesmo não verbalizando temia que essa pessoa o atacasse também, já que um dos e-mails fora uma ameaça direta a ele, que só me contou recentemente.

Estou tocando o piano, tentando me manter tranquila quando percebo os seguranças em uma movimentação estranha. Eles sempre são discretos, entretanto cinco minutos atrás o telefone da casa tocou e um deles atendeu. Quando o olhei indagadora ele apenas sinalizou que era sem importância e saiu levando o telefone consigo. Eu tinha voltado a tocar e agora Angelina veio e está parada ao meu lado sem saber o que fazer.

— O que houve? — Paro de tocar e olho-a, questionando. — Fale, você está me deixando nervosa.

— Não sabemos se é prudente lhe contar, mas...

— Fale, Angelina! — repito perdendo a paciência. — Estou sem paciência para ser tratada como se fosse de vidro, chega disso.

— Recebemos um telefonema de sua ex-agente.

— E o que tem? Ela já ligou outra vezes tentando falar comigo e não teve esse suspense. — Ela baixa a cabeça e faz aquela cara de pessoa com má notícia. — Aconteceu alguma coisa grave com meus pais?

Ou pior, Carl?

— Ela exige falar com você? É sobre o senhor O'Neal...

Não deixo ela terminar de falar, já estou levantando e se não fosse as recomendações do fisioterapeuta teria saído correndo com muleta e tudo. Eu sabia que algo estava errado, ele nunca demorava tanto para chegar.

— Cuidado, Samantha —adverte Angelina sobre minha caminhada manca apressada. Ela me guia para o sofá, porque estou perdendo o equilíbrio, a perna boa está agora tão trêmula que temo cair. — Melhor você ficar aqui, vamos trazer o telefone.

— Então cadê? Me dê isso — exijo. Eu não sei o que Zara quer com tudo isso, mas vou descobrir, tenho certeza. Ela esteve todos esses dias tentando contato comigo, segundo Carl, mas ele não deixou nenhuma vez eu atender o telefone, disse que tinha algo em mente e que ia fazer Zara perder a paciência. Para ele não existia dúvidas que Zara era a autora dos e-mails, que ela ia cometer um erro e a polícia iria agir. Eu estava quase acreditando em sua intuição, como ele mesmo dizia. Um dos seguranças vem com um telefone sem fio em minha direção.

— Senhora, só iremos passar o telefone porque queremos descobrir o que está havendo, então tente puxar assunto. — Eu arranco o aparelho das mãos dele e aperto o botão ansiosamente para tirar da espera.

— Zara! — digo ansiosamente.

— Ah, enfim você teve a decência de falar comigo, que ingratidão, não acha, Sam? Anos de serviços prestados e assim que você retribui? — ela fala debochada.

— O que você quer? — Ignoro suas palavras e pergunto muito furiosa.

— Fazer você sofrer, querida. Quero você implorando pela vida de seu namorado. — Ela ri e o medo me congela no lugar, perco totalmente minha bravata.

— O que disse Zara? — minha voz não trai meu estado congelante.

— Sabe, eu queria ver sua cara agora, queria ver as lágrimas que vai derramar quando eu atirar na cabeça desse segurança idiota que você diz amar. Vamos ver o quanto o ama, Samantha?

— O que você fez? — Tenho medo da resposta, estou tremendo tão violentamente. Eu deveria saber que Zara era ainda mais louca do que se imaginava. Ela queria me atingir por demiti-la e como não podia chegar até a mim... Minha mente começa a elaborar hipóteses, Carl sangrando, morto por minha culpa, por ter sido egoísta e não ter dado ouvido as loucuras de Zara. — O que diabos você fez, Zara? — minha voz sai estrangulada de medo, mas também o ódio que nunca senti por outro ser humano borbulha como larvas incandescentes dentro de mim. Eu a mataria com minhas próprias mãos se ela machucasse Carl por causa do seu orgulho ferido.

— Oh, é tão poético escutar o medo na sua voz, Samantha. — Ouço gritos no fundo e perco o controle de mim mesma quando tento conter os soluços. Ela estava realmente machucando Carl.

— O que diabos você, fez?! — grito — Carl!

A risada dela faz o ódio subir como bile em minha garganta. Medo, pavor, angustia misturam se dentro do meu peito quando a dor me corta tão violentamente. — Por favor deixo-o em paz. Por que está fazendo isso comigo?

— Não será possível, querida. Ah, que pena, não poderá nunca mais vê-lo, Sam — ela debocha.

Afasto o telefone do ouvido e olho para os seguranças que estão à minha frente.

— Por favor! Diga que Carl não está com ela, por favor — eu peço ao que me entregou o telefone.

—Acreditamos que ele esteja sim, ele acionou um alerta de emergência.

Não acredito nisso, ele não deixaria ser pego assim tão facilmente. Desespero me dilacera na alma. Não posso perde-lo agora que o tive de volta. Será que só faço feri-lo nessa vida? Por que tudo tem de ser uma tragédia conosco, por que não podemos ser apenas felizes?

— Zara, por favor, diga o que você quer? — volto a falar com a maldita víbora do outro lado.

— Sabe que é por sua causa que ele vai morrer, não é? — percebo o que ela está fazendo quando o segurança pega o telefone das minhas mãos.

— Não! Me dê isso! — Tento levantar e Angelina me impede, eu não tenho força, estou drenada de minhas capacidades física. — Por que vocês não fazem alguma coisa? Não sou eu que estou em perigo, é ele, saíam atrás dele!

Estou gritando cheia de pavor.

— Samantha, ela pode muito bem estar mentido — a voz de Angelina vem de algum lugar na minha mente perturbada.

— Carl tinha todo um esquema sobre isso, ele vai ficar bem, só estamos preocupados por que ficamos sem notícias por algum instante. A polícia vai prender essa quadrilha, Samantha, só tem de manter a calma.

Não dou ouvido ao que ela fala, minha mente já está tomada por gritos de dor e sangue de Carl. Tudo isso porque uma louca acha que pode continuar manipulando minha carreira.

— Angelina— digo alguns minutos depois —, se essa mulher for pega pela polícia, quero ir visitá-la. E também quero sua arma emprestada.

Eu falava muito sério, eu não estava brincando, o desejo de pegar a primeira arma e ferir quem ousava ferir Carl por minha causa era maior que pegar alguns anos de prisão por assassinato.

— Ele estava gritando — digo para ninguém em particular.

— Isso pode ser apenas um truque para deixar você nervosa, Sam. — A sensata Angelina continua sentada ao meu lado. Ela pode ter razão? — Vamos esperar.

Minhas lágrimas vem em um turbilhão. Essa incapacidade de fazer algo a respeito para salvá-lo acaba comigo mais e mais.

Essa espera pode ser minha morte.

Capítulo 44

Sei que Roger e os caras não irão nos interceptar, mas tenho receio que o otário atrás de mim perceba que estamos sendo seguidos, já que agora estamos entrando em uma rua deserta. O lugar é cheio de galpões industriais que, provavelmente, estavam fora de uso e, devido ao horário, não tinha uma alma viva. Ele perceberia um carro se aproximando e poderia colocar a operação em risco. Eu teria de ter provas concretas contra Zara ou ela sairia impune. No entanto, minha preocupação maior é com Sam. Isso está me deixando louco, o que aquela psicopata está planejando? Eu sei que entrar no edifício seria muito difícil ou mesmo impossível, mas quando a pessoa em risco é sua alma, seu coração, seu tudo, não tem como não ficar maluco de preocupação. Sempre fui um cara controlado, só quem, às vezes, me tirou do sério foi a própria Sam, mas estou a ponto de colocar tudo a perder por impaciência.

— Pare aí — vem a ordem do imbecil, paro e espero. Ele desce e bate com a arma na janela. — Desce, sem gracinha.

— Vou matar você, imbecil — digo para ele quando saio. Olho discretamente para trás e não vejo brilho de faróis contudo um carro vem pela rua devagar com a luz apagada. Ótimo, já vai acabar. Não demoraria e Roger estaria com esse lugar cercado e tudo teria um fim. Só preciso de um minuto lá dentro para ter a prova que precisamos e essa ordinária finalmente iria para cadeia.

— Andando — ele instrui, apontando a arma para mim. Começo a caminhar para o galpão. O lugar é escuro e abandonado, mas vejo uma luz fraca dentro quando entramos.

Não vejo ninguém de imediato. Zara não estava aqui? Um movimento no canto me chama a atenção. Alívio me toma quando percebo que Sam não está aqui. Por um momento absurdo eu pensei que ela não estava mentido sobre ter Sam em seu poder e estar machucando-a. Mas não tem sinal dela aqui.

— Carl O'Neal se acha esperto, não é? — a voz dela é cheia de desprezo e escárnio. — Acabei de matar sua namoradinha. — Ela ri com seu jogo de palavras.

— Mesmo? Acho que não, Zara. Você ainda sonha em viver às custas da sua suposta amiga. É incapaz, invejosa demais para matar a pessoa que você vive na sombra — eu zombo de sua tentativa de me atingir, percebendo agora seu jogo. Tentar me desequilibrar com palavras. O babaca atrás de mim mantém a arma encostada nas minhas costas. Eu só preciso da porra de uma confissão dessa vadia antes de terminar com tudo. Mas diante do que temos, ela pode muito bem pegar uns anos de cadeia sem confessar que estava ameaçando Sam esse tempo todo — Acabe logo com isso, Zara, diga-me porque diabos inventou uma ameaça contra a vida de Sam?

— Por acaso é retardado, O'Neal? Não era simples invenção. Samantha precisa colocar o juízo no lugar e não abandonar uma carreira de anos por sua culpa. Eu dei tudo de

mim para a carreira dela e simplesmente hoje estou sem nada, e por quê? Ela é tola. E você vai morrer por ser o culpado. No fim ela volta a única coisa que gosta e que sempre esteve primeiramente na vida dela. Não acha que ela aceitou muito fácil deixar você dez anos atrás? Você está iludido e, quem sabe, ela não fará tudo de novo? Vai deixar você, O'Neal, e como você é apaixonado por ela igual um cachorro vira-lata é melhor que esteja morto, não é? Estou fazendo um favor para você.

Olho sua feição distorcida de raiva e rancor, ela realmente me odeia. Raiva ácida queima no meu estomago, essa mulher perdeu totalmente o controle.

— Seu jogo acabou, Zara — digo com desprezo. — Não caio nesse seu papo psicótico.

— Temo que acabou para você, Carl — ela aponta para o cara atrás de mim — Peter amarre-o na cadeira. — Ela aponta uma arma para mim. — Você precisa de uma lição antes que acabe com você!

Olho ao redor rapidamente. O galpão tem outras entradas e provavelmente já temos mais que suficiente de Zara para incriminá-la, além de sequestro que eu faria questão de colocar em sua conta. Tentativa de homicídio também. Com a certeza de que Roger está por perto, ajo rapidamente quando giro em torno de mim mesmo e seguro a arma do tal Peter em um golpe hábil de krav maga, técnica de combate eficiente em defesa corpo a corpo. Bato com a palma da mão aberta forte e rápido na mandíbula do cara, atordoando-o e pego sua arma apontando para ele.

Tudo acontece tão rápido, as cenas se seguem como um borrão. Mal escuto o zoar de um tiro disparado, só sinto algo quente no meu flanco, o cara na minha frente tem o rosto atordoado e surpreso. Vejo quando um filete vermelho aparece em sua camiseta verde escura. Dou um passo longe dele e olho para o caos atrás de mim. Zara está no chão dominada por policiais. Ela tinha atirado em mim ou no tal Peter? Se foi em mim, ela acabou acertando seu parceiro, mas a bala ainda passou de raspão nas minhas costelas, sinto o calor em minha roupa, por pouco ela não me acerta. Volto meus olhos para o cara que agora está ajoelhado no chão, antes de cair para frente, ele não está morto, mas está perdendo sangue rápido, um policial vem para perto dele verificando seu estado. Vou até Zara e minha vontade de feri-la guerreia contra o bom senso.

— Boa estadia na cadeia, Zara — praticamente cuspo as palavras para ela. — Espero que dure lá.

— Maldito filho de uma cadela. Irei sair e terminar o que comecei — ela ameaça.

Afasto-me dela, caminhando para saída ou irei cometer assassinato friamente. Preciso ligar para Samantha. Alexander aparece no meio do caos e vem até mim.

— Cara, você tinha que vir para tão longe? — ele bate no meu ombro e pulamos juntos quando outro tiro é disparado atrás de nós. Giramos rápido para olhar de onde veio o tiro e fico boquiaberto quando vejo uma arma na mão do comparsa de Zara. E ela no chão em uma poça do próprio sangue. Que diabos! Ele tinha pego a arma do policial? Pelo visto foi o que aconteceu.

— Puta que pariu ele disparou nela? Que diabos aconteceu? — Alexander fala ao meu lado.

— Acho que eles estão na vibe do vamos juntos dessa para melhor — Bruno comenta vindo de fora. Os homens estão todos aqui? — Tão poético isso. Tenho uma lágrima aqui no canto do olho — ele zomba.

Olho feio para ele, isso lá é hora de brincar? Ele dá de ombros — O quê, O'Neal? Tive de sair da cama quentinha para vir livrar seu traseiro de ser levado dessa para melhor.

— Até parece que esses dois dariam se bem — comento. — Sabe de Samantha? Ela está bem?

— Ela está no apartamento, O'Neal, e não saiu de lá — diz Alex, deixando-me enfim aliviado.

— Até onde eu vi, você tinha uma arma na cara. Você precisa de treinamento. Estou dando aula aos novatos, agende com minha secretária — Bruno nos ignora e fala, rindo debochado quando passa por mim.

Esse não tem jeito, faz piada de tudo.

Saio do galpão e vou para o carro pegar meu celular. As coisas definitivamente terminaram pior que imaginei. A morte seria bom demais para Zara. Eu a queria passando uma temporada no meio das presidiárias em uma cadeia superlotada. Meu celular está longe de ser visto. Vasculho o carro até achá-lo caído no assoalho, mas está fora de cobertura.

— Merda — resmungo furioso, jogando o aparelho no banco.

— Aqui, O'Neal, ligue desse — a voz de Sal vem do escuro. — É via satélite.

— Por que diabos está aí no escuro, Benacci? — pergunto quando vou até ele pegar o aparelho.

— Precaução. Quem vai saber quantos amigos essa louca tem? — Ele está armado até os dentes e quase rio de seu exagero.

— Você é louco. — Afasto-me dele e ligo para Sam.

Capítulo 45

*You're a carousel, you're a wishing well
And you light me up, when you ring my bell
You're a mystery, you're from outerspace
You're every minute of my everyday
(Everything
Michael Bublé)*

A espera me mata aos poucos, eu não tenho mais lágrimas para derramar, estou parada olhando fixamente para a porta como se ela fosse me dar respostas ou notícias de Carl. As horas parecem intermináveis e agonizantes. Não posso perde-lo ou que ele venha se ferir por minha culpa.

— Samantha? — a voz de Angelina me chama, tirando-me do caos que minha mente construiu. Olho para ela que veio sentar ao meu lado. — Falamos com a equipe que está dando cobertura a Carl e ele está bem, eles tinham isso sobre controle.

Aceno mais aliviada, porém só respirarei tranquila quando vê-lo entrando por aquela porta.

— Zara estava falando a verdade? Ela realmente estava com ele?

— Segundo o pessoal, ela tinha uma pessoa ajudando-a — Angelina fala.

— Quem pode ser? São meus pais?

— Um homem, não sabemos a identidade.

Seria Pietro? Lembro dos dois cochichando quando ainda estava no hospital, mas depois Pietro tinha voltado para Itália e não ouvi mais falar dele. Sei que ele tinha em mente um relacionamento comigo, mas como viu que estava envolvida com Carl deve ter desistido, mas será que ele estava junto com Zara nesse plano. Quando foi que Zara perdeu-se? Quando ela deixou de ser uma mulher de negócio e tornou-se uma criminosa? Apenas rancor faz isso com as pessoas? Inveja? Ira?

Um zumbido começa em algum lugar e vejo Angelina pegar o telefone da mesinha em nossa frente, estendendo-me.

— Alô! — Por um momento temo que seja Zara.

— Carinho — o som da voz de Carl do outro lado faz meu corpo afundar de alívio no sofá. Uma onda quente de alegria me toma e quase choro de alívio.

— Carl — digo em fôlego. — Você está bem? Por favor diga que sim. Está ferido?

— Não. Estou bem, querida. E você, está bem? — a voz é grossa com emoção.

— Estou agora que sei que não está ferido. O que aconteceu?

— Conversamos quando eu voltar, tenho de terminar algumas coisas aqui, mas quero muito ter você junto a mim, carinho. Preciso sentir você.

— Sim, amor — digo quando as lágrimas quentes que pensei terem se esgotado reúnem-se nos meus olhos novamente.

— Não. Voltarei em breve para casa. — ele fala — Tenho de desligar.

— Espera! O que houve com a Zara?

— Ela foi baleada e está morta. — Choque perpassa por mim. Morta? Deus.

— Oh — é tudo que digo.

— Não perca tempo se martirizando, Sam — ele fala com autoridade. — Eu estarei em casa em breve, querida.

— Te amo.

— Eu também amo você, carinho, loucamente — diz antes de desligar e eu estou sorrindo mesmo em meio caos que está acontecendo.

A noite é turbulenta e estou quase dormindo quando enfim o elevador sinaliza a sua chegada. Eu levanto trôpega e avanço na direção dele que me pega nos braços, ignorando as outras pessoas na sala e levando-me para o quarto. Eu me emaranho toda nele. Minhas pernas em volta do seu quadril. Ele senta na beirada da cama comigo sentada em seu colo de frente para ele. A boca quente e faminta cai sobre a minha quando nos beijamos sem conseguirmos falar nada um para o outro. É pura adrenalina junto com deslumbramento quando o desejo começa a pulsar vivo entre nós. A certeza que ainda temos um ao outro faz com que tudo seja mais intenso. Seus lábios devorando com força o meus, sua língua mergulhando na minha boca avidamente. Desejo borbulha dentro de mim junto com alívio de tê-lo vivo em meus braços.

—Te amo tanto — tento dizer contra sua boca, mas ele agarra minha nuca predominantemente quando me beija duro com um resmungo de protesto por ter interrompido o beijo anterior. Sua língua acaricia a minha e eu chupo e esfrego contra ele. Nossas respirações são erráticas e meu coração tem um ritmo louco no meu peito. Suas mãos começam a atirar minhas roupas para longe e não demora muito para estarmos pele contra pele. Eu sendo empalada firme por ele. Gemo quando sinto ele todo dentro de mim.

— Amo você mais que tudo, carinho — a rouquidão da voz de Carl deixa-me mais excitada e, quando desejo cru constrói gigantesco em minha barriga, passo meus braços por seu pescoço e me movimento em seu pau. Eu amo cada estocada firme e deliciosa dele.

Eu esqueço toda tragédia de hoje quando ele segura minha bunda em suas mãos e me faz dele como nenhum outro foi capaz de fazer.

Depois conversaríamos, agora eu só quero senti-lo. Vagamente estou ciente de chamar o seu nome uma e outra vez. Como eu me transformei nessa criatura em êxtase que queima através de minha pele nua? Fogo parece lamber cada pedaço de pele e eu explodo em êxtase. Eu ouço um rugido. Então seu pau empurra dentro de mim e ele jorra esperma quente em meu corpo. Como se ele não pudesse controlar a si mesmo. É como se fosse a nossa loucura e esta é a única cura um do outro. A cura de dez anos de solidão. De espera.

Estamos lado a lado na cama depois de saciar temporariamente nossa necessidade um do outro. Carl me conta tudo que aconteceu hoje à noite, sua preocupação comigo e todo o plano que ele tinha com a polícia, esperando um momento oportuno para provar que seu instinto sobre Zara estava correto, mas que sem prova nada adiantava já que toda ameaça tinha sido pela internet e irrastrável. Ele estava frustrado com a morte dela.

— Merecia passar alguns anos na cadeia — resmunga mal-humorado.

— Sinto muito por colocar você em perigo, meu amor — digo beijando seu ombro, minha mão correndo por sua barriga — Eu involuntariamente te coloquei na mira de uma Zara louca.

— Nada disso é culpa sua. Eu nunca deixaria nada te magoar mais do que a vida tem feito. — ele levanta e me puxa para fora da cama junto com ele — venha tomar um banho comigo.

Pouco depois, saio primeiro do que ele do banho, estou me sentindo exausta física e mentalmente e o espero na cama.

— O que vai acontecer com esse homem, Carl? — pergunto quando ele volta do banheiro, a toalha em volta de sua cintura deixa-me sem fôlego mesmo nós tendo acabado de fazer amor. A visão dele faz crescer em mim essa vontade louca de estar agarrada nele e nunca mais soltar. Saber que ele esteve em perigo hoje faz meu coração doer de tanta aflição. Não falamos de futuro, eu sei que nos amamos, porém isso não nos impediu de nos separar no passado. — Ainda estou chocada com o que aconteceu com Zara...

— Ela teve o que merecia, Samantha, não deve se martirizar por uma pessoa que não tinha a menor preocupação com você, aliás, ela só queria seu mal — ele diz soltando a toalha e vestindo uma calça de pijama azul marinho. Eu bebo da visão sexy dele me desconcentrando do que estamos falando. — O comparsa dela ainda está vivo e, provavelmente, será deportado.

— Por um momento pensei que fosse o Pietro, afinal o dois eram amigos — digo lembrando que pensei que esse homem fosse ele. — Não lembro de ter conhecido esse homem.

— Esqueça-os e concentre-se apenas em nós agora. — Ele deita ao meu lado e acaricia minha bochecha. — Estive tão preocupado com você hoje. Por um momento achei que Zara falava a verdade e estava com você, e não posso te perder novamente, nem agora nem nunca mais.

As suas palavras fazem com que a dor que senti hoje comecem a se dissipar e eu olho-o cheia de amor. Seus olhos azuis escuros são belos e me perco dentro de sua profundidade serena. Como o amo, eu poderia morrer por ele.

— Ah, querido, eu sinto-me da mesma forma, eu... — minha voz embarga quando a respiração falha. — Eu não quero te perder também, nunca mais. Amo tanto você, nós devemos a nós mesmos uma segunda chance, Carl...

— Te amo, carinho — ele fala baixinho em um sussurro rouco antes de tomar meus lábios nos seus. O beijo me desfaz em pequenos fragmentos de mim mesma. Nossas respirações juntas quando ele se afasta e me olha nos olhos. — Eu juro que nada, nem minhas dúvidas, pode nos separar de hoje em diante, Samantha Stollen. Eu nunca mais irei

deixar nada em nosso caminho. Eu amei, amo e amarei você até a última respiração, meu amor.

As lágrimas de felicidade descem aos montes agora. — Não quero que chore jamais...

— Choro de felicidade, por nós — digo me inclinando e apenas abraçando-o forte. Ficamos apenas lá absorvendo nosso momento. Eu estou melosa e doce, eu sei, mas isso é o que o amor faz em nós, nos torna melhor.

Sorrio com o pensamento e Carl me olha risonho. — O quê? Está rindo de mim, senhorita Stollen?

Senhorita, eu sonho com o dia que serei senhora O'Neal. Sonho com isso desde tão jovem. Será que um dia ele vai me propor?

— Claro que não. Estou rindo de nós, velhos e apaixonados. — Cutuco seu abdômen. — Apesar que você é um coroa muito gostoso.

Sua risada descontraída é tão fascinante. Droga! Pode se apaixonar de novo mesmo já apaixonada? Vê-lo rir faz as borboletas fazerem festa na minha barriga.



Sair como um casal em um encontro novamente, é estranho. Ao mesmo tempo é de uma magnitude absurda para mim. Eu quero colher em meu coração esses momentos que estou tendo com Carl com uma preciosidade infinita, porque sei que esse é o começo de uma nova vida com ele, mesmo que o meu guarda-costas mais que particular não tenha feito nenhuma proposta. Ele é tão misterioso! Mas amo cada pedacinho dele. Arrumo-me com esmero redobrado. O vestido azul royal é requintado e acentua minhas curvas, sinto-me bem para meu primeiro encontro em anos com o homem da minha vida.

Faz duas semanas que Zara saiu de nossas vidas. Meus pais juntamente com a família dela resolveram seu funeral, não quis me envolver. Mal falei com meus pais, porém temos uma conversa pendente, deixei isso para depois, agora quero esquecer esse capítulo da minha vida e olhar apenas para frente. E na frente tem muito amor para ser redescoberto e vivido.

— Você está linda — a voz me faz virar e olho para Carl em um terno preto sob medida e camisa branca perfeita. Ele é lindo. Sinto-me quente quando lembro que essas duas semanas estávamos mais na cama do que em qualquer outro lugar, ele não tem ido trabalhar e estávamos ainda no apartamento, agora sem os outros seguranças. Apenas eu e ele, é como uma lua de mel. — Você está corando? Isso é pelo elogio ou tem outras coisas em sua mente, carinho?

Por seu olhar malicioso deve estar pensando nas mesmas ideias que eu e coro ainda mais, fazendo seu sorriso lindo aumentar.

— Obrigada, você também está bem — digo sem ar. — E não tenho nada em mente — minto.

— Pronta então? — pergunta quando oferece o braço para mim. — Só um minuto. — digo quando vou pegar minha pequena bolsa de mão. — Agora sim.

O restaurante é requintado e tem uma mesa reservada esperando por nós. Os outros encontros que tive com ele, semanas antes, parecem diferentes, por isso considero esse um

verdadeiro encontro. Estamos agora em um patamar diferente daqueles dias onde estávamos sem perspectiva nenhuma, aqui estamos olhando para um futuro.

Ele puxa uma cadeira para mim na mesa onde tem uma única vela acesa em um candelabro de mesa, a toalha vermelha, tudo gritando romance no ar. Quando sento, ele se inclina para falar em minha orelha. — Já disse como está perfeita hoje? Não vejo a hora de ver o que veste por baixo desse vestido.

— Carl!

Ele senta à minha frente e pega minha mão por cima da mesa beijando a palma lentamente, causando arrepios por todo meu braço.

— Vai ser minha mulher, Samantha — ele diz calma e categoricamente. — Então quero ser o único em sua cabeça e em seu coração agora.

— Sempre foi, Carl. — Um garçom vem com uma garrafa de vinho e ele aprova. Quando já estamos com os pratos servidos, Carl me olha do outro lado da mesa. Seu olhar é escaldante para mim.

— Quero apresentar você aos meus amigos, estive escondendo você por tanto tempo — diz e eu sorrio, isso diz muito para mim, ele quer me envolver em sua vida. — Eles acham que você é um fantasma e invenção da minha cabeça.

— Quase sou isso mesmo. — Sorrio feliz para ele. — Também quero muito conhecê-los. — Levo o último bocado do meu filé à boca. Estou meio frustrada com o jantar romântico. Eu achei que ele ia me pedir para morar com ele, ao menos, mas ele nem tocou nesse assunto à noite toda. Tenho uma baita vontade de chorar de decepção.

— Algo incomoda você, carinho? — ele pergunta quando estou olhando ao redor onde outros casais estão em um clima íntimo entre eles.

— Nada. — Dou um sorriso meio sem graça para ele. Seu olhar atento nunca me deixa, além do sorriso misterioso que ostentou toda noite.

Uma música ao fundo toca baixinho e não aguentando mais, volto-me para ele.

— Vamos dançar? — convido, pois nem me pediu para dançar! Carl era mais romântico. Penso estreitando meus olhos.

— Nós vamos, temos todo o tempo do mundo para isso. Contundo antes... — ele busca algo no bolso do terno e estende para mim. Uma sensação quente me envolve quando ele coloca uma caixinha azul marinho na mesa, na minha frente, e olha nos meus olhos. — A única mulher que sacudi minha alma e me arruinou para todas as outras, a única que física e metafisicamente me afeta de uma maneira que não consigo explicar a mim mesmo. A única que consegue fazer minha vida mais completa que me põe louco e são de uma só vez. A mulher mais linda e talentosa, a mulher da minha vida. Samantha Stollen, case comigo?

Estou hiperventilando e sorrindo ao mesmo tempo. — Não há segundas chances para muitos casais por aí, mas nós dois tivemos isso e não vou deixar essa segunda vez passar, meu amor. Case comigo, carinho.

Derreto em uma poça de sentimentos loucos na minha cadeira, apenas estendo minha mão por cima da mesa para ele, não consigo falar, caramba. Emoção como uma onda de tsunami faz-me querer beijar cada parte dele. Ele abre a caixa, dentro o anel de

diamante em formato de pera com minúsculos rubis ao redor deixa-me totalmente fascinada de amor.

— Isso é um sim? — olha -me com carinho quando segura minha mão nas deles. — Fale querida. Diga que é minha, Samantha.

— Nunca diria não para você, Carl. Milhões de sins e sou sua. — Ele desliza o aro por meu dedo e cabe perfeitamente.

— Amar você transcende o tempo, Samantha — diz baixo quando beija meu anel em meu dedo. — Faz parte de mim amar você. Tira-me da escuridão — sua voz engrossa rouca quando diz possessivo. — É minha agora.

Quando ele levanta, puxando-me para meus pés e me beija... eu esqueço o tempo, o espaço e onde estou. Retribuo com tudo que tenho. Todo meu amor por ele em apenas um beijo.

— Agora sim aceito seu convite para dançar — fala contra meu lábios com os olhos fixos em mim. — Você é linda.

Ele me leva para a pequena pista de dança ou o que achamos que é uma pista de dança, já que outros casais não estão dançando, e me toma em seus braços tão apertado.

— Caralho, estou feliz. — Ele ri em minha orelha quando seguimos dançando lentamente, alheios ao mundo ao redor. — Poderia apenas gritar aqui que você me pertence.

— Te amo.

— Eu sei.

— Ah!

Ele me beija enquanto seguimos os passos de nossa própria música.

Você é um carrossel, você é um poço dos desejos

E você ilumina-me

E eu não posso acreditar que, uh que eu sou seu homem

Rio deliciada quando ele me rodopia em um passo que não tem nada a ver com a música. Quero prolongar esse momento para sempre.

Quando saímos do restaurante estamos embriagados de nós mesmo, do nosso amor florescendo gigante sobre nós.

Ele chama um táxi, entramos e seguimos para o apartamento. Quando paramos é que noto onde estamos. Não fomos para o apartamento onde estivemos esses meses, mas para o dele. De onde ele me expulsou, onde vi ele com aquelas duas mulheres. Onde disse palavras que dilacerou meu coração naquele dia. A dor me cegou por um tempo e o acidente, a cegueira, tudo volta na minha cabeça e eu tremo.

— Por que me trouxe aqui? — minha voz sai trêmula e fraca. — Quero ir embora. Por favor, Carl.

— Shiiii, calma, amor. — Ele desce e estende a mão para que eu o siga. Desço a contragosto e o táxi dá partida, nos deixando na entrada exatamente onde ele disse coisas que quero esquecer.

— Aqui foi onde disse tantas coisas que me envergonharam depois que as proferi. — Ele me olha e a sombra de dor aparece nos olhos azuis profundos. — Eu não poderia continuar com nossas vidas sem vir aqui, nesse mesmo lugar, e pedir perdão de joelhos para você por ser a causa de tanta dor naquela noite. Porque sei que fui o culpado por seu acidente, mesmo que indiretamente. Eu não tenho vivido bem comigo mesmo desde então, Sam. Você nem eu merecemos continuar com alguma dúvida para o futuro que escolhemos para nós.

— Eu não tenho.

Lágrimas quentes descem quando a emoção me toma e vejo Carl ajoelhado na minha frente. Ele não tem culpa sozinho, eu preciso que ele me perdoe também e por isso ajoelho em frente a ele. Parecemos dois loucos ali ajoelhados e eu me debulhando em lágrimas.

— Você me perdoa, carinho? — pergunta secando com o polegar as minhas lágrimas. — Por dizer tantas bobagens?

— Não antes que me perdoe por fazer você sofrer por anos, Carl. Por ir embora e não voltar quando disse que voltaria, nos causando tanta dor e mal entendidos. Você tem de perdoar as pessoas que nos magoaram também para que possamos seguir em frente.

— Eu só me importo com você, nada mais. — Ele fica de pé e me puxa para seus braços. — Estou velho para ficar de joelhos muito tempo, querida.

Sorrio feliz quando recebo sua boca faminta na minha. Ele me leva para seu apartamento que é tão masculino e sem enfeites, não há nada feminino aqui.

— Venha conhecer meu quarto. — Ele me puxa para lá. Nossas roupas seguem em uma trilha pelo chão e quando ele me deita na cama espaçosa, vindo por cima de mim, beijando-me em reverência, eu sei que iremos ficar bem.

Gemo quando ele suga com fome meus mamilos em sua boca faminta. Sua boca perversa faz um caminho para baixo no meu abdome, sua língua deixando um rastro de fogo e meu quadril levanta em antecipação.

— Quero você, Carl — gemo alto e exigente. — Não seja gentil, seja apenas mau essa noite.

Minhas pernas em cada lado de seus ombros é o sinal de que ele vai ser “mau” e levar as coisas lentas. Estou louca de tesão para ser delicada hoje. Eu quero viver intensamente cada momento...

Capítulo 46

Semanas depois...

Naquela noite que Zara levou um tiro e faleceu, seu comparsa foi preso e tudo veio à tona sobre sua obsessão por mim, ou melhor, minha carreira. Nada me chocou mais que saber que ela queria voltar a trabalhar comigo, ela estava louca mesmo.

Hoje estou em frente aos meus pais em uma conversa que estive adiando por dias. A conversa é esquisita, para dizer o mínimo. Fui até o hotel onde os dois estão hospedados desde que cortei os subsídios. Minha mãe e meu pai não parecem bem e eles confirmam isso quando eu pergunto.

— Seu pai teve um caso debaixo do meu nariz, Samantha, e você quer que estejamos bem? — mamãe fala olhando feio para papai que está sentado do outro lado da mesa. Ele parece que não estar nem aí para o que ela pensa. Ele sempre foi muito na dele, pelo visto, acho que isso não mudou. — Não podemos estar bem, ainda mais com tudo que você tem feito para nós.

Ela reclama. É inacreditável como eles deixaram as máscaras caírem e mostram que a única coisa que importa é se vou continuar pagando suas contas. Estive dez anos cega, vivendo com mentirosos dia e noite, mas não percebi. Minha ingenuidade não teve limites.

— Deviam se unir já que não terá a mim para explorarem, mamãe — falo com amargura. — Dei um tempo para vocês verem se era possível mudarem, mas tudo continua igual, não é?

— E você é uma ingrata — papai replica furioso. — Fizemos tudo para que hoje fosse a mulher bem sucedida que é...

— Obrigada pelo sacrifício, papai — retruco interrompendo-o. — Vão escolher ficar aqui ou voltar para a Itália e, para que não digam que estou sendo ingrata, fornecerei apenas o necessário para que vivam bem, porém sem regalias nenhuma. — Levanto a mão parando os protestos. — Não reclamem ou irão viver sem nenhuma ajuda.

— Não queremos sua esmola Samantha, não vou ficar aqui vendo você nos humilhar dessa forma — papai diz e levanta deixando apenas eu e mamãe.

— Não devia ser tão dura conosco, filha. — Ela olha meu anel de noivado. — No fim você está onde queria. — Ela balança cabeça descrente e me olha com pesar. — Vai abandonar de vez sua carreira? É inacreditável.

— Tenho opções, mamãe, posso fazer tantas coisas sem que saia pelo mundo em turnê. Posso trabalhar com música sem que seja uma pianista em um país a casa semana. — Toco meu anel e sorrio. — Eu dei dez anos da minha vida aos concertos, agora é hora de

mudar, ter mais que só música e viagem na minha vida. Posso continuar minha carreira de outras formas.

— Você quem sabe se vai jogar tudo fora para viver uma vida de dona de casa, a vida passa muito rápido, Samantha, e você viu o que aconteceu comigo e seu pai, anos de convívio, confiança e ele traiu isso. — Ela abana a cabeça. — Veja que rumo vai tomar com sua decisão de trocar uma carreira bem sucedida por um homem.

Caramba, parece a Zara falando.

Bem, não adianta falar com eles, meus pais estão ficando igual Zara com a teimosia de tentar viver suas vidas através de mim. E isso tem de acabar.

— Certo, mamãe, só que nem eu nem Carl somos vocês. — Empurro as passagens que comprei para eles na mesa. — Aqui tem passagens para Itália, voltem para a casa de vocês, quem sabe não se acertam? Não esqueçam que agora não vou estar por perto, não quero esse tipo de amor que vocês dois dizem sentir por mim, visando apenas que os sustente, então posso fazer isso de longe.

— Samantha, podemos viver aqui...

— Não, mamãe, eu prefiro vocês lá onde sempre almejaram viver. — digo. — Terão suas contas pagas, porém tudo será avaliado antes que eu pague.

— Isso é tão humilhante!

— Não é, tem de agradecer por eu ter coração bondoso, outra pessoa não seria tão generosa com vocês depois da palhaçada que fizeram para mim juntamente com Zara. — Dou um sorriso apesar de tudo. — Mas eu agradeço por tudo que fizeram, mãe, por isso ainda pagarei suas contas.

— Talvez não seja dinheiro que queremos.

— Não?

Ela desvia os olhos e sei que não é de meu afeto que estão sentindo falta.

Pego minha bolsa na cadeira ao lado e levanto para ir embora. — Se resolverem ir, avisem-me.

Saio de lá sem olhar para trás, eu tenho de fazer esses dois entenderem que estou magoada e que com o tempo pode passar, mas não agora. Ainda é muito recente para dizer a eles que os perdoei, seria mentira, pois ainda sinto raiva.

Pego meu celular quando entro em um táxi e mando uma mensagem para Carl, perguntando onde ele está, recebo quase que imediatamente a resposta dele dizendo que está na empresa e que logo irá embora também. Amanhã nós vamos nos encontrar com seus amigos e eu estou super ansiosa para isso. Mas primeiro tenho algo para fazer, eu tenho um encontro com Alexei Kolovsky, um russo que conheci há alguns anos, para que ele organize o último concerto. Será um fechamento da minha carreira como musicista, eu também devia três concertos aqui. Mas irei fazer um totalmente filantrópico. Alexei está me esperando em um restaurante perto do hotel onde ele se hospedou, nosso contato tem sido todo por telefone e e-mails. Hoje finalmente faremos uma reunião depois de sua chegada ao Brasil.

Ele é fácil de encontrar. Seus cabelos lisos, quase na altura dos ombros, são pretos e contrastam com a pele branca e olhos castanhos. Ele é impressionante e não falo de seu tamanho avantajado.

— Samantha — ele fala levantando-se quando me vê chegando. Seu sotaque russo é impressionante e sexy. — Prazer revê-la.

Aperto sua mão.

— Alexei, seja bem-vindo — digo sentando a sua frente. Ele é jovem, mas os concertos que esse homem organiza e promove são gigantescos, e eu quero fechar com chave de ouro.

— Fico muito honrado pelo convite, terá seu melhor concerto, Samantha — ele me garante.

Passo as próximas duas horas acertando detalhes incluindo local, custos trabalhistas, decorações, publicidade e, depois de tudo acertado, deixo em suas mãos mais do que capazes para executar. Quero organizar tudo e fazer uma surpresa para Carl, ele nunca foi em um concerto meu, talvez por orgulho, mas também nunca dei um aqui. Eu espero que ele goste da surpresa.

Volto para o apartamento dele onde estamos morando agora. Depois do pedido de casamento viemos para cá. Ainda não paramos para pensar em um lugar para nós, as coisas estão sendo mais lentas nesse sentido, porque afinal não estamos em uma corrida, ou seja, não precisamos de muito, apenas de nós.

O táxi me deixa na frente do prédio e sigo para dentro, estou ansiosa para ver Carl, passar o dia todo longe um do outro é sacrificante, já que estivemos colados um no outro esses dias, porém paro surpreendida com a figura masculina parada na entrada. O que diabos ele estava fazendo aqui?

— Como me encontrou aqui? — digo quando me aproximo. Pietro estende a mão para mim, hesito antes de apertá-la.

— Vejo que está bem desde a última vez que a vi. — Ele me avalia de cima a baixo.

— Obrigada. A que devo essa visita, Pietro?

— Não posso visitar minha ex-namorada que não se deu ao trabalho de terminar comigo e já está morando com outro cara? — sua voz cheia de rancor ou até mesmo raiva me surpreende. Ele ainda vive nessas nuvens? Quantas vezes terei de dizer que nunca houve nada entre nós? — Não vai me convidar para entrar?

Claro que não, não sou nenhuma idiota para convidar um homem que tem alguma obsessão amorosa por mim para entrar em um local apenas eu e ele.

— Pietro, você sabe que nunca ouve nada entre nós o máximo que tivemos foi um...

— Conversa. Sabe que tivemos um romance.

— Tivemos um namorico para as câmeras e você sempre soube disso. — Sinto-me inquieta com essa conversa sem sentido. — Bem, de qualquer forma nunca tivemos nada sério e muito menos fomos noivo como as vezes fala. Quero que pare com isso.

— Quer? Onde está seu guarda-costas agora? — Seu olhar muda quando fixa em mim. Ele se aproxima no meu espaço pessoal, segurando meu braço com força suficiente

para deixar marcas. Quando ele fala, o tom baixo me faz estremecer um pouco de medo. — Podemos ir para um lugar melhor para conversar, Samantha? Isso não é um convite, estou muito irritado de ter sido feito de bobo por você.

— Pietro é melhor você ir — digo tentando sair de seu agarre. — Solte-me.

— Você gostou da lição que fiz para você?

Então tinha sido ele que ligou para a casa do lago? Eu pensei que tinha sido Zara. Oh, meu Deus, estava vivendo com essas pessoas ao redor?

— O quê?

Ele ri quando fala de encontro ao meu rosto, tão perto que seu hálito bate na minha face.

— Zara me contava muitas coisas e uma delas foi que recebia e-mails de um admirador que não queria o fim de sua carreira. Eu queria você longe desse cara para que pudéssemos ter uma chance, Sam — ele diz me deixando chocada. — Você ficou com aquele babaca quando não teve nem a decência de terminar comigo. Eu era seu namorado e você me desprezou quando corri para cá, quando estava vulnerável. Eu fui um bobo romântico e recebi apenas desprezo em favor daquele cara que nunca mereceu você!

— Você é tão louco, igual a Zara, solte-me — exijo quando o medo de outro maluco tentar algo contra mim. Quando eu pensava que tinha tudo acabado surge esse louco.

Capítulo 47

— Jura? Vai enfim nos apresentar Samantha? — Bruno levanta a sobrancelha sarcasticamente — Deve ser uma mulher muito especial para você manter em um cofre, O'Neal ou você a mantém a pão e água amarrada em sua cama ao seu bel prazer?

— Eu a pedi em casamento — digo a eles ignorando as gracinhas de Bruno. — Mas nossa história era complicada demais antes, não complicada, para ser mais claro, porém cheias de mal entendidos e anos de orgulho ferido.

— Isso nós já sabemos, que ela é a causa da sua cara feia — Bruno diz rindo. — E do seu azedume, meu caro amigo.

— E quem é o culpado de sua chatice, Ross? — rio também, com ele por perto não tem quem fique sério por muito tempo.

— Ah, isto é de berço, nasci assim, é parte do meu charme lendário. — Ele balança as sobrancelhas para cima e para baixo irritantemente.

— Lendário? Sei... — Salvatore debocha.

— E agora está tudo bem? Com você e Samantha? — a pergunta vem de Alexander de onde está sentado na cabeceira da mesa de reunião na Marshall Security.

— Como disse, pedi-a em casamento e ela aceitou. — Cruzo meus braços na frente do peito — Eu namorei Samantha desde que ela tinha dezesseis anos, planejamos casar e ter toda essa merda de romance adolescente. Fizemos grandes planos porque sabíamos que nos amávamos apesar de sermos jovens, mas ela ganhou uma bolsa em um conservatório de música clássica na Europa quando fez dezoito anos. Seria pouco tempo longe e quando ela voltasse iríamos nos casar, mas depois de meses recebi uma carta dela destruindo tudo que eu acreditava, eu estava louco por aquela menina e do nada ela joga esse amor na minha cara e eu não soube lidar com essa merda. Perder Samantha foi dilacerante e eu a odiei por destruir tudo. Eu tentei esquecê-la indo para as Forças Armadas e o resto é história, vocês viram em primeira mão que não fui nenhum pouco simpático nesses anos todos. Eu odiava e amava Sam na mesma proporção e às vezes a raiva levava a melhor.

— Tu é um cara romântico pra caralho! — Bruno ri descontrolado. — Quem agora é dominado por uma bu...?

— Vá se ferrar! — digo rindo, caramba quando foi a última vez que ri descontraidamente com meus amigos? Quase nunca acontecia e agora vem facilmente. Samantha é minha luz, saber que ela está em minha vida faz tudo parecer perfeitamente em seu lugar.

— É só isso? — Sal se inclina para frente, baixa a voz e diz malicioso: — Já fez amor com ela em cima de um piano? Dizem que isso é romântico, última moda dos caras românticos.

— Isso não é da sua conta, imbecil — retruco olhando-o com uma carranca, mas realmente precisamos batizar seu piano, afinal a música tem estado entre nós há muito tempo.

— Agora eu tenho uma visão disso. Piano, uma mulher nua... — Bruno se inclina para trás em sua cadeira, as mãos cruzadas na nuca. — Acho que vou comprar um piano, Alicia é tão certinha que ia ficar escandalizada quando eu a usasse para tocar o Lago do cisne negro com ela.

— Lago do Cisne, você quer dizer — corrijo.

— Só me interessa o lado mau da coisa — retruca.

— Vocês são uns doentes — Alexander diz rindo.

— Falou o homem que não trabalha mais a não ser na calcinha da patricinha — Bruno bate no ombro dele. — Menos, senhor todo poderoso, você é o pior. Dizem as más línguas que você dançou em uma boate apenas de cueca cheia de brilho para satisfazer a Lana. Isso aconteceu em Malibu — ele fala tão sério que outros acreditariam.

— Ei, não inventa essa merda porque ele vai achar que foi eu que disse isso, apesar que teve umas coisas estranhas lá — Salvatore diz. — Não quero ser demitido, mas a Lana sabe como...

— Acabaram? Vocês falam muita besteiras quando se juntam. — Alexander me olha. — Boa sorte, Carl, você merece uma boa mulher e tenho certa que vão dar certo.

— Obrigado. — Levanto e pego meu terno no encosto da cadeira vestindo-o — Espero que venham conhecê-la. — Cito o restaurante que vamos e saio, quero encontrar Samantha, sinto falta dela o dia todo. Pela mensagem que recebi ela deve estar indo para casa agora, depois do encontro com seus pais. Não fui com ela, ela precisava resolver sozinha, tomar as rédeas de sua vida sem que haja alguém fazendo isso por ela, como todos têm feito há anos.

Como é fim da tarde e não estou em nenhum trabalho com clientes, volto para o meu apartamento onde estamos morando. Eu tenho procurado uma casa para nós, quero fazer uma surpresa para Sam, o chalé no lago não parece mais tão certo como anos atrás, ela agora tem outros planos, certamente não pode morar longe da cidade, seria inviável.

Meu apartamento fica relativamente perto da empresa e não demora muito para chegar. O casal na frente do prédio me chama atenção de longe e eu conheço aquela mulher a quilômetros de distância. Paro o carro e desço, eles estão discutindo tão entretidos que não veem eu me aproximando. Eu reconheço o cantorzinho filha da puta e vejo vermelho, o que diabos ele faz tocando em Samantha.

— Você é tão louco igual a Zara, solte-me — Samantha está praticamente gritando quando exige. Meus punhos fecham quando marcho para eles. Minhas preces foram ouvidas, eu desejei quebrar os ossos desse filho da puta um dia. Bem, esse dia tinha chegado.

— Isso, filho da puta, solte minha mulher! Eu esperava o dia que ia quebrar essa sua cara bonitinha, cantorzinho de merda. — Eu não espero uma reação dele, meu soco vai direto em sua mandíbula e ele cai no chão. Minha raiva cega faz com que chova socos na sua cara. Não dou chance para ele revidar.

— Carl, você vai matar ele! — a voz de Sam penetra a bruma vermelha que tenho diante de mim, não vejo nada além da raiva cega. Filho de uma cadela. — Carl!

Saio de cima da massa sangrenta dele imóvel no chão e envolvo meus braços em torno de Samantha. — Shiii, está tudo bem — digo beijando o topo de sua cabeça, ela está tremendo violentamente. — Estou aqui, carinho — A raiva borbulha dentro de mim. Filho da puta, fiquei tão concentrado em Zara que não olhei direito para ele, imbecil. Pego meu celular e ligo para Roger vir buscar esse calhorda.

— Você quase o matou — Samantha diz a voz abafada, pois seu rosto está colado em meu peito.

— Ele merecia muito mais, carinho, não seja tão boazinha — reclamo apertando meus braços em volta dela. — Não acredito que deixei ele chegar perto de você.

— Eu sei que você não deixaria nada acontecer comigo. — Ela aperta os braços em volta da minha cintura.

— Pode ter certeza, amor, mas esse bundão filho de uma cadela teve oportunidade hoje de machuca-la. — olho para o cantor ainda no chão desacordado. — Como você sobreviveu todo esse tempo com tanta gente usurpadora ao seu lado?

— Não sei, acho que sempre fiz o que os outros esperavam de mim e nunca questioneei nada. — Ela suspira — Não tinha motivos além da música para viver, agora eu tenho tudo que sempre quis.

— Nunca mais deixe ninguém ditar sua vida, Samantha, ou teremos sérios problemas— falo seriamente.

— Vai fazer o que, senhor O’Neal? — Ela intensifica o aperto mais.

— Humm... posso pensar em algumas maneiras, carinho, eu sempre penso.

Ela tenta rir, mas sai um riso forçado e sei que ela ainda está assustada. Se esse cantorzinho já não estivesse no chão levaria mais uns bons socos.

Não demora muito para Roger chegar, contudo garanti que esse imbecil não fosse a lugar nenhum. Como amassei a cara dele, foi levado primeiro para o hospital. Roger facilitou para nós e pegou nossos depoimentos sem precisar que fossemos a delegacia, claro que depois teríamos de ir.

— Carl, você devia pensar antes que de tentar matar o cara, isso pode gerar problemas — Roger diz quando aperta minha mão em despedida. — mantenha contato.

— Claro.

Depois levo Samantha para dentro do apartamento, odeio que ela teve de passar por isso.

— Você está bem? — pergunto pela milionésima vez quando sento-a no sofá, servindo uma bebida para ela. Eu não sei o que faria se algo acontecesse com ela agora que a tenho finalmente aqui.

— Sim, amor — ela sorri enchendo meu coração com esse calor cálido que me acalma. Acaricio seu rosto, amorosamente. — Ele não vai incomodar mais.

— Espero que não.

— Vou garantir isso, querida.

Beijo seus lábios suavemente de início, mas o desejo de fundir com ela é grande demais, intensifico o beijo, minha língua mergulhado e vasculhando cada canto suculento de sua boca. — Eu quero você.

Ela geme quando pego-a nos braços, levando-a para nossa cama.

Capítulo 48

Estamos no aeroporto vendo meus pais caminharem para o terminal de embarque internacional e uma calma tranquila me toma. Nessas semanas passadas foram um turbilhão de acontecimentos. Eu fiquei muito triste com todo desfecho, não era para ser assim. Terminar em tragédia, com Zara morta e Pietro preso, mas segundo Carl ele seria solto. Eu não me importo, só quero distancia de tudo, quero pensar no futuro. Meus pais tinham enfim entendido que eu não ia mais ceder em nada para eles e resolveram voltar para sua casa na Itália, o lugar que eles sempre quiseram estar quando eu pude presentearlos com uma casa.

Dou um suspiro quando não avisto mais eles, eu sei que são meus pais e fizeram muito por mim, mas agora quero que eles vivam suas vidas e deixem que viva a minha com o homem que me ama da mesma forma que o amo.

— Tem certeza que quer eles longe? — braços fortes e musculosos me abraçam pela cintura e a voz rouca e sexy fala em meu ouvido, fazendo minha cabeça pender para trás e se encaixar no seu ombro largo.

— Sim, quero apenas ser eu mesma daqui em diante — digo e viro-me para olhar nos olhos azuis escuros que tanto amo. — Eu amo você.

— Carinho... — Carl tira uma mecha de cabelo do meu rosto e beija minha testa — Você é linda e cada dia meu amor é maior.

Ele segura minha cintura e seguimos em direção ao carro. — Quero levar você em um lugar — ele diz.

— Aonde?

— Surpresa.

— Odeio surpresa, já te disse isso? — resmungo fingindo mau humor.

— Você amou a última que fiz — ele passa o braço direito por cima do meu ombro levando-me para fora do aeroporto. Claro que sim, afinal, ele tinha me pedido em casamento. Olho o anel em meu dedo e meu peito aquece com uma onda gigantesca de amor.

Uma hora depois ele para o carro em frente a uma casa em um bairro residencial arborizado. Olho ao redor, eu gosto do clima daqui, porém fico preocupada se ele mudou o horário e local onde iríamos encontrar seus amigos, tínhamos um encontro hoje a noite e eu enfim vou conhece-los — Vamos nos encontrar com seus amigos?

— Não.

— Que lugar é esse? — questiono.

— Por que não entramos? Podemos falar lá dentro. — Ele aponta para casa. Vejo uma mulher em um terninho bege na frente. Quando passamos um portão preto de ferro para um pequeno pátio onde tem um canteiro de flores no meio como se fosse uma fonte, mas em vez de água tem flores plantadas lá.

— Isso é lindo e a casa é... — toda pintada na cor clara e tem provavelmente um primeiro andar com janelas brancas em cima, não é um palácio, mas de um bom tamanho, é charmosa por fora e parece nova.

— Bom dia, senhor O'Neal, que bom que veio — a mulher fala quando nos aproximamos. Carl aperta a mão dela e vira-se para mim.

— Samantha, essa é Adriana Brasil — ele apresenta. — Ela é corretora e irá mostrar a casa para nós, Adriana, essa é minha noiva Samantha.

— Seja bem-vinda, Samantha — ela me dá um sorriso caloroso e aponta para nós entrarmos.

Depois de meia hora percorrendo a casa e a corretora falando sobre cada canto fico encantada. Como imaginei, tem um primeiro andar onde ficam os quartos e embaixo a sala, cozinha e outros cômodos, todos vazios, eu já estava começando a decorar o ambiente em minha mente. É pequena comparada com a casa que temos na Itália onde meus pais vivem, porém eu prefiro assim, menor, mas que terá muito amor envolvido. Eu não tenho dúvidas de que Carl pensou a mesma coisa já que ele me trouxe aqui e tinha tudo acertado para ser essa a casa que iríamos morar, quando enfim decidimos nos casar. Casamento esse que vai ser tão logo os papeis fiquem prontos. Não queremos nada espetacular, mas simples e reservado.

— Você pode nos deixar a sós um momento, Adriana? — Carl pede quando chegamos ao quarto principal. — Já falamos com você.

— Fiquem à vontade — ela diz e caminha para fora. — Estarei lá embaixo.

Quando ela sai Carl se vira para mim

— Você gosta da casa?

— É perfeita.

— Você pode preferir outra, eu apenas achei que aqui daria para nós — ele segura minha nuca com umas das mãos me atraindo para ele. Sua testa encosta na minha.

— Eu amei essa.

— Ótimo — ele diz antes de me beijar ferozmente. Sinto-me quente com sua língua perversa sugando a minha em sua boca. — Amo você e quero que essa casa seja nosso pequeno ninho.

— Ele será. Também te amo.

Quando saímos de lá e voltamos para o apartamento dele, a única coisa que pensamos é em dar vazão a luxúria que se mantém constante em nossas veias quando estamos juntos. Esse amor que parece finalmente no seu devido lugar.

?

O Vestido esmeralda na altura do joelho justo combina com os brincos de esmeralda na minha orelha, meus cabelos soltos em ondas foi o que optei para o jantar com os amigos de Carl. Somos os primeiros a chegar no restaurante e sento nervosa. Eu sei que é besteira, mas se eles sabem da nossa história podem me achar uma megera má que não merece Carl.

— Você já contou para seus amigos sobre nós? — pergunto mordendo os lábios

— Algumas coisas — ele diz distraidamente enquanto beija o dorso da minha mão.
— Pare de se preocupar. Eles são como uma família para mim e irá tratá-la como tal.

— É que... — a frase fica no ar quando vejo uma loira caminhar direto para nossa mesa acompanhada de um homem enorme, ela parece minúscula perto dele, mas posso dizer que ela é uma força a ser reconhecida.

— Aí está você, Samantha. Eu sabia que você só poderia ser muito bonita para deixar Carl todo apaixonado — ela diz quando para ao nosso lado, ela estende a mão para mim simpática — Lana Mitchell.

Escuto o resmungo de Carl ao meu lado e sorrio para ela. — Olá Lana. Sou, Samantha.

Digo, desnecessário já que ela pare saber quem sou.

— Samantha, esse é Alexander e sua namorada Lana, como deve saber por sua personalidade loquaz — Carl diz apontando o homem de olhos verdes claros. Ele parece intimidante, mas me dá um sorriso caloroso.

— Samantha — ele beija minha mão, cavalheiro. — É um prazer enfim conhecê-la

— Igualmente — responde feliz, pois não vejo nenhuma animosidade da parte deles.

Lana fazendo jus ao que Carl disse sobre ela, vem e me dá um abraço. Dizendo que quer me conhecer melhor e que estou convidada a ir em sua casa qualquer dia desses. Gosto dela. O novo casal que aparece tem outra loira, mas essa parece ser mais reservada do que Lana, porém é amável também. Carl me apresenta como Lilian e seu marido Salvatore. Ele é moreno e quase tão grande quanto Alexander, todos parecem simpáticos comigo e vejo que não tinha motivos para temer conhece-los.

O último casal Bruno e Alicia chegam e todos nós sentamos depois dos cumprimentos

— Samantha, você é real mesmo? Eu tinha sérias dúvidas sobre isso — Bruno diz, sorrindo para mim. — Carl tem sido muito vago sobre você.

— Carl sempre foi muito protetor comigo, temos passado por alguns percalços e foi preciso nos manter fora das vistas. — digo conciliatória. Seguro a mão de Carl por baixo da mesa e dou um aperto firme. — Mas, sim, sou real. Antes vivia viajando, passei muitos anos fora do Brasil

— Eu tinha outras teorias — Bruno continua e sua esposa provavelmente lhe belisca, pois ele esfrega os braços olhando para ela de testa franzida.

— Sam não ligue para ele, sempre fala o que não deve — Alicia diz para mim.

— Quando vamos ouvi-la tocar? Sei que você é pianista — Lana pergunta fazendo eu me voltar para ela.

Eu pareço ser o centro da atenção de todos e, se já não fosse acostumada a isto, estaria vermelha agora com todos me olhando e fazendo perguntas sobre mim.

— Estou preparando um último concerto e todos estão convidados — digo e percebo o que disse. Eu não tinha contado para Carl ainda. Bem, agora ele sabe e está me olhando surpreso.

— Não sabia disso — ele diz baixo apenas para mim.

— Eu ia contar, apenas escapou agora. Era surpresa.

— Vai me falar sobre isso mais tarde — ele diz em um tom sério.

O jantar transcorre bastante agradável e gostei muito dos amigos mais chegados de Carl, eram como irmãos, uma família como ele disse mais cedo.

Fico quieta apenas vendo a interação de todos e fico imensamente feliz por finalmente fazer parte disso ao lado do homem que amei minha vida inteira. Estamos quase no fim do jantar quando Bruno e Alicia dizem que vão embora, pois têm um bebê em casa que precisa deles.

— Vamos marcar qualquer dia desses um almoço, Samantha, você precisa de novas amigas agora que está aqui em definitivo — Alicia diz quando se despede. — Lana e Lilian são ótimas companhias, uns podem dizer que não, mas são — ela provoca sorrindo para Lana. — Essa menina é uma louca, mas uma louca muito gentil e amável.

— Eu sou mesmo — Lana replica rindo. — Não é querido?

— Você? Não tenho certeza, preciso verificar sua amabilidade mais tarde — Alexander diz e Lana cora violentamente.

— Aqui não, amor, assim vão pensar coisas indecentes — ela responde com um sorriso travesso, seus olhos totalmente maliciosos.

— Se ninguém imaginou, Lana, agora não tenho mais dúvidas disso — Bruno fala rindo e puxa Alicia para seu lado acenando. Depois pisca para mim. — Até outro dia, fantasminha.

Eles vão embora e fico imaginando quando também começarei uma família com Carl. Isso seria perfeito.

Capítulo 49

Não perdi as esperanças de te encontrar outra vez

Eu voltei

Voltei pra te dizer que é impossível

Te esquecer

(Primeiro Amor – Malta)

Sorrio quando vejo Sam entrar na cozinha apenas com uma camisa minha branca de mangas compridas. A camisa masculina a deixa sexy como o inferno, sinto o desejo de agarrá-la e nós fizemos amor há menos de meia hora, minha sede dessa mulher parece interminável.

— Bom dia, carinho — cumprimento de onde estou encostado no balcão tomando meu café nas primeiras horas da manhã. Ela franze a testa quando se aproxima.

— O que é isso que está bebendo? — pergunta saindo de perto de mim — Fede.

— Isso é café, Sam. — Dou um gole e ela faz uma careta. — Até ontem você bebia café

— Deve estar estragado então. — Ela abre a geladeira e se curva dando-me uma visão privilegiada de sua bunda sexy. — Melhor fazer outro.

— Acabei de fazer — digo distraído. Maldição ela é perfeita.

— Hoje tudo tem de ser perfeito. — Ela levanta e me pega conferindo-a. — Estava olhando minha bunda, senhor O’Neal?

— De jeito nenhum — digo inocente.

— Alexei me garantiu que só preciso comparecer e fazer o que sempre fiz, mas estou nervosa demais, algo que não acontece há muito tempo quando o assunto é tocar piano. — Ela me olha mordendo os lábios.

— Você será um sucesso. — Coloco minha caneca no balcão e vou até ela. — Você é perfeita. E será uma esposa perfeita.

— Você me bajula. — Ela envolve os braços no meu pescoço e nossos lábios se unem em um beijo lento, Sam me empurra e sai correndo de perto de mim e volta para o quarto me deixando lá sem ação.

O que diabos foi isso? Penso quando vou atrás dela. Encontro Samantha trancada no banheiro e o som de quem está vomitando vem de lá. — Carinho, o que você tem? Você está bem, amor?

— Já vou, Carl — a voz sai abafada e pouco depois ela abre a porta e parece verde. — Acho que estou mal do estômago.

— Melhor ir no médico, pode ser nervoso, tem de se controlar, amor — digo quando a puxo para meus braços.

— Não me beije, esse gosto de café em sua boca está me enjoando.

— Me senti atingido agora, meu ego não pode sustentar essa rejeição — brinco quando levo-a para cama e a deito. — Descanse e pare de se preocupar com esse concerto, vai tudo correr perfeitamente.

Ela acena, mas sei pelo olhar aflito que minhas palavras não valeram de muita coisa.

?

A noite do concerto de Samantha é agri-doce porque eu desejaria que ela tivesse mais disso em sua vida, que foi por essa razão que ela sacrificou sua vida pessoal e desejo também que ela fique comigo para sempre. Sei que uma coisa não anula a outra, mas construir uma família com alguém viajando a todo momento não deve ser fácil. Mas sinto que ela está fazendo o que ela quer. Indo para outro rumo de sua carreira. E só posso apoiar suas decisões.

O Teatro Municipal de São Paulo está lotado. Uma orquestra está no palco e eu não vejo Samantha há um tempo. Localizo Alexander, Bruno e suas mulheres e me junto a eles. Angelina também estava presente, Samantha me fez localizá-la para que viesse essa noite. Ela merecia uma noite de gala por ter acertado um soco em Zara. Ainda sorrio quando me lembro. Eu concordo plenamente com Sam, Angelina merece um prêmio. Deveria ser contratada pela Marshall em definitivo.

Salvatore e Lili chegam depois e todos sentamos.

A orquestra começa a tocar uma música que não parece nenhum clássico quando um homem começa a cantar...

Não perdi as esperanças de te encontrar outra vez

Eu voltei

Voltei pra te dizer que é impossível

Te esquecer

Eu voltei

Ela estava me dando um recado tão claro e eu a amo demais, meu peito está apertado nó e sinto vontade de beijá-la tão profundo...

Então olha pra mim

Diz que vai ficar, que sente saudade

E espera a tempestade passar

Nossa tempestade tinha findado, deixando nos mais ligados um ao outro, enfim tínhamos tido paz

Que ainda sou seu primeiro amor

Que sente minha falta no seu cobertor...

Agora não mais, eu a tenho em meu cobertor, na minha cama, na minha vida para sempre, carinho, tenho você.

Que sente minha falta no seu cobertor...

Puta que pariu. Meu coração pula no meu peito quando os últimos acorde cessam, as luzes apagam e um facho de Luz ilumina o palco. No piano sentada com um vestido longo dourado brilhante está a mulher mais linda do planeta, e ela toca para mim, eu sei que é para mim.

Frederik Chopin - Mariage D'amour aparece escrito no telão ao fundo. Ela toca com a alma em cada acorde dirigido direto ao meu coração. Merda, sinto que poderia chorar aqui. Por que eu nunca fui a um concerto antes? Perdi essa delicadeza por puro rancor. Ela toca como se sua alma transbordasse com os acordes e notas saem por seus dedos magníficos. Seu corpo vibra de emoção. Eu nunca tinha vista ela tão entregue, tão poderosa.

O concerto é perfeito e quando termina eu subo ao palco e a beijo para todo teatro lotado saber que ela toca para mim, que ela me toca de todas as maneiras...

— Tenho você, carinho — digo quando a sustento nos braços.

— Você é minha música mais perfeita, Carl O'Neal .

?

Dois dias depois...

— Isso não é normal — digo quando vejo Samantha correr para o banheiro outra vez quando sente o cheiro de café. — Você não está nervosa hoje. Vamos no médico.

— Estou bem — ela diz, saindo verde do banheiro e caindo na cama. — Só preciso de um minuto.

— Samantha Stollen, vamos ao médico agora. — Pego-a nos braços e caminho para fora do quarto.

— Carl, estou toda descabelada!! — ela protesta, porém não escuto e levo-a para o carro.

Uma hora depois estou paralisado na emergência do hospital particular. Precisamente na frente do médico que está atendendo Sam.

— Como? — a voz de Sam sai em um sussurro.

— Pelos sintomas que está sentindo tudo indica uma gravidez — ele repete. — Vamos fazer uma ultrassonografia e confirmar?

Ela assente automaticamente e eu continuo lá paralisado. Filho? Com Sam? Puta que pariu!

O médico pede para irmos para sala de exame e as surpresas apenas começam.

— Sim como imaginei. Não, não... isso é... — ele está dizendo, passando o aparelho no estômago plano de Samantha, eu estou olhando para ele procurando onde meu filho está porque seu abdome é totalmente plano. — Não é um bebê.

— Não? — Samantha diz aflita agarrando minha mão.

— Não é um bebê, são dois bebês. — Ele ri e um som fraco começa a ser ouvido na sala. — Certo, são dois corações batendo. Parabéns!

— Jesus Cristo! — digo baixo. Sinto vertigem como uma dama vitoriana.

— Certeza? Dois? — Sam chora e ri ao mesmo tempo. — Carl.

— Sim, carinho, deixe-me respirar um minuto.

Eu seguro seu rosto e beijo duro. Eu apenas estou ficando louco.

Dois filhos? Porra eu não fazia nada pela metade.

Sáímos do hospital como zumbis mais tarde, não tínhamos nada mais em mente que essas duas vidas para coroar nosso AMOR.

□

Ajudo Sam a entrar no carro e ficamos os dois parados absorvendo as novidades. Meu peito parece que vai explodir de tanta emoção. Vamos ter gêmeos? Puta que pariu. Estou entrando em pânico.

— Vamos ter dois bebês, Samantha. — Viro meu rosto atordoado para ela. Ela está brilhando intensamente com um sorriso radiante nos lábios. Eu não me controlo e agarro sua nuca, trazendo-a para mim, pressionando minha boca contra a dela. Um gemido longo escapa de nossas gargantas. Nos beijamos, nossas línguas se enroscam e nos agarramos e, porra, é tão profundo como se nós tivéssemos encontrado uma fonte de água cristalina no deserto. Levo minhas mãos a seu abdome e acaricio com cuidado e apreço. Nós dois fizemos isto e é perfeito demais.

— Eu te amo pra caralho — digo emocionado junto aos lábios dela. Quero gritar alto aos quatro cantos. Ela voltou para mim e além tudo me deu o presente mais perfeito.

— Eu também amo você mais que tudo — ela diz em uma mistura de riso e choro.

□

Felicidade.

O sentimento correndo em minhas veias é pungente e potente.

Eu estou carregando um pedaço de Carl dentro de mim, um não, dois. Parecia que a vida estava me compensando pelo tempo perdido e me deu logo dois bebês de presente de uma só vez.

— Leve-me para casa, amor —digo e ele faz exatamente isso.

Um mês depois...

— Eu os declaro marido e mulher — o juiz recita e eu sorrio tão amplamente que meu rosto dói. Hoje é o dia com o qual sonhei por mais de doze anos. Estamos dez anos atrasados, mas não importa, eu e ele somos mais sábios agora e portanto não cometeremos tantos erros. E talvez era para ser nesse momento. Nunca sabemos porque algumas tragédias nos atinge, mas certeza que não é por acaso. Agora é maravilhoso. Minha barriga já mostrando meus bebês no vestido curto de noiva marca esse momento para sempre.

Optamos mutuamente por algo simples e rápido. Apenas seus melhores amigos e, bem, eu estou sozinha no que diz respeito a familiares, papai e mamãe se recusaram a participar do meu casamento, contudo, o que devo fazer? Eles ainda não me perdoaram pelo modo que os tratei quando descobri o quanto eles foram levianos com meus desejos.

Carl segura-me firme e sinto os lábios dele devorando os meus. Seu amor me basta de uma maneira incrível e eu sei que minha família está apenas começando.

O que tinha de ser, foi e não precisamos mais lamentar o que não podemos mudar.

Amo vocês — seu sussurro é minha garantia que tudo está mais que perfeito.

Epílogo

Três anos depois...

Eu sabia que poderia ter realizações com minha música sem que tivesse ainda no mundo andando de um lado para outro. Hoje é um dia mais que feliz para mim. Recebi um telefonema que me deixou nas nuvens, minhas árias que estive compondo durante um ano é agora parte dos concertos de Valentina Lisitsa, umas das maiores pianistas da atualidade e de quem sou grande admiradora.

Vejo Carl entrando na saleta de música e eu abro um sorriso radiante para ele. Cada dia ele fica mais lindo e eu mais apaixonada, se isso é possível.

— Você tem de comemorar isso em grande estilo, amor — Carl diz quando digo para ele quem era ao telefone. — Tenho certeza que será um sucesso.

— Comemorar como? — pergunto maliciosa, levantando sugestivamente uma sobrancelha. — Tem alguma sugestão, senhor O'Neal?

— Humm, talvez — diz caminhando para perto de mim com esse ar predatório que eu amo demais. Ele me puxa de encontro ao seu corpo quando para a minha frente.

Ele envia as duas mãos em meus cabelos uma em cada lado da minha cabeça e me beija profundo e intensamente, sua língua é impiedosa quando ataca minha boca. Ele me pega nos braços e deita-me em cima do meu piano de calda que está nessa sala. Não é a primeira vez que usamos o piano como cama, mas sempre parece especial quando ele me toma aqui.

— As crianças? — eu pergunto sem fôlego, quando ele me empurra em cima do piano e senta-se na banquetela.

— A babá saiu com elas — responde enquanto desliza a palma da mão da minha barriga para o vale entre meus seios. Ele agarra um por cima da minha camiseta branca e eu gemo quando ele belisca o mamilo duro com as pontas dos dedos.

— Eu quero te comer até você gozar — ele rosna e segura minhas pernas abertas para que fique entre elas, seu rosto bem ao alcance da junção das minhas coxas.

— Você é tão linda e toda minha, porra — ele resmunga e baixa a cabeça beijando-me por cima do tecido da minha calcinha de renda. Ele afasta o tecido úmido e desliza sua língua sedosa ao longo de todo o local pulsante e lambe toda minha excitação, em seguida começa a lamber minha boceta como se tivesse faminto, sedento e eu fosse um banquete suculento para seu prazer. Minha cabeça está inclinada para trás e o meu corpo se arqueia e torce contra sua boca. Agarrando meus quadris, ele me fode com a sua língua. Então ele chupa meu clitóris em sua boca até que eu estou gritando.

—Eu estou quase... — balbucio incoerente e tento empurrar sua cabeça de encontro onde mais preciso dele. Caramba, isto é demais!

—Não — diz ele, cessando o seu movimento. —Você gozará quando eu estiver dentro de você, carinho. Meu corpo empurrava em espasmos e minha cabeça gira sem controle

— Preciso de você, amor — ofego descontrolada.

Estou tão fora de mim de desejo insatisfeito que nem percebo que ele se livrou da calça. Ele agarra meus pulsos e, segurando-os por cima da minha cabeça, bate ainda com força em mim. Sua boca cai em um beijo duro e faminto da mesma forma que ele está golpeando seu pau dentro de mim. Enterrando-se ao máximo, meu corpo perde totalmente o controle e eu começo a convulsionar de êxtase. Seu membro vidra dentro de mim quando o prazer começa a tomá-lo também.

Ele cai por cima de mim esgotado, sua cabeça repousa em meu abdome.

— Melhor nos mexermos ou seremos pego em flagrante — sorrio acariciando seus cabelos macios.

— Humm...

— Eu te amo — digo cheia de ternura quando recebo um beijo na barriga.

— Te amo mais.

?

Casa do Lago...

Dois pequenos corpos passam correndo em passos trôpegos pela sala onde estou olhando minha relação de novos alunos para as próximas semana de aula. Quando vejo os gêmeos fugirem para o deck, eu espero que Carl vá atrás dos dois, mas ele não vem. Ele sempre está correndo atrás desse dois travessos.

Levanto suspirando e vou verificar o que eles estão aprontando. Vejo primeiro Monick em pé segurando a grade de proteção do deque e olhando para a agua abaixo e, depois, seu irmão Liam tentando escalar . A grade é alta, feita dessa maneira desde que eles começaram a andar. O cuidado era pouco quando se dizia respeito a esses dois. Eles tinham muita energia, multiplique por dois e você terá um monte de energia aqui.

— O que estão fazendo, queridos? — cruzo meus braços com cara de brava. — Onde deixaram o papai?

— Mamãe! — Monick vem correndo para mim.

— Ei, bebê! — pego-a nos braços beijando sua bochecha rosada.

— Não sou um bebê — ela reclama, porém agarra meu pescoço apertado. Sinto um cutucão na perna e olho para baixo para ver olhos azuis escuros esperando sua vez. Com três anos eu não consigo mais pegar os dois nos braços.

Sento na longa longue chaise e coloco cada um em uma perna.

— Tudo bem, querido? — beijo seus cabelos castanhos e recebo um beijo molhado.
— Onde está o papai?

— Ali, mamãe — Monick aponta para o lago e meu coração bate como um louco quando vejo Carl acenando do pequeno barco para perto do deck. Agora entendi por que os gêmeos estão querendo escalar a proteção.

Os gêmeos dessem do meu colo e vão para a grade outra vez. Caminho e paro ao lado deles, olhando seu papai remar até parar.

— Me leva, papai! — Monick, como sempre a mais falante, grita animada.

Tudo que eu mais amo está bem aqui, meus filhos e o homem que o tempo não pode apagar do meu coração.

Liam era tão parecido com ele e tinha herdado minhas inclinações para música. Ele já tocava piano lindamente. Os dois tocavam piano, mas o talento do meu pequeno era notável. Eu sabia que ele provavelmente se tornaria um grande concertista.

— Senhora O'Neal, jogue-me esses dois aqui — Carl grita lá de baixo e seus filhos gritam felizes em acordo.

— Não vou jogar meus filhos, Carl, eles podem cair na água — digo apreensiva.

— Eles não cairão, amor, para isso estou aqui — ele garante. Sei que ele está. Meu segurança favorito sempre está pronto para nos proteger.

— Quero pular, mamãe! — eles falam ao mesmo tempo pulando para cima e para baixo em expectativa e apenas faço suas vontades.

As risadas, depois, dos três lá embaixo enchem meu coração de uma maneira que eu não sei como ainda não explodir de felicidade...

— Agora sua vez, carinho — ele diz sabendo bem que não vou pular igual uma adolescente.

— Obrigada, querido, estou bem aqui. Mais tarde você pode fazer eu pular de outra forma – sugiro maliciosa piscando para ele.

— Pode apostar, amor.

Fim

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por mais um trabalho realizado.

Agradeço a Patrícia da Silva pelo trabalho com Carl. Obrigada amiga.

Lisse, Lu, obrigada meninas.

Minhas leitoras queridas, obrigada por continuarem até aqui comigo. As lindas que divulga meus livros.

Grata.
Mayjo